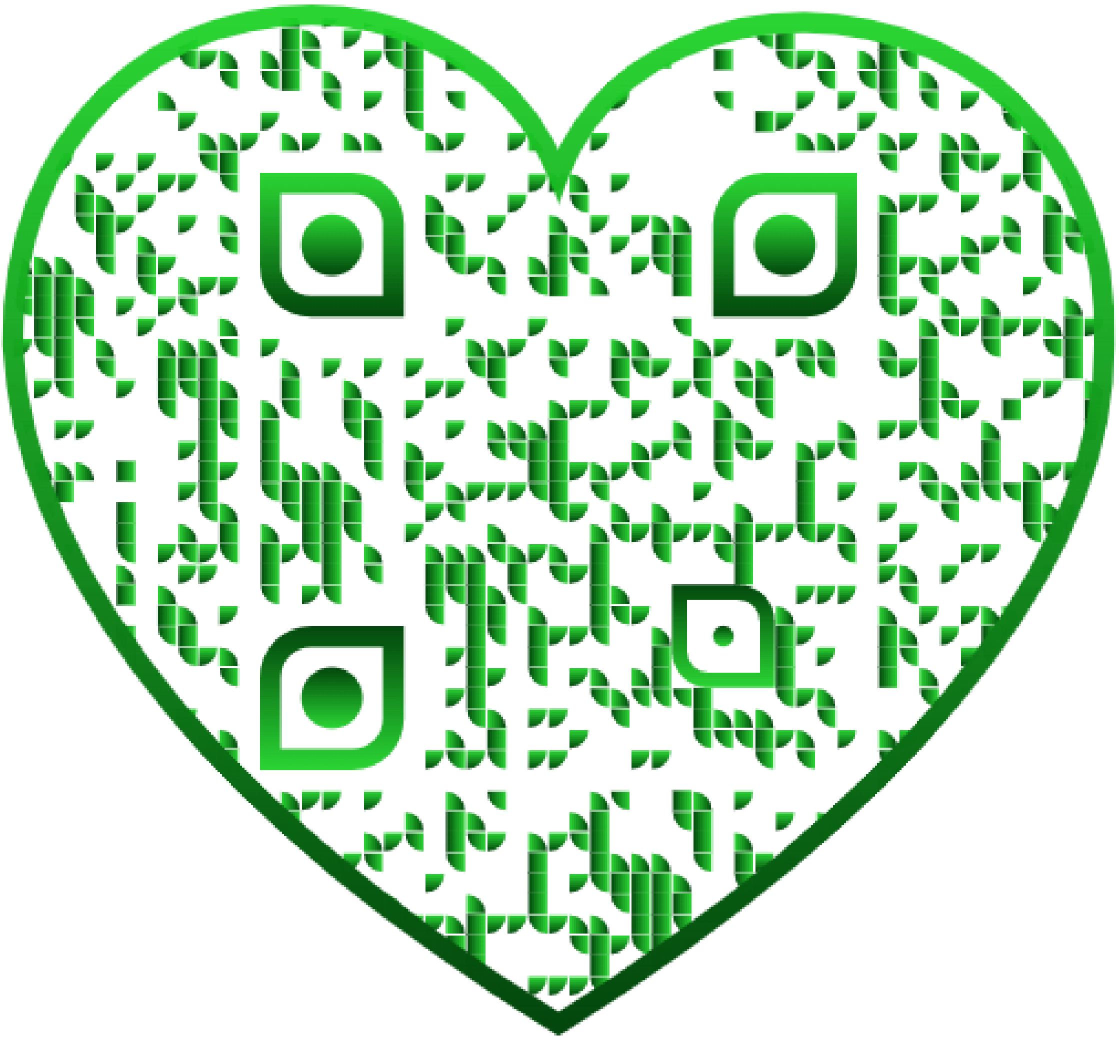
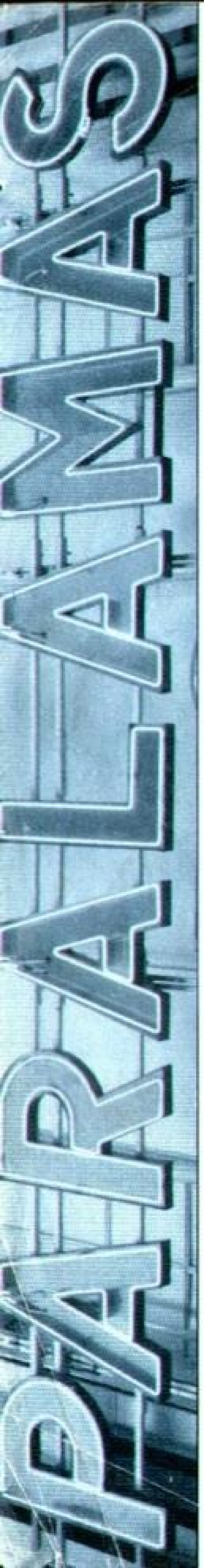
SIMPLE MINDS: UM ENTREVISTÃO EXCLUSIVO COM JIM KERR
O FIM DO RPM
Setembro 1987
Cz$ 70,00
BIZZ
DINHO
CAPITAL INICIAL
O SEGUNDO ROUND
PINK FLOYD
A HISTÓRIA E A LENDA
BOY GEORGE
A VOLTA POR CIMA
O FIM DOS SMITHS (?) • FAUSTO FAWCETT • BEASTIE BOYS • MADONNA E LOBÃO AO VIVO
PROMOÇÃO
4.000 LPS

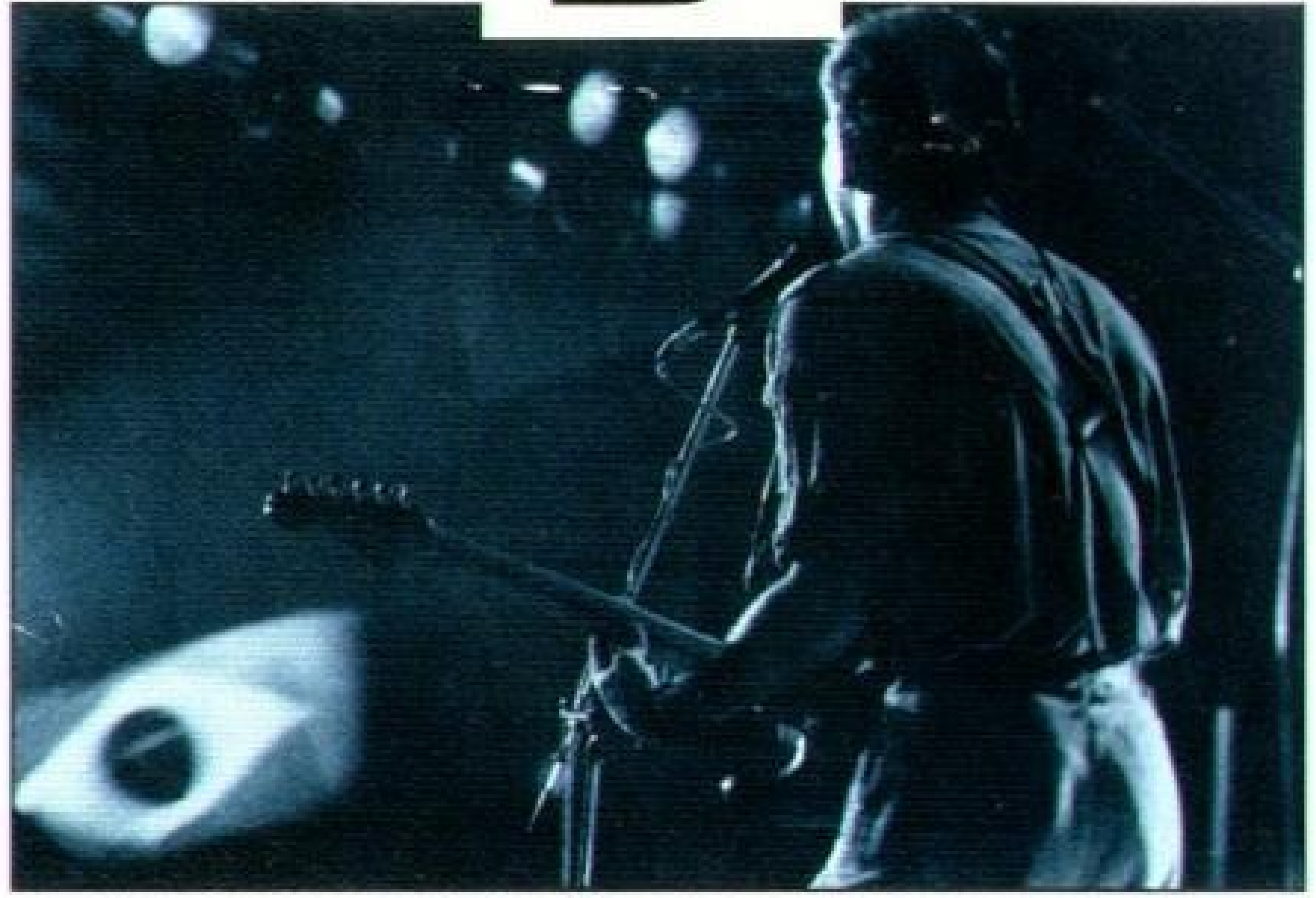




O **NOVO LP** DOS PARALAMAS

D

GRAVADO **AO VIVO** EM MONTREUX!



VERSÕES NOVAS
MÚSICAS INÉDITAS

EM SETEMBRO EM TODO O BRASIL

EMI

BIZZ

A ''mente simples'' e a fala fácil de Mr. Jim Kerr, no Entrevistão

[redacted] Madonna? Não. RPM? Não. Bruuuuuuuuce? Nããããã-ããããão. Quem o artista ou grupo mais socilitado nas cartas dos leitores de BIZZ, do número 1 até hoje? É o... (Sting? Bowie? Roberto Carlos?!)...**Pink Floyd**!! Estão comprovadas a fidelidade dos admiradores e a longevidade do mito — as mesmas que, nos EUA, mantiveram o LP *The Dark Side of the Moon* entre os 100 mais vendidos por doze anos a fio. No momento, após a saída de Roger Waters (mais uma, depois da histórica perda de Syd Barrett), os remanescentes Gilmour, Wright & Mason partem para uma nova excursão, tentando reavivar a velha chama. Conseguirão? Entretanto, fiquem com a primeira parte da biografia dos vovôs do *space rock*, por **Valdir Montanari**.

Do lado de cá do oceano, se não há velha chama, o pessoal continua disposto a assoprar o foguinho para ver se dá incêndio. **Capital Inicial** e **Plebe Rude** mostram a garra em seus respectivos segundos discos, e comentam a vida dura com **Sônia Maia** e **Bia Abramo**. **Fausto Fawcett** chega arrasando, e **Aldo Meolla** confere o que o moço tem a dizer... para além de suas quilométricas letras. **Máfia** é um ponto alto da onda rap & hip-hop — este golpe é dos blacks, não dos sicilianos. **Sepultura** e o heavy nacional *for export* jogam a pá de terra...

De volta ao capítulo *ressurreições*, é ele mesmo, **Boy George**, que acorda do pesadelo, belisca os braços, lava a cara e grava um belo LP, como se nada tivesse acontecido... Nada, não. O Boy fala das marcas que ficaram, em entrevista exclusiva com nossa correspondente em Londres, **Eva Joory**. Outras exclusivas: os **Beastie Boys**, bêbados e desbocados, aporrinharam **Pepe Escobar**; **Jim Kerr** e seu engrolado sotaque escocês fizeram para **Thomas Pappon** um balanço da longa — e pouco conhecida por aqui — carreira dos **Simple Minds**; **Jean-Yves de Neufville** se encarregou do **Bolshoi**, o próximo grupo inglês a aportar no Brasil.

O Ao Vivo continua caprichado: desta vez **Madonna**, **Lobão**, **Bangles**, o **Bizarre Festival de Berlim** e os **Paralamas**, aprontando em Paris, foram vistos por nossa rede de olheiros, de **José Emilio Rondeau** (nosso homem nos EUA) a **Silvano Michelino** e **Marion Frank**, no velho continente. *Crash! Bang! Pow!* É **Marcel Plasse** falando dos heróis dos quadrinhos que invadiram as telas. E para fechar com classe, **The The**, a fachada do homem-banda **Matt Johnson**, tem sua música fascinante esmiuçada por **José Augusto Lemos**. Lemos ou não lemos?

Alex Antunes

3 ÍNDICE
Você está aqui...
4 SHOWBIZZ
Notas, notícias & boataria
12 PARADA
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
26 VÍDEO
Um apanhado dos principais lançamentos
28 BOY GEORGE
Começar de novo
32 CAPITAL INICIAL
A ex-"banda de Brasília"
38 BEASTIE BOYS
Com o (*) na boca
42 PLEBE RUDE
Brasileiros sim senhor
46 THE THE
... ou o bloco do eu-sozinho
48 FAUSTO FAWCETT
A invasão da calcinha explosiva
51 ENTREVISTÃO
Jim Kerr, a voz dos Simple Minds
62 MÁFIA
A Scowa o que é de Scowa
64 BOLSHOI
Os ingleses que vêm aí
66 SEPULTURA
Do Brasil para o mundo
68 PINK FLOYD
A história e a glória, primeira parte
74 AO VIVO
Bizarre Festival, Lobão, Bangles, Madonna, Música de Invenção, Run DMC & Beastie Boys, Paralamas
32 CINEMA
Personagens que vieram dos quadrinhos
88 EM CARTAZ
Coração Satânico, *Arizona Nunca Mais* e *O Massacre da Serra Elétrica*
92 CLIP
"Luka", de Suzanne Vega
94 PORÃO
Young Gods e as bandas de Salvador
96 LETRAS
"Infected", The The
98 MEU INSTRUMENTO
O violonista André Geraissati
100 AIR MAIL
Direto dos EUA e Europa
102 DISCOTECA BÁSICA
Transa, de Caetano Veloso
104 CARTAS & SERVIÇOS

O FIM DO RPM

Rui Mendes

Schiavon, P.A., Deluqui, Paulo: em briga por uma divisão mais justa dos lucros...

O **RPM** acabou. Em uma carta à gravadora CBS, na última semana de agosto, **Paulo Ricardo** e **Luiz Schiavon** anunciaram o final do grupo, como resultado de uma divergência entre eles e os outros dois membros do RPM, **Fernando Deluqui** e **Paulo "P.A." Pagni.** A briga, que já se arrastava a vários meses e quase determinou a separação da banda em outras ocasiões, dizia respeito à divisão dos direitos autorais. Acontece que Paulo Ricardo e Schiavon eram compositores de todas as músicas da banda (excessão de uma parceria com Deluqui no primeiro LP, e do recente compactão com **Milton Nascimento**) e queriam que o repertório do novo disco — que o grupo começava a trabalhar — continuasse assim. Como grande parte dos lucros vêm dos direitos autorais (existem ainda os direitos de interpretação e os cachês dos shows, divididos por igual), Deluqui e P.A. estavam ganhando aproximadamente quatro vezes menos que seus "sócios majoritários", e estavam reivindicando participação no repertório. Paulo Ricardo e Schiavon, além disso, são proprietários dos outros negócios que levam o nome da banda: RPM Discos, que lançou o LP do **Cabine C,** e RPM Vídeo, que comercializa os vídeos do show *Rádio Pirata.*

Na mesma carta em que a dissolução é anunciada, Paulo e Schiavon dizem que vão assumir todos os compromissos da banda — inclusive o contrato de cinco anos com a gravadora —, o que pode significar que eles pretendem reformular a banda com músicos contratados. O RPM, que tinha voltado a se apresentar com sucesso no final de julho em Lima, Perú (onde o grupo vendeu 50 mil cópias do LP *Rádio Pirata*), já vem a um certo tempo em maré de discordância. No filme de ficção estrelando a banda, que está sendo dirigido por Luiz Carlos Barreto, Schiavon exigiu reformulações em seu papel, por considerá-lo secundário em relação ao galã representado por Paulo Ricardo. Quanto ao selo RPM, o Cabine C o abandonou acusando a empresa de não trabalhar na divulgação de seu disco, que o RPM teria produzido só para se manter em evidência e ganhar cacife nas negociações com as gravadoras. A fraca receptividade às duas parcerias com Milton também podem ter pesado no repentino final do grupo.

OUÇA ESSA

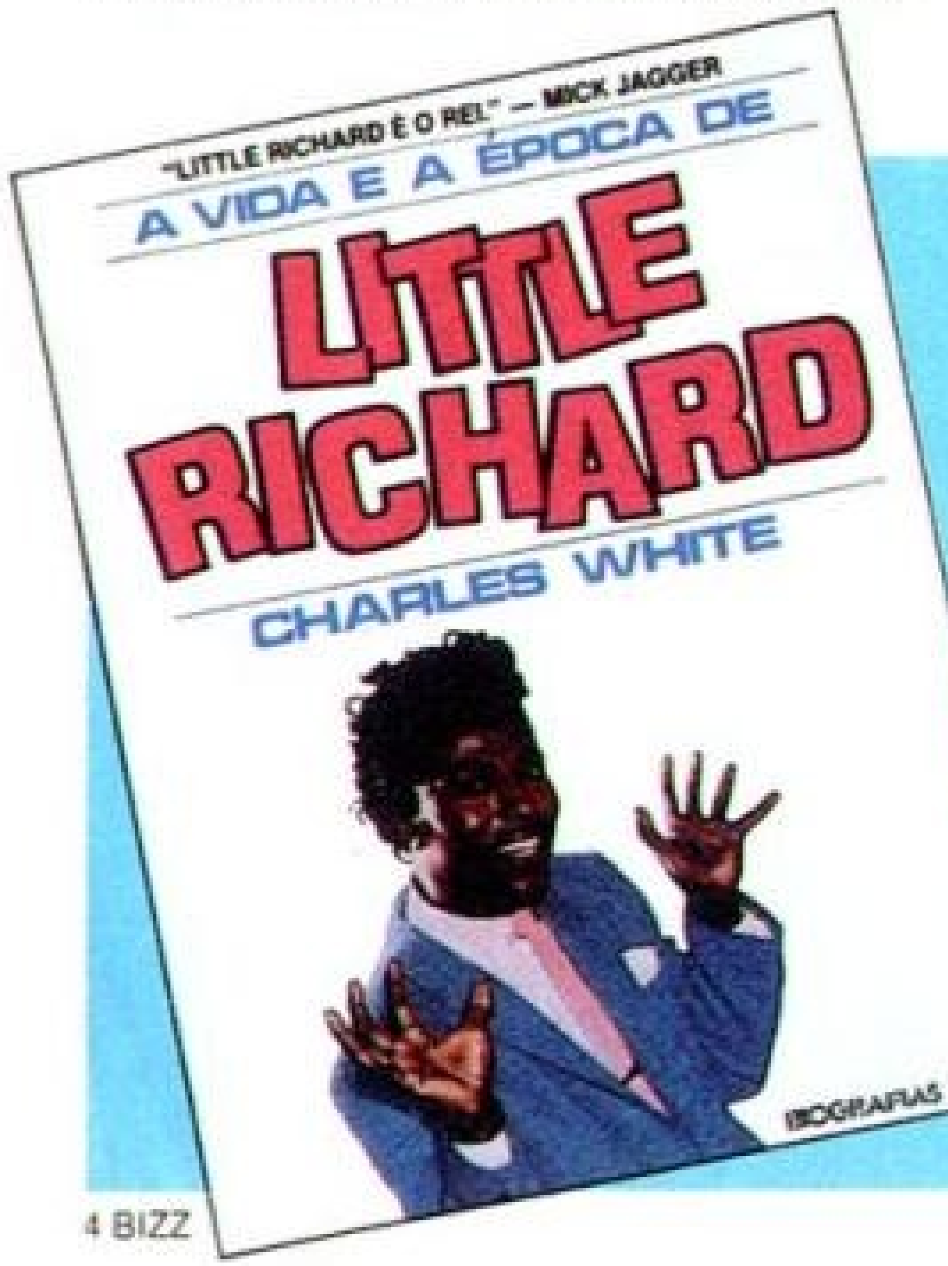
"Eu tenho uma queda pelo baterista do U2 e sempre quis dizer ao Bono: 'Se você ainda não achou o que esteve procurando, dê uma olhada atrás da bateria'."

Boy George, *em frase recolhida pela* New Musical Express.

PECADOS DA CENSURA

Censores são iguais em todo o mundo e não entendem nada de música! Resultado: vetam obras importantes por causa das letras (como se adiantasse alguma coisa!). Na Coréia do Sul, por exemplo, foi proibido o lançamento de uma coletânea do **Jefferson Airplane** (!), *2400 Market Street*, por que sete (!!) de suas músicas foram censuradas. E eram clássicos dos anos 60 (!!!), coisas como "White Rabbit", "Volunteers" e "Plastic Fantastic Lover". A razão disso tudo não poderia ser outra: referências às drogas *(holy shit!)*.

Quem também merece uma sonora vaia é o governo interventor no país/ilha de Granada — lembram-se da invasão americana etc. etc.? Eles baixaram um pacotão de "medidas preventivas" e proibições na irradiação de calipsos, o gênero musical mais popular da ilha. Eles alegam que os tais calipsos "podem incitar a população" e não querem que eles versem sobre sexo, política e "coisas vulgares". Com isso, o governo do primeiro-ministro H.A. Blaize está prestes a cometer o crime de extinguir a indústria fonográfica local, que vive do mercado de calipso no Caribe.

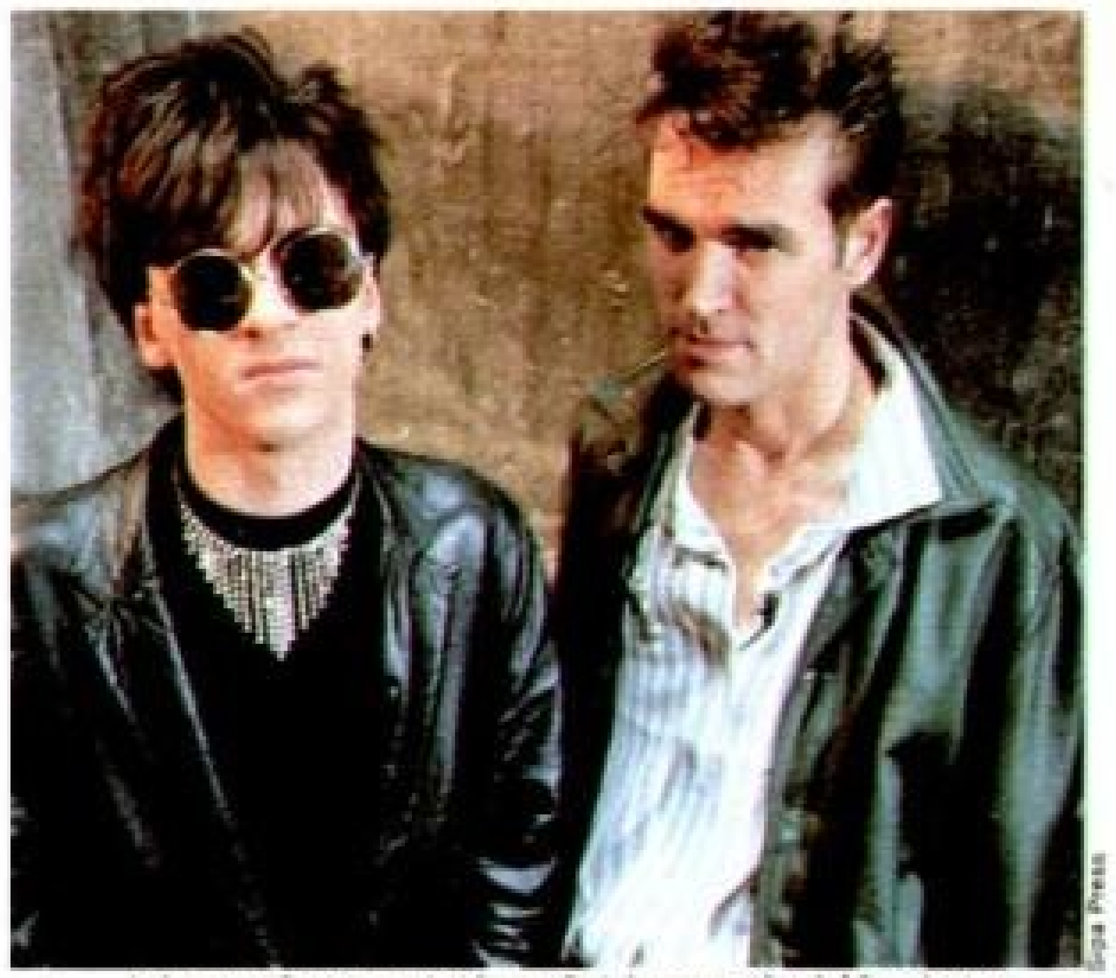


OBRAS ILUSTRES

A Vida e a Época de **Little Richard** é o título da biografia do grande rompedor de tabus do rock'n'roll. Sua energia sobrecarregou de megawatts todas as cabecinhas da rapaziada maluca das gerações anteriores. Perguntem por aí: ninguém se esqueceria do seu *"uóp-bop-a-lu-la-uóp-béin-bum"* em "Tutti Frutti", do seu *"Luciiiiiile"*, do seu topete, bigodinho ralo e sorriso encantado. O que seria dos Beatles, Prince, Bowie, Raul Seixas etc. etc., o que seria de nós todos sem suas extravagâncias, sua sensualidade e seu espírito libertário. Isso já dá uma idéia da importância deste lançamento no Brasil. A biografia de Richards, escrita pelo jornalista inglês **Charles White** e lançada aqui pela editora L&PM, já está na livraria mais próxima.

Outra publicação de interesse — que ainda não chegou aqui — é o livro *Back in the USSR: Rock in Russia,* do soviético **Artyum Troitsky.** Com a aprovação dos "órgãos oficiais", ele conta a história do rock russo. Fala do surgimento das primeiras bandas clandestinas (na década de 50!), da difusão do fenômeno das gravações caseiras — que iam contra as diretrizes pré-*glasnost*, pois 80 por cento da música pop lançadas oficialmente *tinha* que ser de autores da *"União dos Compositores"* (cuja média de idade é de sessenta anos!) — e do efêmero rock soviético atual, que vem crescendo e evoluindo a cada dia. Alô, editoras nacionais: olho no Troitsky!

E vejam só quem está escrevendo a tão aguardada biografia do **U2**! É o cronista esportivo (!) irlandês **Eamonn Dunphy**...



Sipa Press

Johnny Marr e o (até então) inseparável Morrissey...

O FIM DOS SMITHS?!

A coisa tá ruça pro lado dos **Smiths.** Tudo indica que **Johnny Marr** e **Morrisey** estão brigados há alguns meses e que dificilmente voltarão a tocar juntos — o que, para muitos, significa o fim do grupo. Segundo informações dos semanários ingleses, Marr se encheu dos estrelismos do cantor e este não gostou nada das participações do guitarrista nos discos de **Bryan Ferry, Keith Richards** e **Bobby Womack.** A gota d'água foi quando Marr, em meio às gravações do novo e último LP dos Smiths para a Rough Trade, **Strangeways, Here We Come,** pegou o avião para Nova York a fim de gravar com os **Talking Heads. Holy shit!**

As notícias mais recentes não são nada animadoras. Foi mesmo confirmada a saída de Johnny Marr dos Smiths. Em nota oficial distribuída à imprensa, os porta-vozes do grupo avisam que "os Smiths lamentam a saída de Marr", mas que "o 'conceito' do grupo continuará sendo o mesmo". Eles já estão procurando um novo guitarrista, mas ainda se especula se Morrisey, **Adam Rourke** e **Mike Joyce** poderão usar o nome de Smiths, por razões legais.

Por seu lado, Marr notificou a imprensa de que saiu do grupo "por ter outros projetos musicais, que não cabem nos Smiths".

Quanto ao contrato milionário que assinaram com a EMI-Odeon (que só está aguardando o lançamento do último LP pela Rough Trade para ter os Smiths no seu cast), uma coisa é certa: ele determina que qualquer trabalho, tanto de Morrisey quanto de Marr, pertence e será lançado pela multinacional.

TRÊS MATRIMÔNIOS

Gamma/Sygma

Dave e a doce bananinha Siobhan

Dave Stewart, dos **Eurythmics**, casou com **Siobhan Fahey**, uma das doçuras do **Bananarama**. A cerimônia — bem prestigiada por amigos e imprensa — foi realizada pomposamente no Château Dangu, ao norte de Paris. A parceira (musical) de Stewart, **Annie Lennox**, esteve presente e cantou uma balada irlandesa na festa.

Quem também casou na França — só que em Nice, no Mediterrâneo — foi **Jean-Jacques Burnel,** baixista dos **Stranglers**.

Aproveitando a onda, **Will Sargeant**, o guitarrista do **Echo & The Bunnymen,** também se casou, na igreja e tudo, na cidade de Southport.

A MORTE DE DICK FARNEY

Abril

A bossa nova perde um de seus mais importantes intérpretes

Dick Farney, o *Frank Sinatra brasileiro*, faleceu no dia 4 de agosto, em São Paulo, vítima de um edema pulmonar. Ele foi dono de uma das mais possantes vozes brasileiras, pianista de grande talento e um dos precursores da bossa nova. Farney nasceu no Rio de Janeiro, onde, já aos 14 anos de idade, se apresentava tocando piano em programas de rádio. Aos 16 começou a cantar e a se apresentar na noite carioca. Em 46, lançou seu primeiro disco, o sucesso "Copacabana", de João de Barro e Alberto Ribeiro. A partir daí, continuou lançando sucessos ("Marina", "Nick Bar", "Alguém como Tu") e a viajar constantemente para os EUA, onde se apresentou durante várias semanas em Nova York, Chicago, Hollywood e São Francisco. No início da década de 50, apesar do seu gosto pela música norte-americana, esteve entre os primeiros a transformar em sucessos músicas de Tom Jobim, Billy Blanco e Luís Bonfá, três compositores da pré-bossa nova. Nessa época, também montou um quarteto de jazz e continuou lançando discos. Até o início desta década, Farney sempre foi figura requisitada nas noites do Rio e de São Paulo (onde residia nos últimos anos). Dick Farney — Farnésio Dutra e Silva — morreu aos 66 anos de idade.

EX-BEATLES NA JUSTIÇA

Ringo Starr, George Harrison e *Yoko Ono* entraram com uma ação na Justiça americana, exigindo uma indenização de quarenta milhões de dólares da Capital Records. Eles alegam que perderam milhões de dólares em *royalties* com o retardamento do lançamento do catálogo dos Beatles em compact disc.

Aproveitando o embalo, *Paul McCartney,* Ringo e George também processaram a empresa de vestuários esportivos Nike pelo uso indevido de sua canção "Revolution" em comerciais de tênis. Os músicos afirmam que não receberam um níquel pelo uso da canção e agora exigem uma indenização de quinze milhões de dólares...

Clementina: oitenta e tantos anos de canto afro

Carlos Fenerich/ Abril

A MORTE DE CLEMENTINA

Foi em 1900 ou 1902 que ela nasceu, não se sabe ao certo. Dona de uma voz moldada na tradição do canto escravo, desenvolvida nos afazeres do dia-a-dia, nos cantos de terreiro, festas e rodas de samba, **Clementina de Jesus** personificava — mais do que ninguém — um elo entre a música africana e a MPB. Tanto que só se encontram vozes similares à dela entre as cantoras americanas de blues e jazz — parentes próximos do samba, pois vêm da mesma raiz negra. E, mesmo assim, seu fantástico timbre (algo como "quatro *woofer* e um *tweeter* estourado") só foi descoberto em 63 pelo compositor e poeta Hermínio Bello de Carvalho, que dirigiu e produziu suas primeiras apresentações (o espetáculo *Rosas de Ouro*, de 65 — gravado e lançado em dois LPs —, é um marco na história da MPB).

Seu primeiro LP solo, *Clementina, Cadê Você* — tem sambas, lundus, jongos e outras tantas maravilhas de canto e dança afro-brasileiras —, foi gravado em 70, quando ela estava com 68 (70?) anos.

Clementina viveu quase toda sua vida no Rio, onde seu coração parou aos 87 anos, no dia 19 de julho.

FALHA NOSSA

Na nota sobre a morte de **Paul Butterfield,** publicada no *Showbizz* da edição passada, sem querer pusemos a foto errada. É a de **Ronnie Hawkins,** que, a exemplo de Butterfield, também tocou no show do Band filmado para o *Último Concerto de Rock (The Last Waltz).*

Mais uma mancada na mesma edição: no *Ao Vivo* sobre o show do **David Bowie,** a música "Sons of a Silent Age" não é do LP *Diamond Dogs* (73), mas sim de *Heroes* de 77. *Sorry boys...*

Paul Butterfield, o finado guitarrista do Band

UA

OUÇA ESSA II

"Joe estava na pior e precisava de um lugar pra morar. Ele estava dormindo debaixo do piano..." **Mick Jones** (B.A.D.), sobre sua atual colaboração com Joe Strummer

RECRUTAMENTO E SELEÇÃO

O **Cure** tem um integrante a mais, desde as recentes excursões pelos EUA e Europa: é o tecladista **Roger O'Donnell,** que acompanhava os **Psychedelic Furs** em turnês.

Quem também aumentou sua formação foi **Siouxsie & The Banshees,** com a entrada de dois integrantes: o tecladista **Martin McCarrick (ex-Wiling Sinners de Marc Almond)** e o guitarrista **Jon Klein (ex-Specimen).**

Há alguns meses nós anunciamos a saída do vocalista **Kevin Dubrow** do **Quiet Riot.** Enquanto o Riot chamou **Paul Shortino (ex-Rough Cutt)** para substituí-lo. Drubrow montou uma nova banda — ainda sem nome — com **John Entwistle** (!), baixista do **Who,** o tarimbado batera **Cozy Powell** e o guitarrista **John Hunt.** Aguardem maiores detalhes.

O Cure em nova formação, já com o recém-ingresso O'Donnell (à esquerda de Bob Smith)

WEA

Os mais assíduos frequentadores das listas de melhores de todos os tempos...

Abril

OS CEM MAIS DA *ROLLING STONE*

Em sua edição de agosto, a revista americana *Rolling Stone* publicou sua lista dos cem melhores LPs da música pop feitos nos últimos vinte anos. Os dez primeiros colocados da lista — feita por dezessete jornalistas musicais — são os seguintes:

1. *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos **Beatles**
2. *Never Mind the Bollocks*, dos **Sex Pistols**
3. *Exile on Main Street*, dos **Rolling Stones**
4. *Plastic Ono Band*, de **John Lennon**
5. *Are You Experienced?*, de **Jimi Hendrix**
6. *The Rise and Fall of Ziggy Stardust*, de **David Bowie**
7. *Astral Weeks*, de **Van Morrison**
8. *Born to Run*, de **Bruce Springsteen**
9. *White Album*, dos **Beatles**
10. *What's Going on*, de **Marvin Gaye**

Maurício Alberto: metendo a mão

Abril

BOLSHOI (O GRUPO) NO BRASIL

A WTR — que já trouxe Siouxsie e o PIL — é a responsável pela vinda do Bolshoi (aqueles ingleses do "Sunday Morning") ao Brasil, em setembro. A estréia será no Canecão (Rio) no dia 18. Em São Paulo, eles tocam no dia 20 (Contramão), 21 e 22 (Palace). O último show é no dia 24, no Gigantinho, em Porto Alegre. Depois eles partem para um concerto no dia 26 em Buenos Aires.

Os próximos ingleses a visitarem a terrinha

Julian Barton/ Reina

PLÁGIO ESPANTOSO

Frank Sinatra, Johnny Mathis, Ray Connif e Paul Mauriat são apenas alguns dos artistas consagrados (pelo menos em termos de vendagem) que ajudaram o nosso compatriota Maurício Alberto Kaiserman — também conhecido como **Morris Albert** — a encher os bolsos com os direitos autorais de "Feelings" (bleargh!). E não é que um tribunal americano decidiu recentemente que a música *não* é dele!

Tudo começou quando o compositor francês **Louis Gaste** entrou com uma ação na justiça, alegando que "Feelings" nada mais era do que uma "versão" de "Pour Toi", composta por ele em 56. O júri se sensibilizou pelo fato de a música ter entrado no mercado americano apenas no formato de "Feelings" — gravada em 73 — e decidiu que apenas uma parte (a maior, é claro) dos direitos autorais recolhidos nos EUA e Canadá durante os últimos três anos pertence a Gaste. Mais ou menos a mixaria de meio milhão de dólares...

NOVIDADES NO VINIL

A segunda vinda de Jesus

O baixista **John Wetton** (King Crimson, Roxy Music, Uriah Heep, U.K., Asia) se juntou ao guitarrista **Phil Manzanera** (Roxy Music, 801). Eles estão preparando o primeiro LP da dupla.

Oooobaaa! Está saindo o segundo LP do **Jesus & Mary Chain.** Chama-se *Darklands*.

Foi lançada recentemente uma coletânea do **New Order.** Chama-se *Substance*. É um LP duplo que reúne os singles lançados pelo grupo desde 80 e ainda um single recente chamado "True Faith". Por falar em New Order, essa é quente: nossos informantes juram de pés juntos que **Barney Sumners** (o guitarrista/cantor) está cogitando seriamente lançar um LP solo. O mais incrível é que ele pensa em fazer isso por uma gravadora grande e não pela Factory (que detém todo o catálogo do New Order e do Joy Division)!

Antes que seja tarde: vêm aí os novos lançamentos de três "monstros" do rock'n'roll. **Bruce Springsteen** ataca de *Tunnel of Love*. **Stevie Wonder** de *Characters* (em que canta uma música com — gulp! — **Julio Iglesias**). E **Mick Jagger** — finalmente — vem aí com seu *Primitive Cool*.

ROCK'N'CINE

O incansável (canastrão) **Sting** deverá estrelar o filme *Stormy Monday*. Ele fará um trumpetista de jazz e contracenará com **Melanie Griffith** *(Totalmente Selvagem, Dublê de Corpo)*.

Já se sabe o nome do filme em que **David Bowie** e **Mick Jagger** terão os papéis principais. Chama-se *Rocket Boys*, e os dois superastros interpretarão dois donos de nightclubs rivais.

Billy Idol e **Cindy Lauper** trabalharão juntos no próximo filme de **Roger Corman**, *Slumber Party*.

Debbie Harry, Pia Zadora, Sonny Bono (lembram-se de Sonny & Cher?) e o travesti **Divine** estão no elenco do novo filme de **John Waters** (cineasta pra lá de *underground* que fez *Pink Flamingos e Polyester)*. Chama-se *Hairspray*.

Vocês conhecem alguém mais perfeito do que **Ozzy Osbourne** para o papel de um "roqueiro pirado"? Pois é, parece que a diretora americana **Penelope Spheeris** acertou na mosca quando chamou o velho Ozzy para estrelar seu filme *Seeing Stars*. Aguardem notícias...

O ADEUS DE SNAKEFINGER E BRYANT

Snakefinger, guitarrista que colaborou em vários discos dos **Residents** (sem fazer parte deste grupo americano) e lançou alguns LPs solos pelo mesmo selo Ralph Records (ver suplemento de New Wave de BIZZ 24), faleceu em meados de julho passado aos 38 anos. Ele sofreu um ataque cardíaco quando se encontrava na cidade de Linz, em meio a uma turnê pela Áustria.

Seu verdadeiro nome era Philip Lithman. Era inglês e foi um dos pioneiros do pub-rock londrino do início da década de 70, quando tocou no **Chill Willi & The Red Hot Peppers**. Depois mudou-se para os EUA, onde — com seu estilo único, meio *twang*, meio *no wave* — tocou com os Residents por mais de dez anos.

Em julho também faleceu **Boudleaux Bryant**, que, com sua esposa Felice, formou uma das mais prolíficas duplas de compositores americanos deste século. Eles eram casados desde 48, quando começaram a compor. Fizeram músicas para mais de 400 (!) intérpretes. Seus maiores sucessos foram gravados e consagrados pelos Everly Brothers (quem não se lembra de "Bye Bye Love", "Wake Up, Little Suzie", "All I Have To Do Is Dream", "Take A Message To Mary", "Problems" e "Poor Jenny"?). Também tiveram músicas gravadas por Buddy Holly, Frankie Laine, Bob Dylan, Beach Boys, Elvis, Roy Orbison e outros. Boudleaux Bryant faleceu aos 67 anos, vítima de câncer.

OUÇA ESSA I

"Eu como carne. Vacas são estúpidas demais, elas merecem ser comidas"
John Lydon, em entrevista à *Melody Maker*

NOVAS DE ENO

Aos poucos o Brasil vai acertando os ponteiros com o resto do mundo civilizado. Os visitantes da Bienal de São Paulo — que abrirá suas portas de 2 de outubro a 13 de dezembro — terão a oportunidade de ver/ouvir um vídeo de 45 minutos de **Brian Eno**, chamado *Mistaken Memories of Medieval Manhattan*, de 1981.

O evento foi organizado por **Lawrence Brennan**, cérebro do selo Stiletto, e **Jean-Yves de Neufville**, da redação desta revista. Além do vídeo, será tocada em todas as dependências da Bienal — e possivelmente nos aeroportos de Cumbica e Congonhas — a peça *Music for Airports*, composta por Eno e lançada em 1978. Simultaneamente, a RCA deve lançar este LP e também o histórico *Before And After Science*, de 77. E tem mais: Brian Eno, *flesh and blood*, está pensando seriamente em vir ao Brasil em breve. Oooooooobaaaaaaaaa!

BONS DE VENDA

Apesar das críticas negativas e das reclamações de vários disc-jóqueis nos EUA, a faixa "I Just Can't Stop Loving You" (primeiro single do novo LP *Bad)* de **Michael Jackson**, cantando em dueto com **Siedah Garrett**, estreou nas paradas americanas no 37.º posto. Trata-se de uma bela façanha: é o melhor posto de um single em estréia nos EUA, desde o "Dress You Up" de **Madonna**, que há dois anos atrás entrou direto na mesma colocação.

Outra grande proeza foi a de **Gal Costa** na Argentina. Graças às 30 mil cópias vendidas do seu *Bem Bom*, ela foi a primeira artista cantando em português a faturar o disco de ouro na Argentina. Parabéns, Gal!

Carlos Fenerich/Abril

Gal: amealhando o ouro argentino

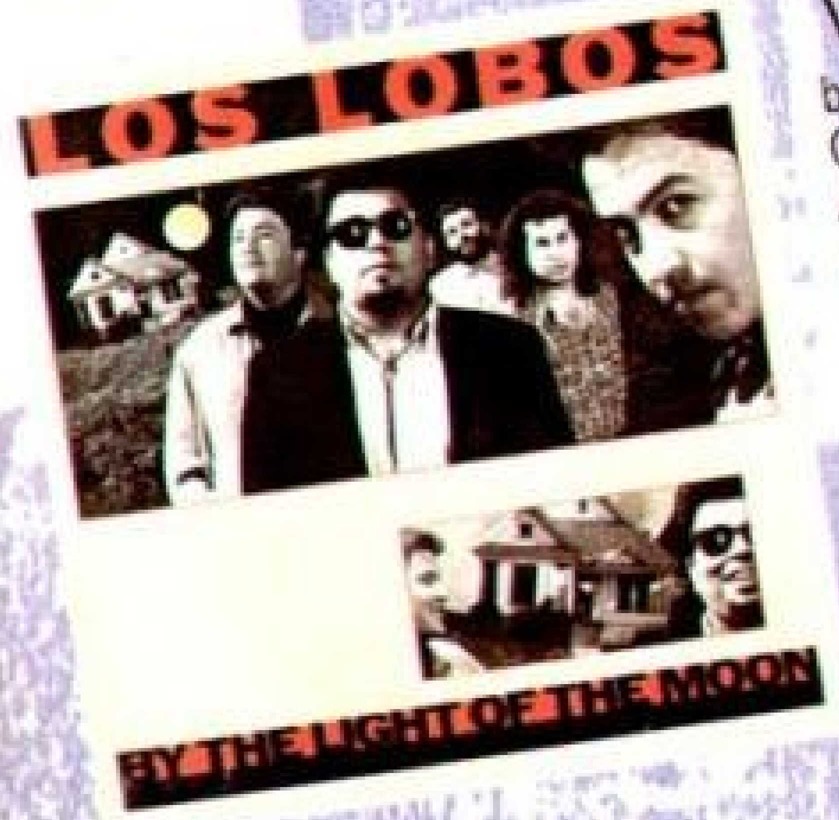
FREE JAZZ FESTIVAL

Estamos sendo invadidos por músicos de jazz! Calma, gente, são apenas as atrações do Free Jazz Festival, que está rolando na primeira quinzena de setembro no Rio e em São Paulo. São onze noites em que jazzistas brasileiros se revezarão no palco com artistas estrangeiros. A rapaziada é do primeiro time, e certamente será um erro se distanciar do evento por não se tratar de um festival de rock. As atrações de fora são **King Sunny Adé** (guitarrista/cantor nigeriano), **The Chick Corea Elektric Band, Art Blakey** (que já tocou com Miles Davis) **& The Jazz Messengers, The Philip Glass Ensemble, Spyro Gyro, Lee Ritenour, Gil Evans Orchestra** (Evans já arranjou coisas para John Coltrane e Miles Davis), **Jim Hall, Michel Petrucciani** e **Sarah Vaughan**. Os músicos nacionais (alguns só tocarão em São Paulo, outros só no Rio) são **Hermeto Paschoal, Dominguinhos, Cama de Gato** (que reúne os feras Arthur Maia, Rique Pantoja, Pascoal Meirelles e Mauro Senise), **Antonio Adolfo, Marcos Ariel, Guilherme Vergueiro, Léo Gandelman** (que toca com Lulu Santos, entre outros), **Rafael Rabelo, Laurindo de Almeida** (violonista residente há quarenta anos nos EUA, onde já lançou mais de cem LPs), **Nivaldo Ornelas** e a curiosa **Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco**. No Rio, as apresentações serão de 2 a 7 de setembro, no Teatro do Hotel Nacional. Em São Paulo, de 9 a 13 do mesmo mês, no Palácio das Convenções do Anhembi.

R. Tuccil/Abril

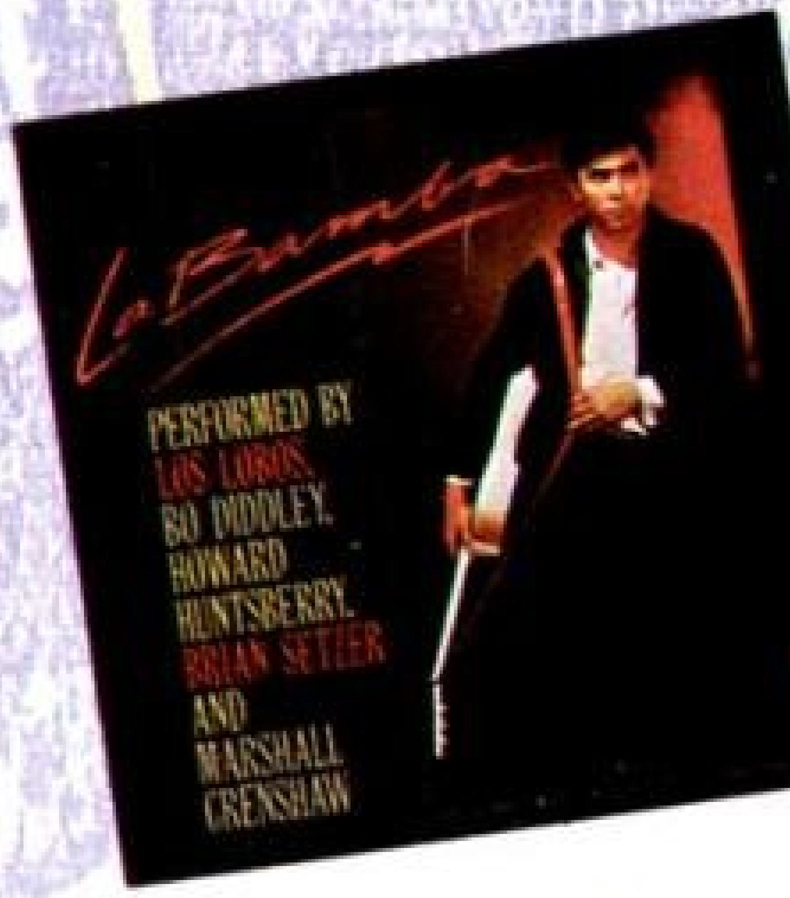
Hermeto, ilustre representante nacional no Free Jazz

AÚÚÚÚÚÚÚÚÚÚ



Você está sendo perseguido pela mais brilhante alcatéia do rock mundial.
O grupo **Los Lobos** mordeu o pescoço da América com o Lp que deixou a lua cheia dançando alucinadamente.
By The Light Of The Moon mostra de rabo a focinho o grupo que está tomando conta do mundo.

Mais: **Los Lobos** está encabeçando a trilha sonora do filme **La Bamba**, o maior sucesso de bilheteria dos últimos tempos.
São oito dentadas num só disco que já entrou pra história.
Procure **Los Lobos** nas melhores lojas e confirme que não é à toa que os lobos não choram.



Em discos e fitas PolyGram

OS FORA-DA-LEI

Tem gente que não aprende. **Sly Stone** foi detido pela enésima vez por porte de drogas (cocaína, para ser mais franco). Dessa vez foi em Port Myers, na Flórida.

Wilson Pickett também foi detido e está sendo julgado. Ele pode ser preso, por até cinco anos, por ter entrado atirando num nightclub em New Jersey, depois de uma briga no local. Ele não era réu primário.

L.L.Cool J foi detido depois de um show em Columbus, Geórgia, por ter exagerado nos "gestos obscenos" durante a execução da música "I Need Love".

O mesmo aconteceu com **Ecstasy** (do duo **Whodini**), depois que tirou as calças durante a execução de "I'm a Ho" (!) Afe Maria...

Columbia

Lou Diamond Phillips, como o chicano Ritchie Valens em la Bamba

ROCK'N'CINE II

Ficou pronto o vídeo *Sign'O' the Times*: são os melhores momentos dos recentes concertos de **Prince** em Roterdã e Antuérpia (Holanda). O vídeo dura 93 minutos.

O grupo americano **Devo** (sumido há um tempão) fez a trilha sonora inteirinha do filme *Slaughterhouse Rock* de **Louis George**.

Stan Ridgway fez a trilha do filme de ficção científica (recheado de efeitos) *Terminus*, de **Pierre William Clenn**. A produção é francesa e o papel central ficou com o cantor **Johnny Hallyday**.

Está fazendo um sucesso enorme nos EUA o filme *La Bamba*, dirigido por **Luiz Valdez**. Trata-se de uma biografia de **Ritchie Valens**, o rei do rock chicano que faleceu num acidente de avião (o mesmo em que morreu **Duddy Holly**) em 59. No papel de Valens está **Lou Diamond Phillips**. Dando uma força na trilha sonora estão **Los Lobos** — eles gravaram especialmente para o filme sua versão de "La Bamba", que esteve nos primeiros lugares das paradas de singles nos EUA e Inglaterra. Aguardem matéria a respeito do filme na próxima BIZZ...

NOVIDADES NO VINIL III

Keystone

Aretha, redescobrindo raízes e gravando o mais autêntico gospel

Aretha Franklin vem aí com um LP todinho de gospel, gravado ao vivo na igreja **New Bethel Baptista Church**, o mesmo local em que ela cantou pela primeira vez e onde seu pai era pastor.

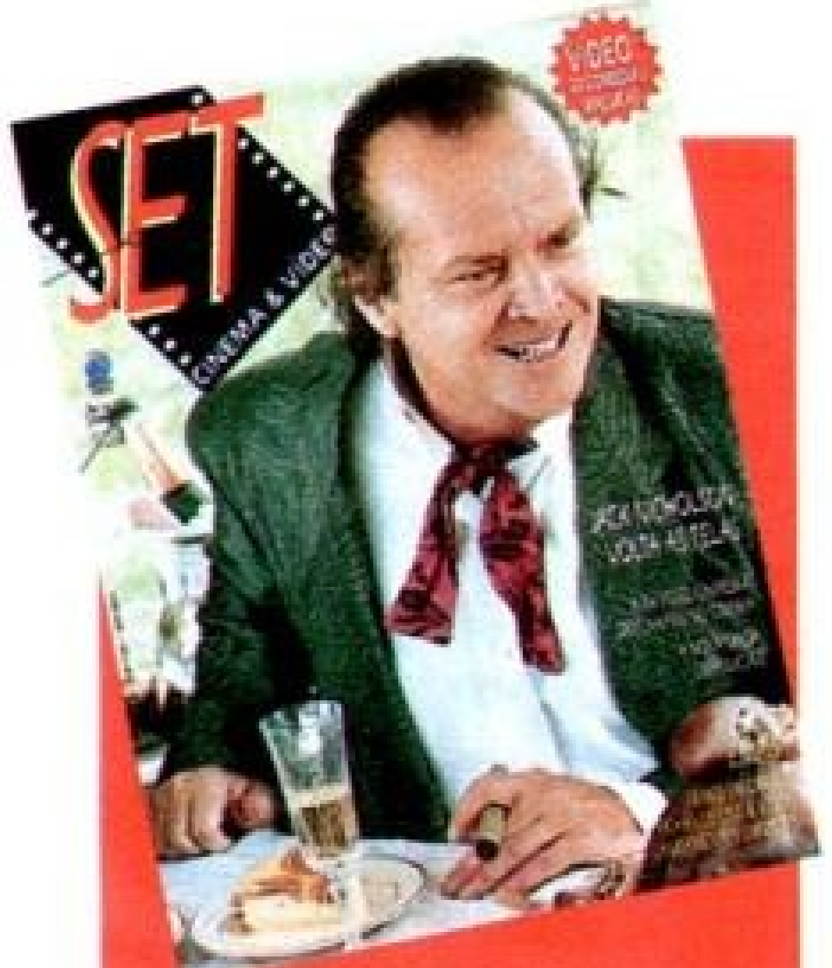
Roger Daltrey está lançando novo LP solo: *Can't Wait to See the Movie*.

O novo LP de **Sting** promete, apesar das poucas informações a respeito. Sabe-se que dele participam o **Kronos Quartet** e o arranjador **Gil Evans** (que escreveu para o LP de Sting dois arranjos de músicas de **Jimi Hendrix**).

O **ABC**, famoso grupo de new pop, lançou o LP *Alphabet City. Na produção, a presença marcante de* **Bernard Edwards** (baixista do **Chic**).

O grupo alemão industrial **Einstürzende Neubauten** está nas paradas de independentes na Inglaterra com o novo LP *Fünf Auf der Nach Oben Offenen Richterskala*. Segundo nossos espiões, trata-se de um *must* do gênero.

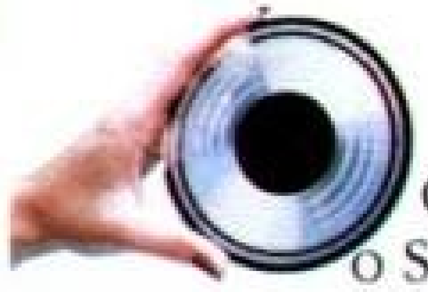
Curto e grosso: o **Kiss** lançou mais um LP *(Crazy Nights)* e o **Twisted Sisters** idem *(Love is for Suckers)*. Que tal este para uma futura discoteca básica de LPs inúteis: é o novo LP de **Agnetha Falkstog** (do **ABBA**), produzido por **Peter Cetera**. É dose...



SET E LETRAS TRADUZIDAS

Já está nas bancas mais uma edição de *Letras Traduzidas* (um dos especiais prediletos dos leitores de BIZZ) com os novos sucessos do **Cure, Echo & the Bunnymen, Madonna, Boy George, BAD** e muito mais.

E a SET 3 também está à disposição dos cinéfilos e videomaníacos. Na capa está **Jack Nicholson** e ao longo da revista estão sensacionais matérias com as trinta comédias mais malucas do cinema, a nova onda de filmes policiais e outras. Vá correndo ao seu jornaleiro, senão acaba...

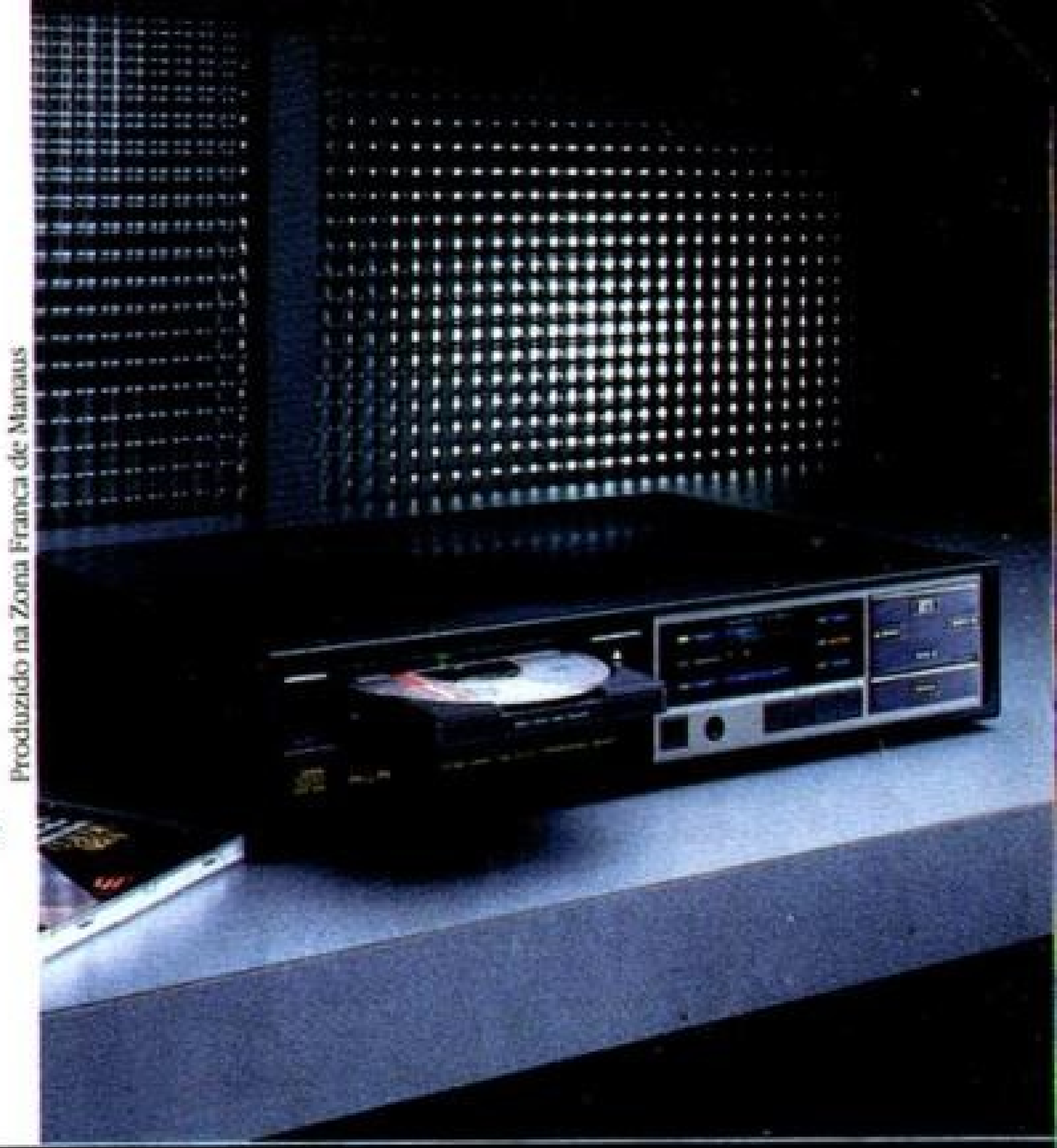


Quando a Philips inventou o Sistema Compact Disc Digital Audio, o som digital a laser, os críticos e amantes de música ficaram emocionados com o som puro e perfeito. Sem distorções, chiados ou ruídos. Além disso, o processo de leitura óptica que não desgasta o disco e a película protetora que recobre a gravação digital tornaram os discos quase eternos.

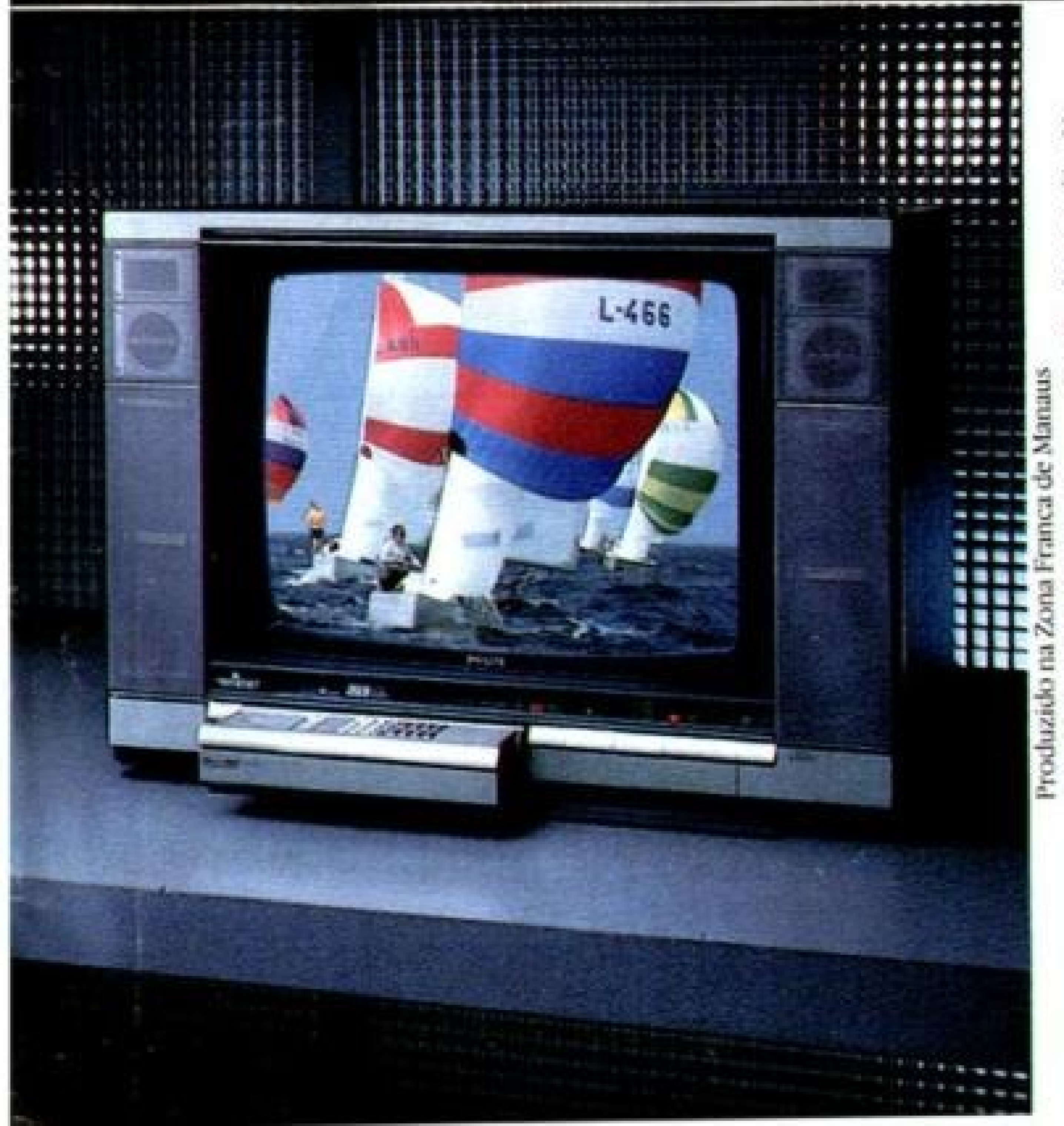
Mas o Compact Disc é hoje mais do que uma maneira de obter um som puro e perfeito. A Philips levou o CD mais longe desenvolvendo o CD-ROM (Read Only Memory), que com seus 600 megabytes pode armazenar até uma enciclopédia completa.

E o CD-Interactive, que dá acesso de forma interativa e simultânea a um sistema multimídia, com áudio, vídeo, textos e dados.

Produzido na Zona Franca de Manaus



Philips. Dá o tom em matéria de som.



Produzido na Zona Franca de Manaus

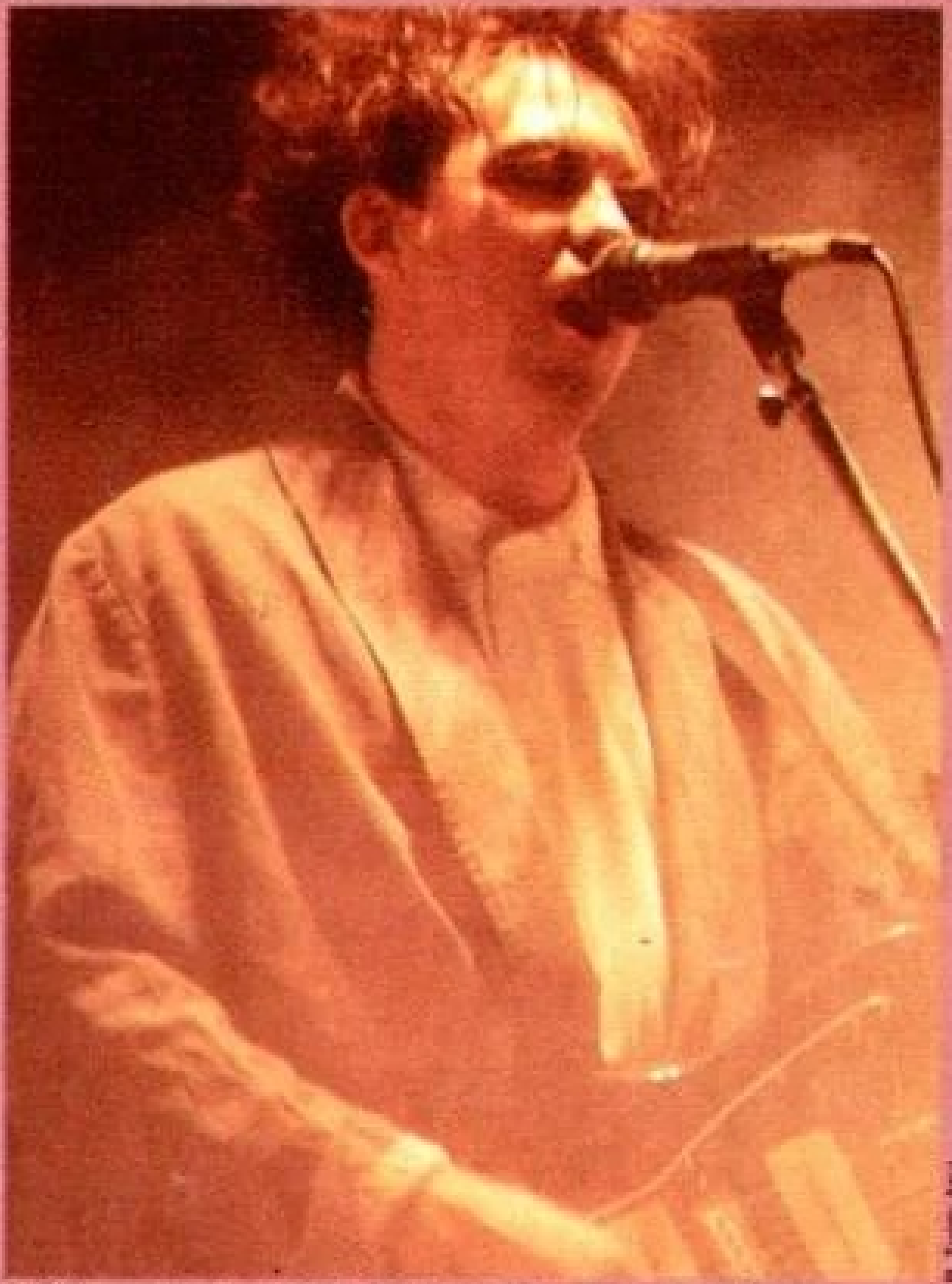
Mas se a Philips aperfeiçoa o som e a imagem da era digital, também aperfeiçoa seus aparelhos de TV. E aí está o Trendset 20 Stereo Decoder Equipped. Imagem perfeita, som perfeito e estéreo. Painéis de conexão que permitem ligar diversos equipamentos de áudio e vídeo ao mesmo tempo.

E sistema de controle remoto destacável, o mais completo disponível no mercado, com 31 funções. Tanto o Compact Disc como o Trendset 20 Stereo Decoder Equipped são provas de como a pesquisa da Philips é usada para inovar sempre, dando mais colorido à sua vida.

Philips. Produtos de última geração.

PHILIPS

PHILIPS



O Cure, arrebatando três posições na parada dos leitores

Parada do Leitor (LPs)

1	(1)	*The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
2	(N)	*Kiss Me Kiss Me Kiss Me* — **Cure** (Polygram)
3	(N)	*The World Won't Listen* — **Smiths** (WEA)
4	(N)	*Crocodiles* — **Echo & the Bunnymen** (WEA)
	(2)	*The Top* — **Cure** (Polygram)
	(7)	*Every Breath You Take* — **Police** (Polygram)
7	(2)	*Standing on a Beach* — **Cure** (Polygram)
	(5)	*Sexo!!* — **Ultraje a Rigor** (WEA)
9	(10)	*Cabeça Dinossauro* — **Titãs** (WEA)
10	(13)	*Low Life* — **New Order** (WEA)
11	(12)	*Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
	(N)	*Closer* — **Joy Division** (Eldorado)
	(N)	*Through the Looking Glass* — **Siouxsie & the Banshees** (Polygram)
	(R)	*Capital Inicial* — **Capital Inicial** (Polygram)
15	(N)	*Never Let Me Down* — **David Bowie** (EMI-Odeon)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na parada Bizz!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(N)	*Whitney* — **Whitney Houston** (Arista)
2	(1)	*The Joshua Tree* — **U2** (Island)
3	(5)	*Girls, Girls, Girls* — **Mötley Crüe** (Elektra)
4	(2)	*Whitesnake* — **Whitesnake** (Geffen)
5	(N)	*Bad Animals* — **Heart** (Capitol)
6	(N)	*Duotones* — **Kenny G.** (Arista)
7	(3)	*Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Mercury)
8	(N)	*Bigger and Deffer* — **L L Cool J** (Def Jam)
9	(9)	*Spanish Fly* — **Lisa Lisa & Cult Jam** (Columbia)
10	(4)	*Tribute* — **Ozzy Osbourne/Randy Rhoads** (CBS)

Compactos (EUA)

1	(10)	"Alone" — **Heart** (Capitol)
2	(5)	"I Wanna Dance With Somebody — **Whitney Houston** (Arista)
3	(N)	"Shakedown" — **Bob Seeger** (MCA)
4	(N)	"Songbird" — **Kenny G.** (Arista)
5	(2)	"Head to Toe" — **Lisa Lisa & Cult Jam** (Columbia)
6	(N)	"I Still Haven t Found... — **U2** (Island)
7	(N)	"Point of no Return" — **Expose** (Arista)
8	(N)	"Don't Disturb This Groove — **The System** (Atlantic)
9	(N)	"Something So Strong" — **Crowded House** (Capitol)
10	(N)	"I Want Your Sex" — **George Michael** (Columbia)

LPs (GB)

1	(3)	*Whitney* — **Whitney Houston** (Arista)
2	(5)	*The Joshua Tree* — **U2** (Island)
3	(N)	*Clutching at Straws* — **Marillion** (EMI)
4	(N)	*The Return of Bruno* — **Bruce Willis** (Motown)
5	(1)	*Live — In The City of Lights* — **Simple Minds** (Virgin)
6	(7)	*Keep Your Distance* — **Curiosity Killed the Cat** (Mercury)
7	(R)	*Invisible Touch* — **Genesis** (Virgin)
8	(2)	*Solitude Standing* — **Suzanne Vega** (A&M)
9	(N)	*Echo & the Bunnymen* — **Echo & the Bunnymen** (Korova)
10	(N)	*Atlantic Soul* — **Vários** (Atlantic)

Compactos (GB)

1	(N)	"It's a Sin" — **Pet Shop Boys** (Parlophone)
2	(N)	"Under the Boardwalk" — **Bruce Willis** (Motown)
3	(N)	"Wishing Well" — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
4	(7)	"Star Trekkin' " — **The Firm** (Bark)
5	(N)	"The Living Daylights — **A-ha** (Warner Bros)
6	(1)	"I Wanna Dance With Somebody" — **Whitney Houston** (Arista)
7	(N)	"Who's that Girl" — **Madonna** (Sire)
8	(N)	"Sweetest Smile" — **Black** (A&M)
9	(N)	"Always" — **Atlantic Starr** (Warner Bros)
10	(N)	"Misfit" — **Curiosity Killed the Cat** (Mercury)

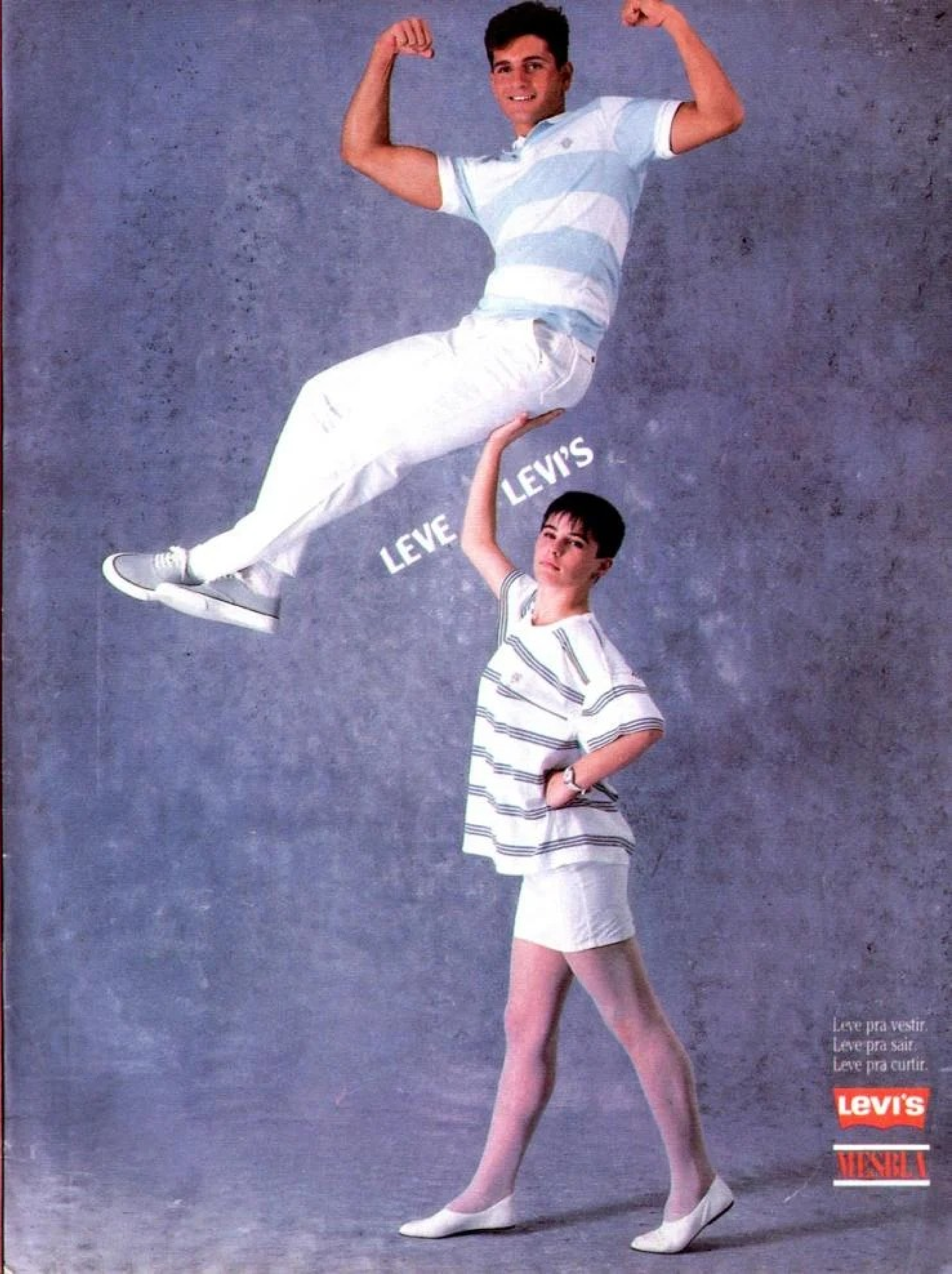
LPs Independentes (GB)

1	(4)	*Sister* — **Sonic Youth** (Blast First)
2	(N)	*Give me* — **Dead Kennedys** (Alternative Tentacles)
3	(N)	*Never Mind the Ballot* — **Chumbawamba** (Agit Prop)
4	(1)	*Dawnrazor* — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)
5	(N)	*Kettle* — **Chesterfields** (Subway)
6	(N)	*Tsvimbodzemoto* — **Bhundu Boys** (Disc Afrique)
7	(N)	*Lonely is an Eyesore* — **Vários** (4AD)
8	(N)	*Ragin' Full On* — **Firehouse** (SST)
9	(N)	*Live Over London* — **Guana Batz** (ID)
10	(9)	*The Circus* — **Erasure** (Mute)

Compactos Independentes (GB)

1	(N)	"I Can't Take in no More" — **Soup Dragons** (Raw TV)
2	(N)	"Tatulah Gosh" — **Talulah Gosh** (53rd & 3rd)
3	(N)	"Bedrock" — **Foetus All Nude Revue** (Some Bizarre)
4	(1)	"Nosedive Karma" — **Gaye Bykers on Acid** (In Tape)
5	(N)	"Burning The Fields" — **Fields of The Nephilim** (Situation Two)
6	(N)	"Headache" — **Big Black** (Blast First)
7	(N)	"Flower in Our Hair" — **All About Eve** (Eden)
8	(9)	"Peel Session" — **Billy Bragg** (Strangefruit)
9	(4)	"The Covers" — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)
10	(6)	"Love Missile F1-11" — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB), de 04 a 25/07/87.



ZEN E OUTRAS COISAS ALTERNATIVAS.

A GENTE AINDA NÃO SABE O QUE É ZEN NEM AS ÚLTIMAS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO-CINEMATOGRÁFICAS. MAS A GENTE JÁ SABE O QUE É SOL E COMO É BOM SOL E COMO É BOM SOM DE GENTE NO SOL. QUER DIZER: A GENTE SABE TUDO. ALTERNATIVA. A ROUPA PRA UM MONTE DE GENTE QUE GOSTA DE SOL.

Camiseta - **690**, Bermudão - **990**, Óculos - **1.100**,

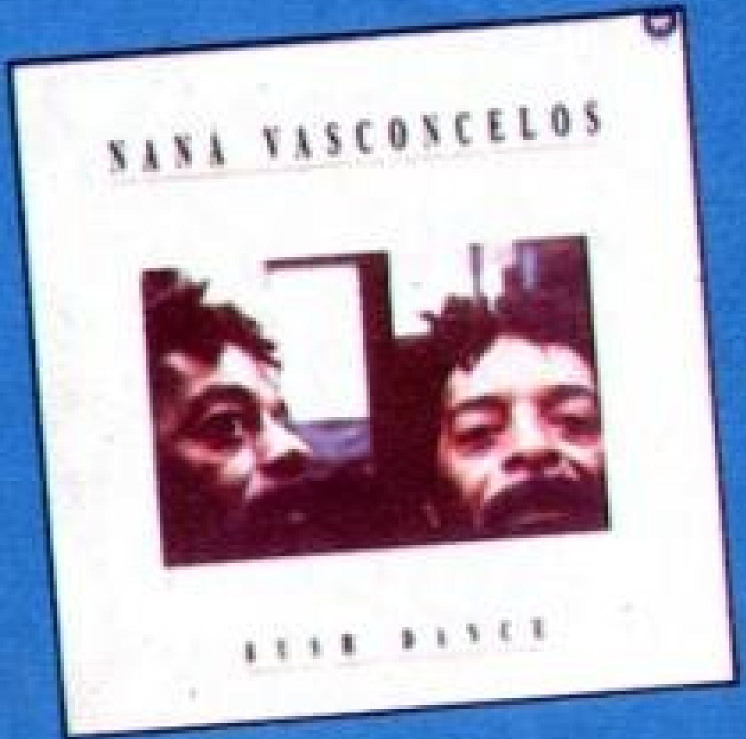
Tênis cano baixo - **690**, Camisa - **990**, Cinto - **950**, Minissaia - **990**, Meia 5/8 - **140**, Botinha Boxeur - **1.500**, Bloomer - **990**,

EXCLUSIVIDADE

MESBLA

ALTERNATIVA®

NADA MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR



BUSH DANCE — Naná Vasconcelos (WEA)

Quem estiver esperando pelo jazzy *ma non troppo*, linha ECM — gravadora para a qual Naná gravou alguns belos discos na década passada —, vai ficar decepcionado, merece ficar decepcionado. *Bush Dance* é um disco pop, para colocar um pouco de Brasil nas pistas de dança de Nova York, Londres, Berlim, Tóquio etc.

Pop brasileiro em sintonia com os 80, pois um dos melhores (ou *o* melhor?) percussionistas desta terra incorporou a *drum machine*/computador rítmico em seu arsenal... e um aparelhinho desses, programado por quem não precisa dele, vira música orgânica e recebe camadas de tumbadora, cuíca, berimbau etc. Aqui e ali, uma guitarra e alguns sintetizadores (responsáveis por um e outro clichê dispensável) fazem os papéis de ponto e vírgula.

Não é em todas as faixas que o caldeirão atinge o ponto de fervura, mas "Xingu Xangô", "Paletó" e quase todo o lado 2 podem lascar o assoalho — em especial, a levada de "Calmaria" e "Balança Rede" e o berimbau de "Futebol".

Só quando se chega ao fim do disco vem a pergunta: não há vocais em excesso para um disco cujo ponto de interesse é o *mix* percussão acústica/percussão eletrônica? Que há, há... e acaba estreitando o espaço que poderia haver para esses jogos de timbre, textura e polirritmia.

Seja como for, *Bush Dance* deixa a impressão de que só não é um Grande Disco porque é apenas o primeiro a desbravar um campo que ainda vai render muito, ainda mais em mãos como essas.

Ouça, confira, tire suas próprias conclusões. *José Augusto Lemos*

ONE FROM THE HEART — Tom Waits & Crystal Gayle (CBS)

Quem assiste ao filme de Francis Coppola *O Fundo do Coração*, de 1982, pode detestar a falta de história, a pirotecnia de estúdio do diretor e a pieguice romântica do tema. Mas dificilmente fica indiferente à trilha sonora que intervém como rasura das ações e das imagens. Há momentos no filme em que a música se torna senhora, as ações, escravas. Por isso pode se entender a obra como uma trilha visual da música de Tom Waits. Sem as imagens, o filme subsistiria! Nas doze faixas do LP, ouvem-se magníficas canções, dignas do melhor Cole Porter, e passagens ambientais de alta eficácia. Reunindo músicos excelentes e a cantora Crystal Gayle, o cantor/compositor americano produziu a trilha inesquecível de uma geração. *L.A.G.*

ECHO & THE BUNNYMEN (WEA)

Na história do rock, poucos ousaram: os homens-coelhos exibem suas carinhas simpáticas na foto branco e preto de uma capa onde não há absolutamente nada escrito, e nem se deram ao trabalho de entitular este LP que quebra um silêncio de três anos. Desta vez, embora fale em novas direções, o grupo se esmera na reciclagem de todos os elementos que fizeram seu som. Levam tão a sério essas referências que resolveram chamar Ray Manzarek em pessoa. Este não se fez de rogado para envenenar com seu orgãozinho sem-vergonha composições preciosas como "Bedbugs and Ballyhoo" e "Blue Blue Ocean", provocando a infalível hipnose dos bons velhos tempos dos Doors. Há também as homenagens musicais: "All in Your Mind" vai para o B-52's, "Lips Like Sugar" para o U2 e "Lost and Found" para o New Order. O resto poderia constar sem problema de qualquer um dos discos que o Echo já fez. Um trabalho bem feito, com produção rebuscada de Laurie Latham, que deixa frustrado quem esperava por maiores novidades. *J.Y.N.*

YOU SCARED ME TO DEATH — Marc Bolan (Continental)

Um caso bem-sucedido de necrofilia musical. Em 81, o produtor Simon Napier-Bell (no ramo há mais de vinte anos e com uma folha de serviços que vai desde Yardbirds até Japan) desencavou de um arquivo fitas *demo* feitas em 66 com Marc Bolan, então com 19 anos. Eram as primeiras canções de Marc, gravadas em quatro canais, apenas voz e violão. Napier-Bell arranjou, editou e produziu *You Scared me to Death*. Este tipo de homenagem póstuma costuma soar por demais artificial (vide certos discos de Hendrix). Não é o caso deste LP, no qual as gravações originais de Bolan estão bem sintonizadas com os arranjos superpostos. *C.P.*

STRONG PERSUADER — Robert Cray (Polygram)

Apesar da inclusão de novas tecnologias, a essência do blues é sempre a mesma. Evolui como uma árvore, não como uma estética. O guitarrista e compositor Cray é tido hoje como um dos expoentes do gênero. Com 33 anos de idade, ele forjou um estilo próprio. Neste quarto LP de sua carreira, em vez da rouquidão habitual do *bluesman*, Cray se vale de um vocal cristalino. E à turbidez dos arranjos cheios de gongorismos improvisatórios do velho rhythm'n'blues, ele prefere a fórmula clara baixo/guitarra/bateria/teclados. Mesmo assim, um trabalho reservado aos aficionados. *L.A.G.*

MAGGOTS: THE RECORD — Wendy O. Williams/Plasmatics (Rock Brigada)

A história é a seguinte: um dia, num futuro não muito longínquo, a população Maggot é afetada por experimentos científicos. Seus habitantes se transformam em larvas carnívoras e passam a "jantar" devidamente os humanos (principalmente americanos). A narrativa (tipo novela) alterna com os decibéis de porrada jogados por Wendy e sua corja (Wes Beech, Michael Ray, Chris Romanelli e Ray Callaham). Eficiente. Tudo tem a ver. Tudo pode acontecer. *L.R.*

LET ME UP (I'VE HAD ENOUGH) — Tom Petty & The Heartbreakers (WEA)

Algumas boas guitarradas de rock rural americano e rock wave britânico, cruzadas com o lamento menestrel de um certo Bob Dylan e seus melhores tradutores, The Byrds, sob uma batida seca de bateria, repetem-se nesta nova incursão de Tom Petty e seus "destruidores de corações". É a mesma fórmula de sempre, que, até agora, não emplacou na programação das FMs nem nos bolsos dos consumidores. Sua pasteurização tem a pretensão de mexer na matéria-prima favorita do *underground yankee*. Mas uma rápida comparação com alguns dos menos cotados integrantes desta tribo seleta põe no chinelo as caricaturas deste LP. Não que se trate de um trabalho incompetente. Seu problema é misturar idéias bem sacadas com concepções... medianas. Como insinua o título, já deu pra encher o saco desta zona. *M.P.*

WHITNEY — Whitney Houston (RCA)

O segundo LP desta cantora de 23 anos já estreou nas paradas americanas em primeiro lugar e, com certeza, irá superar o estrondoso sucesso de seu primeiro disco (treze milhões de cópias vendidas e um Prêmio Grammy). O mapa da mina talvez se encontre na voz limpa e suave de Whitney — desfilando um repertório de canções românticas embaladas em arranjos melosos — aliada à bem cuidada produção de Narada Michael Walden (o ex-baterista da Mahavishnu Orchestra) em sete das onze faixas do disco. A tônica do LP *Whitney* é essa: não arriscar em um produto destinado a um público imenso. *C.P.*

WORLD PARTY — Private Revolution (CBS)

Uma pérola aos porcos. Ignorado na Europa e saindo aqui por acaso, o polivalente Karl Wallinger dispara certeiro seu manifesto anarco-místico-ecológico, reciclando heranças gálicas e o folk dos anos 60 — Dylan, Young e Van Morrison — com uma mãozinha dos velhos parceiros do Waterboys: Delahaye, Stephen Wickham (também ex-In Tua Nua) e Anthony Thistlethwaite. Anos-luz distante da pasmaceira e dos sonhos minguados, World Party dá sinal verde ao futuro. Para ficar de bem com a vida, ouça JÁ. *A.G.C.D.*

DANCE PIECES/MISHIMA — Philip Glass (WEA)

A música reunida nesses dois lançamentos foi composta para fins distintos: a dança e o cinema. Seus melhores momentos ocorrem quando Glass varia a instrumentação, dando descanso às cordas, com novas texturas. Se fosse proibido usar acordes arpejados, o que seria da sua música? Pois ela não contém o contraste, a negação em sua estrutura, revelando-se auto-referente e redundante. Uma música cuja lógica é impermeável ao conflito (como um dogma), que faz de Glass uma espécie de pastor do pós-moderno — reino da mídia e da média — e um parceiro perfeito para o ex-pastor protestante Goffrey Reggio, diretor de *Koyaanisqatsi* e do próximo, *North-South*. Essa "fé positiva", reiterada na repetição mecânica de uma mesma fórmula musical, transforma seu idioma em sotaque, música em muzak. *L.T.*

FRIENDS — The Bolshoi (WEA)

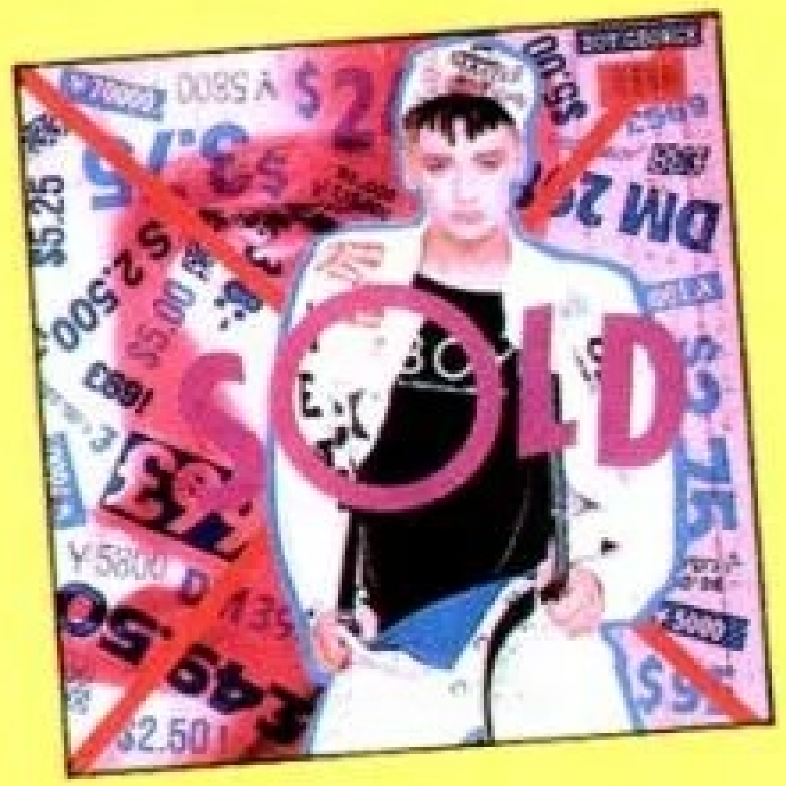
Alguns ecos da legião gótica. Específicas sombras de tecnopop. Delicadas texturas de *cold wave*. Lembranças afanadas de casinhos com o Bauhaus, Cure (fase inicial) e Teardrop Explodes. Disfarçados flertes com o pop ortodoxo. São estes os elementos que alimentam os objetivos desta banda inglesa que após o avassalador sucesso de "Sunday Morning" e "Away" resolveu mandar esse cartão de visita para anunciar sua chegada em terra tupiniquim. É só conferir, no vinil e no palco. *F.N.*

WHITESNAKE (EMI-Odeon)

Depois de quase três anos sem LP da Cobra Branca, este deve ser suficiente para matar o tesão dos fãs de David Coverdale. A coisa está mais para baladas FMs como "Is this Love" ou "Don't Turn Away". Na introdução de "Still of the Night" tudo lembra Led Zeppelin: David já andou afirmando que o Zeppelin também lembrava os Yardbirds e Jeff Beck e que "não havia mal nenhum nisso". Também poderiam ter gravado novos temas em vez de recriar "Crying in the Rain" e "Here I Go Again". *L.R.*

ESTAÇÃO PRIMEIRA — Gueto (WEA)

O soul-samba-heavy-rap de bamba do Gueto, que conseguiu conquistar grande número de adeptos no circuito independente, ataca agora com o seu primeiro LP. Um disco repleto de músicas que podem (e devem) freqüentar não só a primeira, como também as estações seguintes. O trabalho dos quatro garotos da Zona Norte é baseado no funk: às vezes em sua vertente mais pesada (onde o paralelo com bandas como o Run DMC e os Beastie Boys é inevitável) como em "G-U-E-T-O" e "Estação Primeira", outras em sua forma mais pura onde o swing da guitarra encontra um perfeito entrosamento com a cozinha e o vocal ("A Mesma Dor", "Emoção", "Você Errou"). Nestas últimas é que o Gueto assume características mais próprias, soando como uma banda de rock que adotou a cartilha de funk-soul de Tim Maia e Banda Black Rio. Os pontos altos do disco são duas faixas com a participação do trombone e sax de Raul de Souza: "Esse Homem é Você" e "Ensaio Geral", onde as intervenções dos metais pontuam de maneira sutil e eficiente o balanço da banda. E o ponto fraco fica sendo a capa xumbrega. *Celso Pucci*



SOLD — Boy George (RCA)

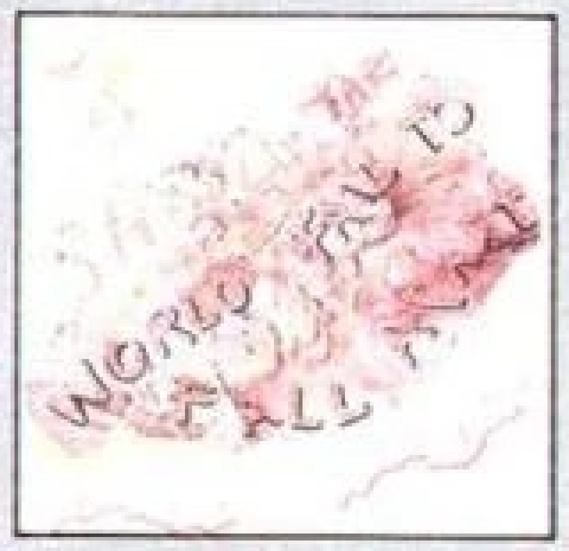
"Se mr. Botha fosse homem, ele penduraria as chuteiras. Mas ele não fala nem pra você, nem pra mim. Eu o vi na BBC, seus olhos pareciam uma fábrica pronta para ser fechada..." Isto é Boy George carregando o mundo nas costas. É rock, é pesado, é a faixa-título. Atrás, os três garotos engajados nas costas do Culture Club seguram firme, sobretudo aquele baixista do Penguin Café Orchestra. Continua com "Keep Me In Mind", *soul ballad* com arranjos de flautas, naipes de Herb Alpert e produção no mais puro estilo Quincy Jones. Na seqüência, dois reggaes estilizados, "Everything I Own", reprise de um hit de barba branca de Ken Boothe, e "Freedom", à altura dos melhores momentos do Club. O lado dois engata de primeira com o suingue endiabrado de dois funk-soul muito bem embalados, *thanks to* Lamont Dozier, compositor dos mais sublimes hits da soul U.S. (Temptations, Supremes, Four Tops...). Chamam-se "Just Ain't Enough" e "Where Are You Now?". Tudo colorido e absolutamente dançável, tonalidades que dominam o álbum. Continua... Eu esfrego os meus ouvidos. Coloco novamente "Little Ghost". Não. Não é Jim Morrison que está cantando. Foi alucinação. Desculpe. É que Rapaz George também mudou seu jeito de cantar, agora mais grave (devido às circunstâncias?). Com exceção de "We've Got The Right", um clichê popinho, único deslize do disco, o resto é do mesmo calibre.

Nada revolucionário, mas tudo feito com uma classe e um bom gosto incríveis. Vale conferir debaixo dos holofotes de sua discoteca predileta, com volume total. *Jean-Yves de Neufville*

BLACK CELEBRATION — Depeche Mode (WEA)

Formado sobre as bases jogadas pelos pioneiros do gênero, Human League e OMD, o Depeche Mode vem há seis anos edificando seus hinos eletrônicos à modernidade pós-industrial européia. Lançado em março do ano passado, *Black Celebration*, seu quinto álbum — sem contar uma coletânea de singles —, marca uma volta da banda aos climas repletos de *spleen* do início de sua carreira. Uma festa de sonoridades onde a amostragem de timbres dos teclados traz cores diversas, do mais suave oboé orientalizante ao estrondo metálico ("A Question of Time"). As construções melódicas de Martin Gore são amplas sem ser grandiloqüentes, macias sem ser melosas (exceto na escorregadia "A Question of Lust"), e valorizadas pela voz competente de David Gahan ("Dressed in Black").

Parafraseando Paulo Francis, eu diria que, se o Brasil perdeu o bonde da new wave em 77, seria lamentável que perdesse o avião a jato do tecnopop nos anos 80, por falta de informação ou — pior — preconceito. *J.Y.N.*



SHOULD THE WORLD FAIL TO FALL APART — Peter Murphy (WEA)

O LP solo (primeiro e único) de Peter Murphy não deve acumular pó nem teias de aranha, como exigiria o rigor de seus tempos com o Bauhaus, há quatro anos. Para esta nova etapa — depois de curta experiência com o baixista Mick Karn (ex-Japan) no Dali's Car, em 83 —, o garoto do vocal grave se juntou ao multiinstrumentista Howard Hugues, um dos responsáveis pela reformulação do Associates. O resultado é respeitável. Suas versões de "The Light Pours Out of Me", com John McGeoch tocando a mesma guitarra que gravou o original do Magazine, e "Final Solution", do Père Ubu, resistem à comparação com as matrizes. Sua inflexão vocal, cercada pela guitarra maníaca de Daniel Ash, está atualmente mais bem direcionada que a da diva inspiradora: Bowie. Ainda assim, Pete está longe de descabelar como o Bauhaus. *M.P.*

NUNCA FOMOS TÃO BRASILEIROS — Plebe Rude (EMI-Odeon)

O lançamento deste disco confirma um fato que já se prenunciava no mini-LP *O Concreto Já Rachou*: a Plebe parece não se sentir à vontade em estúdio. Boa parte da energia detonada pelas guitarras de Philippe e Jander, o baixo de André e a batera de Gutje ao vivo soa diluída quando transposta para o vinil. É quando ficam mais evidenciadas a fragilidade das letras e a indefinição a respeito dos novos rumos musicais da banda; isso se reflete no repertório do LP, que é uma compilação do material composto entre 82 e 87. As esparsas músicas novas (com exceção de "A Ida") ficaram aquém das potencialidades da Plebe. *C.P.*

CLUTCHING AT STRAWS — Marillion (Odeon)

O Marillion faz um som baseado no Genesis dos idos de Peter Gabriel (antes de se entregarem ao popismo desenfreado de Phil Collins). É uma espécie de perpetuação bem produzida do estilo. Fica no entanto uma dúvida: será que continuarão nessa (com a qual faturam bastante)? Para quem não liga, vai a máxima "quem não tem bom Genesis *caça* com Marillion". Principalmente por "Hotel Hobbies", "That Time of the Night" e "The Last Straws" onde ressaltam Fish (suas letras e seu vocal Gabriel) e os comichões da guitarra de Steve Rothery. *L.R.*

VOZ AZUL — Dulce Quental (EMI-Odeon)

O segundo LP solo da ex-líder da banda Sempre Livre se vale das possibilidades criativas do blues, num trabalho equilibrado e intimista. Em *Délica*, LP de 1985, ela havia bebido nos miasmas pós-tudo que então reinavam. Agora veio a maturidade de assumir a própria voz, frágil mas intransferível. E o disco nasceu sossegado, cheio de canções agradáveis. São dez e variam de acordo com seus três produtores: Herbert Vianna, Mayrton Bahia e Celso Fonseca. Nada de novo, nem de ruim... *L.A.G.*

SM 200 STEREO MUSIC CENTER.

3 EM 1 É APELIDO.

Toca-discos, toca-fitas e rádio com três faixas de ondas. Até aí normal. Só que, além da avançada tecnologia de um equipamento fabricado pela SEMP TOSHIBA, o SM 200 oferece um som perfeito e sem ruídos, mesmo em se tratando de gravações em AM, porque possui a exclusiva tecla BEAT. Um aparelho que opera tanto em 110 como em 220 volts, vem com saída para fone de ouvido, e permite ainda a conexão de outro par de caixas acústicas

e entrada para microfone. E tem mais: sistema sincronizado de gravação, graças à tecla SYNCHRONOUS REC, onde toca-fitas e toca-discos trabalham juntos. Isto é, parando o prato do disco, a gravação também é interrompida. Como se vê, muito mais que 3 em 1, o SM 200 é uma central de música. Agora, depois disso, melhor que ver é ligar um SM 200 e ouvir.

SEMP TOSHIBA
EM CONTATO COM O AMANHÃ

RADIO DAYS — Vários (RCA)

Tudo começou em 1934 com uma exibição de Benny Goodman e sua orquestra no Palomar Ballroom de Los Angeles. A América assistia naquele ano ao nascimento do *swing*, com o importante apoio do rádio para entretenimento da população que estava saindo de violenta depressão econômica. Nessa trilha do filme homônimo de Woody Allen, as *big bands* vieram em suas gravações originais, sem recriação, numa seleção que, por motivo de tempo nas autorizações, deixou de fora preciosidades musicais como aquelas de Harry James e Carmen Miranda. Mas temos a esfuziante "Opus One", um presente de Sy Oliver para a orquestra de Tommy Dorsey, com a marcante bateria de Buddy Rich e Ziggy Elman no comando dos trompetes; "Frenesi", de Alberto Domingues, com Artie Shaw, Glenn Miller, Xavier Cugat, e até "Take the 'A' Train" com Duke Ellington. Uma dádiva. *E.G.Jr.*

REIGN IN BLOOD — Slayer (WEA)

Apocalipse. O Slayer é quem sustenta o galardão maior do peso mais que pesado do *death-thrash-metal* atual, depois da abertura conseguida pelo Venom. E os outros que se recolham à sua insignificância, pois, com esse matador, quanto mais rápido e destruidor, mais cedo tudo e todos serão destruídos, principalmente se tiverem tímpanos fracos e cabeças (e idéias) menos resistentes. Os riffs de guitarra são brutais e o vocal é terrível. Em 28 minutos estão condensadas todas as angústias das entranhas ferventes da Terra. E agora, se conseguiu ouvir até o fim essa trilha de filme tipo *Sexta-Feira 13*, saiba que possivelmente nunca mais será o mesmo. Eta praga, só. *L.R.*

IT'S TIME FOR — Jonathan Richman & The Modern Lovers (WEA)

Em 76 os Modern Lovers lançaram seu primeiro LP, com produção de John Cale. Um disco antológico. Fez com que fossem considerados uma espécie de elo entre o Velvet Underground e o início do punk. Sua produção posterior é desigual, com bons e maus momentos se alternando. É neste contexto que deve ser situado *It's Time For*. Um disco agradável e eminentemente acústico. "It's You", "Shirin & Fahrad" e "Yo Jo Jo" chegam até a entusiasmar quem não conhece o passado dos Lovers. Para quem conhece, *It's Time For* decepciona. *C.P.*

16 GREATEST HITS — Steppenwolf (WEA)

Dezesseis sucessos de uma banda de *hard* blues canadense, liderada por um vocalista alemão (John Kay), que começou a ranger como um cano de descarga fedorento em pleno verão californiano do amor — 1967. O "lobo da estepe" teve seus dias de caça, uivando contra o vento em oito discos de ouro e pelo menos um hino: "Born to Be Wild", a rebeldia de *Easy Rider* — o filme e a atitude — que o Cult acaba de caricaturizar. Esta compilação de 73 ainda inclui "The Pusher" e "Magic Carpet Ride". De certa forma, uma "viagem" datada. De certa forma, a estrada ainda está no mesmo lugar. *M.P.*

365 — (Continental)

É o rock periférico paulistano que está dando certo. Quem ouviu ou assistiu às origens do grupo (Lixomania, Ratos do Porão, Fogo Cruzado) vai estranhar o som limpo e adoçado (mais para melodioso) e torcer o nariz. As letras ainda trazem a rebeldia de outro tempos, como em "Way of Life", "Africa" e nas revolucionárias "Grandola Vila Morena" (a senha portuguesa cantada em 74 durante a Revolução dos Cravos) e "Canção pra Marchar". Tomara que haja uma nova canção no ar. "São Paulo" promete isso. *L.R.*

SHELTER — Lone Justice (WEA)

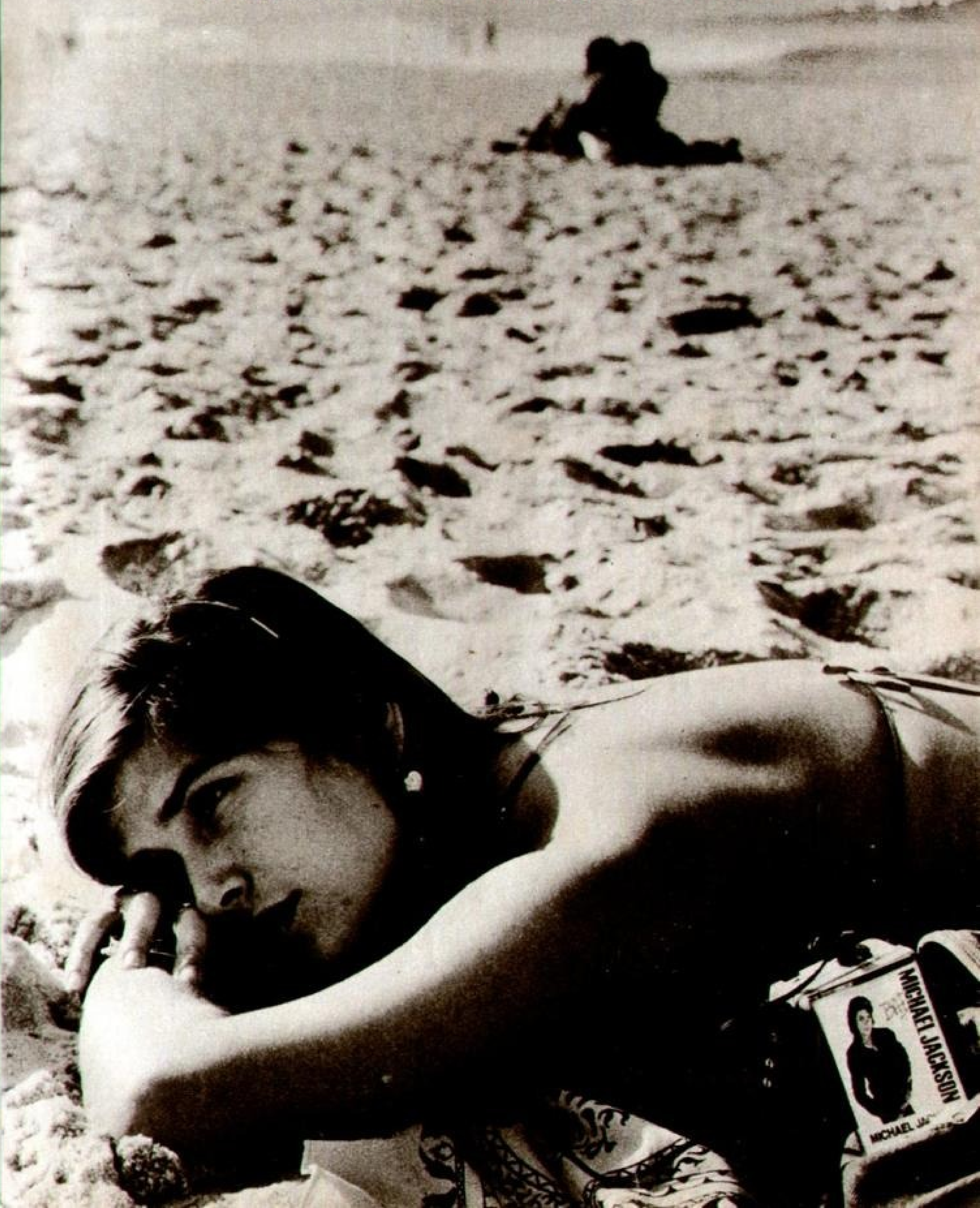
Oriundo da revitalizante safra do novo rock'n'roll americano, o grupo Lone Justice, pilotado pela vocalista Maria McKee, chega ao segundo LP. Embora inferior ao deslavado impacto do anterior, *Shelter*, ao longo de suas 10 faixas, é um trabalho digno de todo o respeito. Emoldurado nos arquétipos que definiram o country-rock dos 70s, não apresenta nada de relevante, mas não deixa de exalar passagens muito bonitas, principalmente quando investem pelo campo das *ballads*. *F.N.*

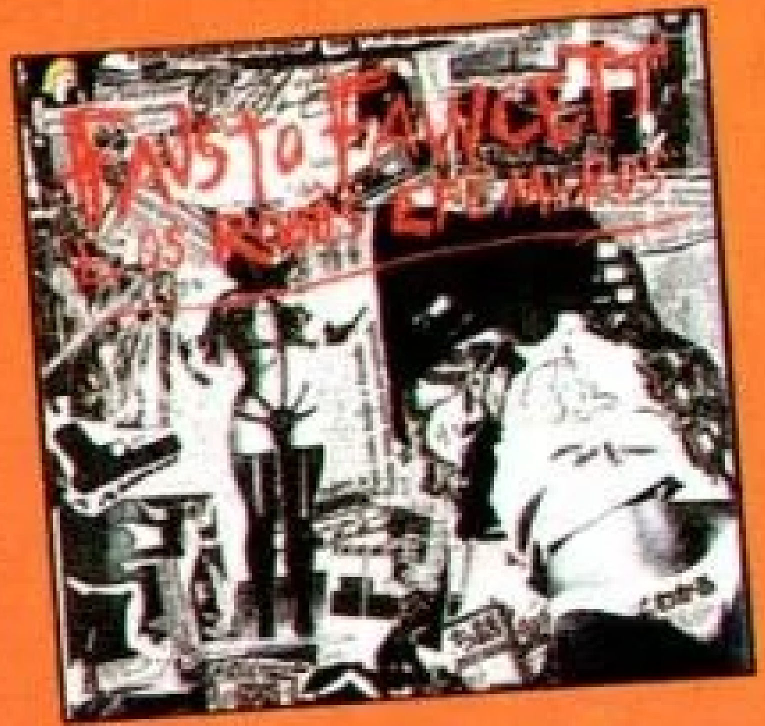
4 BATUTAS & 1 CORINGA — Jards Macalé (Continental)

Eis uma exceção que não ocorreu por acaso. Dez anos de silêncio deram ao cantor-compositor a capacidade de compor uma obra de arte. Produzido com esmero, o disco apresenta doze faixas com obras de Lupicínio Rodrigues, Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola e Geraldo Pereira: uma constelação de timidez, armada em dramas cálidos e sambas depressivos. Os arranjos ficaram a cargo de Júlio Medaglia — feiticeiro tropicalista. A voz de Macalé é a de uma espécie de leitor, para quem pouco importa a realidade em que os sambas foram compostos. Daí a impressão de estranhamento que eles provocam. De Lupicínio, mestre do desencanto, Macalé interpreta três obras desconhecidas — "Dona Divergência", "Exemplo" e "Torre de Babel". De Geraldo Pereira, mais descontraído, três pérolas de ironia: "Bolinha de Papel", "Ministério da Economia" e "Acertei no Milhar". Paulinho da Viola colabora com "Para Ver as Meninas", "Quatorze Anos" e "Vela no Breu". Nelson Cavaquinho comparece com peças bem conhecidas, "Luz Negra" e "A Flor e o Espinho", além do obscuro poema kitsch "Palhaço". Três vezes quatro mais um igual a um LP exemplar, modelo com ares de amanhã e de ontem. *Luís Antonio Giron*

CBS

VALEU ESPERAR CINCO ANOS

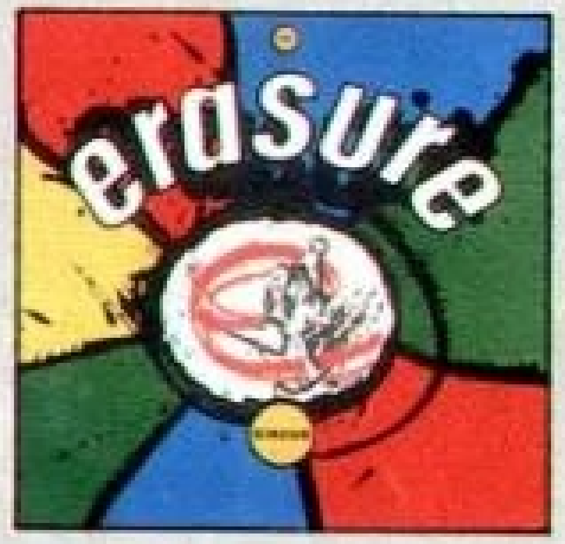




Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros (WEA)

Um disco mais oportunista que oportuno. F.F. e os Robôs Efêmeros mesclam vocais de rap com imagens pretensamente caóticas e futuristas de *pin-ups* fatais (ao feitio do Sigue Sigue Sputnik) para (re)contar historinhas na linha *chope e batatas fritas* da finada Blitz. O senso de humor tipicamente carioca das letras de Fawcett perde o brilho em suas intermitentes (e intermináveis) vocalizações rap. Para piorar as coisas, os Robôs Efêmeros não apresentam nada além de uma fraca e limitada base instrumental para as "performances-espetáculos" do *beastie-boy de Copacabana*, cujas composições (quase todas em parceria com o guitarrista Carlos Laufer) parecem sempre se repetir, tanto nos temas quanto nas melodias. Isso faz com que o LP inteiro soe como um único e monótono mix de uma mesma música. O hit do disco, "Kátia Flávia" (que conta com o *little help* de Liminha — co-produtor do LP — em vários instrumentos), é de longe a melhor faixa. Talvez por ser a única a ter *overdubs* (as outras foram gravadas ao vivo, em estúdio) é que ela consiga destacar-se dentro da mesmice que domina o conjunto. Até as tentativas da banda para mudar esse panorama, incursionando pelo tecno-pop ("Estrelas Vigiadas", de Fawcett e Marcelo de Alexandre) ou pelo samba ("Juliette"), não conseguem convencer. E não é de se estranhar que Fausto Fawcett percorra o circuito de clubes suburbanos do Rio apenas com uma fita com as bases pré-gravadas, sobre as quais ele coloca a voz. Quem sabe até ele considere os Robôs Efêmeros descartáveis. A impressão que fica é que, mais uma vez, na história do rock, a farsa se repete como farsa.

Celso Pucci



THE CIRCUS — Erasure (WEA)

Fundador do Depeche Mode com Martin Gore, o irrequieto compositor Vince Clarke seguiu uma carreira acidentada, formando a seguir Yazoo com Allison Moyet, e agora Erasure (pronunciar ireijeur, significa "emenda") com Andy Bell. *The Circus* é o segundo LP da dupla, todo dedicado aos acrobatas, palhaços, focas equilibristas, cães e leões amestrados, pulgas puladoras etc. O tema é fascinante, a capa bonita. Mas a volta do par à pista musical, muito menos. Ao longo das dez faixas do LP desfilam melodias pesadas, cançõezinhas sem graça recortadas pelos sintetizadores de Clarke. A voz de Bell seria capaz de botar para fugir um circo inteiro, causando sérias complicações neurológicas aos pobres animais acima citados. A Sociedade de Proteção aos Animais já foi devidamente alertada. *J.Y.N.*

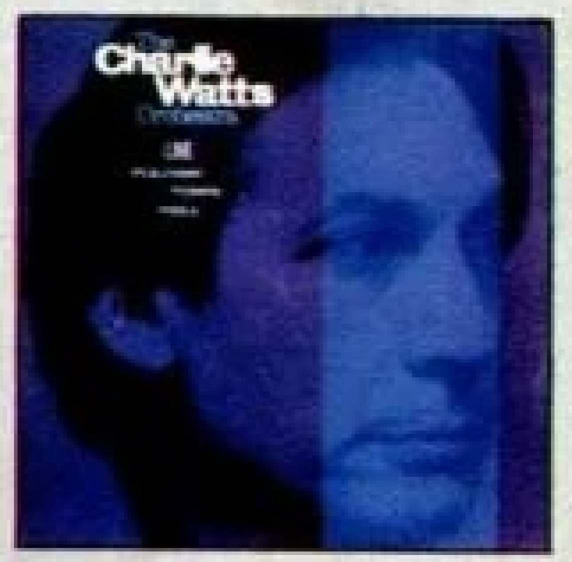
BLOW-UP — Herbie Hancock (CBS)

A cadeia de lojas Brenno Rossi lançou um pacote de catorze LPs chamado *Hollywood Collection*. A coleção exibe treze trilhas de musicais e superproduções da Metro. A exceção é esta produção de Carlo Ponti, com direção de Michelângelo Antonioni e música do pianista Herbie Hancock. Este, também compositor da antológica música de Round Midnight, mistura rock e jazz e antecipa o *jazz fusion*, que surgiria três anos depois. Antes de tudo, porém, é uma experimentação musical paralela à do diretor italiano. Das treze faixas, destaca-se "Stroll On", um rock animado com vocal a cargo do legendário quinteto britânico Yardbirds — responsável pelo padrão inicial do rock psicodélico dos anos 60. As faixas restantes possuem um traço *cool* bastante adequado à trama floreada de Antonioni. Um modelo. *L.A.G.*

GEORGIA SATELLITES (WEA)

No início de 84, o verdadeiro rock'n'roll ressuscitou nas paisagens americanas, graças a bandas como Long Ryders, Hüsker Dü, Beat Farmers, Let's Active e Jason & The Scorchers. Desde então, a onda se alastrou e o Georgia Satellites (natural de Atlanta, Georgia) é mais um entre os bons representantes dessa estirpe que, acima de tudo, prega a pureza, a energia e a simplicidade.

Embora criativamente inferior aos mencionados, esse quarteto não decepciona em nenhum instante em seu primeiro LP para uma grande gravadora. Mantendo as características de uma *guitar band* e fundindo elementos de country e rythm'n'-blues aos arquétipos tradicionais do rock'n'roll e do hard rock, o grande mérito dos garotos é o desenfreado *punch* que permeia o disco do início até o fim. *F.N.*

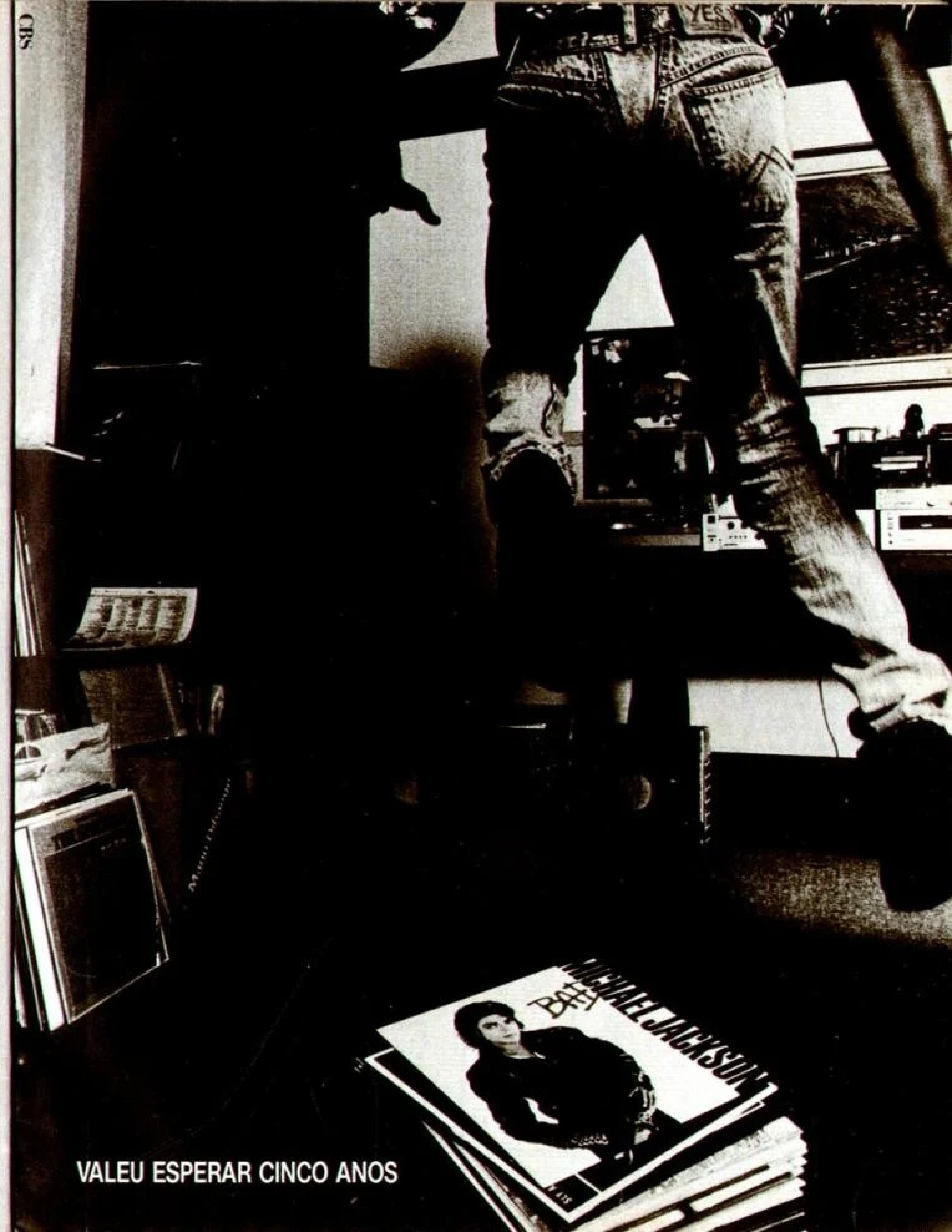


LIVE AT FULHAM TOWN HALL — The Charlie Watts Orchestra (CBS)

O baterista da antiga Maior Banda de Rock'n'Roll do Mundo — um inveterado apreciador de jazz — sempre acalentou um velho sonho: formar a Maior Big Band do Mundo. Charlie realiza sua fantasia, ao lado de um time de trinta jazzistas ingleses, nesse disco gravado ao vivo apenas um mês depois de terem estreado. Apesar de sua formação paquidérmica, a orquestra transita com desenvoltura por clássicos do swing e do be-bop, tanto em temas de maior peso como nos momentos mais intimistas de "Moonglow", com seus xilofones, e "Scrapple from the Apple", de Charlie Parker (executada em um dueto de baixos). *C.P.*

COMING AROUND AGAIN — Carly Simon (RCA)

Não adianta querer trocar gato por lebre. As composições de um disco como este nunca poderiam se afastar dos padrões recomendados pelas FMs. Carly Simon está confortavelmente instalada na tradição da canção popular americana, com suas melodias previsíveis e bem produzidinhas, e a obrigatória versão de "As Time Goes By" (com direito a um solo de gaita de Stevie Wonder). Não incomoda. Mas, para o *frisson* da novidade, fico com Suzanne Vega. *J.Y.N.*

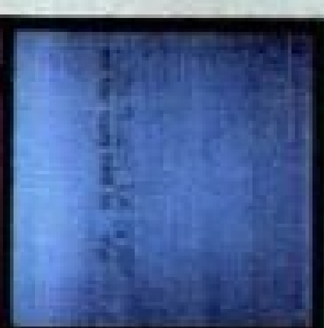


RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIR

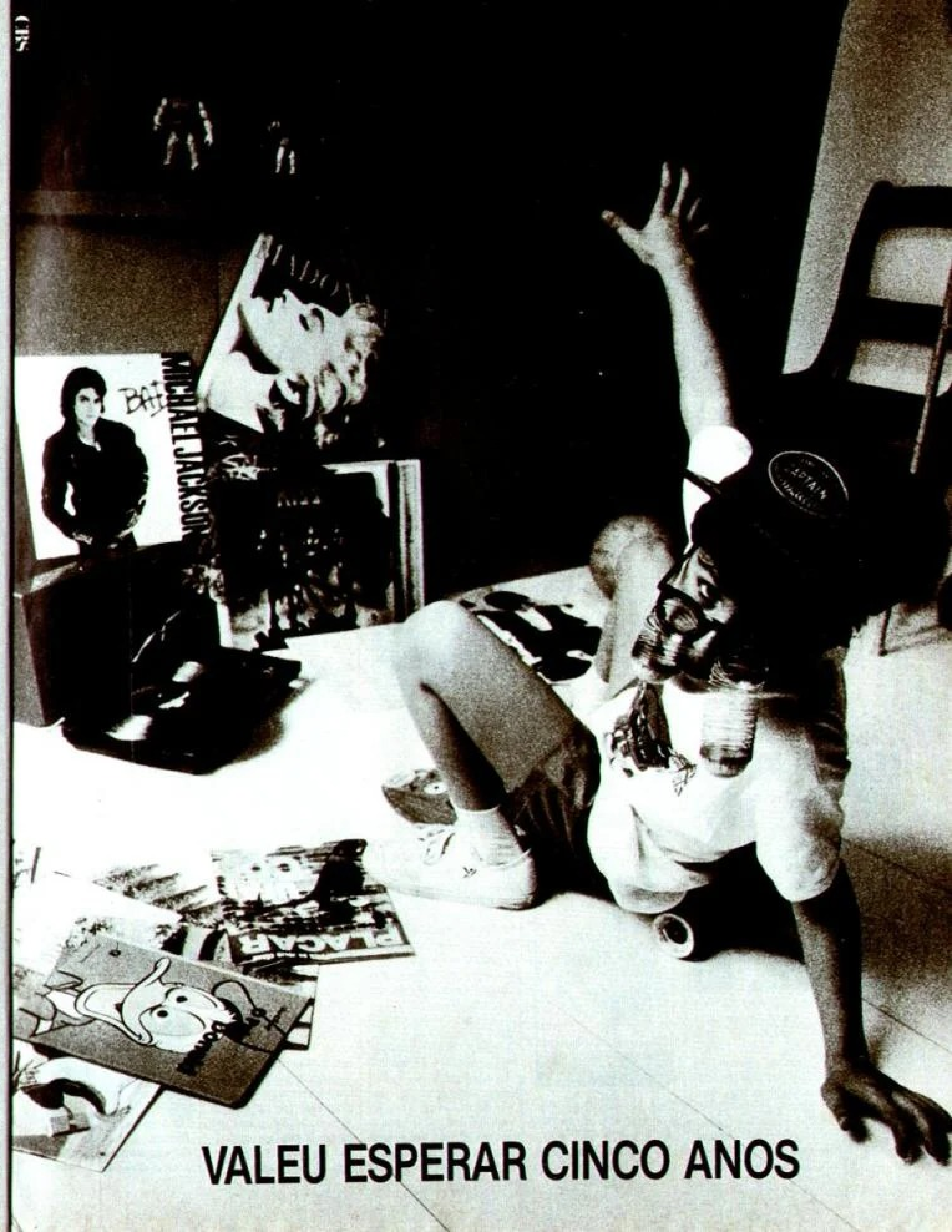
Em uma livre adaptacão do samba em que Bezerra da Silva canta que o seu nariz não é forno de padaria, seria oportuno mandar um recado às gravadoras avisando que nossos ouvidos não são vasos sanitários. Mesmo em tempos de crise, autênticos desperdícios de vinil são despejados aos baldes no mercado discográfico, num esquema que substitui a qualidade pela quantidade. A única conseqüência desses lançamentos será criar um pouco mais de mofo nas prateleiras das lojas de discos. Este é o caso dos sete LPs na linha jazz-pop-soul que saíram pela WEA. Pouquíssima coisa se salva neles. Talvez apenas o vocal afinado e o *scat singing* de **Al Jarreau** no ao vivo **IN LONDON** e **LAST NITE** do guitarrista **Larry Carlton** (no qual se destacam duas músicas de Miles Davis). Já o ex-grupo de Carlton — o veterano **Crusaders** — não se dá bem no LP **THE GOOD AND THE BAD TIMES**, e acaba soando como uma caricatura de seu próprio e glorioso passado. O resto se inclui na categoria *baba de quiabo*: o horroroso **OBSESSION** de **Bob James; A CHANGE OF HEART**, que **David Sanborn** dedicou ao seu filho (coitadinho!); o comercialíssimo **A NICE PLACE TO BE** do saxofonista-soprano **George Howard** e **GOOD TIME FOR LOVE**, LP com **Sadao Watanabe** e seu insuportável sax-alto (que como brinde traz um encarte com uma utilíssima biografia de Sadao, totalmente escrita em japonês). Ainda na área do jazz — e do saxofone —, temos como exceção à mediocridade reinante **LITTLE BIG HORN** (CBS) de **Gerry Mulligan**, um disco enxuto com temas bem desenvolvidos pelo sax-barítono de Mulligan (que chega até a arriscar um vocal em "I Never Was a Young Man". O marasmo continua em **RIO** (CBS) de **Lee Ritenour**. Desta feita o "Capitão Dedos" pilota apenas o violão nas sete faixas recheadas de clichês de jazz e bossa nova do disco. Nem a presença de grandes músicos brasileiros como Luisão, Paulinho Braga, Chico Batera e Marçal consegue injetar energia neste pífio LP. No heavy metal também a situação está negra: **SAVE YOUR PRAYERS** (EMI-Odeon) é o segundo LP do **Waysted**, uma nova banda do ex-baixista do obscuro UFO, Pete Way. Este jovial londrino tem a cara dura de afirmar disparates como "com este novo LP, o Waysted provou ser um grupo com uma visão moderna do rock". Sem comentários... O **Raven** também parece se preocupar menos com seu heavy monocórdio do que com o *merchandising* das fábricas de instrumentos na contracapa do LP **LIFE'S A BITCH** (WEA). Finalmente, se você não gosta de vomitar, é melhor passar batido pela vozinha insossa de **Deniece Williams** em **WATER UNDER THE BRIDGE** (CBS) e o pop medonho de um grupo (?) chamado **Five Star** no LP **SILK & STEEL** (RCA). Xô!... Xô!...

C.P.

BOLSA DE DISCOS

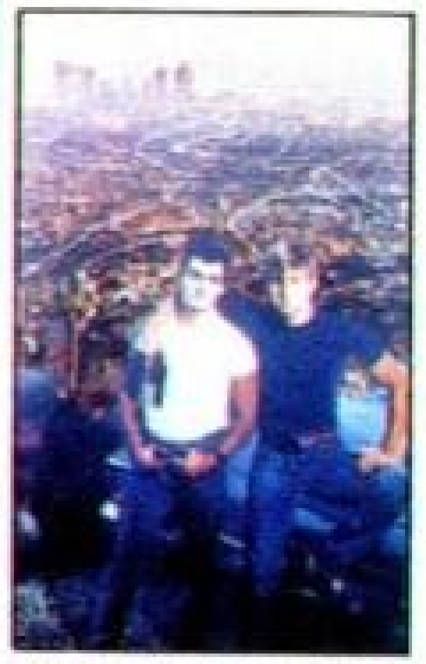
						
	LC Durutti Column (Eldorado)	VIOLETA DE OUTONO (Plug)	EL London Pavilion (Eldorado)	SOLITUDE STANDING Suzanne Vega (Polygram)	LICENSED TO ILL The Beastie Boys (CBS)	BROTHERHOOD New Order (WEA)
Carlos Arruda	Ótimo	Interessante	Razoável	Bom	Razoável	Ótimo
Alex Antunes	Ótimo	Razoável	Interessante	Bom	Lixo	Interessante
Jean-Yves de Neufville	Ótimo	Interessante	Ótimo	Bom	Interessante	Ótimo
Thomas Pappon	Bom	Interessante	Ótimo	Bom	Razoável	Ótimo
Bia Abramo	Ótimo	Interessante	Bom	Bom	Lixo	Ótimo
Celso Pucci	Ótimo	Razoável	Razoável	Bom	Lixo	Ótimo
Luís Antônio Giron	Ótimo	Interessante	Interessante	Ótimo	Interessante	Bom

Ótimo
Bom
Interessante
Razoável
Lixo



LANÇAMENTO

ÓDIO CEGO (The Boys Next Door, 1986)



Direção: Penelope Spheeris. Com Maxwell Caulfield, Charlie Sheen, Patti D'arbanville. Transvideo.

Roy Alston (Caulfield) e Bo Richards (Sheen), principais personagens de *Ódio Cego*, parecem terem sido inspirados em Dick e Perry, a duplas de adolescentes do livro *A Sangue Frio* de Truman Capote. São jovens aparentemente normais, mas com uma doentia propensão latente para a violência, que são levados por uma série de circunstâncias a praticarem atos cada vez mais brutais. A fúria sanguinária de Roy e a submissão e impotência de Boy diante dos instintos assassinos do amigo são apresentadas de forma ágil, mais por mérito do bom roteiro do que da direção quase amadora.

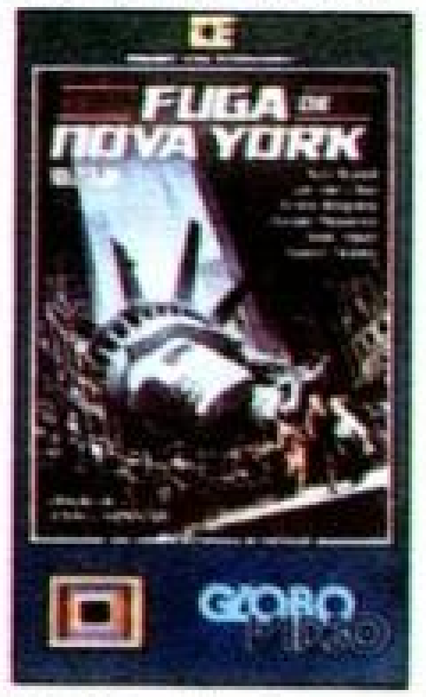
O ANO DO DRAGÃO (Year Of The Dragon, 1985)

América

Direção: Michael Cimino. Com Mickey Rourke, John Lone, Ariane, Leonard Termo, Ray Barry. América Vídeo.

A violência campeia por mais de duas horas nos bons e maus momentos desta superprodução irregular dirigida por Cimino (*O Franco Atirador*). Rourke não consegue convencer no papel de um policial durão, incorruptível e nitidamente fascista que envolve-se em uma luta sangrenta de gangs rivais da Máfia chinesa na Chinatown de Nova York. Em compensação, o ritmo veloz e o preciosismo visual que Cimino imprime ao filme — através de estonteantes seqüências e magníficas locações — domina a maior parte de *O Ano do Dragão*.

FUGA DE NOVA YORK (Escape From New York,1981)



Direção: John Carpenter. Com Kurt Russell, Lee Van Cleef, Ernest Borgnine, Isaac Hayes. Globovideo.

1997. Nova York transformou-se numa imensa prisão, totalmente cercada por muros intransponíveis e povoada apenas por criminosos psicopatas. É neste ambiente pouco aprazível que incidentalmente cai o avião do presidente dos EUA. O sentenciado Snake Plissken (Russell) parece ser o único que pode resgatá-lo deste inferno e vai tentar fazê-lo em troca de sua própria liberdade. Destaque para os efeitos especiais e o visual lixo-futurista.

SUPERHOMEM (Superman, 1940)

Produção de Animação: Estúdios Max e Dave Fleicher. DIV.

Em sete episódios animados, dos Estúdios de Max e Dave Fleicher, o Superhomem dos anos 40 defende os valores ocidentais. Neste belo desenho de cenas sombrias, traço cinematográfico e trilha impecável, o incrível forasteiro do planeta Kripton enfrenta sequestradores japoneses, imbatíveis kamikazes e implacáveis alemães na Segunda Grande Guerra. Mas não somente em questões militares, como também com a Ciência sem-cabeça, preocupa-se o homem de aço. Põe um cientista louco no seu devido lugar, desativa um telescópio magnético de benefícios duvidosos, captura um ladrão tecnológico, enfrenta uma múmia e ainda faz "bico" de repórter no jornal Planeta Diário. *W.S.*

COLHEITA AMARGA (Bittere Ernte, 1985)

Direção: Agnieszka Holland. Com: Armin Mülle-Stahl e Elizabeth Trissenaar. F.J. Lucas.

Uma fazenda polonesa. Um homem de 46 anos, Leon Wolny (Armim Mülle-Stahl), rude porém sensível. A Alemanha já havia ocupado a Polônia. Uma admirável judia escapa com seu marido de um trem que os levaria diretamente aos fornos. A fuga os separa. Ela, Rosa Eckert (Elizabeth Trissenaar), em choque e febril até os ossos, vai dar na fazenda de Wolny, que mesmo correndo perigo de morte, a acolhe no porão de sua sala. Começa um envolvimento terno e desajeitado. Ele passa a amar Rosa com o desespero de quem se agarra a uma tábua de salvação em meio a um maremoto. Ela, o repele, bem como ao mundo que a quer morta, mas cede por estar frágil e desamparada. A relação entre os dois oscila entre a morte para ambos ou ternura infinita. Um poema do amor impossível. *W.S.*

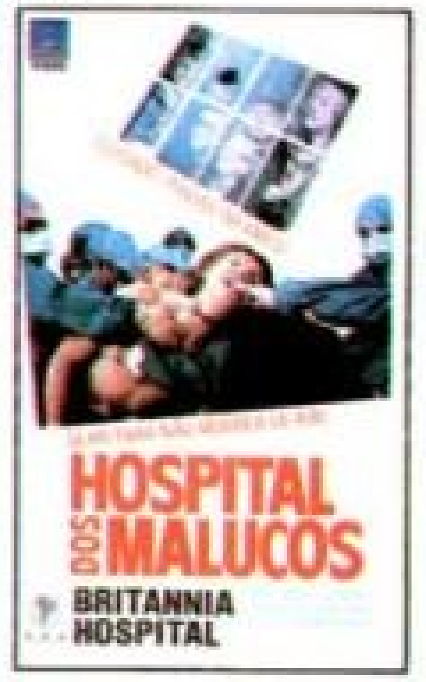
EU, CHRISTIANE F., 13 ANOS, DROGADA E PROSTITUIDA (Christiane F., 1981)

Direção: Ulrich Edel. Com Natja Brunkhorst, Thomas Haustein, Jens Kuphal, Reiner Wolk. F.J. Lucas.

Uma espécie de semi documentário supostamente baseado em fatos reais que narra a acelerada degradação da adolescente Christiane, que de uma sadia garota de família logo transforma-se numa *junkie* esverdeada e fantasmagórica, prostituindo-se por dinheiro para satisfazer o seu vício. O filme não esconde sua abordagem moralista do tema e a melhor coisa fica sendo a sequência em um concerto de David Bowie em Berlin.

COMÉDIA

HOSPITAL DOS MALUCOS (Britannia Hospital, 1982)



Direção: Lindsay Anderson. Com Leonard Rossiter, Graham Crowden, Malcolm McDowell. VTI.

Um hospital que convive com constantes greves e manifestações de seus funcionários. Um dos pacientes é um ex-ditador africano com todo seu séquito. Um dos médicos tem estranhos métodos de fazer transplantes e uma criação secreta. E esta instituição vai ser visitada pela própria rainha da Inglaterra. Estes foram os elementos usados por Anderson em sua sátira infame, porém corrosiva da situação vivida pela sociedade britânica. De quebra, McDowell (em seu terceiro trabalho com o diretor) vivendo um caçador de notícias sensacionalistas.

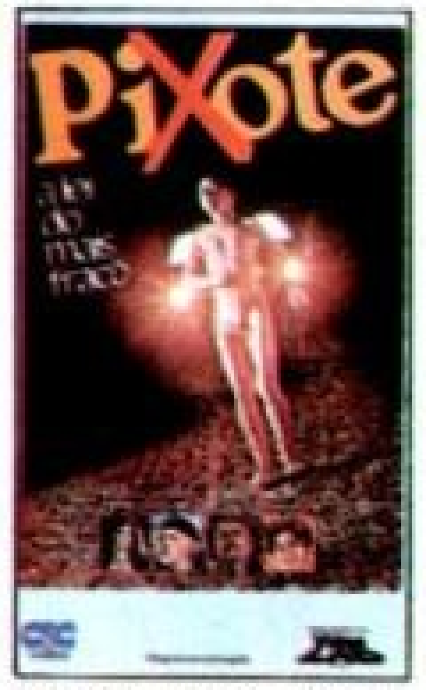
UM DIA DOS DIABOS (Une Journée Bien Remplie, 1973)

Direção: Jean Louis Trintignant. Com Jacques Dufilho, Luce Marquand, André Falcon, Vittorio Caproli. VCB.

O filme já começa com um assassinato. Haverão mais oito, todos de forma inusitada e elaboração minuciosa. Um humor negro e absurdo e a tônica desta estréia do ator Trintignant na direção. Certo dia um padeiro (Dufilho) acorda de manhã e sai com sua moto (e sua mãe no *side car*) com uma obstinada missão: matar ôs nove jurados que condenaram o seu filho à morte. À medida que a policia vai descobrindo seus métodos, os assassinatos vão se tornando cada vez mais complicados, até culminarem no final inesperado.

POLICIAL

PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO (1980)



Direção: Hector Babenco. Com Fernando Ramos Silva, Marília Pêra, Jardel Filho, Rubens de Falco, Beatriz Segall. CIC.

Morto pela polícia em uma tentativa de assalto no mês passado, Fernando Ramos Silva — levado por sua situação de miséria — estava encarnando na vida real uma extensão da personagem que fez no cinema, aos doze anos de idade. A trajetória criminal do garoto abandonado Pixote pelo submundo das casas de correção de menores, dos assaltos e tráfico de drogas, é filmada de maneira crua e direta por Babenco, que conta ainda com o desempenho brilhante de Marília Pêra, no papel da prostituta que protege Pixote.

MUSICAL

ERIC CLAPTON AO VIVO (Eric Clapton on Whistle Test, 1977)

Direção: Tom Corcoran. Com Eric Clapton e banda. Network.

Este vídeo foi feito no auditório da BBC para um programa da TV britânica. Nele vamos encontrar o *slowhand* Clapton em uma fase mais contida, longe do som pesado e dos longos solos que caracterizavam sua guitarra nos anos 60. A maioria das músicas são dos discos *461 Ocean Boulevard* (74) e *E. C. was Here* (75): canções como "I Shot the Sheriff", de Bob Marley e "Sign Language", parceria de Clapton com Dylan, nas quais Eric coloca tanto a guitarra como o violão de maneira discreta, porém eficiente. E há ainda recriações de "Can't Find My Way Home" (de Steve Winwood), na voz de Yvonne Elliman e "Knockin' On Heaven's Door (de Dylan), entre outras.

DRAMA

MINHA TERRA, MINHA VIDA (**Country,** 1984)

Sipa Press

Direção: Richard Pearce. Com Jessica Lange, Sam Shepard, Wilford Brimley, Matt Clark.

A família Ivy tenta assegurar a posse de sua fazenda, que está prestes a perder para a burocracia governamental norte-americana, após uma mudança de sua política de empréstimo aos agricultores. Com a integridade de seus próprios familiares ameaçada pelos problemas financeiros, a forte e resoluta Jewell Ivy (Lange) consegue reunir outros fazendeiros na mesma situação, para juntos lutarem pelas suas respectivas propriedades.

As resenhas não assinadas são de Celso Pucci.
Os vídeos foram cedidos pelas locadoras 2001 Vídeo (284-8019/8788) e Rentacom (826-4399) São Paulo.

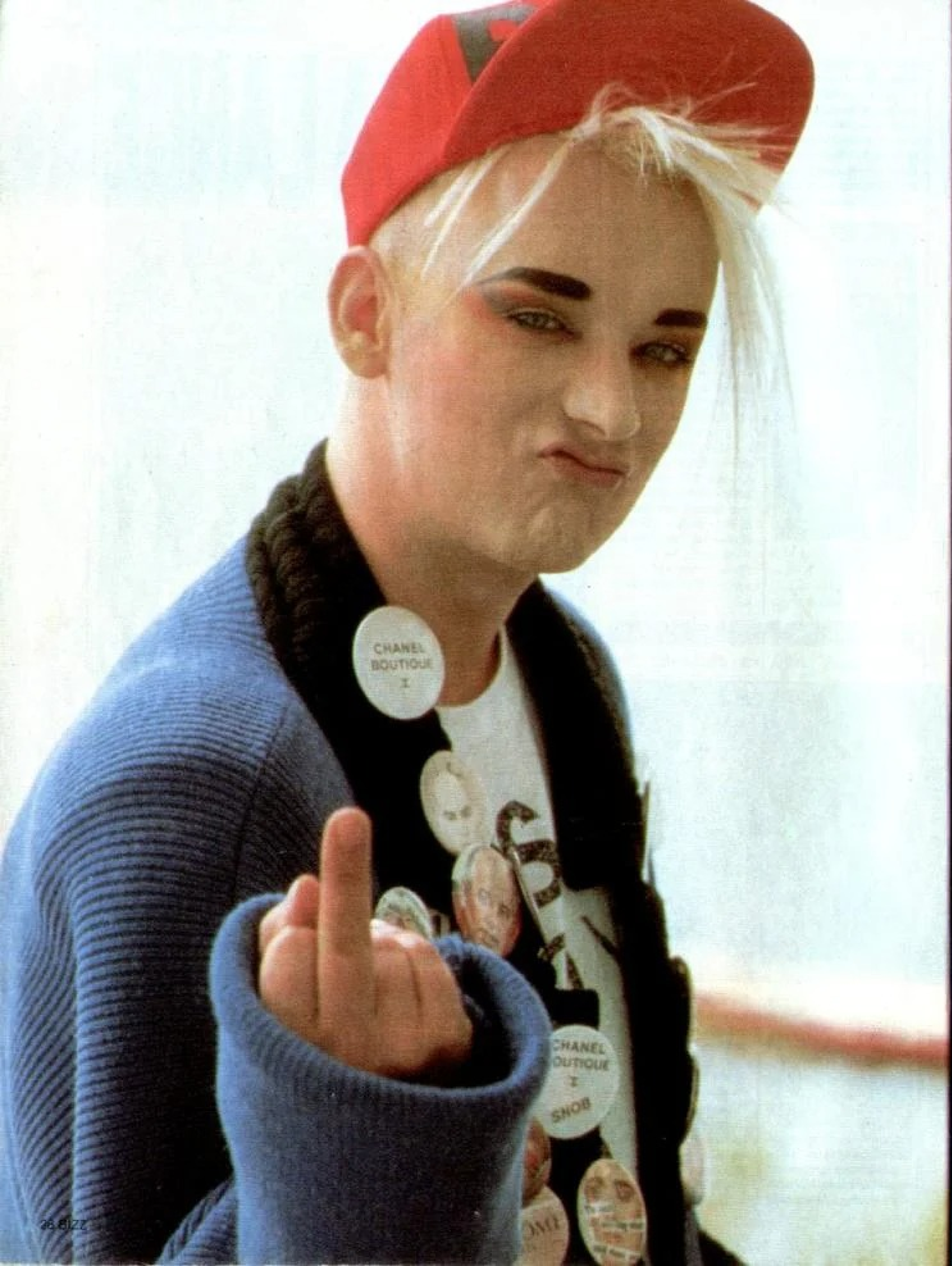
JESSICA LANGE

UPI

A garotinha sonhadora, fascinada por contos de fada e dramas como *E o vento levou* — nos quais imaginava fazer vários papéis diferentes ao mesmo tempo — levou muito tempo para ter seu talento reconhecido. Sua estréia cinematográfica ocorreu apenas em *King Kong* (76), quando foi escolhida pelo produtor Dino de Lauretiis para ser a bela paixão da fera na refilmagem do clássico de 33. Até então ela era considerada apenas uma bonita modêlo com pretensões de se tornar atriz. Mas a verdade sobre Jessie é bem outra: nascida em 20/4/49 em Cloquet, Minnesota, já na adolescência ela começa a se envolver em atividades teatrais. Na universidade frequenta o curso de Arte onde conhece Paco Grande, um fotógrafo espanhol, com quem se casa. Jessie abandona o curso e o casal parte para uma viagem através dos EUA a bordo de um *truck* por vários meses e visitam Paris em 68. De volta, ela ainda vive algum tempo com Paco e retorna a Paris, sozinha, em 71. Lá Jessie estuda mímica com Etienne DeCroux (professor de Marcel Marceau) e chega a dançar no *Ópera Comique*. De novo em Nova York ela trabalha como garçonete e modêlo até sua estréia em *King Kong*. De certa forma seu papel no filme estigmatizou o início de sua carreira e ela fica mais de dois anos sem filmar, até retornar em *All That Jazz - O show deve continuar*, em 79. Daí em diante Jessie acumula uma série de grandes atuações que culmina em 82, quando é nomeada para dois Oscars no mesmo ano (o que não ocorria desde 1943): por *Tootsie* (ganhando como melhor atriz coadjuvante) e *Frances*. Apesar de todo o sucesso, Jessie prefere manter a privacidade em sua vida ao lado do ator e dramaturgo Sam Shepard, do filho Samuel (nascido em junho último) e de Shura (de seis anos), sua filha com o bailarino Mikhail Baryshnikov.

Celso Pucci

FILMOGRAFIA COMPLETA (todos os filmes estão disponíveis em vídeo): *King Kong* (76), All That Jazz — O Show Deve Continuar (All That Jazz, 79), *How to Beat the High Cost of Living* (80), O Destino Baté à Sua Porta (The Postman Always Rings Twice, 81), *Tootsie* (82), *Frances* (82), *Minha Terra, Minha Vida*, (também como co-produtora, *Country*, 84) *Um Sonho, Uma Lenda (Sweet Dreams*, 85), *Crimes do Coração (Crimes of The Heart*, 86).



BOY GEORGE

LEVANTA, SACODE A POEIRA...

Do topo da fama ao fundo do poço, foi uma queda irresistível. O rumoroso caso da heroína: a pressão da imprensa sensacionalista; os amigos, irmãos, amantes e parceiros trocando acusações e morrendo em volta... Corta. Um ano depois, o Boy conta para Eva Joory como, do fundo do poço ao auge (atestada pelo LP Soid) soube achar o caminho de volta

BIZZ — *Como você se sente com esse retorno?*

Boy George — Quando decidi gravar "Everything I Own", o que aconteceu foi que a gravadora não estava muito a meu favor, achando que eu tinha chegado ao fim, e isso foi devido à imprensa, que não parou de causar tumulto em torno do meu caso, com mentiras absurdas a meu respeito. Na época, eu estava tentando me curar fora de Londres e, obviamente, essa atitude não me ajudou. Fui preso por causa da imprensa, que foi a primeira a me condenar. Foi então que eu decidi gravar o novo LP lentamente e comecei com "Everything I Own". Daí a gravadora me perguntou se eu achava que tinha possibilidade de voltar a cantar. Respondi que o fato de eu estar ali querendo trabalhar era prova suficiente e que, se não me dessem o apoio necessário, podiam rescindir o meu contrato. Depois disso foram fabulosos. Voltei a dar entrevistas e foi estranho: depois de ser considerado um megastar, a única coisa que a imprensa queria saber era a razão da minha volta e se eu achava que ainda tinha algo a oferecer. Foi isso que me trouxe de volta, ter acreditado e acreditar ainda que tenho muito a oferecer. E foi graças ao amor e a força que recebi de certas pessoas. O resto que se dane, não quero vingança, só quero saber de restabelecer minha carreira. Tem muita gente cínica que me

crítica e vai sempre me criticar. Quando meu LP foi lançado ·quei bastante nervoso, mas "Everything I Own" foi n.º 1 nas paradas e foi um alívio para mim. Não no sentido de ter provado algo aos outros, mas pelo fato de a gravadora me dar uma chance. Fiquei feliz.

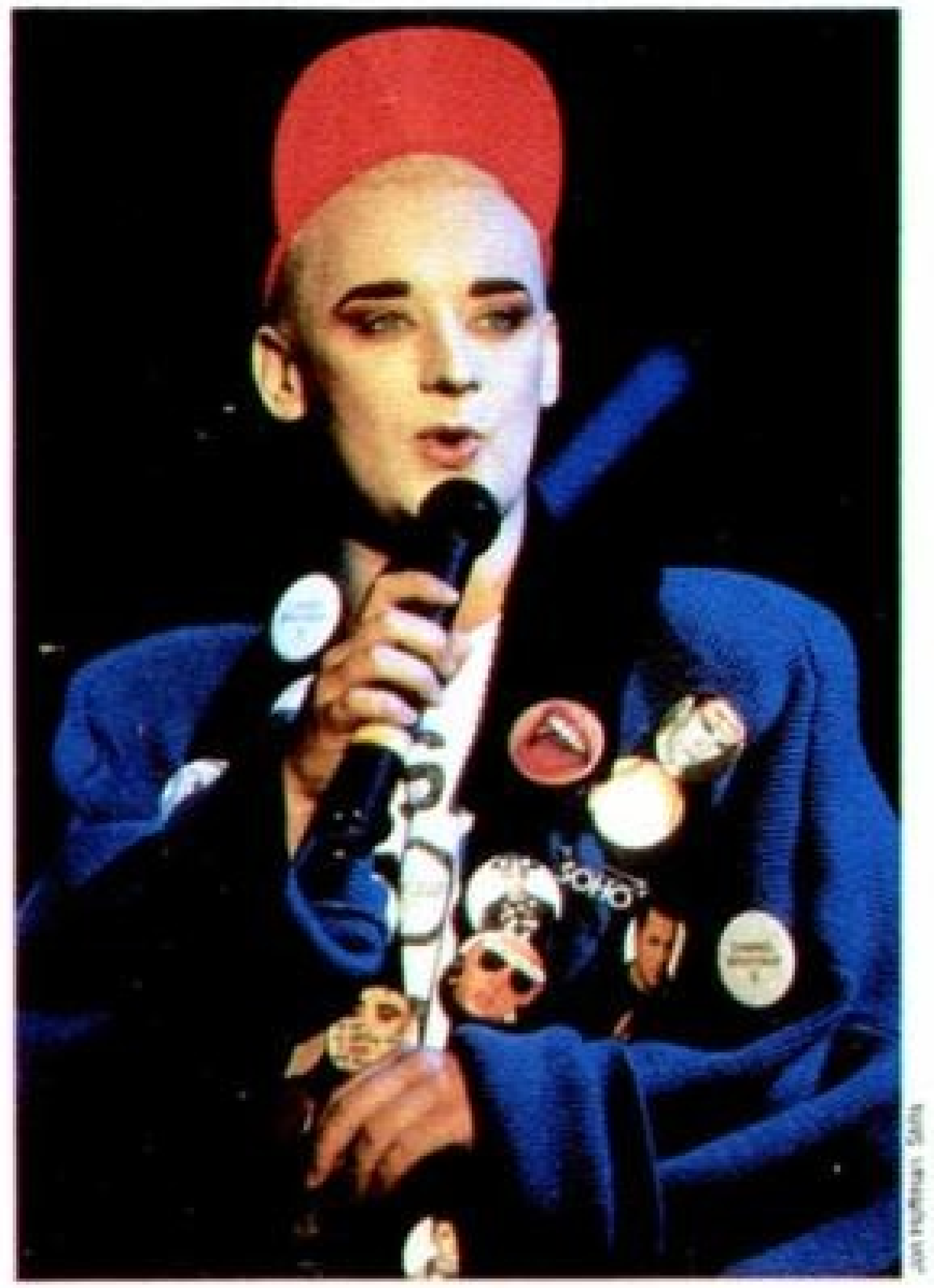
BIZZ — *Os jornais não te ajudaram em nada nesse recomeço?*

Boy George — Aqui é assim, os jornalistas só querem saber de escândalo ou destruir alguém e quase conseguiram comigo. O mais triste para uma pessoa viciada em drogas é a solidão e o isolamento, não ter ninguém para ajudar.

BIZZ — *Como foi o seu processo de recuperação?*

Boy George — No meu caso achei que fosse morrer realmente, mas também não tinha muita razão para viver, devido a tantas atitudes negativas a meu respeito. Mas o tempo cura tudo. É importante receber ajuda dos médicos, falar de como você se sente, chorar, enfim, botar para fora todas as suas ansiedades. O tempo ajuda, mas é impossível esquecer. Perdi dois grandes amigos, o que nunca tinha acontecido comigo, e fiquei com pena de mim mesmo de estar nesse estado. Agora estou me sentindo mais positivo e melhor a cada dia; minha imaginação voltou, meu humor voltou, eram coisas que me faziam muita falta como ser humano. Sinto que ainda tenho muito para oferecer e que contribuí muito para a música, mesmo se foi por pouco tempo. Em todo caso, me considero mais um *entertainer* do que músico. Isso envolve como me visto, as coisas que digo etc. Sempre fui muito honesto, o que não dá certo nesse meio. E se isso significa ter as pessoas contra você, então essas pessoas não valem a pena. Por exemplo, nos EUA, estou tendo problemas com meu LP, que, apesar de boas críticas, não está sendo tocado nas rádios. Esse falso moralismo me irrita e acho esse tipo de gente nojenta. Não sou uma pessoa muito religiosa, mas acredito em Deus e desde pequeno aprendi que Deus sabe perdoar. Esses pseudocristãos não sabem e não querem perdoar, são cruéis. Meus fãs, por outro lado, têm sido sensacionais, recebo apoio de todas as partes do mundo. A mais importante contribuição que vou poder dar aos viciados é me restabelecer perante o mundo e poder dizer: "Passei pelos piores momentos da minha vida e não desejo esse inferno para ninguém". Aprendi coisas através dessa experiência, mas honestamente não acho que seja algo necessário para as pessoas. É uma realidade alternativa, mas é uma péssima realidade. Não tenho explicações de como comecei com isso, certamente não foi por causa do Culture Club ou de Jon Moss. Se tivesse a resposta, eu seria uma *pessoa* muito mais feliz.

"Estou melhor a cada dia; minha imaginação e meu humor voltaram"



BIZZ — *Você descobriu nessa época quem eram os seus verdadeiros amigos e seus inimigos?*

Boy George — Não tenho inimigos, porque não vale a pena, só servem para tornar os outros infelizes, é muita força negativa. Ainda tenho consideração por pessoas como Marilyn, mas prefiro ficar afastado, não é o tipo de pessoa de que preciso em minha vida. Tenho poucos amigos e minha família foi quem me ajudou muito sem pedir nada em troca. Descobri que eles me amam muito e são sinceros. Quando precisei de ajuda recorri a eles, porque não tinha mais ninguém e ninguém se importava comigo. Precisava de conforto e não de receber ordens. Meu pai ainda mora comigo, algo que eu achava impossível na minha adolescência. Eu não queria ser nem pensar como ele. Hoje em dia penso diferente e gostaria de ter algumas de suas qualidades.

BIZZ — *Sucesso ainda é muito importante para você?*

Boy George — É importante para qualquer pessoa nesse meio, seria falso afirmar o contrário. Mas não sou viciado em fama e sucesso. Adoro música e adoro cantar. Foi emocionante voltar ao estúdio, há três meses, para voltar a cantar. Nesse meio se trabalha por dinheiro ou por prazer — o que é o meu caso. Adoro o que faço, acho que é um privilégio poder cantar. Adoro não ter que acordar às seis para fazer exercícios, como a Madonna, para poder usar todas aquelas roupas apertadas. Acho que o que faço é mais importante que o resto. Claro que me preocupo com meu visual — sempre me importei —, mas não a esse ponto. Foi o Culture Club que invadiu os EUA com uma nova maneira de vestir; naquela época não havia nem Madonna, nem Prince nem Cyndi Lauper. A aparência é muito importante hoje em dia numa banda. Até pro U2, onde Bono, sem dúvida, quer ser Jim Morrison.

BIZZ — *Como ficou o Culture Club?*

Boy George — Há uma possibilidade de voltarmos a tocar juntos. Estou trabalhando com Roy Hay como meu produtor em faixas como "The State of Love" e "Are You Afraid". Ele é um excelente produtor e foi ótimo trabalhar com ele.

BIZZ — *E a relação com os outros membros do Culture Club?*

Boy George — Com Roy sempre foi boa. Mas não vejo Mick há muito tempo. Eu era mais ligado a Jon, e tudo se tornou muito tenso. Nos insultamos através dos jornais, é claro, os jornalistas adoram fazer fofocas com nosso caso. Mas agora isso acabou. Tudo isso não vale a pena. Estava fazendo o jogo dos jornalistas. Na música "Wip Wip Wip" coloquei tudo que achava da nossa relação. Todas as minhas letras são de experiências pessoais ou verdadeiras, nesse álbum "Little Ghost" e "Keep Me in Mind" são sobre as minhas experiências com drogas e sobre o que aconteceu. Falo das mais básicas emoções humanas com muita honestidade. Aí sou criticado pelas bandas *gay*, que acham que eu não defendo o homossexualismo. Mas te digo uma coisa, o meu jeito de ser e me vestir é a maior prova e sempre foi. Não tenho vergonha de ser homossexual, nunca tive e nunca terei. Foi uma escolha; quando eu era adolescente, tive muitas namoradas, mas agora não escondo minhas preferências. Fui influenciado por Gladys Knight, que adorava quando jovem; música para mim é uma linguagem universal e me ajuda a viver. Gosto de tudo e não quero ser Prince ou Madonna, nem copiar ninguém; só quero poder incorporar tudo que ouço ao que faço. Minhas letras ficaram bastante sarcásticas, como, por exemplo, "Next Time", então achei necessário dar outra entonação. Por isso meus vocais ficaram diferentes. Não gosto do rótulo de "cantor de soul branco". Posso cantar de tudo, rock'n'roll e heavy metal, mesmo não sendo melhor que Bon Jovi. Em todos os meus álbuns tentei fazer coisas diferentes.

"É difícil crescer em público e ver tudo o que se faz criticado e posto em evidência"

BIZZ — *Como você prefere cantar?*

Boy George — Sozinho numa sala com piano. No LP, o que foi sensacional foi que cantei só, com todos os arranjos preparados, e participei da seleção das músicas. A banda era composta só por gente nova, ninguém famoso, e foi fabuloso. Só fiz uma balada, "To Be Reborn", com Lamont Lozie, da Motown. Até o final do ano vou preparar um novo álbum solo, e em janeiro começo uma turnê pela Europa e outros países que me aceitarem.

BIZZ — *Como você chegou ao budismo?*

Boy George — Através de amigos. Quando estava muito doente, um amigo meu me aconselhou. Achei uma coisa meio hippie, mas durante o tratamento fiquei frustrado e acabei indo numa reunião budista onde as pessoas cantam "Nam Myoho". Era um tempo em que eu precisava ficar sozinho comigo, ninguém podia me ajudar. Naquele dia meu amigo Mark tinha morrido e eu estava me sentindo péssimo. Cantei "Nam Myoho" na reunião — me senti um pouco ridículo cantando aquilo — e chorei a noite toda. Foi muito bom, me senti melhor, pois era o melhor lugar para chorar. As pessoas também foram ótimas, algumas tinham passado por experiências piores que a minha e elas me deram bastante força. É preciso ter um pouco de disciplina; agora canto de manhã e de noite.

BIZZ — *Você voltou a ser o Boy George do começo, de anos atrás?*

Boy George — Agora sim. Posso dizer que tinha virado uma assombração, um joão-ninguém, devido às drogas. Mas agora voltei a ser o mesmo, com certas experiências a mais.

BIZZ — *Como foi o começo da sua carreira? O sucesso foi fácil?*

Boy George — Não. Tivemos dois álbuns que não venderam muito. Mas comparado a outros artistas foi bem rápido. Em todo caso, a indústria musical agora é bem rápida em conseguir fabricar e destruir os artistas.

BIZZ — *Contente com o resultado do novo LP?*

Boy George — Sim, bastante, mas sempre tento melhorar o que faço. Sou um artista bastante consciente. As pessoas acham que esse trabalho é fácil. Não é; é difícil crescer em público e ver tudo o que se faz criticado e posto em evidência. Minha atitude para com a música e a arte, em geral, é que, se for agradável aos ouvidos ou aos olhos, vale a pena. Não gosto da arrogância de certos músicos. Passei por isso e sei que é muito chato.

BIZZ — *Fora seu envolvimento com drogas, você se arrependeu de algo na sua carreira?*

Boy George — Não, sempre tive muita sorte, tirando minha última experiência. Se tudo acabasse amanhã, só teria boas recordações. Mas estou determinado a não deixar que se acabe.

BIZZ — *Você é feliz agora?*

Boy George — Sim, muito mais do que estava no ano passado.

BIZZ — *Quais as ambições para o futuro?*

Boy George — Ser mais profundo com minha música e me abrir para outros assuntos. Gosto de me expressar de maneira diferente, experimentar novas coisas como artista e ir a países a que nunca fui.

BIZZ — *Você agora está livre do julgamento?*

Boy George — Estão me processando nos EUA pela morte de Mark, mas é um assunto em que não quero tocar. Só posso dizer que estou processando em contrapartida várias pessoas e jornais em £50 milhões. Se não me defender agora, eles vão vencer e eles não têm esse direito, porque eu sei que não sou culpado.

BIZZ — *Qual a coisa mais importante para você, agora?*

Boy George — Estar vivo.

Eva Joory

CAPITAL INICIAL

R O E N D O A C O R D A

De Brasília até a consagração, o grupo passou por tortuosos caminhos. Muitos perguntam como eles conseguiram chegar lá. Nesta entrevista, recheada de discussões, eles rugem... de dentro da boca do leão. Sônia Maia estala o chicote

Por que o Capital Inicial ultrapassou as expectativas do mercado? Pelo *sex appeal* do Dinho? Porque eles tocaram na novela do Tarcísio Meira? Porque fazem um som brega, ou muito bom? Nenhuma das anteriores ou todas acima? A verdade é que essas questões devem estar mordendo as orelhas dos patrões do mercado fonográfico nacional. E elas não dizem respeito só ao Capital. Estendem-se, antes, a toda música jovem na qual as gravadoras apostaram e não deu certo... E a que deu certo sem nenhum lance de aposta.

O Capital pertence a esta última leva. Congelados durante o ano de 85 e metade de 86 pela CBS, eles pastaram, mesmo, até conseguir chegar à Polygram. Esta, por sua vez, não imaginava que os frutos colhidos teriam o peso do ouro. Isso mostra, antes de mais nada, que os critérios do público jovem consumidor são completamente ignorados pelo mercado, que insiste em ditar regras cada vez menos digeridas pelo ouvinte.

O LP *Independência*, recém-lançado estrategicamente no dia 7 de setembro, vem mais seguro e com todo aprendizado que uma estrada cheia de cascalho pode oferecer. Outro dado fundamental para a sedimentação do trabalho do grupo foi a entrada definitiva do tecladista e produtor Bozo, o único integrante do Capital "letrado" em música. "À exceção dele, todos nós somos autodidatas", avalia Dinho.

Quem já é fã do Capital ficará orgulhoso com o cuidado e carinho dedicados a essa produção. Quem não é, que fique com essa substanciosa entrevista.

BIZZ — *Vocês não se dizem mais uma "banda de Brasília" — não tem mais aquela coisa que era dita no início de todos os shows: "Nós somos o Capital Inicial, de Brasília".*

Fê — Não, não somos.

Flávio — Afinal a gente mora aqui *(São Paulo)* há dois anos e meio.

Fê — Entrou um paulista na banda.

Dinho — O fato da gente não falar mais que é de Brasília não nega tudo que passamos. Achamos que foi superimportante, temos mil amigos lá. Mas hoje nos consideramos uma banda brasileira. Tocamos de Norte a Sul.

Flávio — Brasília teve uma importância no primeiro disco; a maioria das músicas foi composta lá.

Fê — E interessava para a gente ser conhecido como uma banda de Brasília. Dava uma certa identidade ao Capital.

Flávio — Tinha uma vantagem, porque éramos aceitos tanto em São Paulo como no Rio. Tinha aquela rixa entre as bandas paulistas e cariocas e a gente era neutro *(risos)*.

Fê — Agora, falando do outro lado, era uma jogada publicitária, também. Pô, o rock de Brasília foi bem falado na imprensa. Era um gancho...

BIZZ — *E como fica o nome da banda, então? Nessa história toda, muita gente associou Capital com Brasília.*

Loro — Sempre foi um nome ligado à coisa de não ter dinheiro. O investimento da gente foi justamente o Capital Inicial, que éramos nós quatro... agora somos cinco. Acho que a maioria das pessoas até sente dessa forma, mas nunca foi desse jeito. Se teve esse duplo sentido, foi uma puta coincidência... *Dona Laura Vai às Compras*. Eu queria colocar esse nome.

Fê — Era uma seção no *Jornal de Brasília* e quase foi o nome do Capital. Hoje em dia, atualizado, ficaria: *Os Esqueletos do Balaco*.

BIZZ — *Vocês acolheram a música como forma de expressão artística, certo?*

Todos — Certo!

BIZZ — *Na opinião de vocês, quais os ingredientes fundamentais para que a música se expresse como arte?*

Dinho — Sentimento.

Loro — Criatividade.
Bozo — Acho necessário espontaneidade. Você fazer algo que se diferencie desses caras que são pura mídia.
Dinho — Mas eu acho que eles também têm um valor artístico... Pergunta foda! Não sei o que te leva, cara. O que te leva a compor?
Loro — Tesão.
Dinho — Acho que o que move a pessoa a compor é irrelevante. Para que alguma coisa tenha respaldo como arte, basta que alguém goste. Se for bem-feito, tem mérito.
Bozo — Só o fato de uma pessoa gostar já é caracterizado como arte para você?
Dinho — Acho que sim, cara. Então você acha que algumas formas de arte têm mais mérito que outras? Então a gente faz uma arte menor porque fazemos rock?
Todos — Não, não...
Bozo — Acho que o limiar da coisa é se é arte ou não. Não se é maior ou menor.
Fé — E o que a arte não é?
Dinho — Como a gente pode avaliar a espontaneidade? Eu posso mentir. Posso fazer algo por dinheiro e dizer que foi espontâneo. Como você vai saber?
BIZZ — *Boa pergunta.*
Fé — No punk, por exemplo. Como você vai saber a diferença entre aquela banda que viveu lá, pobre etc., e a outra...
BIZZ — *Vocês acham que não dá para diferenciar?*
Bozo — Acho que dá.
Dinho — Dizer que o Generation X fez tudo aquilo por dinheiro e o Billy Idol é um bundão... Pô, acho que tem tanto mérito quanto o Rotten!
Fé — Não, quanto o Rotten não.
Loro — Por que não?
Fé — Porque ele é o máximo. Às vezes não dá para diferenciar muito. Mas que é importante é. Porque ele *(John Lydon)* é o máximo. *(risos gerais).*
BIZZ — *A vida continua maltratando vocês?*
Dinho — Não, nunca maltratou. Isso é uma piada. Também nunca matei meus pais. Não rasgo a roupa da empregada, não quebro janelas...
Fé — Essa coisa das pessoas dizerem que você tem de viver sua obra, que ela tem de ser o retrato de sua vida... Isso eram os românticos do século dezenove, que morriam de tuberculose para poder compor. Grandes babacas! Hoje não existe mais isso. Você, como artista, compositor, poeta, fala o que te der na telha. Faz piadas, cria situações ou até relata suas experiências. Não tem de ter, necessariamente, uma relação com sua vida. Não é isso que vai definir se a música é boa ou ruim. Ou é um trabalho íntegro, ou não é.
BIZZ — *Muitos dizem que o rock está numa fase de entressafra. Para vocês, o que ele significou, o que ele significa e o que ele pode vir a significar?*
Loro — Falando de rock, a nível de Brasil. Estão rolando coisas de fora *dentro* do Brasil. Está muito profissional. As bandas que fazem rock hoje, aqui, vão ter de soltar a franga... Antes não tinha essa concorrência, nem esse espaço que tem agora — a oportunidade de ver uma banda de fora, boa ou ruim... O rock, atualmente, se tornou uma profissão, entendeu? E a gente tem de rebolar muito para fazer uma coisa superfera porque tem público pagando ingresso e entrando em shows do Cure, Lydon...
BIZZ — *E o que é preciso para que a moçada iguale o nível dessa concorrência internacional?*
Loro — Fazer com tesão, acreditar no trabalho que está fazendo, acreditar neste Brasil imenso que é superlegal — nas coisas da terra... Porque aqui tem muita coisa legal que as pessoas estão esquecendo. Ontem nós fomos ver o PIL, John Lydon... Tinha três, quatro mil pessoas e acho que metade não entendia o que o cara representava e o que ele estava dizendo. Eu fui porque sou um fã. Hoje em dia eu toco por causa dele. Eu gostava de Sex Pistols e eles foram um grande incentivo para eu começar... A gente fica reclamando, ou abre uma revista brasileira e vê o músico brasileiro reclamando do público ou então uma puta rixa entre uma banda e outra... Isso tudo não está colando mais porque o público agora tem uma facilidade tremenda de ir para um show no Anhembi e assistir a um Miles Davis. Acho que temos de parar de ter rixinha idiota e nos preocuparmos mais com nosso trabalho.
Dinho — Voltando ao assunto lá do rock, acho que a gente está vivendo uma época superprivilegiada para a música pop. Não existe uma corrente predominante, partido único, como existia e foi justamente o que o punk, o Rotten, demoliu. Hoje existem zilhares de tendências e o que quer que você faça, por mais inovador que seja, jamais vai derrubar outros estilos... Isso é um privilégio... você pode levar sua música para on-

O Capital Inicial, no extinto Rádio Clube (SP) — primeiros passos sobre ovos...

> *"Viver sua obra, fazer dela o retrato de sua vida... Isso era coisa dos românticos do século dezenove, que morriam de tuberculose para poder compor. Grandes babacas!"*

de você quiser.

Bozo — Isso está espelhado nesse LP que a gente está fazendo. Essa coisa de não ter diretriz. A gente sente que o grupo tem uma coisa supermisturada, fusão de um monte de elementos, do tribal ao rock puro.

Fê — Esse é o caminho, também — saídas para o rock'n'roll. "Rio Nilo" é uma experiência, é uma fusão. A gente regravou a música porque sabíamos que ela ia voltar. Tinha de voltar. No primeiro compacto (que continha a música), ninguém entendeu, não tocou. Neste segundo LP tem muito essa mistura com elementos brasileiros que é uma das coisas que eu acho mais legais. Eu sinto que quero continuar nesse caminho. Acho que uma das posições privilegiadas do Brasil é essa — a gente tem o rock, mas também temos uma coisa que é só daqui, que está ao nosso alcance mais que para qualquer Peter Gabriel da vida. Eles não usam a música folclórica deles porque é muito chata. Não tem esse suingue da nossa.

Dinho — Acho que o segredo do rock no futuro é esse: assimilar um pouco as músicas folclóricas de cada região. E acabar com essa predominância norte-americana.

BIZZ — *Alguns grupos com os quais eu converso, principalmente aqueles que têm uma coisa de rock mais arraigada, energética, reclamam que, hoje em dia, estão confundindo rock com pop. O que vocês acham disso?*

Fê — Têm algumas pessoas que acham que rock é só aquela coisa visceral, da guitarra mais pesada... Esses caras vêem este universo muito fechado. Para eles seria até interessante que o rock fosse só isso, e o resto pop. Então o Capital é um grupo pop. Não tem nada a ver! A gente se sente na total liberdade de fazer uma coisa mais pesada e outra hora fazer uma coisa mais leve. E não somos pop, desprezível...

BIZZ — *Mas pop não é uma palavra, em si, pejorativa...*

Fê — Mas dá a entender. Dá a idéia de uma coisa mais levezinha, dirigida ao grande público.

Dinho — Rock e pop englobam tudo. Depois vêm as subdivisões. É como falar de humanos. Aí você subdivide em brancos, negros, chineses...

BIZZ — *Vocês têm algum plano especial daqui pra frente?*

Dinho — A gente queria tocar fora do Brasil. Não tem nada armado, são apenas suposições vagas. Mas, pô, o RPM foi tocar no Peru e eu acharia legal que a gente pudesse tocar no resto da América Latina ou em países latinos da Europa. Conhecemos muitas bandas desses países — espanholas, muitas portuguesas... — e estamos à altura desses caras, na boa. Acho que o Capital é uma das poucas bandas que gosta do rock nacional. Gostamos da Plebe, do Ira!, Titãs, Legião... Achamos que estas bandas são melhores que muitas lá de fora... Sinceramente, ouço Legião com o mesmo prazer que ouço Smiths ou outras coisas. Acho que o rock brasileiro todo ano se supera. Por isso que eu fico meio assim com a crítica. Em termos de música popular brasileira é o que tem sido feito de melhor ultimamente. Acho que o Legião vai lançar um puta disco, o RPM também...

BIZZ — *Abriram um espaço maior para essa música jovem. Será que o mercado está identificando os grupos mais significativos, autênticos, espontâneos? Como vocês sentiram essa primeira peneirada?*

Loro — Aí você volta para as gravadoras... Quando entramos lá, acho que os dirigentes, os presidentes, os diretores artísticos, ou seja, quem faz essa coisa funcionar, não acreditaram muito... Acharam que o Capital Inicial ia vender 15, 20 mil cópias, no máximo. E, de repente, a música jovem pegou eles de sopetão. Ficaram de boca aberta, sem saber o que fazer. Tem gravadoras, hoje em dia, que têm um catálogo de 50, 80, 100, 200 artistas, incluindo bandas e músicos solo. A realidade disso tudo é que até hoje eles não sabem o que está acontecendo no mercado. Sinto que as gravadoras estão sambando porque a garotada não está pisando na bola. Nós mesmos *(grupos)* estamos dirigindo a coisa toda. Hoje em dia não sai um disco com a capa que a gravadora quer que saia. E é bem recebido. E a gente vendeu justamente por causa disso.

Bozo — A gente está acabando a mixagem agora *(18/08)* e a gravadora não ouviu nem uma faixa. É um LP feito por nós, com a infra-estrutura toda deles. Eles não imaginam qual é o produto que eles têm.

Loro — E vão levar um puta susto.

BIZZ — *Falem um pouco a respeito do nome do LP,* Independência.

Dinho — É o grande dilema do século XX: a gente quer a individualidade. A nível político você quer seus direitos civis, mas precisa de um Estado que dê assistência mínima: transporte, saúde... Então como? Parece que as coisas são meio incompatíveis, não funcionam juntas. Você ter sua liberdade e um Estado distante... Ou, então, ter sua liberdade artística...

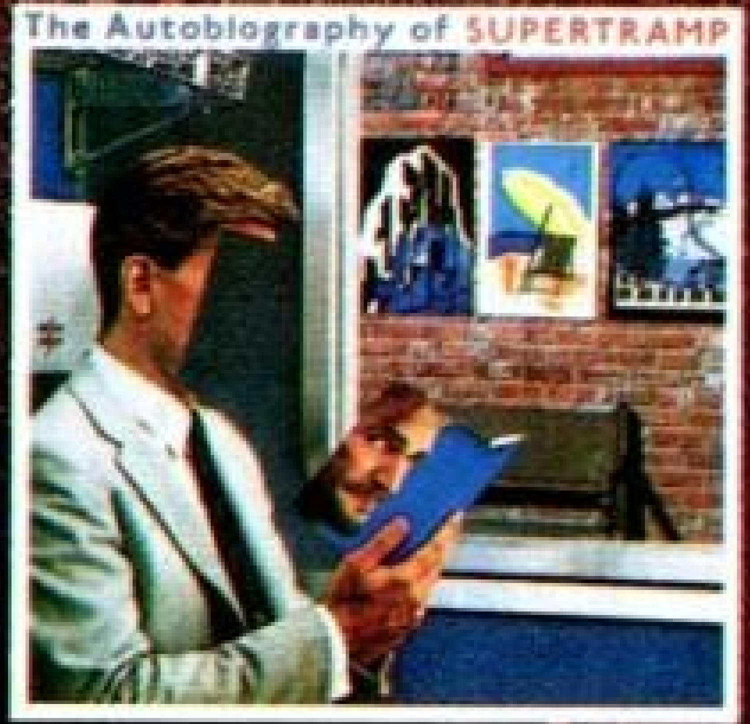
Fê — Mas ao mesmo tempo vencer compromissos.

Dinho — Ou então com sua mulher, conseguir ser livre e ao mesmo tempo ter um relacionamento...

Fê — Que exige uma forma diferente de liberdade. E tem um outro lado, também, que é a postura do Capital durante toda nossa carreira. Tudo que a gente fez até hoje foi assim...

Loro — E, para falar a verdade, estou cagando e andando para essa porra de gravadora. Estou cagando para tudo. Acredito no meu trabalho. Caguei para a roupa. E foda-se se o fotógrafo chegar aqui *(como aconteceu)* e perguntar: "Não tem uma troca de roupa aí?" Não, não tem. E é assim que eu quero ser. Caguei para esse mercado babaca. Não tenho de fazer vitrine para ninguém. Estou trabalhando e a foto que vai sair do Loro na capa vai ser do jeito que ele quer e do jeito que ele se veste. Isso também é uma puta independência...

VEJA O QUE O SUPERTRAMP FEZ EM 83 DIAS DE CRISE



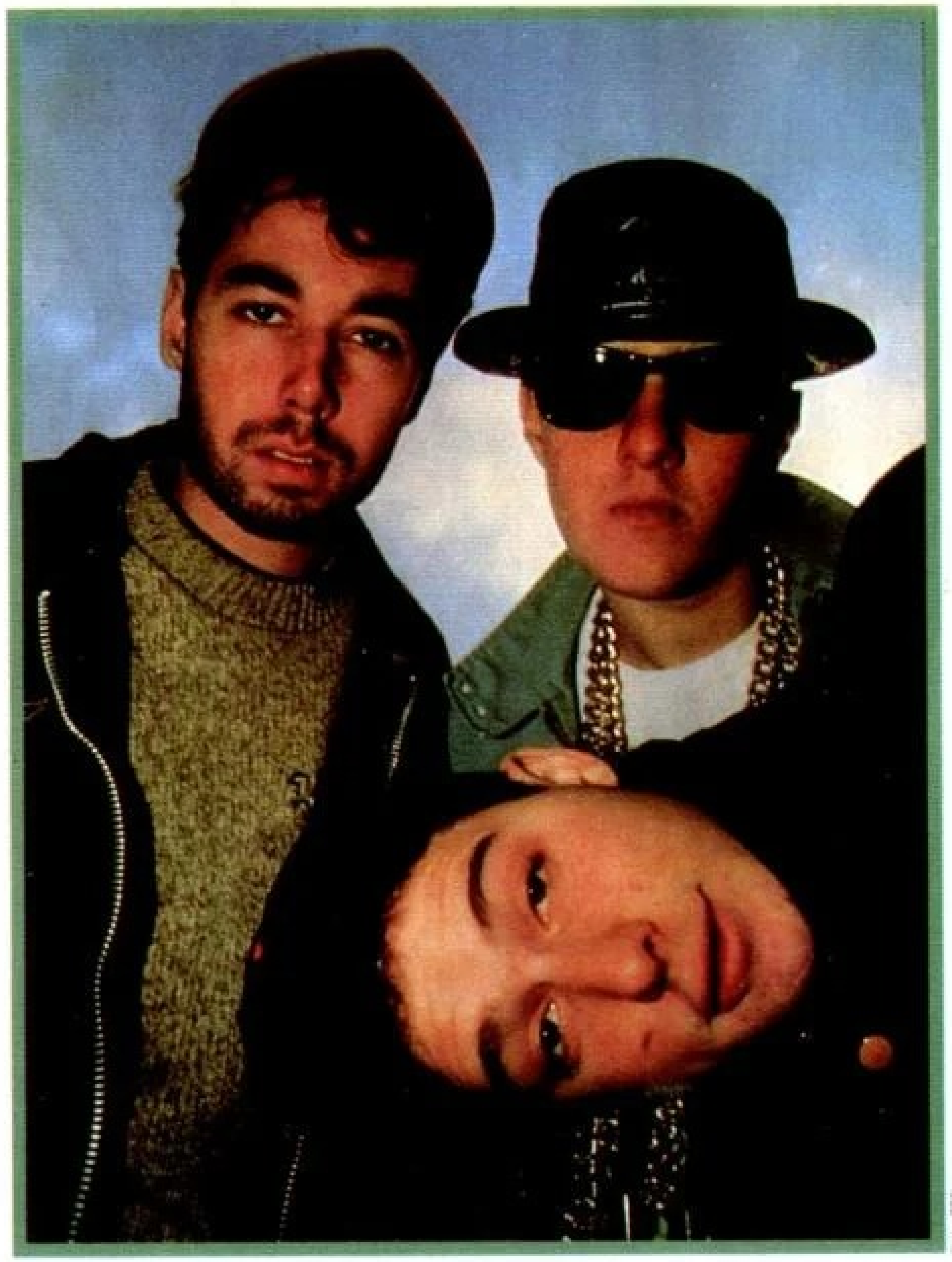
O Lp "The Autobiography of Supertramp" ultrapassou as 100 mil cópias vendidas no Brasil (em breve serão 200 mil), em menos de 3 meses. Precisamente 83 dias, incluindo domingos e feriados.
Numa tacada só, esses números provam o seguinte:
a) O Supertramp faz chopp e não espuma;
b) O brasileiro sabe o que não quer e só compra o que é bom;
c) Um grande disco supera cruzados, bandalhas e engodos;
d) Mais uma vez o Supertramp mostrou o pau e matou a cobra.

Em discos e fitas
PolyGram

BEASTIE BOYS

FEIOS, SUJOS E MALVADOS

Entre propostas obscenas e latas de cerveja — suas manias prediletas — os três patetas do hip-hop concederam alguns minutos de sua preciosa atenção para *Pepe Escobar* extrair as pérolas do pensamento (?) bestificado



Fotos CBS

— Suck my dick!

Alguém aí se candidata?

Bastidores do Academy, em Brixton, ao sul de Londres, cinco da tarde de domingo com sol de primavera. Daqui a duas horas e meia três debilas profissionais de Manhattan, conhecidos pela alcunha de Beastie Boys, vão adentrar o palco para a performance mais esperada nesta cidade desde que Johnny Rotten gritava "anarchy!" no palquinho do defunto Roxy. A polícia está na rua — *bobbies*, cavalos, camburões, ambulâncias, agentes secretos do MI5 etc... A nova moralidade do ultraconservadorismo posador de "liberal" está entrincheirada em suas casas, ao lado de telefones e terminais de computador, pronta para invocar as forças da lei e da ordem. As tribos começam a convergir para Brixton em ultra-abafados vagões de metrô — do garotinho que economizou o mês inteiro em *Benetton look* ao blackão *trendy* de *ghetto-blaster* letal. A imprensa tablóide sensacionalista arqui-reacionária já jogou, há dias, primeiras páginas em progressão geométrica sobre o único assunto da Grã-Bretanha — mais importante do que a eleição (aquela que a Bruxa Chumbada ganhou pela terceira vez). O assunto? Os absolutamente ultrajantes Beasties — aqueles que provocam um tumulto por hora. Aqueles que destratam paraplégicos. Aqueles que destróem quartos de hotel de noite e bares e restaurantes de dia. Aqueles que não têm o menor respeito pela decência do hipercapitalismo pós-industrial...

— You can... Suck my (*)!!!

Pega um nova direita, um neomoralista, um defensor da lei e da ordem, e bota o distinto nessa salinha aqui. Hah! Chamava na hora, de walkie-talkie, os pára-quedistas, a Scotland Yard inteira, o arsenal inteiro de mísseis Trident e Polaris. Para exterminar de vez a "piada de mau gosto". Os Beasties são uma piada? São. E como incomoda a piada. Metade do mundo acha que a piada não tem a menor graça. Outra metade ri ou gargalha. Existe ainda uma fração para a qual um falo gigante, duas go-go girls em uma gaiola, rios de cerveja e maremotos de palavrões significam não apenas uma piada como uma diversão garantida (explodem as polêmicas...). Os Beasties representam a bestificação absoluta — o mais baixo denominador comum de uma época crepuscular?

— Suck my...

OK, todo o mundo já sabe, essa obsessão fálica termina gerando o efeito cumulativo indiferencial. Antes da cerveja e dos "nomes feios", vamos clarificar duas coisas. Primeiro: até este momento, os *cut-ups* de heavy metal dos Beasties são os melhores do mercado. Apenas os melhores trechos. E em segmentos bem curtos. Segundo: no setor dos caras-pálidas (já que não nasceram blackões no Bronx), seu *crossover* hip-hop/heavy metal, com sobretons de punk primordial, também persiste, por enquanto, como o melhor do mercado. Terceiro: seu uso e abuso da linguagem, de sublinguagens e suas recuperações de lixos abomináveis da cultura de massa representam uma experiência absolutamente liberatória. Quarto: e ao vivo, como é que é? (Veja no Ao Vivo desta mesma edição.)

E isso aqui, o que é? Entrevista — aquele ritualzinho sacramental de pergunta e responde — é que não é. Reina o caos — gente da produção entrando e saindo, gritarias complementares, palavrões a-go-go, um personagem de uma rádio daqui tentando arrancar algumas pérolas da sabedoria Beastie, um dilúvio de seguranças linha Mike Tyson. Confiscaram a máquina de Eva Joory, confiscaram meu walkman, e tem cinco minutos para "falar" (?) com os três debilas classe média de Nova York que zanzam pela "sala" (licença subpoética), recondicionando *ad infinitum* suas fixações exclamatórias com pênis, palavrões e cerveja.

Então vamos à fotografia verbal. Quem é quem? Mike D — original Michael Diamond, filho de uma decoradora de apartamentos de luxo — é aquele sempre de chapeuzinho, ray-ban e um colarzão com um enorme símbolo da Volkswagen. MCA — original Adam Yauch, filho de um arquiteto — é aquele sempre com uma barbinha de dois dias. Ad Rock — original Adam Horowitz, filho de um teatrólogo — é aquele da voz extra-anasalada, sempre fazendo careta e de bonezinho de beisebol. Ou seja, todos bem nascidos, de Manhattan, de familinha judia — complementando com jeans e Adidas. O som, quem faz é DJ Hurricane, o homem da mesa no meio do palco, blackão de cara redonda, correntão kitsch astral no pescoço e tapes pré-gravados de Led Zeppelin e AC-DC às pencas.

Cada Beastie toma uma lata de cerveja a cada cinco minutos. São 12 por hora. Vezes 3, dá 36. Até o final do show deles, lá pelas 9 e pouco, vão tomar, entre eles, mais ou menos 150 latas — fora as abertas para "efeitos especiais". Se essas páginas saírem molhadas, mandem a conta para a Budweiser.

"Rap pesado, autêntico, agressivo — black rap de vingança — não tem como ser comercializado"

BIZZ — *Esse carnaval moralista do puritanismo anglo-saxão em cima de vocês, aqui, é igual ao que aconteceu com os Sex Pistols há 10, 11 anos. Não mudou nada... O que vocês acham disso — campanha no jornal, proibir o pênis gigante no palco, deputados que pediam no Parlamento para impedir a entrada de vocês no país?*

Ad Rock — Pode xingar mesmo, sem censura? Então todos esses aí podem... *(pausa)* suck my (*)! *(coro dos três)*

BIZZ — *E quanto aos que minimizam os Beasties como nada mais do que uma invenção de Russell Simmons, o irmão de Josef Simmons —*

Aqueles que destratam paraplégicos. Aqueles que destroem quartos de hotel de noite e bares de dia. Aqueles que (*) no (**) do (***)

o Run de Run-DMC —, co-proprietário da Def Jam com Rick Rubin e manager dos três bocas sujas de Manhattan?

Ad Rock — É inveja. Tem um monte de gente com inveja.

MCA — INVEJA!

Mike D — *(como se fosse um digital delay alterado)* Inveja!

Ad Rock — Os garotos que compram ingresso para ver nosso show não ligam a menor para esses papos, para imprensa. Eles compram os discos, vêem os shows, o vídeo na TV, são os fãs de verdade, estão interessados na música.

MCA — Mas não foi Russell que inventou a gente? Fala pra ele quem é o grande Russell Simmons!

Ad Rock — É! O grande, o enorme Russell...

MCA — E Rick Rubin, o homem que passa 18 horas por dia escutando AC-DC e andando de bicicleta...

Ad Rock — Grande, enorme, um hippie com um (*) bem grande que bebe litros de cerveja...

BIZZ — *Naquela versão de "Hold It, Hit It", a capella, há trechos de pura batucada brasileira. Samba, se vocês quiserem, misturado com aquela chupadinha da voz de Kurtis Blow. Vocês sabem que o rap é uma improvisação no Nordeste do Brasil chamada repente são ultra-similares?*

Mike D — "Rue-pen-ti?" Sounds great. C'mom, Adam, let's do a rue-pen-ti!

MCA — Yeah, I love the samba. Nós sempre tocamos samba, Jam Master Jay *(N. do R. — O DJ de Run-DMC)*, Run...

Ad Rock — Mas rap pesado, autêntico, agressivo, black rap de vingança, não tem como ser comercializado.

BIZZ — *E vocês, qual é a atitude de vocês frente ao público?*

Mike D — Dar uma (**) na cabeça deles. E depois ver como eles gostam da música.

BIZZ — *Rap é coisa de gueto, uma forma de música realmente popular, de rua. Vocês cresceram no Village, entre Washington Square e o Lone Star Café, perto do SoHo, em um meio burguês, com acesso a uma série de informações. Vocês se amarram ou apenas se apropriaram do rap?*

Ad Rock — Nós não fazemos música para dançar. Nós escrevemos, tocamos e gravamos um tipo de música que gostamos. Nós curtíamos as melhores bandas hardcore, no início. Começamos tocando hardcore. Eram coisas tipo Cold Crush Brothers, ou Fearless Four. Eles faziam uma mistura de punk, rock e rap. Começamos tocando hardcore. E ouvíamos os primeiros e os melhores discos de hip-hop. Aí que fundimos as coisas.

Mike D — Se você vê de onde a gente veio e olha em volta da América, vê que nós fazemos uma coisa bem diferente.

MCA — É o Nova York *way of life*.

Mike D — Não tem nada a ver com o *american way of life*. Esse show — no meio dos Estados Unidos — significa uma coisa para os americanos que nunca passou pela nossa cabeça. Quando disseram que podíamos colocar qualquer coisa no palco, achamos que nada seria mais engraçado do que esse (*) gigante. Em cada lugar dá uma reação diferente.

BIZZ — *Vocês gostam de provocar — como qualquer adolescente enraivecido. Tudo bem que é uma paródia exacerbada, tem seu humor. Mas palavrão em cima de palavrão não termina caindo no vazio?*

MCA — Eu não sou assim para deliberadamente chocar as pessoas. Eu sou assim naturalmente.

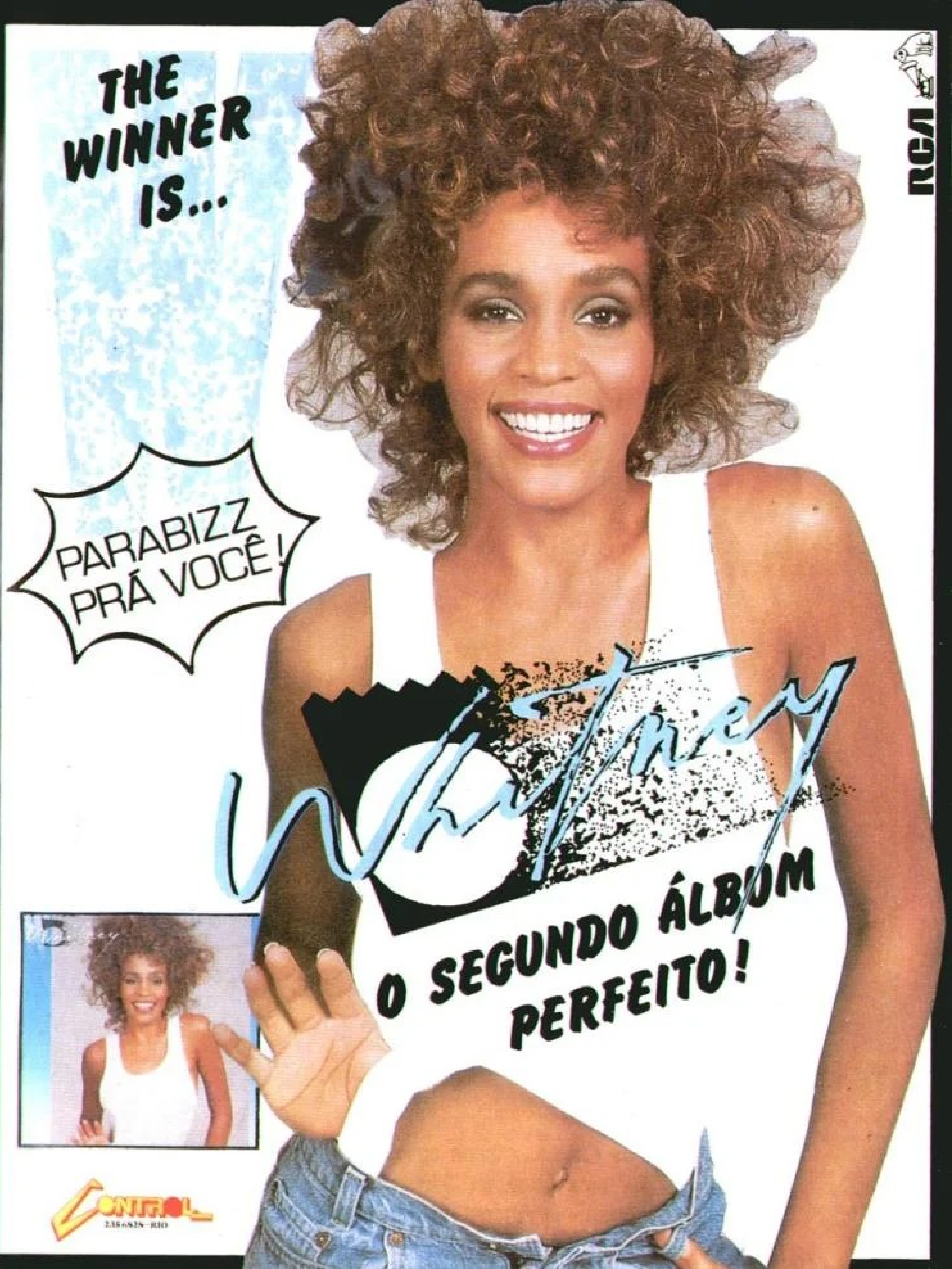
Mike D — Nós somos assim. A gente fala do jeito que fala um com o outro, todo dia. Não existe premeditação de nada. Como chegar em um hotel, ver que tem gente da imprensa e destruir um quarto de hotel só pelo escândalo. Muitas vezes nós (***) a noite toda, destruímos o hotel, festas, mas não é nada que a gente precise fazer para se sentir vivo. O que nos interessa é fazer música. O que eu queria era ver as pessoas no jornal falando de nossa música.

BIZZ — *E o look mongólico-degenerado? É essencial como parte da imagem?*

MCA — É a roupa que a gente usa todo o dia. Quem não gosta pode vir aqui e... *(...e, em coro, três vozes, todo o mundo junto)* suck my (*)!

O resto, prezados beastie boys and girls, é futurismo autêntico, futurismo fake, o ataque frontal da música de rua, hardcore com espinhas, heavy metal distorcida copulando com baixo eletro, excesso do rock confrontando com boom de beat box, bestificação adolescente retransformada em história em quadrinhos, clichês, arrogâncias, palavrões, obsessões de rentabilidade, violência ritualizada e explosiva, sexismo exacerbado, cinismo e autocongratulação. "You gotta fight for your right to party." Com pastelão em vídeo ou metralhadora Uzi em rap. Senão...

— Suck my (*)! (as vozes dos donos do planeta)



PLEBE RUDE

VERDADES POR ENQUANTO

EMI Odeon

Plebe *versus* *Crítica*... Quem apostou na briga, desencadeada por uma frase de Steve Severin, dos Banshees, vai surpreender-se com a troca de gentilezas...

BIZZ — Nunca Fomos Tão Brasileiros *parece estar mais próximo do som de vocês ao vivo do que em* O Concreto Já Rachou. *O que vocês sentiram de diferença nos dois?*

Philippe — Acho que a gente tinha mais intimidade com o estúdio dessa vez.

Jander — No primeiro disco, a gente não tinha nada, a aparelhagem era toda do Paralamas.

BIZZ — *Então esse segundo LP foi mais amadurecido em todos os sentidos...*

Philippe — Não exatamente porque *O Concreto...* era um mini-LP. Tinha muita música que a gente queria ter incluído, só que a Odeon queria lançar um novo produto no mercado chamado mini-LP. Acho supeválido para uma banda de estréia. Pena que não foi vendido pelo preço certo, tinha que ser mais barato que o LP, mas eles não tiveram esse controle. *Nunca Fomos...* tem músicas desde 82 a 87. As mais novas até podem ser consideradas como uma eventual evolução, como "Nada" — que é uma letra antiga com uma música nova —, "Mentiras Por Enquanto", "A Ida". Mas também estão ali as mais velhas, como "Censura", por exemplo...

André — Essa tinha que ser gravada agora, senão no próximo não teria mais sentido.

BIZZ — *Vocês ainda acham "Censura" atual?*

Jander — Completamente!

André — Tanto que foi censurada! Mas eu não sei se nós amadurecemos ou não. Amadurecemos no sentido de não deixar que eles amadurecessem a gente. O disco mesmo está bem cru. Amadurecer não é colocar mil arranjos, é saber onde você está pisando e olhar para trás.

BIZZ — *Qual é a idéia que está por trás do homem do LP?*

Philippe — O nome foi inspirado no filme *Nunca Fomos Tão Felizes*. Agora o porquê, tem mil interpretações.

BIZZ — *Contem pelo menos uma delas.*

Philippe — Nunca fomos tão brasileiros no sentido de que nunca fomos mesmo nem queremos ser.

BIZZ — *Vocês deram uma entrevista ao* O Globo *(03/05/87)...*

Philippe — Sabia, estava só esperando isso! Manda bala...

BIZZ — *Eu imagino que aquelas declarações contra os críticos paulistas tenham sido provocadas pela entrevista com a Siouxsie...*

Jander — *Nunca Fomos Tão Brasileiros* tem a ver com isso também.

BIZZ — *Por quê?*

André — Se o "Severino" diz a gente apóia e se o "Severino" diz que a plebe é cópia... Depois eles lançam um disco só com cópia dos outros.

BIZZ — *E as críticas aos críticos otários?*

André — A palavra otária não foi usada.

BIZZ — *Foi usada.*

André — *(para Philippe)* Você usou?

Philippe — Usei *(risos)*. Eu sabia que você ia me cobrar isso.

BIZZ — *Não estou cobrando, estou perguntando o que significa.*

Philippe — Eu tenho uma resposta para isso numa música chamada "Mentiras Por Enquanto" *(hesitante)*. Agora você me pegou.

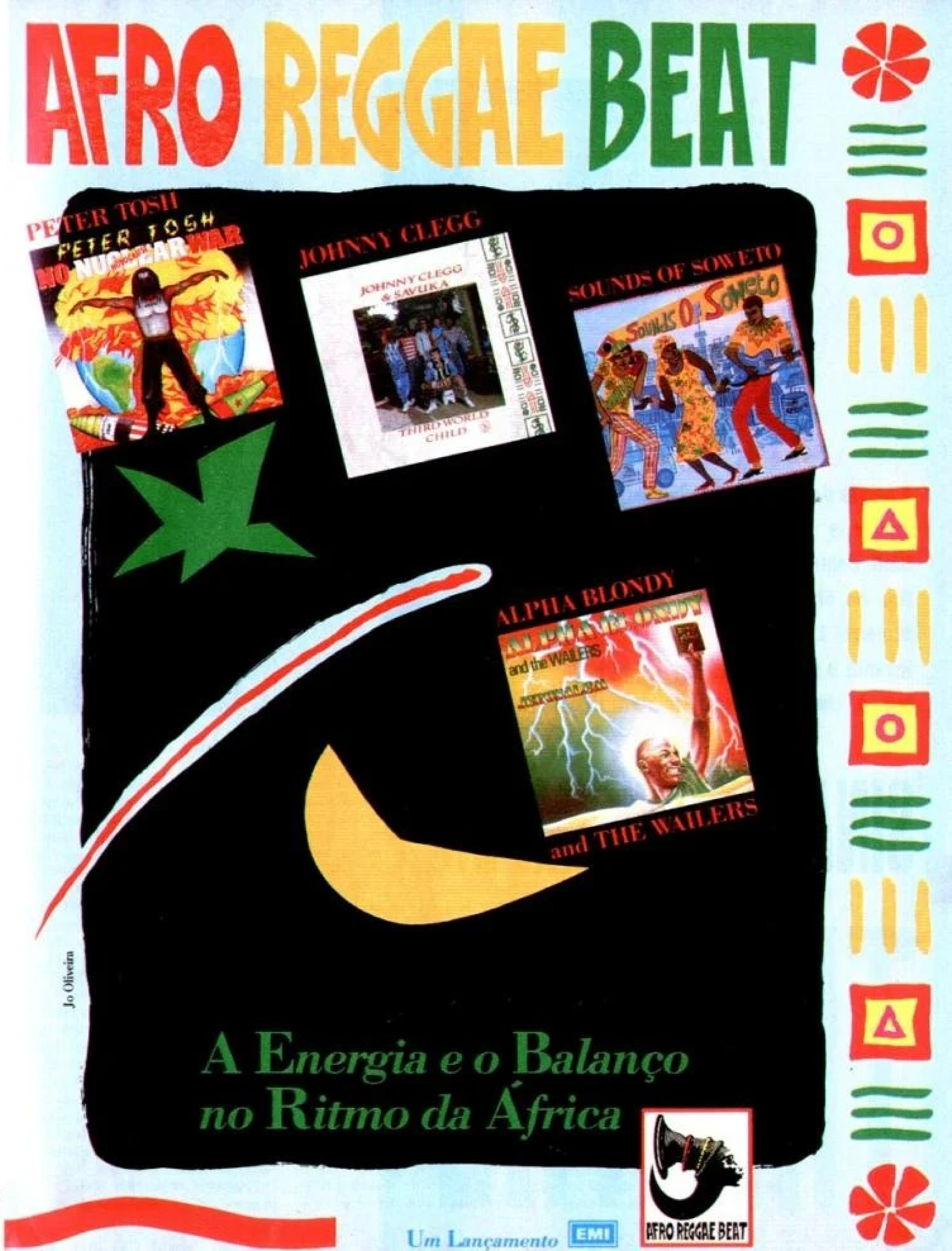
André — Te pegou mesmo porque a gente nunca recebeu uma má critica de São Paulo. O pessoal de lá sempre falou bem. Acho que é mais paranóia dele, que acha que tem inimigos em São Paulo. Nós somos muito mais contra a crítica do Rio que de São Paulo.

Philippe — É um pouco pelo jeito que a crítica é feita lá. Todo mundo tem direito à opinião, mas até certo ponto. Não pode chegar e dizer que é uma merda sem dizer por quê.

BIZZ — *Por que vocês identificam essa postura da crítica com São Paulo?*

Jander — Acho que é por causa das novas bandas de São Paulo. Elas são muito críticas, todo mundo quer ser vanguarda. Aqui no Rio não tem isso por causa da praia. O pessoal vai para a praia e não pensa.
BIZZ — *Como foi abrir o show da Siouxsie?*
Philippe — Foi legal.
Jander — Foi bom porque, em termos de profissionalismo, a gente notou que está tão bem ou melhor que uma banda inglesa.
André — Eles são superprofissionais. A gente viu pela primeira vez como tudo funciona, tudo tem horário certo. Depois de tudo, a gente conheceu ela, eles foram legais. O "Severino" distribuiu conhaque, um de nós ficou bêbado...
Philippe — O que foi mais chato foi o jeito que a mídia tratou as declarações dele. Foi frase do ano, entende, a gente foi meio inocente...
André — Uma das primeiras coisas que eu comecei a ouvir na vida foi Siouxsie & The Banshees, então a gente tem mais é que ser influenciado por coisas de lá de fora.
Jander — E você acha que tem algum rock nacional original?
BIZZ — *Por que você acha que não tem rock brasileiro original?*
Philippe — A gente tenta fazer uma coisa original para a gente, em termos de arranjo, letras e tudo mais.
BIZZ — *Como é fazer rock com esse sentimento de não estar fazendo uma coisa original?*
Jander — Não é que não seja uma coisa original... Chato é as pessoas cobrarem que não é brasileiro.
André — Nunca fomos tão brasileiros...
BIZZ — *Mas vocês não acham que, passado o momento de afirmação de existência, não estaria no momento do rock nacional buscar uma cara mais própria?*
Jander — Mas eu acho que existe isso. Você ouve o Cólera, por exemplo, pode encontrar mil bandas fazendo o mesmo tipo de coisa. Aí você vai ouvi-los cantando, você nota que é completamente brasileiro. Nosso rock tem muito mais suingue do que lá fora. Acho que isso é ser brasileiro, é fazer rock brasileiro.
André — Eu acho que os jovens não ouvem rock para ter uma identificação nacional. Acho que o que ouvem nem é a música. O lance é o sentimento que o rock passa.
Philippe — É uma espécie de alegria de estar vivo, esse sentimento os jovens do mundo inteiro têm.
BIZZ — *Vocês ainda sentem isso quando ouvem rock hoje?*
André — Quando você compra um disco bom, como esse último do Nick Cave, *Kicking Against the Pricks* (N. da R. — Este é o penúltimo LP do Nick Cave, o único lançado no Brasil. O último LP é o *Your Funeral, My Trial*) ou ouve pela primeira vez o disco do Jesus & Mary Chain...
Jander — E também acontece quando a gente faz uma música nova.
BIZZ — *Vocês acham que ainda estão numa trajetória comum com as outras bandas de Brasília?*
Jander — Mais ou menos. Musicalmente não. Mas Brasília tem coisas superinteressantes, é diferente.
BIZZ — *Diferente como?*
Jander — Não sei cara, acho que as pessoas são criativas e não são pretensiosas.
André — Quando nós começamos, a única motivação era o tesão de tocar, era bem inocente e ingênuo. Por isso que o trabalho era legal e saiu até único.
BIZZ — *E continua o tesão?*
André — Claro! Nesse disco não tem nada lá que a gente não quis enfiar, tipo "nós nos vendemos"... é bem infantil. O dia que acabar o tesão, a gente também acaba. Vira *Xou da Xuxa* e vamos ficar ricos! *(risos.)*
BIZZ — *O que vocês acham que vai acontecer com o rock nacional?*
Jander — Tem muita coisa boa.
André — O que eu acho legal é que estão surgindo bandas e bandas. Não acho que vai saturar o mercado. As pessoas vão ter mais critério de escolha.
Jander — Acho que, no Brasil, o rock brasileiro está bem melhor que o internacional, porque as pessoas estão se identificando mais com o que o rock nacional fala.
BIZZ — *E agora vocês vão partir para uma grande turnê pelo Brasil?*
Jander — Finalmente!
Philippe — É o que a gente sempre fala: dêem-nos um palco bom com um som legal e o resto é por nossa conta!
BIZZ — *Como vai ser o som do próximo disco, vocês têm alguma idéia?*
André — Todo mundo tem idéias que saem diferente depois.
Jander — Eu quero fazer boleros.
Fifi — Eu queria fazer rock clássico e gótico, mas ninguém deixa *(risos)*. A gente faz o seguinte: daqui a dois anos a gente vê o que é vanguarda e aí fazemos pós-vanguarda. Pós-hip-hop-pré-speed-metal, que tal? *B.A.*

A Plebe, os Banshees e o quem-copia-quem: um caso que deu pano pra manga (dano pra tanga?)



A banda de um homem só — o cantor e multiinstrumentista Matt Johnson — chega, enfim, ao Brasil através de seu terceiro LP, *Infected*. Quem levanta a ficha de antecedentes é *José Augusto Lemos*

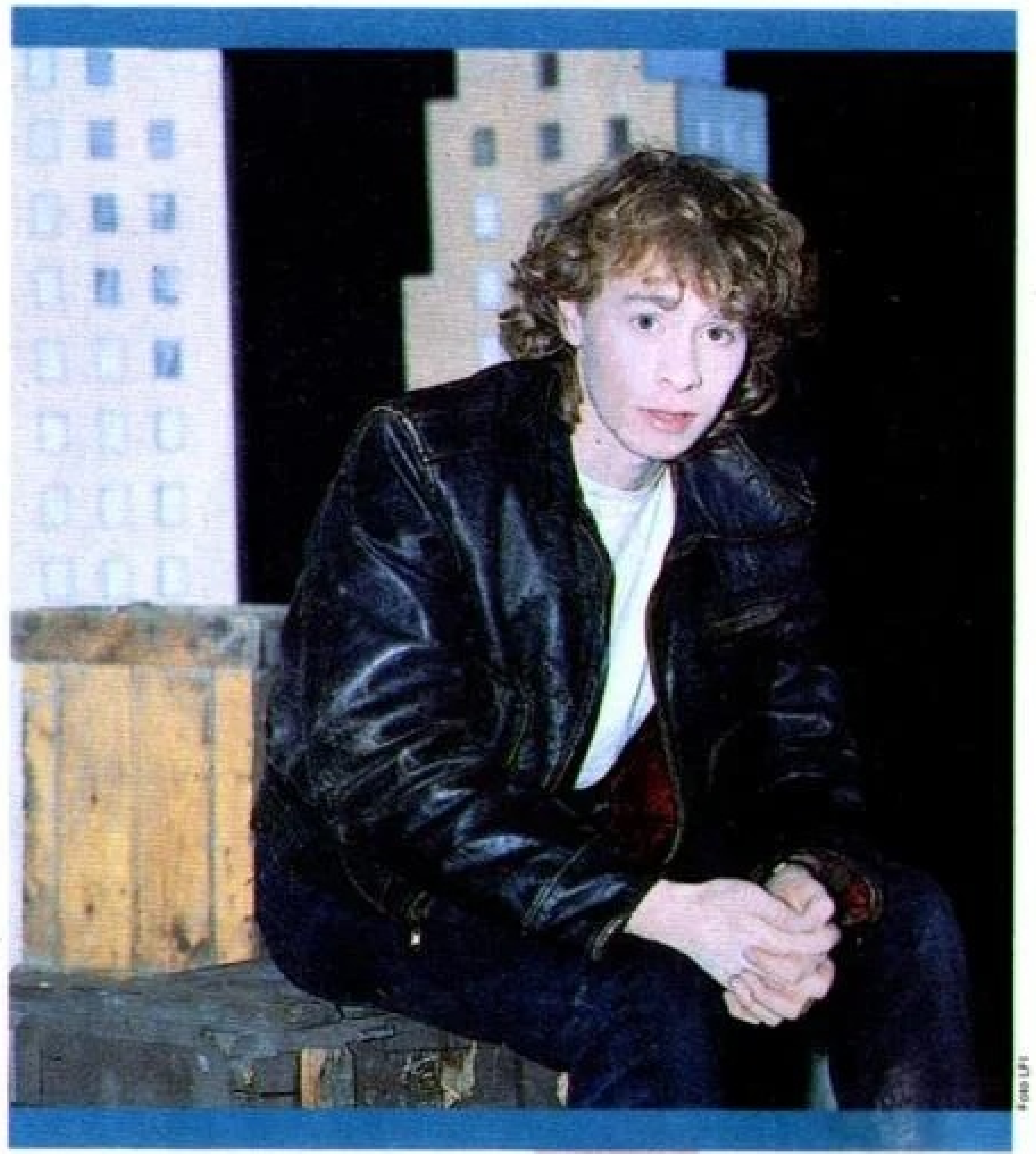


Foto LFI

SINAIS DOS TEMPOS

THE THE

Parece que foi anteontem. A casa cheia, quase irrespirável — rotina que ia de quinta à noite até domingo de manhã — ponto subterrâneo de encontro para várias das tribos roqueiras no Brasil pré-Rock in Rio.

Poucas músicas do acervo do DJ local tinham o poder de provocar um congestionamento na escada que descia do bar/salão para a pista de dança, chamando punks, "darks", smithófilos e curiosos para uma boa chacoalhada nas juntas. Uma delas permanece hoje, três anos depois, um clássico indiscutível do pop dos 80. A melodia inesquecível, um arranjo cool e medido, a eletrônica na dose certa, um vibrafone fazendo a mesma melodia saltitar nos espaços entre a caixa e o bumbo, um solo de piano adrenalinado... a perfeição em forma de canção.

Chama-se "Uncertain Smile" e pertence ao LP *Soul Mining* do The The — um dos grandes lançamentos ingleses de 83. Só um porém: quem ouve o *remix* lançado em compacto de doze polegadas não consegue retornar à versão original do LP. Seja como for, *Soul Mining* inclui várias preciosidades e, pelo menos, mais uma "perfeição em forma de canção": "This is the Day", daquelas baladas em que o cantor/autor despeja as próprias tripas em cima da mesa e geralmente tem de esperar alguns anos para voltar com outra polaróide no mesmo nível de nitidez, definição e inspiração de momento.

A voz de Matt Johnson — cantor, compositor, banda e produtor; o The The é ele — ajuda e muito. O parentesco mais imediato é com os balbucios roucos e graves de Tom Waits e o verbo pausado de Lou Reed. Mas, ao contrário dos dois, sua voz não é utilizada para desfiar crônicas e narrativas em *off*, e sim para a "mineração da alma", como diz o título do LP.

"Alma"/"soul" só pode ser uma das palavras favoritas de Mr. Johnson. Com 18 anos, lançava seu primeiro LP, *Burning Blue Soul* (4 AD, 1981). Por mais interessante, ainda é uma colcha-de-retalhos em que os pontos-de-fuga perseguidos por ele — colagens "étnicas", maquinário agressivo à la tecno-industrial convivendo com baladas ao violão — ainda não atingiram o ponto de fervura para uma fusão sem costuras aparentes.

Nos dois anos que separam *Burning Blue Soul* de *Soul Mining*, Matt vai apurando sua utilização da tecnologia em colaborações com Thomas Leer (um mestre do tecno-cool, criminosamente ignorado; que acaba de se aliar à cantora Claudia Brücken, ex-Propaganda, na dupla The Act — uma boa aposta para o futuro próximo). Ainda nessa entressafra, assume a função de arranjador e instrumentista principal na deslanchada solo de Marc Almond — batizada Marc & the Mambas — quando este abandona o Soft Cell. O LP gravado por Johnson, então — intitulado *The Pornography of Despair*, o primeiro que levaria a alcunha "The The" —, permanece inédito até hoje, por razões nunca bem explicadas. Considerando o fato de o rapaz ser considerado "o perfeccionista mais obsessivo do pop inglês", é muito provável que o veto tenha vindo do sr. Johnson em pessoa.

Valeu a espera, *anyway*. Pois com o sucesso de *Soul Mining*, tanto em pistas de dança como em quartinhos solitários — além de instantânea aclamação crítica —, até a grande corporação CBS, mais dada a fenômenos do tamanho de Michael Jackson, Julio Iglesias e Roberto Carlos, foi caçar o prodígio da "banda de um homem só com o mais exdrúxulo dos nomes" no cantinho inglês onde ela se escondia, o selo Some Bizzarre, cativo de "excentricidades" como o Test Department e Cabaret Voltaire e o próprio dono/diretor, um tal de Stevo, que já se tornou uma das figuras lendárias do pop independente britânico. Mesmo na CBS, Stevo continua empresariando Matt Johnson.

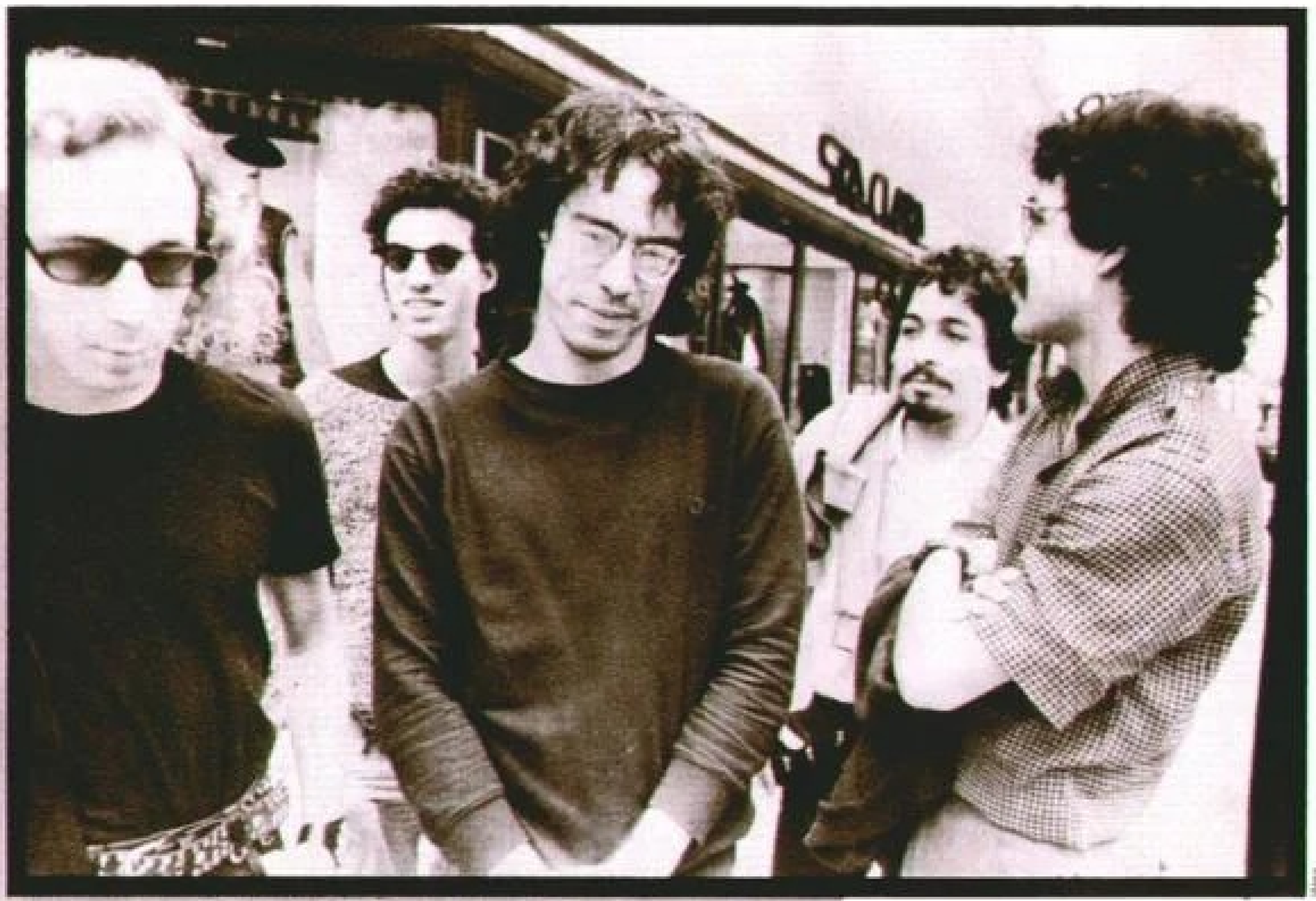
Bem, isso foi em 83. Quando *Infected*, o terceiro LP, finalmente ficou pronto, no final do ano passado, a CBS achou que podia respirar aliviada... até Johnson aparecer com Stevo a tiracolo, exigindo uma verbinha extra para a produção de um clip para cada faixa do LP, que amarraria a ambiciosa abrangência temática do disco com três diferentes diretores e locações em Londres, Nova York, Bolívia e Peru. Acredite, se quiser: a CBS soltou a grana e o "longa" resultante merece ser visto. Seu cruel realismo, nada a ver com o habitual padrão de vácuo-cerebral MTV, pode não ser uma obra-prima das artes visuais mas instala o clima de absoluto desconforto e insegurança que "a banda" queria para ilustrar seus "comentários de época". Da AIDS — na faixa-título — ao intervencionismo norte-americano (com a CBS financiando, demais!) em "Sweet Bird of Truth", a decadência britânica sob a Dama de Ferro, em "Heartland" até a "salvação da alma", em "Mercy Beat", a tal cujo clip fez The The e sua entourage técnica pegar um avião até a América Latina. O próprio Matt explica: "É, essencialmente, uma música sobre a salvação espiritual, por isso quis filmar na América do Sul, por causa da forte influência que exercem tanto o catolicismo quanto a cultura consumista norte-americana... um estranho *pout pourri* de cultura, religião e política, todas essas forças disputando a alma das pessoas".

Não que o projeto passasse batido sem os habituais percalços. A própria CBS só aceitou que "Sweet Bird of Truth" fosse lançada em forma de compacto após muita saliva de Stevo e Johnson, mesmo assim em edição limitada. Já a BBC preferiu vetar em sua programação a faixa "Infected" — *a* canção de amor dos dias de hoje, se é que pode haver uma — por causa dos versos: "Do meu escroto ao seu útero/do seu berço à minha cova" (ver *Letras* desta mesma edição).

No mais, é ouvir o disco para sentir o quanto Matt Johnson foi fundo no sentido de fazer o maquinário digital obedecer à sua concepção musical — o que, no sentido mais pop, é uma das coisas mais raras. Com a palavra, mais uma vez a "banda obsessiva perfeccionista de um homem só": "Agora a gente tem esse monte de bandinhas imitando o Velvet Underground, com suas guitarras e tudo o mais, mas elas deixam escapar o sentido da coisa. Se bandas como os Velvets e os Doors estivessem na ativa hoje em dia, estariam mais próximas do Cabaret Voltaire. Mas essas pessoas ignoram qual era a intenção original, estão ocupadas demais tentando imitar a maneira como eles tocavam e se vestiam... Imagine os Velvets atingindo seu auge em 1986; eles não estariam dedilhando Rickenbackers, estariam numa linha mais avançada, fazendo coisas como as do Foetus (*N. do R.* — Jim Foetus ou Jim Thirwell ou Clint Ruin ou Foetus Over Frisco ou You've Got Foetus In Your Breath ou ainda Scrapping Foetus Off the Wheel, é praticamente um nome diferente para cada disco)... a vulgarização e o abuso da tecnologia... O único jeito de se fazer boa música com a tecnologia moderna é descer o cacete nela".

"Tem um monte de bandinhas imitando o Velvet, mas se o Velvet e os Doors estivessem na ativa estariam mais próximos do Cabaret Voltaire..."

FAUSTO FAWCETT



O MÍSSIL DE COPACABANA

Com a palavra "calcinha" — bem ao gosto brasileiro — Fausto Fawcet conseguiu, ajudado pela levada funk, invadir a mass mídia

BIZZ — *Como foi essa passagem da performance para a música?*
Fausto — As performances tinham um fundo musical: eram textos com uma trilha sonora. As músicas do disco nada mais são do que fragmentos das performances. O Liminha e o Midani assistiram a uma apresentação e vislumbraram essa possibilidade de conjugar num disco texto e músicas. Se interessaram principalmente por ali existirem temáticas que não estavam rolando nas rádios, junto com uma coisa musical dançante.
BIZZ — *Que temática era essa que não estava rolando?*
Fausto — Eu tenho dito que as minhas três fontes são: Copacabana, pin-ups e os meios de comunicação. No meu trabalho não existe nenhuma crônica de cotidiano do jovem, nenhuma preocupação de fazer uma crítica social... Ou então, o óbvio, que é falar das dores de cotovelo, dos sentimentos etc. Não. É uma coisa bem precisa. É como um escritor de romances, só que ao invés do livro, isso é levado para o disco.
BIZZ — *A que você atribui o sucesso desse grito de guerra "calcinha"?*
Fausto — O país gosta dessas coisas...
BIZZ — *No que é que um cara que tem como grito de guerra "calcinha" acredita?*
Fausto — Para dizer a verdade, eu não levo muita fé em mais nada. Aliás, há muito tempo que eu não entro mais no mérito das pessoas. Por isso que essa coisa de mensagem, que ainda tem muito no rock, não me interessa. Eu só quero observar as coisas e registrar. Por exemplo, esse papo de que isso é descartável, que aquilo é comercial... Pô, os próprios meios de comunicação são descartáveis e comerciais. Então isso é um moralismo inútil. O cara dizer que "Kátia Flávia" é uma música que daqui a pouco vai acabar... Ora, claro que vai acabar! Porque é para ser trabalhada dois, três meses e depois entra outra coisa. Eu tenho uma noção muito precisa disso. Então o cara pode dizer: é cínico, é niilista, é apocalíptico... eu adoro todas essas três palavras.
BIZZ — *Como é o seu dia-a-dia?*
Fausto — Eu gosto sempre de perder o meu tempo, de vadiar um pouco, ouvindo rádio, lendo revista, que são minhas fontes de informação. Eu vivo muito em função desse trabalho. Ou seja, entre uma função biológica, um tédio e um ócio, eu trabalho.
BIZZ — *Quais são suas maiores influências literárias?*
Fausto — Eu gosto de ler várias revistas — folheio revistas italianas mesmo sem entender, coisas de aeronáutica, pornográficas e por aí afora. Agora, tem seis ou sete livros que me interessam: *Polaquinhas*, do Dalton Trevisan, *A Laranja Mecânica*, do Anthony Burgess, *O Almoço Nu*, do William Burroughs, *Pornografia*, do Henry Miller e os textos do Sérgio Augusto e do Paulo Francis, realmente imperdíveis.
BIZZ — *Você também mete a colher na produção musical?*
Fausto — Não, isso fica com os garotos (Robôs Efêmeros).
Marcos — Peraí, o lance é que o Fausto descobriu uma coisa importante: todo mundo fala de rap, mas, no caso do trabalho do Fausto, ele descobriu o suingue da língua portuguesa.
BIZZ — *Falando de shows. Vocês estão tocando para platéias maiores?*
Fausto — A gente tem feito muito play-back em subúrbio e a recepção tem sido a melhor possível.
Laufer — Tem uma coisa superdançante no disco que este público curte muito. A gente ficou impressionado com a multidão dançando num subúrbio desses e eu falei que, por mim, era ali que a gente ia fazer temporada.
BIZZ — *E o sucesso na rua?*
Fausto — De dez em dez metros alguém fala comigo. Velho, criança, pivete, todo mundo...
BIZZ — *E o rock nacional. Quais são as suas preferências?*
Fausto — Eu gosto do Lobão, do Ultraje... Mais do que o rock, eu ouço rádio. Desde 68 que eu ouço rádio. Um dos programas que mais mexe com o meu coração é o de flash-backs. Adoro... Gosto muito de música pop. Na coisa do rock nacional presto mais atenção em determinados caras. Eu acho que o que tem de importante é que a coisa do rock deu uma mudança sonora dentro do rádio em relação à MPB — que era só aquela coisa do texto frontal e a produção, a gravação por trás. Obviamente que eu sinto falta do sr. Chico Buarque, do "seu" Caetano Veloso, do Belchior, porque eu sou um cara ligado no texto. Sinto falta de umas letras boas, que às vezes não tem no rock... Falta um terceiro lance para unir uma coisa à outra. Às vezes perco tempo, ouvindo Marquinhos Moura, Rosana... Isso misturado com os magnatas, com a inteligência *rockiana*...
BIZZ — *A coisa do rap no seu trabalho também vem desta influência radiofônica?*
Fausto — Claro! A referência mais direta são os DJs negros de Nova York. Mas acontece que todos nós temos um miniarquivo de música pop na cabeça. Então, dentro dessa coisa de rap, ao lado dessa referência dos DJs, eu fico lembrando, por exemplo, do rock progressivo. Aquilo era rap do princípio ao fim, com variações. Você pega os discos do Yes, do Van Der Graaf Generator ou do Genesis e vê faixas enormes com várias ondulações sonoras. Hoje em dia as pessoas dizem que esses grupos são chatos, mas na época, para mim, não era nada chato... Tinha uns épicos musicais, como Jon Anderson e Ian Anderson, que faziam um jogo com as palavras em discos como *Close to the Edge*, *Tales from Topographic Oceans* ou

D. Js., locutores de telejornal, rádio, pin-ups, Copacabana — fontes inesgotáveis de inspiração

Thick as a Brick. Essas coisas me alimentavam muito. Na verdade, você tem que abrir cada vez mais esse leque e pegar desde o repentista, passando pelos locutores de jornal — se você tira os comerciais e cola uma notícia atrás da outra, também vira um rap. Aliás, o Brian Eno e o David Byrne já fizeram isso num LP. Então essa coisa do rap, da falação ritmada, não pode ser restringida a coisa dos negros americanos, que têm aquele sotaque de rua e coisa e tal. Por exemplo, Belchior, Raul Seixas, Caetano Veloso, Chico Buarque, todos são completamente mestres nessa coisa de fala, de verbo caudaloso. Eu prefiro enveredar por aí. Essas limitações que as pessoas se impõem é por falta de arquivo pop da rapaziada. Mas pra mim não. Talvez isso seja... velhice *(risos)*. Mas, enfim, eu ouço esse negócio há quinze anos e já sai instintivamente. Essa coisa de locutor de telejornal é sofisticação, mas dentro do universo radiofônico tem muitas referências. É uma questão de prestar atenção nas coisas.
BIZZ — *É verdade que existem várias interpretações pra esse lance do Exocet na música "Kátia Flávia"?*
Fausto — É verdade. Tem gente que pensa que Exocet é um modess que a gata está usando. Eu soube até que, em Niterói, a rapaziada está convicta de que os versos "Eu tô usando, Exocet, calcinha!" referem-se a nada menos do que malocar um flagrante da polícia dentro da calcinha. Pois é. Eu conto uma história, cada um pega ali o que quiser.

Aldo Meolla

Cobra:

procura-se.

Se você vai fazer Vestibular para Medicina,
recorte esse anúncio e cole seu retrato nele.
A Golden Cross vai dar uma bolsa integral
para quem tirar o 1º lugar.
Quem ganhar, vai passar muito bem.
Informações nas filiais Golden Cross.

Golden Cross
ASSISTÊNCIA INTERNACIONAL DE SAÚDE
Saúde em primeiro lugar.

SIMPLE MINDS

A gota d'água foi o single "Don't You Forget About Me", um estouro nos EUA, Brasil, Inglaterra e mundo afora. E com os LPs *Once Upon a Time* e *In the City of Light* (duplo ao vivo) o Simple Minds assegurou o estrelato. Jim Kerr tem tudo para dividir o trono do pop britânico com Bono, seu amigo e companheiro nas campanhas pela Anistia Internacional. Ambos têm o que dizer e se entregam de corpo e alma ao grupo e às letras. Não ligam para badalações e querem apenas poder passear tranqüilamente pelas ruas...

B. Schiffman/Sipa Press

Kerr ainda tem o privilégio de ser casado com Chrissie Hynde. No apartamento de Chrissie em Londres o líder do Simple Minds foi alcançado por *Thomas Pappon*, fã dos velhos tempos do grupo. A conversa começou com os tempos em que lançaram *Life in a Day, Real to Real Cacophony, Sons and Fascination* e *Sister Feeling Call* (respectivamente o primeiro, o segundo e os quartos — ops, é isso mesmo, já que ambos foram lançados simultaneamente). Depois foi a vez do "como é que você encara o sucesso?" e por aí afora.

Durante cinqüenta minutos, Kerr mostrou como alguém pode ser extremamente carismático, apenas sendo sincero e tendo um forte acento escocês...

BIZZ — *Gostaríamos de começar com algumas perguntas sobre a fase inicial dos Simple Minds... Não sei se você sabe, mas no Brasil só foram lançados o* Once Upon a Time *e este duplo ao vivo... Como foi o começo com os Johnny & the Self Abusers, na época do punk? Era uma banda punk?*

Jim Kerr — Sim e não. Sim porque nossa cidade de origem — Glasgow (Escócia) — tinha todas as frustrações motivadoras do movimento punk... desemprego, o desespero "no future". Aí nós nos identificamos com o fogo e a energia punk, mas não nos identificávamos com essa idéia de que tudo tinha começado com o punk... também não havia muita identificação musical, porque eu sempre gostei de melodias e de gente que realmente sabia tocar seu próprio instrumento... Meus heróis eram caras como os Rolling Stones, Bob Dylan, The Who, Peter Gabriel... Os punks não tinham heróis, está me entendendo?

BIZZ — *Sim. Vocês tiveram uma boa influência do Roxy Music, não?*

Jim Kerr — Sim, e todas as *art-school bands:* Velvet Underground, David Bowie... Brian Eno em especial foi um grande herói... Robert Fripp, esses caras...

BIZZ — *Como aconteceu a mudança de nome, de Johnny & the Self Abusers para Simple Minds?*

Jim Kerr — Tudo aconteceu em questão de três dias. Johnny & the Self Abusers só fizeram duas apresentações, não era nada sério, apenas uma maneira de dizer: "Fuck you!" *(mais risos)*

BIZZ — *Foi uma grande mudança, não?*

Jim Kerr — Sim, mas os Simple Minds foram uma criação minha, uma visão minha... os Self Abusers, não. As pessoas geralmente fazem confusão, acham que há uma conexão... Tudo era uma brincadeira entre amigos, achávamos que, com um nome tão ridículo, ninguém ia ficar comentando. Já Simple Minds foi um projeto que começou entre Charlie Burchill, o guitarrista, e eu. Éramos colegas de escola, uma escola católica na parte proletária de Glasgow, nos conhecíamos desde os 8 anos de idade, morávamos na mesma rua, crescemos juntos. Aos 15 anos, viajamos por toda a Europa... foi uma experiência maravilhosa romper com nossa formação britânica e com a mentalidade britânica. Eu não me vejo como uma pessoa britânica, não quero ter nenhuma nacionalidade. Sempre quis estar em movimento e ver partes do mundo. Isso começou nesta viagem. Charlie e eu dissemos um ao outro: "Vamos montar uma banda"; ele já cumpunha e tocava há uns três, quatro anos, e eu escrevia algumas letras, como poemas, desde criança.

BIZZ — *Vocês fizeram essa viagem pela Europa de carona?*

Jim Kerr — Sim... por toda a Europa.

BIZZ — *E quais os lugares que vocês gostaram mais?*

Jim Kerr — Bem, eu gosto mais dos países latinos... Itália, Espanha e — claro — partes da França. Eu amo, só isso... sou um europeu, amo todo o continente. Para mim, tive muitos sonhos importantes nesta viagem.

BIZZ — *Sim...*

Jim Kerr — Sonhos de... foi como se tivesse me tornado... me elevei acima da realidade de Glasgow, das indústrias. Veja, Glasgow é um lugar muito legal para as pessoas, mas não para a arte. Não existe arte — apenas construção naval e trabalho braçal e... bem, eu sempre fui romântico demais para essas coisas...

BIZZ — *E você chegou a sair da Europa, quer dizer... antes das turnês com os Simple Minds?*

Jim Kerr — Não... só mesmo quando começamos a excursionar é que fui conhecer, primeiro, a América do Norte... e a próxima etapa é, claro, a América do Sul, com uma passagem pelo Brasil...

BIZZ — *Vocês vêm ao Brasil? Quando?*

Jim Kerr — Não sei exatamente... mas com certeza vocês podem publicar isso, estaremos aí na turnê do próximo LP, é uma promessa.

BIZZ — *Que legal... vocês sabem alguma coisa sôbre o Brasil?*

Jim Kerr — Tenho muito interesse em conhecer... começou quando eu era criança, através do futebol...

BIZZ — *Você conhece o futebol brasileiro?*

Jim Kerr — Oh! Mas é claro...

BIZZ — *E quais os seus "heróis"?*

Jim Kerr — Todo mundo da época em que eu era bem garoto... Garrincha, Tostão... Pelé, claro... toda a seleção da Copa de 70, eles eram meus "heróis"...

BIZZ — *E da música brasileira, você conhece alguma coisa?*

Jim Kerr — Não conheço, infelizmente. No ano que vem, antes de conhecer a América do Sul, quero aprender algo sobre a música do Brasil, do Peru, da Argentina... Antes de começar a excursão, quero passar por aí para, em primeiro lugar, ver o país.

BIZZ — *Vejo que você tem um grande interesse por outras nações e outros povos... Li também, há pouco tempo, que os Simple Minds conseguiram ajudar a libertar prisioneiros políticos no Sri Lanka. É verdade?*

Jim Kerr — Sim, sim, foi uma grande notícia...

BIZZ — *Conte como aconteceu...*

Jim Kerr — Já ouviu falar nessa organização chamada Anistia Internacional?

BIZZ — *Sim, sim...*

Jim Kerr — Foi através deles. Na última turnê — pela Europa e pela América do Norte —, toda noite pedíamos às pessoas que mandassem cartões postais à prisão em Sri Lanka, pedindo liberdade para essas pessoas... pessoas que estavam na cadeia por absolutamente nenhuma razão, apenas o arbítrio típico das ditaduras... e o pessoal, os fãs, mandaram mesmo os cartões. Os caras da prisão ficaram bem preocupados e o prisioneiro foi libertado...

Catarina/Stills

"Todo mundo da época em que eu era bem garoto... Garrincha, Tostão ... Pelé, claro... toda a seleção da Copa de 70, estes eram meus 'heróis'"

BIZZ — *Eles mandaram os cartões para...*

Jim Kerr — A cadeia mesmo, não para o governo de Sri Lanka...

BIZZ — *Para liberar este prisioneiro em especial...*

Jim Kerr — Que era inocente.

BIZZ — *Vocês ainda mantêm contato com a Anistia Internacional?*

Jim Kerr — Sim, sempre... No disco ao vivo está entre os créditos na capa, algo como "Os Simple Minds apóiam, com alegria, a Anistia Internacional". Os direitos humanos são parte do Simple Minds.

BIZZ — *Voltando, então, ao começo do grupo... quais dos discos é seu favorito...*

Jim Kerr — Uma pergunta bem difícil, para falar a verdade, porque há para mim — em cada um deles, quando os ouço — sucessos e fracassos. Para os mais roqueiros, acho que talvez o "ao vivo" seja o melhor. Para aqueles mais tranqüilos e sensíveis, talvez *Sons and Fascination*. Para os mais espirituais, *New Gold Dream*. Para os que gostam de "modern pop", *Once Upon a Time*. Para mim, é o próximo disco.

BIZZ — *Como você vê hoje o primeiro deles?*

Jim Kerr — Vejo-o de uma maneira bem diferente do que, por exemplo, há uns dois anos... Há dois anos, eu não ia querer nem conversar sobre ele. Mas hoje tenho bastante orgulho dele... Voltei a gostar. O problema comigo é que só consigo pensar no futuro, sempre estou interessado no ano que vem, então, para mim, nossos discos são como um álbum de velhas fotos — algumas a gente gosta muito e outras não... É tudo muito honesto, o que nós éramos na época... são OK.

BIZZ — *São vocês que fazem a escolha do produtor?*

Jim Kerr — Sim, e sempre estivemos envolvidos, claro, em todos os outros aspectos de cada disco. Obviamente que no começo era mais difícil, os produtores não querem trabalhar com você quando não sabem nada a seu respeito... mas agora está mais fácil, todos os grandes caras querem trabalhar com os melhores.

BIZZ — *Vocês trocam bastante de produtor, não?*
Jim Kerr — É, acho que sim... acho que nós os gastamos *(risos)*. Gosto muito de trabalhar com as pessoas e gosto de aprender. Acho que, quando você trabalha durante uns dois meses com certa pessoa para fazer um disco, é o suficiente. Mas no disco seguinte já está na hora de trocar... geralmente. Às vezes, nós voltamos a trabalhar com o mesmo cara.
BIZZ — *O Steve Hillage, que produziu* Sons and Fascination *e* Sister Feelings Call, *é aquele que tocava no Gong?*
Jim Kerr — Sim...
BIZZ — *Legal. Há muitas pessoas no Brasil, parece, que gostam muito dos progressivos dos bons tempos... Ele é um grande guitarrista. Foram vocês que o escolheram?*
Jim Kerr — Bem, ele nos escolheu, nos procurou e, inicialmente, o achamos louco demais, era um cara que vinha de uma era totalmente diferente... mas quando pensamos mais sobre o assunto... porque, veja, só existem dois tipos de música entre todas que as pessoas rotulam — reggae, progressivo, rock, pop, salsa, soul, blues —, mas só existem dois times: a música boa e a ruim. Quando o conhecemos, percebemos que ele era bom... foi um prazer trabalhar com ele. Naquela época, estávamos fazendo coisas um pouco... psicodélicas. Combinamos bem, então.
BIZZ — *Foi idéia sua lançar dois discos ao mesmo tempo... não era um álbum duplo?* Sons and Fascination *e* Sister Feelings Call?
Jim Kerr — Nossa vontade era lançar como duplo, mas precisávamos de mais dinheiro, para mais tempo de estúdio, e a gravadora não queria dar essa grana. Aí, não conseguimos completá-lo... acabamos soltando um só disco e depois a gravadora resolveu lançar as faixas extras a um preço especial, mas é engraçado... porque esse disco, *Sister Feelings Call*, é como um disco secreto dos Simple Minds, e há umas duas faixas que acho que são as melhores que já fizemos...
BIZZ — *Quais?*
Jim Kerr — "The Theme for Great Cities" e outra chamada "The American"...
BIZZ — *"The American" é maravilhosa, eu gosto muito...*
Jim Kerr — Obrigado.
BIZZ — *Grande linha de baixo!*

"Com um pouco de sucesso, já é fácil ficar preguiçoso, sua visão política pode mudar porque você comprou uma bela casa"

Swaine/LFI

Jim Kerr — Yeah!
BIZZ — *O que aconteceu com Brian McGee e Derek Forbes (respectivamente, o baterista e o baixista da formação original)?*
Jim Kerr — Bem, Brian deixou a banda há muito tempo — seis, sete anos atrás — por uma razão bem simples: casou, teve um bebê e não queria excursionar. Acho que hoje ele se arrepende disso. Ele está tocando com uma banda alemã chamada Propaganda.
BIZZ — *Ele continua com o Propaganda? Quer dizer, com a saída da cantora, Claudia Brücken, não sabíamos se a banda continuaria...*
Jim Kerr — Talvez você tenha razão e eu esteja por fora, mas acho que ele ainda está com eles, junto com o Derek Forbes...
BIZZ — *E por que Derek Forbes deixou os Simple Minds?*
Jim Kerr — Bem, depois de dez anos juntos, as pessoas amadurecem e, às vezes, isso acontece em direções diferentes para cada um. Foi o que aconteceu. Para ser sincero, eu precisaria ficar aqui o dia inteiro para contar essa história. Foi uma pena... eu acho uma grande ocupação pertencer aos Simple Minds, há grande pressões — sempre quisemos ficar cada vez melhores, como banda, como compositores e como músicos, além de continuarmos honestos... Com um pouco de sucesso, já é fácil ficar preguiçoso, sua visão política pode mudar porque você acabou de comprar uma bela casa e um belo carro. Não é isso que eu quero da vida, nem o que os Simple Minds representam. Derek sempre quis ser um popstar.
BIZZ — *E como vocês escolheram John Giblin e Mel Gaynor?*
Jim Kerr — Bem, Mel Gaynor nós escolhemos porque é o melhor *fucking* baterista do mundo. John Giblin porque... há uns anos, trabalhamos com Peter Gabriel e ele estava tocando na banda de Peter. Ficamos conhecendo-o bem, ele também é escocês e compartilhamos várias coisas. Ele também é um instrumentista fantástico. Os dois juntos, então... Bem, quando você vir a banda ao vivo, vai entender.
BIZZ — *Em que grupos Mel Gaynor tocou antes dos Simple Minds?*
Jim Kerr — Ele tocou com um monte de bandas soul, mas nenhuma de muito sucesso.
BIZZ — *Você falou sobre a honestidade ser essencial nos Simple Minds, mas você não acha que* Once Upon a Time *é bem diferente dos trabalhos anteriores, quero dizer, foi-se boa parte do experimentalismo para dar lugar a um som mais pop, mais comercial...*
Jim Kerr — Acho que você tem razão, mas acho também que é sempre bom tentar coisas novas. Se o próximo disco fosse igual ao *Once Upon a Time*, então seria ruim. O que mais posso dizer? Acho que qualquer banda, de todas as grandes bandas, dos Doors aos Beatles... os Doors tinham grandes momentos de banda pop e tinham grandes momentos psicodélicos e tinham grandes momentos intelectuais e grandes momentos sexuais/espirituais... Então, por que não tentar existir em vários planos? Não acho... quer dizer, acho *Once Upon a Time* um bom disco de "modern rock" mas não acho que seja um caminho definitivo.
BIZZ — *Vocês estão compondo agora? Como vai o novo trabalho?*
Jim Kerr — Estamos só começando, mas acho que vai ficar mais parecido com os trabalhos anteriores. Será um pouco mais orquestral e canções fortes, mais políticas, sexuais, espirituais.
BIZZ — *As letras são sempre suas, não?*
Jim Kerr — Sim.
BIZZ — *E de onde vem a inspiração, de sua vida cotidiana, de livros, enfim...*
Jim Kerr — De estar vivo. De manter os ouvidos e os olhos abertos, de ter vinte e oito anos e andar pela rua. É por aí...
BIZZ — *E que tipo de música você costuma ouvir no dia-a-dia?*
Jim Kerr — Bem... nesse exato momento eu estou ouvindo qualquer coisa, porque estou lendo bastante. Não consigo ler e ouvir música ao mesmo tempo. Mas gosto de tudo, de... as pessoas que eu gosto são aquelas que já citei, do passado... mas ainda assim gosto de caras como Springsteen, Suzanne Vega, Elvis Costello, U2, gosto muito dos Pretenders, dos Smiths... ouço também muitas trilhas sonoras, Enio Morricone, gosto muito de blues, de Ry Cooder...
BIZZ — *Este está sendo um grande ano para o Brasil no sentido de que há várias bandas inglesas vindo se apresentar aqui... Já estiveram aqui os Banshees, Echo & Bunnymen, o Cure e agora é a vez do PIL e do BAD. Isso, por aqui, era inédito... e agora esperamos contar com os Simple Minds para o ano que vem. Dessas bandas, todas tiveram muito sucesso... gostaria de saber sua opinião sobre elas. O Cure, por exemplo, você gosta deles?*
Jim Kerr — Gosto de Robert Smith, acho-o muito original... mas não tenho nenhum disco do Cure em casa.
BIZZ — *Echo & the Bunnymen?*
Jim Kerr — Acho-os meio repetitivos mas ocupam um lugar especial no meu coração. Gosto mais de outras bandas do mesmo período... eles podem ser meio entediantes, para falar a verdade. Acho o disco novo bem monótono... mas gosto deles. Só acho que está na hora de tomarem uma decisão, uma mudança. Se continuarem sempre assim, *every fucking album* igual...
BIZZ — *Me lembro de ter lido que os Simple Minds tocaram junto com o U2... não sei quem abria o show, mas...*
Jim Kerr — Ambos abriram. Uma noite, foram eles. Na noite seguinte, fomos nós.
BIZZ — *Vocês têm um bom contato com o Bono?*
Jim Kerr — Oh, sim. Somos gran-

Claude Gassian

"Se você vier a minha casa, não vai ver nenhum disco de ouro na parede, nenhuma cocaína. Me recuso a ser chamado de popstar. Preferia que você me chamasse 'o Jim Kerr, da Escócia, que é cantor do Simple Minds...' "

Sam Emerson/Sipa Press

des amigos.
BIZZ — *Eles também se aliaram à Anistia Internacional...*
Jim Kerr — Sim.
BIZZ — *E o Morrissey?*
Jim Kerr — Não conheço pessoalmente. Não acho que ele seja fã dos Simple Minds...
BIZZ — *Mas você é fã dos Smiths?*
Jim Kerr — Sim.
BIZZ — *Você gosta das letras dele?*
Jim Kerr — Gosto do Johnny Marr. Gosto também da voz do Morrissey. Yeah, acho as letras dele esquisitas.
BIZZ — *Você disse que Derek Forbes saiu porque queria ser um popstar. Mas vocês são popstars, não?*
Jim Kerr — Hummm... Não. Simple Minds sou eu e, se vocês fizerem de mim um popstar, o problema é de vocês.
BIZZ — *Bem, mas você são famosos, vendem muitos discos...*
Jim Kerr — Eu sei, mas Bob Dylan não é Liberace. Pelé não é um jogador escocês. São visões diferentes, pessoais... você não é o mesmo que outros jornalistas. Eu sei o que você quer dizer, mas você também sabe o que eu quero dizer.
BIZZ — *Gostaria, então, de mudar a pergunta: como você encara o sucesso?*
Jim Kerr — Eu o uso, não sou usado por ele. Uso para ajudar a Anistia Internacional ou, então... Não penso no sucesso, entro no palco e se há vinte mil pessoas, faço show, e se há duzentas pessoas, faço o mesmo show... Não sou do tipo de pessoa que freqüenta *night-clubs*, não sou visto badalando com o Mick Jagger. Se você vier à minha casa, não vai ver nenhum disco de ouro na parede, nenhuma cocaína. Me recuso a ser chamado de popstar. Sei o que você quer dizer, mas preferia que você me chamasse "o Jim Kerr, da Escócia, que é cantor dos Simple Minds". Não tenho nada em comum com Boy George.
BIZZ — *Você disse que estava lendo bastante. Que tipo de literatura você gosta?*
Jim Kerr — Ando lendo de tudo,de *Bhagavad Gita* à Bíblia, James Joyce, Brendan Behan, Albert Camus, Samuel Beckett, Sam Shepard. Também leio sempre os jornais.
BIZZ — *E de ir ao cinema, você gosta?*
Jim Kerr — Gosto muito.
BIZZ — *Acabo de me lembrar: o primeiro lançamento dos Simple Minds no Brasil não foi* Once Upon a Time *e sim o compacto* Don't You Forget About Me. *Foi um grande sucesso o tema do filme* Breakfast Club *(ainda inédito no Brasil). Conte como pintou esta gravação.*
Jim Kerr — Bem, Forsey *(compositor, autor da canção)* nos procurou para que gravássemos a música. No começo, não gostamos dele *(risos)* e dissemos "não". Achamos ele muito insistente e preocupado demais com dinheiro. Não queríamos gravar a música. Aí, ele começou a aparecer em todos nossos shows e começamos a conhecê-lo melhor, parecia ser um grande fã da banda. Acabamos topando ouvir a música e, aí, pronto... E, considerando a média dos filmes americanos feitos para adolescentes, acho um bom filme. Sempre quisemos fazer música para o cinema e, na época, não tínhamos nenhuma música nova. Aí experimentamos essa canção. Não tínhamos idéia de que fosse se tornar um grande hit no mundo todo. Pensávamos que o filme só ia ser lançado nos Estados Unidos e que nenhum dos nossos fãs ia ouvir a música — só os fãs americanos que, na época, eram poucos. Gravamos a música em um tarde e aí ela chega ao primeiro lugar das paradas americanas! Estranha virada do destino...
BIZZ — *No Brasil também. Foi a primeira vez que as rádios daqui tocaram Simple Minds... acredito que tenha acontecido o mesmo em toda América do Sul. Mas, voltando um pouco... você disse que gosta de ir ao cinema. Que tipo de filme você gosta?*
Jim Kerr — Filmes bons. Você conhece *A Missão?* Gostei desse. Alguns filmes japoneses, como *Ran*, do Kurosawa. Gosto também do Martin Scorsese, Coppolla, todos esses caras — De Niro, Pacino. Os alemães também: Fassbinder, Herzog. Amo *Aguirre* e *Fitscarraldo*, os filmes que ele fez na selva amazônica.
BIZZ — *E vocês têm, então, planos de fazer trilhas sonoras?*
Jim Kerr — *Yeah*. Estamos recebendo, inclusive, muitos roteiros com essa intenção. Mas, no momento, só estamos pensando nesse próximo LP.
BIZZ — *O segundo LP dos Simple Minds,* Real to Real Cacophony...
Jim Kerr — Sim. *Real to Real* (Rolo a Rolo) é como uma trilha de filme...
BIZZ — *Então, era de se imaginar porque vocês nunca tinham feito uma trilha antes...*
Jim Kerr — Porque ninguém conhecia a gente, ninguém queria a gente.
BIZZ — *Mas agora sim...*
Jim Kerr — Agora é diferente. Sabe, pelas coisas que você disse e pelo modo de dizê-las, acho que vai gostar de nosso próximo disco. Acho que vai ser bem cinematográfico, mais como o *Real to Real*. Acredite se quiser...
BIZZ — *Quando começam as gravações?*
Jim Kerr — Estamos só compondo ainda e, para falar a verdade, eu poderia dizer que estamos de férias. São nossas primeiras férias em nove anos! E para voltar com um disco especial, do jeito que queremos... Sabe, é importante não fazer parte do mundo do rock. Estou em casa, passeando pelas ruas, voltando a entrar na realidade. Em alguns meses, acredito que as músicas vão ganhando com isso. Acho que daqui a um ano teremos o disco pronto e começaremos a excursão.

"No disco ao vivo está 'Os Simple Minds apoiam com alegria a Anistia Internacional'. Os direitos humanos são parte do grupo"

BIZZ — *Já pensaram em algum produtor?*
Jim Kerr — Ainda não. Todo dia alguém da gravadora liga e pergunta: "Que tal fulano? Que tal sicrano?" Acho que vamos trabalhar com dois produtores porque o disco terá dois lados bem diferentes. Um mais rock, outro mais solto.
BIZZ — *Alguém já sugeriu o Brian Eno?*
Jim Kerr — Bem, nós adoraríamos trabalhar com ele, mas acho que deveria ter acontecido quatro, cinco anos atrás. Seja como for, nós temos nosso próprio Brian Eno... ele se chama Michael McNeil. Ele é fantástico.
BIZZ — *Mas ele não costuma produzir...*
Jim Kerr — Para falar a verdade,

Claude Gassian

"Diga às bandas influenciadas por nós que desejo boa sorte a elas. Diga a todos que desejamos o melhor para todos e que logo estaremos aí"

nós co-produzimos todos os nossos discos. Nós é que sabemos melhor o que é o som Simple Minds. Mas é sempre bom ter uma opinião de fora. Depois de nove anos, ganhamos muita experiência. Para nós, hoje, o produtor é aquele que lida mais com o orçamento do disco, com as condições de gravação. É claro que eles têm uma opinião sobre a música, mas...

BIZZ — *Você mora em Londres atualmente?*

Jim Kerr — Sim, devo ir à Escócia logo, mas minha mulher já morava aqui antes de nos conhecermos. É onde estou agora...

BIZZ — *Quando vocês vierem ao Brasil, ela... Chrissie Hynde, vem junto?*

Jim Kerr — Não, acho que não.

BIZZ — *Então os Pretenders não têm planos de tocar no Brasil?*

Jim Kerr — Não sei. Mês que vem eles encerram sua excursão... mas se, como você diz, todas as bandas estão agora indo até o Brasil, eles fatalmente irão na próxima turnê.

BIZZ — *Espero que sim. Para falar a verdade, não gosto muito dos últimos, mas os primeiros discos são muito bons...*

Jim Kerr — Eu amo o último disco. Amo o primeiro e este último.

BIZZ — *Na sua entrevista à Spin, você diz que vocês se encontraram pela primeira vez dentro de um elevador, na Austrália, e você disse: "Gosto muito de suas primeiras composições". Aí pensei: ele não gosta das músicas recentes...*

Jim Kerr — Eu não gosto de *Learning to Crawl*... era a isso que estava me referindo.

BIZZ — *Certo. Bem, acho que já temos o suficiente aqui. Obrigado. Foi um prazer entrevistá-lo... Esperamos, então, vê-los aqui no Brasil.*

Jim Kerr — Me diga uma coisa: a pessoas em geral, aí, conhecem mesmo a banda?

BIZZ — *Sim, sim. A primeira coisa que chegou aqui foi mesmo "Don't You Forget About Me". Foi a primeira a se tornar popular mesmo. Depois saiu o* Once Upon a Time, *que deve ter vendido umas setenta mil cópias...*

Jim Kerr — E qual é a mais popular? O Cure ou os Bunnymen...

BIZZ — *Bem, o Cure é muito popular, tocaram muito na rádio as músicas do* Head on the Door. *Também tocou muito em uma das novelas que têm na TV brasileira... O U2 também é muito popular, toca muito no rádio. E os Simple Minds, o disco ao vivo, está sendo bastante tocado nas rádios e vídeos também...*

Jim Kerr — O vídeo ao vivo...?

BIZZ — *Não. Um clip... Vocês têm um vídeo ao vivo?*

Jim Kerr — Sim, *In Concert*. Tenho que dar um jeito disso ser lançado aí...

BIZZ — *Há até bandas brasileiras influenciadas por vocês...*

Jim Kerr — Ah! Robert Smith disse isso.

BIZZ — *Não é uma banda, são várias...*

Jim Kerr — Bem, diga a essas bandas que desejo boa sorte a elas. Diga a todos os brasileiros que desejamos o melhor para todos e que logo estaremos aí.

CAPITAL INICIAL
INDEPENDENCIA
EM DISCOS E FITAS
PolyGram
JA NAS LOJAS

MÁFIA

BLACK NA VEIA

Foto R. Tucci/Azul

FUNK, HIP HOP, RAP FEITO POR ESPECIALISTAS

Máfia tem sua origem sob o nome de Os Incoerentes, banda que chegou a dividir o palco com Ultraje, Titãs, Ira!... em 82, quando o funk ainda não era moda. No comando estava Scowa, que ficaria mais conhecido como membro do Sossega Leão do que por este ou os muitos trabalhos que realizou ao longo de sua carreira de 14 anos como músico. Ao sair do Sossega — e mesmo enquanto lá esteve — Scowa se dedicou, sozinho, a este trabalho com as raízes da *black music*.

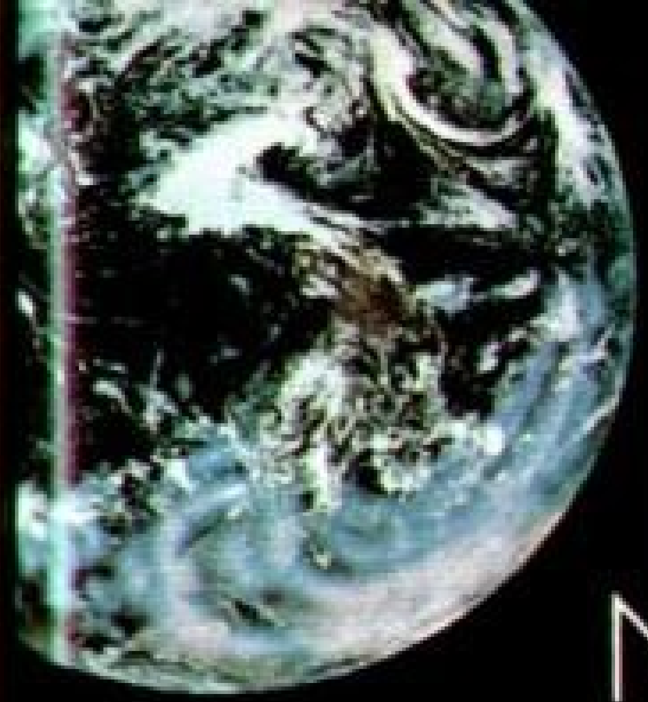
"Os Incoerentes tinham um lance de funk — rock-funk com Jimi Hendrix. Hoje o Máfia continua fazendo uma releitura dessa coisa, misturando letras meio cínicas, mordazes", conta o próprio Scowa.

Era um projeto solo, ou seja, ele tocando e compondo tudo, com uma ou outra força de alguns *friends*, como Nasi Valadão (Ira!) e Arnaldo Antunes (Titãs). "Eu queria seguir o caminho inverso do Sossega — enquanto lá eram quatorze, aqui seria apenas um." Mas isso se tornou inviável: "Tinha que levar muita coisa para o palco, e o mais simples já era complicado". Foi então que Scowa resolveu reunir um time de primeira linha. "Era o Tuba (ex-Sossega Leão) na guitarra, mas ele deixou o grupo para se dedicar ao Clínica. No lugar dele entrou Tonho Penhasco (ex-'vanguarda paulista', simplesmente porque tocou com todo mundo dessa ala). Tem ainda o James Müller (ex-Patife e ex-Ritchie) na bateria e a Lelena no baixo. Nos backing vocals coreografados, Bukassa e Tchê." E você? "Eu faço miguelagens generalizatórias — guitarra, teclados, vocal... Enfim, o que vier eu traço."

No repertório, uma música da fase Os Incoerentes — "O Amigo do Amigo" —, um novo arranjo para "Atropelamento & Fuga", do Akira S & as Garotas que Erraram, "Zumbi", de Jorge Ben, e ainda um funk com letra de Arnaldo Antunes: "Tudo Certo/Tudo Errado". "Apesar dessa letra ser tipo 'um dia desses eu me mato', o arranjo dá um tom de cinismo a ela. Na verdade não estamos presos a uma linha; digo funk porque sempre curti música negra. Vejamos: inventa um rótulo aí para mim, como, por exemplo, funk antropofágico."

Uma questão pertinente ao estilo: como se resolve o possível problema do Máfia entrar na *mass media* como mais um grupo de funk, rap, hip-hop? "Só digo que tenho 32 anos, 14 de música e fim de papo. Não estou nem aí. Acho saudável ter muita banda, e realmente corremos o risco da invasão de sub-bandas de funk. Mas acho que esse estilo está mais próximo do espírito brasileiro e pode vingar melhor que o rock. Além disso, sempre teve bailes regados a funk na periferia. Só é novidade na "zona sul..." "Tinha até um cara chamado Franco, a Lady Zu, Toni Bizarro... Tudo numa época em que não se tocava esse tipo de música no rádio." Mas você não acha que, como aconteceu com o punk, esse estilo pode ser *tomado* por leigos e, dessa forma, ser excluído do cenário o pessoal que está fazendo esse som há mais tempo? "Acho possível acontecer. Corre o risco de ser pasteurizado. Sou partidário de que você deve aprender metendo a mão. Tem que rolar na rua... Mas nenhuma linguagem é privilégio de classe social alguma. É só a coisa ser real dentro de você."

Sônia Maia



MÚSICA DA NOVA ERA

Ouça o programa todo domingo, na ELDORADO FM - 22h, em SP, e na JB AM STÉREO - 21h, no Rio.

Agora no Brasil a música do Século 21

O Estúdio Eldorado agora representa no Brasil a Kuckuck alemã, a Celestial Harmonies, Black Sun e Fortuna Records americanas, as pioneiras da *música do mundo*, a música do século 21. É a música do futuro, de um tempo que ainda está à nossa frente mas que já deu sinais da sua presença. Em sua antecipação, ele associa o que um dia pareceu incompatível: eletrônico e acústico, composição e improvisão, instrumental e vocal - e tudo parece mesclar-se com simplicidade e grandeza, num curso quase inevitável.
Essa é uma abertura para um novo gênero, um tipo de música que vai longe porque tem fundas raízes no passado, que ocupa a alma do homem porque aquele é o seu território natural desde há muito tempo.

PAUL HORN-Inside the Great Pyramid

A experiência fantástica do flautista Paul Horn dentro da Grande Pirâmide. Um álbum duplo já clássico, obrigatório.

DEUTER - Nirvana Road

O verdadeiro *blend* Oriente/Ocidente, com toda a leveza e alegria do talento de Deuter.

TIBETAN BELLS II

O som do Vazio - o mais impressionante álbum desta coleção - o som da vida e da morte, e do que vem depois.

PATRICK BALL - Celtic Harp

A cristalina harpa celta - o som da Irlanda, o som das Brumas de Avalon... Patrick Ball toca numa harpa como as antigas medievais.

PETER MICHAEL HAMEL - Organum

O novo som que vem de um *continuum* de muitos séculos, na criação de um dos maiores músicos da Alemanha.

ESTÚDIO ELDORADO

Dez anos de boa música

Foto Paul Cox LFI

Bolshoi

CONHECIDOS E OBSCUROS

Você disse Bolshoi? Quem? Onde? Como? As rádios que andam tocando a famosa "Sunday Morning", desde o início do ano, não foram mais explícitas. É Bolshoi, e pronto. Mas o prezado ouvinte já suspeitava que aquele sotaque miado do vocalista e guitarrista Trevor Tanner, aquelas construções harmônicas montadas por ele e o resto da banda — Nick Chown (baixo), Ian Kalicki (bateria) e Paul Clark (teclados) — revelavam um inconfundível sabor britânico. Relativamente nova (formada em 84), Bolshoi não é o que se poderia chamar de banda enraizada na tradição do rock inglês. Pelo contrário. Para fugir da mesmice — uma obsessão na ilha —, procura desesperadamente desmarcar-se das referências explícitas, cozinhando todas as influências possíveis para servir quentes composições pop. Para tentar desvendar o mistério, conversamos com Trevor Tanner. Ele não fez questão de derrubar a nuvem de fumaça.

BIZZ — *Como pintou exatamente a participação na trilha de* Something Wild (Totalmente Selvagem)?

Trevor — Eles ouviram a música no rádio e os produtores resolveram usá-la. Foi puro acidente, na verdade. Ficamos contentes mas jamais esperávamos por uma coisa dessas... De repente, o mundo inteiro conhece o Bolshoi... Pode-se acabar com uma boa banda assim!

BIZZ — *Falemos do Brasil. O que vocês esperam encontrar aqui?*

Trevor — Estou esperando um clima bem quente. O público, acredito que seja coloroso e receptivo. Fora isso, já não posso esperar por mais nada, não conhecendo o país nem outro lugar parecido... Vou com a mente aberta, acho que toda a banda pensa assim. Não são muitas as bandas inglesas que já tocaram no Brasil, então nos sentimos com muita sorte... Espero que a gente se divirta bastante.

BIZZ — *"Sunday Morning" fez muito sucesso nas rádios brasileiras, o que também não é uma coisa que todas as bandas inglesas conseguiram...*

Trevor — "Sunday Morning" primeiro fez sucesso na Espanha. Talvez isso tenha ajudado. Mas também acho... É estranho que tenha sido na Espanha e no Brasil, porque são dois países católicos, certo? E a letra tem um pouco a ver com religião, estranho porque eu também sou católico; estranho que dois países católicos tiveram a atenção chamada por uma música que tenha algo a ver com isso... Embora não seja exatamente religiosa, é mais sobre as tradições inglesas e as manhãs de domingo. Eu fiquei feliz porque é minha música favorita no disco.

BIZZ — *Falando sobre a música de vocês... quais são as influências principais?*

Trevor — Quando me fazem essa pergunta, e é constantemente, respondo que é difícil dizer quais são as bandas de que eu gosto, porque são tantas! Há também as influências que vão nas letras que eu escrevo, que vêm de coisas do cinema e da televisão, amigos meus, minha família, todas essas coisas... Eu geralmente gosto de qualquer tipo de música, desde que tenha qualidade. Certo?

BIZZ — *Quais são seus vocalistas preferidos?*

Trevor — Peter Gabriel, David Byrne, Frank Sinatra... tanta gente. Gosto de mim também. Acho que neste momento são esses os principais. Mudo de idéia todo dia.

BIZZ — *Você disse que estavam gravando o novo LP. Está pronto?*

Trevor — Sim, está.

BIZZ — *Como se chama?*

Trevor — *Lindy's Party (A Festa de Lindy).* Lindy é o nome de uma garota...

BIZZ — *Quais as diferenças em relação ao primeiro?*

Trevor — Continuamos soando como o Bolshoi. Eu acho este muito melhor, porque desta vez nós mesmos fizemos a produção e fiquei mais feliz com o som do disco. Não acho que seja muito diferente, fora isso. Não acho que vá impressionar as pessoas que não gostaram do primeiro!

BIZZ — *Qual é o segredo para se fazer um hit?*

Trevor — Uma pergunta muito difícil. Não penso nesse sentido. Acho que, para ser uma banda de sucesso, é preciso ser bastante dedicado, não se preocupar muito com dinheiro ou com boas horas de sono, nem dá para esperar ter uma vida pessoal sem nenhum tipo de interferência. É preciso muito tato e paciência entre as pessoas da banda. Em relação a ter ou não um hit, é preciso também ter muita sorte — a canção certa, o som certo, no momento certo. Mas se você tocar ao vivo bastante e trabalhar duro um dia acaba chegando lá.

BIZZ — *Como você explicaria o fato de certas bandas inglesas ficarem mais populares no resto do mundo do que em seu próprio país?*

Trevor — É muito difícil tocar nas rádios, aqui, em primeiro lugar. É preciso uma gravadora forte por trás. Mas também tem a ver com a situação da Inglaterra no momento... Acho que muitas pessoas estão mais interessadas em assistir TV do que em comprar discos. Você comentou o fato do último LP do Boy George não ter vendido muito bem aqui. As pessoas andam muito entediadas e polarizadas. Nós mesmos, o Bolshoi, nos damos melhor na América, na França, na Suiça, no Brasil e até na Alemanha!

BIZZ — *Será que os ingleses estão tão interessados em rap e hip hop que só pensam nesses grupos cultuados pelo* New Musical Express, *que...*

Trevor — Veja, o *NME* é a pior publicação inglesa, *anyway*. Não representa nem um pouco o que o povo daqui está ouvindo. São muito pretensiosos e intelectuais... Acho que há uma linha de frente mais comercial no rap, como os Beastie Boys e o Run DMC, que são bem populares... mas os grupos mais obscuros, como Mantronix, não são tão importantes quanto pensa o *NME*. Você já ouviu "La Bamba" com Los Lobos? Este é um disco que está acontecendo aqui... Eu gosto muito deles.

BIZZ — *Então, estamos esperando por vocês aqui...*

Trevor — Sim. Vou te dizer que ficamos muito surpresos com esta história toda do Brasil. Você saberia explicar como aconteceu?

BIZZ — *Foi através das rádios. Mesmo assim, não deixa de ser estranho, porque as rádios daqui não têm muito critério. Às vezes gostam de uma canção e a tocam para valer, mas a verdadeira razão disso é difícil de explicar...*

Trevor — Você acha que vai haver bastante gente nos shows?

BIZZ — *Sim, sim... Mas voltando a "Sunday Morning", com certeza as pessoas que ouviram telefonaram para as rádios perguntando de quem é, pedindo para tocarem mais.*

Trevor — *Great!* Então você acha que o pessoal vai ver o nosso show... Não vai estar vazio?

BIZZ — *Não, não... Pode acreditar em mim, o público de vocês é certo.*

Trevor — Não vemos a hora de chegar aí.

Jean-Yves de Neufville

Foto Fabiana Figueiredo Azul

BRASILIAN SPEED METALFOR EXPORT

SEPULTURA

Do pé das montanhas de Belo Horizonte, eles rugem um sonoro *fuck off!* para os metaleiros acerebrados, de olho nos headbangers europeus e americanos que — por incrível que pareça — os aguardam ansiosamente.

Para os leigos — e até para boa parte dos que ouvem heavy metal, mais especificamente fãs de *posers* — o estilo se resume a um bando de cabeludos barulhentos que adoram o diabo. Já alguns críticos de música dizem que o HM estaria, atualmente, apontando o caminho da salvação para o rock.

O primeiro caso demonstra uma atitude preconceituosa e desinformada que se expressa, por exemplo, na pouca atenção dada às atuais releituras do metal. No caso da crítica, são os eternos sedentos por alguma novidade que resolveram eleger o *speed-metal* como a grande coisa do momento. Grupos como Metallica, Anthrax e Slayer receberam até a deferência de ocupar a capa do semanário londrino *New Musical Express* há uns quatro meses. Enquanto a paradoxal comédia entre leigos e exacerbados corre solta, a legião de headbangers atentos prossegue. Pelo menos aqui, o reflexo mais evidente disso é o ativo mercado independente, que sobrevive glorioso, sem perdas ou danos, a não ser o fato de continuar isolado.

''O HM chegou errado e distorcido no Brasil'', tenta explicar Max, vocal e guitarra base do Sepultura — uns mineiros prestes a invadir o mercado europeu e americano. ''A mensagem que se trabalha lá fora é diferente'', continua. ''Aqui o pessoal acha que o som é um incentivo à porrada, quando lá fora é um meio de diversão''.

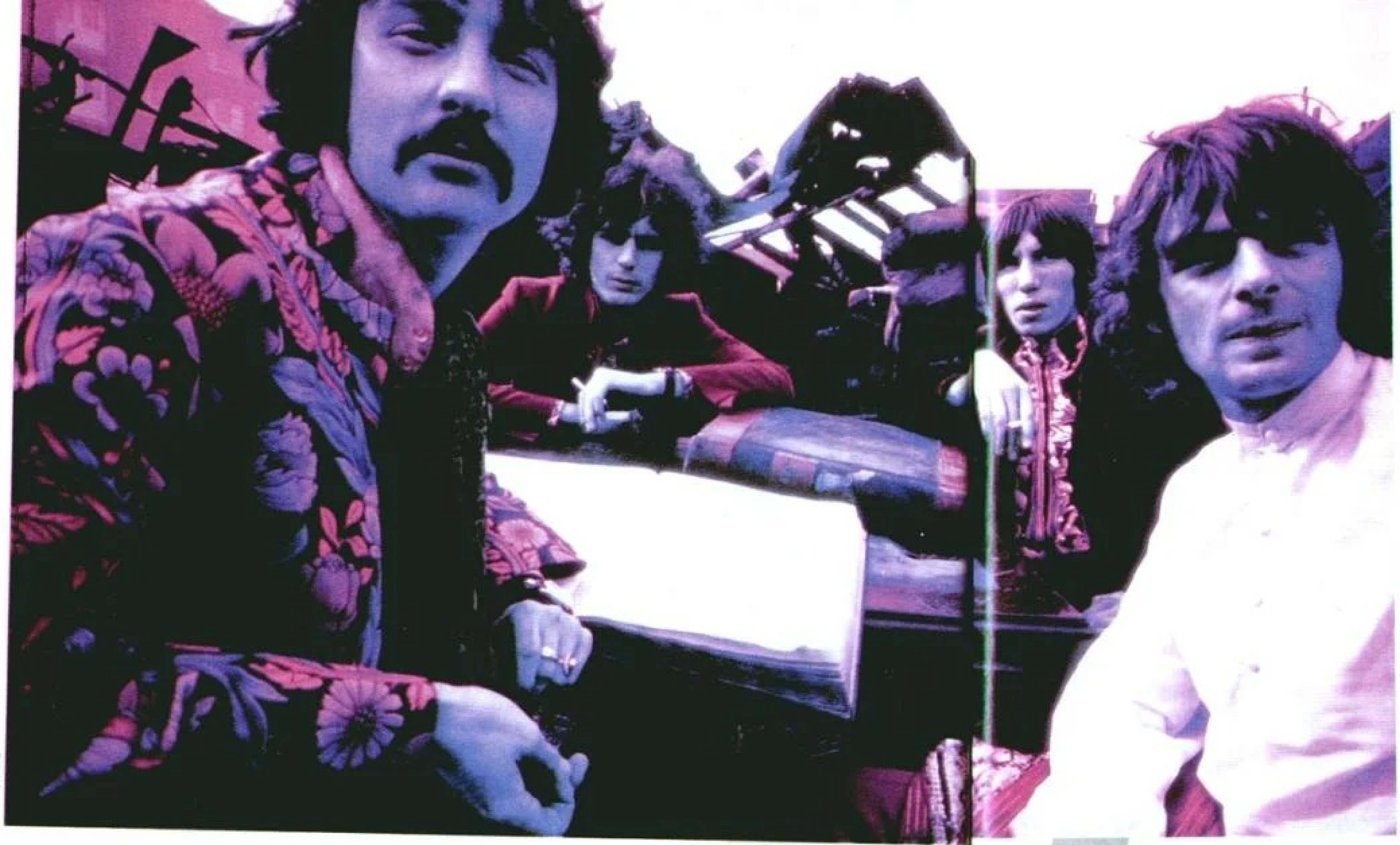
Foi neste contexto que os irmãos Max e Igor resolveram pegar na guitarra e bateria em 84. Com os ouvidos ligados em Iron Maiden e Venom e, mais tarde, Kreator, Motorhead, Judas Priest e os agrupamentos punk/metal de bandas como English Dogs, mais uma atenção especial ao hardcore, eles montaram o Sepultura com Paulo, que assumiu o baixo, e Jairo na guitarra solo. Depois de algumas divergências de estilo, Jairo deixa o grupo e o paulista Andreas fixa residência em Belo Horizonte para substituí-lo. Hoje bandas como Kreator, Death e Sacrifice estão ligados no Sepultura.

Mas como esses caras ficaram sabendo da existência destes mineiros? ''Não sei quem mandou um disco (*Morbid Visions*, segundo LP do grupo) para WBCR (rádio nova-iorquina especializada em metal). Logo em seguida estávamos em quinto lugar na parada'', diz Max. Daí para a frente foi mero desenrolar natural: cartas e mais cartas de pedidos de camisetas e buttons (todos desenhados por Igor), um primeiro lugar na rádio Overkill do Canadá e o interesse de várias gravadoras em lançar o grupo no exterior. E quem venceu a última concorrência foi o selo alemão Argh!, que lançou, no mês passado, dez mil cópias de *Morbid Visions*. Em caso de venda total, o Sepultura terá direito a uma turnê européia bancada pela gravadora. Caso isso não ocorra, eles vão por conta própria, ''para ganhar experiência de palco e produção'', como afirma Max.

A história do grupo se resume a três anos de trabalho constante. Eles ensaiam diariamente, todas as tardes, poupando apenas os domingos. Na administração, um esperto selo independente mineiro: a Cogumelo Discos que, além de ser a ponte de todos estes contatos internacionais, mantém o programa *Metal Massacre* na única rádio de rock no Brasil que merece o nome: a Liberdade FM de Belo Horizonte.

Fora isso, os garotos — cuja idade oscila entre 16 e 18 anos — se preparam para lançar, ainda este mês, seu terceiro LP, *Esquizofrenia*. A quem possa interessar, com uma turnê pelas principais capitais brasileiras e interior de São Paulo.

O disco carrega a temática da esquizofrenia, da depressão e do cotidiano de cada um, ligada à rejeição que eles sofrem em seu próprio país. Por isso mesmo todas as letras são em inglês. E, além disso, para que servem os cabelos longos, senão para cobrir a própria face, preservando o espaço vital? *Sônia Maia*



Adrian Boot/Retna

PINK FLOYD

Por Waldir Montanari

PARTE I

NO TÚNEL DO TEMPO

Em 5 de agosto de 1967, era lançado em Londres o primeiro LP do Pink Floyd, The Piper at the Gates of Dawn, pouco depois da gravação de dois compactos e na mesma época em que os Beatles e os Rolling Stones orquestravam uma grande massa de jovens. A palavra de ordem era a contracultura e, em nome dela, valia tudo. Desde andar com flores na cabeça até a leitura e prática das idéias dos maiores baluartes da geração beat (Kerouac, Burroughs, Corso...). Qualquer jovem que se dispusesse a evidenciar a repulsa contra os mais velhos queria mais era "tomar todas", sair de carona pelo mundo... ou pegar uma guitarra e canalizar a revolta através das cordas.

O primeiro disco do Pink Floyd trouxe uma somatória ponderada de tudo isso e só encontrou um pequeno obstáculo pela frente: um LP dos Beatles chamado *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, lançado dois meses antes. Numa primeira instância, o disco não repercutiu o que dele se esperava. A verdadeira aventura do Pink Floyd começou em outubro de 1967, quando a equipe de produção do conjunto enfiou na cabeça que ele precisava acontecer nos Estados Unidos da América, o que era comum às boas bandas inglesas. Precisamente no dia 24 de outubro de 1967, o quarteto partiu para o outro lado do Atlântico, sem imaginar que uma série de fiascos estava reservada ao Pink Floyd na terra de Tio Sam. Fazia parte da via-sacra pedir a bênção para todos os apresentadores de TV com grande audiência (nomes como Ed Sullivan, Dick Clark e Pat Boone). Em todos eles o guitarrista Syd Barrett aprontou alguma façanha. No Pat Boone Show, por exemplo, enquanto o figurão tentava entrevistar os músicos, o máximo que Barrett oferecia era um olhar centrado no infinito e a mais anátrica mudez.

Resultado: dez dias depois estavam de volta à Inglaterra, com todo mundo querendo a cabeça de Syd numa bandeja. E foi exatamente essa série de episódios que colocou o Pink Floyd na ordem do dia, como um bando de esquizofrênicos que ousavam desdenhar do sucesso e zombar dos garotinhos e garotinhas americanos que cresceram acostumados a ver os Beatles de terninho na TV. Na verdade, o excêntrico era somente Syd, mas o grupo ficou com a fama... e depois deitou e rolou sobre ela.

Vinte anos se passaram e a história do Pink Floyd virou um misto de lenda e realidade. Durante todo esse tempo, milhões de discos foram vendidos e milhões de jovens tributaram ao grupo uma devoção capaz de despertar inveja em líderes de muitas seitas e religiões.

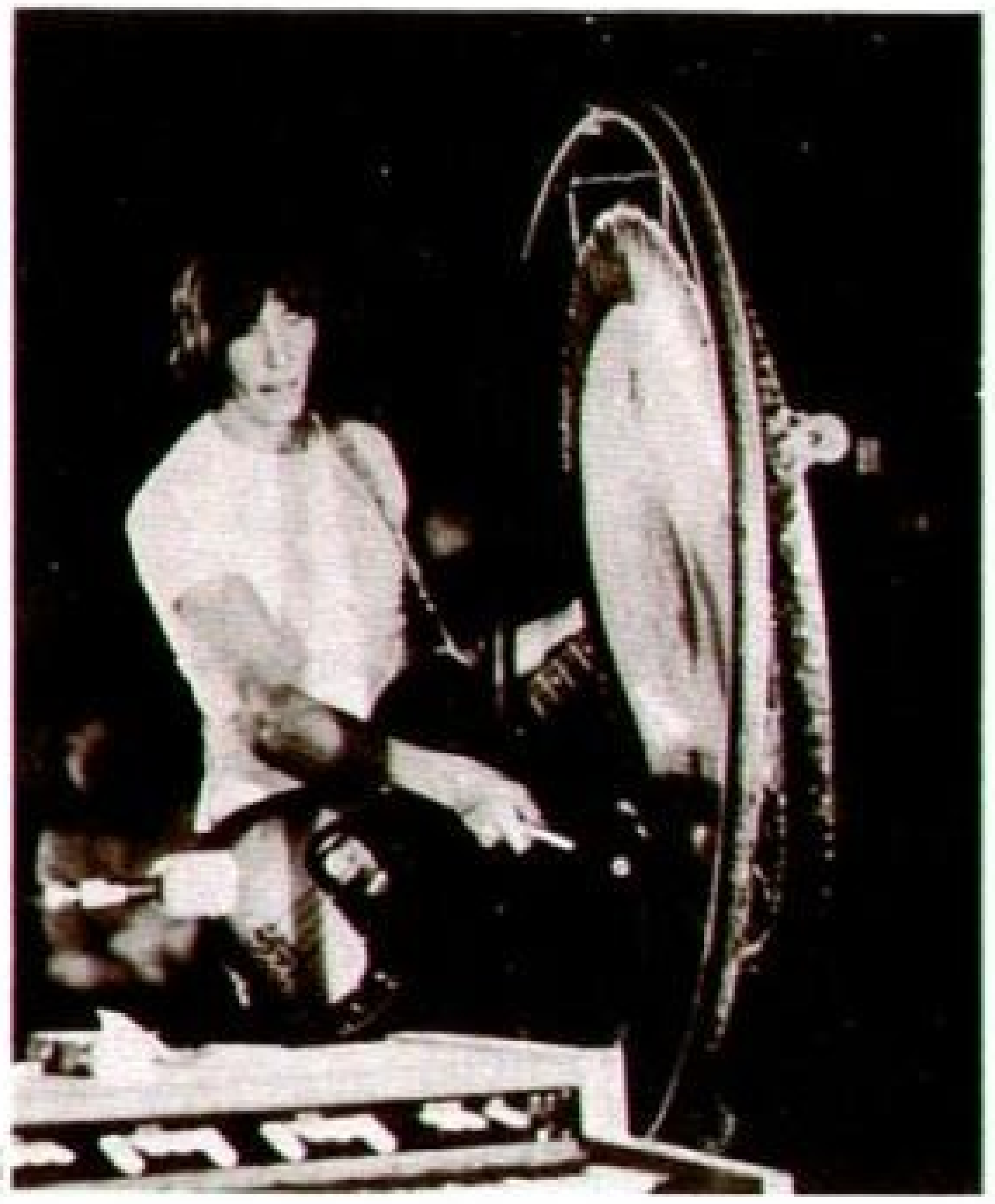
A história do Pink Floyd teve seu início em Londres, em 1965, quando George Roger Waters (nascido em Cambridge, 9 de setembro de 1944), Richard William Wright (nascido em Londres, 28 de julho de 1945) e Nicholas Berkeley Mason (nascido em Birmingham, 27 de janeiro de 1945) estudavam Arquitetura na Politécnica de lá. Logo depois que Rick Wright deixou a escola, eles resolveram formar uma banda, que inicialmente tinha o nome Sigma 6. Assim estava distribuída a instrumentação: Mason (bateria), Waters (guitarra solo),

Wright (guitarra base), Clive Metcalf (baixo), Keith Noble (vocal) e Julliet Gale (vocal). O som deles era baseado no rhytm'n'blues.

Com o tempo, o Sigma 6 foi mudando de nome, passando por T-Set, Meggadeaths e, por fim, Abdabs (com duas variações: Architectural Abdabs e Screaming Abdabs). Nunca tive a oportunidade de saber se aconteceram mudanças na formação, mas o fato foi que os Abdabs não passaram de 1965. Metcalf e Noble nunca mais foram vistos, enquanto Waters, Mason e Wright resolveram formar outro conjunto (Julliet Gale veio depois a tornar-se a esposa de Rick Wright).

Para tentar uma continuidade, Waters convidou dois amigos de Cambridge: Roger Keith (Syd) Barrett (nascido em 6 de janeiro de 1946) e Bob Close (data de nascimento ignorada). Ambos chegaram a tocar na banda, simultaneamente, mas Bob não permaneceu. Barret já chegou assumindo a liderança e resolveu dar o nome de Pink Floyd ao grupo. Ele dizia que esse nome lhe apareceu numa visão (sabe-se, hoje, que era apaixonado por dois bluesmen da Georgia, chamados Pink Anderson e Floyd Council). Barret tinha um carisma todo especial perante os colegas e era visto como um cara muito esquisito (meio guru, meio marginal). Já havia tido experiências diversas, principalmente tomando drogas pesadas. Além disso, diz a lenda que Barret chegou a viver um tempo na Suécia, onde inclusive casou e teve um filho.

Em *Ummagumma*, de 1969, o Pink Floyd aprofunda o gosto pelas longas viagens instrumentais e registra algumas de suas bombásticas apresentações ao vivo (na foto, Waters)



Durante quase dois anos, com a formação estabelecida em Waters (baixo e vocal), Wright (teclados e vocal), Barret (guitarra e vocal) e Mason (bateria), a banda se apresentou em diversos clubes e casas noturnas do underground inglês (UFO e Marquee, por exemplo), bem como em circuitos universitários. Foi somente em fevereiro de 1967 que conseguiram o apoio de um sujeito chamado Joe Boyd para a produção de uma gravação independente. A idéia básica era a de produzir uma fita demo, para oferecer às gravadoras oficiais. E assim foi feito. Quem ofereceu as melhores condições por aquela fita foi a EMI, que deu ao Pink Floyd um contrato milionário. Da tal fita, que foi registrada pelo engenheiro John Woods no estúdio Sound Techniques, a EMI aproveitou as faixas "Arnold Layne" e "Candy and a Currant Bun", que desfilaram no primeiro compacto do Pink Floyd, lançado em Londres em 11 de março de 1967. E as lendas já começaram a surgir por ali mesmo: conta-se que a segunda música era para ter o título "Let's Roll Another One" ("Vamos Enrolar Mais Um"), mas houve objeções por parte da BBC, obviamente pela alusão à diamba.

Com a aceitação da banda pela multinacional, Boyd recebeu o tradicional pé no traseiro. Passou então a ser o produtor deles Norman Smith. Mas Boyd foi vingado pela providência divina e chegou a declarar à imprensa inglesa que a EMI gastou uma fortuna em horas de estúdio para tentar obter no compacto seguinte (*See Emily Play* e *Scarecrow*) o mesmo tipo de som de "Arnold Layne". Não conseguindo, levou a banda ao estúdio Sound Techniques e pagou ao mesmo engenheiro para realizar a gravação. E vale aqui uma tremenda dica aos colecionadores: o compacto *See Emily Play/Scarecrow* foi a primeira obra do Pink Floyd lançada no Brasil, ainda nos anos sessenta, pela Fermata. Entretanto, não teve a menor receptividade, e sumiu do mapa. Hoje, com toda certeza,* é uma relíquia.

O segundo compacto foi editado na Inglaterra em 16 de junho de 1967. Teve um desempenho melhor que o anterior (que não passou do trigésimo terceiro lugar na parada) e chegou ao quinto posto, permanecendo entre os melhores por sete semanas. O primeiro compacto foi prejudicado pela letra de "Arnold Layne", que falava de um tipo que roubava roupas íntimas de mulheres de um varal durante a noite. Syd disse que concebeu essa letra porque a mãe dele costumava alugar quartos para universitárias de Cambridge. Durante a noite, o varal da casa dele vivia cheio das roupas daquelas moças, e de vez em quando algum gatuno levava umas peças. O puritanismo da BBC não permitiu que uma letra com um teor desse fosse veiculada. Por outro lado, as rádios piratas inglesas também não se engraçaram com o compacto, e ele dançou mesmo.

Paralelamente aos compactos, o Pink Floyd começava a registrar o primeiro LP. Em 16 de março de 1967, o grupo iniciou a gravação de "Interstellar Overdrive", no estúdio um de Abbey Road. Bem ao lado dele, no estúdio dois, os Beatles gravavam *Sgt. Pepper*. E tome mais lendas: comenta-se que John Lennon e Syd Barret trocaram altos papos, e um chegou a dar palpites no disco do outro e vice-versa. Se realmente houve esse contato, resta apenas descobrir no disco de cada um o que ficou das conversas...

Além da gravação do LP, começam também os shows. Ou melhor: os concertos. O tipo de música que o Pink Floyd fazia em 1967 encontrou uma certa relutância em ser encarado como rock, da mesma forma que encontrou uma certa simpatia por parte daqueles que trabalhavam com a música erudita. Christopher Hunt, um produtor de música clássica, se interessou pelo conjunto e fez com que ele se apresentasse no Queen Elizabeth Hall, que até então só havia abrigado concertos eruditos. O Pink Floyd se apresentou lá no dia 12 de maio, e o show recebeu o título *Games for May*. O nome do espetáculo era também o título original de "See Emily Play", música do segundo compacto, gravada uns dias depois do show e lançada em 16 de junho.

Com o sucesso de "See Emily Play", o Pink Floyd começa a aparecer para a Inglaterra. Uma aparição obrigatória foi a do show de TV da BBC, o *Top of the Pops*. Foi exatamente naquelas mostras para a BBC que Syd Barret começou a evidenciar que algo estava errado com sua cabecinha. Na primeira semana, ele apareceu bem vestido, com roupas novas e tal. Na semana seguinte, sujo e com as piores roupas que tinha, além de não estar barbeado. Numa primeira instância, as pessoas não ligaram muito, porque ele vivia drogado, e acharam que era apenas uma *bad trip* passageira. Os colegas só se conscientizaram de que ele estava mal depois da viagem aos EUA.

Quando o Pink Floyd regressou de sua primeira e malfadada viagem à América do Norte, o resto da banda estava querendo pegar Barret pelo pescoço. Só que havia um pequeno detalhe: ele era o guru de todos eles. Na esperança de que fosse uma crise passageira, decidiram mantê-lo na banda. Mas algumas providências precisavam ser tomadas, porque nos shows Syd ficava estático, tocando o mesmo acorde o tempo todo. A resolução que adotaram foi a de contratar um outro guitarrista e deixar Syd mais concentrado nas composições. O convidado foi David Gilmour, antigo amigo de Barret e Waters em Cambridge.

Gilmour entrou em cena no início de 1968, e o último testemunho do Pink Floyd com Barret em compacto foi lançado em 18 de novembro de 1967, com as faixas "Apples and Oranges" e "Paintbox". Em 11 de fevereiro de 1968, uma rara aparição do Pink Floyd como quinteto aconteceu no Top Gear, programa de rádio da BBC comandado pelo famoso John Peel. Enquanto isso, o segundo LP estava sendo gravado. Quando Gilmour chegou, três faixas desse LP já haviam sido produzidas, com Barret na guitarra. Uma delas foi, com certeza "Jugband Blues", de autoria de Syd. Outra foi "Remember a Day", que era para ter saído no primeiro LP, mas não coube. A terceira nunca foi citada, mas eu arriscaria dizer que a maior probabilidade recai sobre "Sea Saw" e "Corporal Clegg".

Era comum, na época, chamar a música do Pink Floyd (bem como de alguns outros grupos) de psicodélica, numa alusão direta a drogas como o LSD. Essa conotação incomodava o pessoal da EMI, que chegou a enviar comunicados à imprensa para tentar desvirtuar a terminologia. Mas foi tudo em vão, porque as letras das músicas não enganavam ninguém. A piração de Barret, então, pôs um ponto final nos eufemismos.

Em 29 de junho de 1968, foi lançado o segundo LP, *A Saucerful of Secrets*, coincidindo com um concerto ao ar livre, no Hyde Park de Londres, para milhares de pessoas. Um ano depois, o King Crimson repetiria a dose, em 5 de julho, abrindo o show que os Rolling Stones fizeram para homenagear o finado Brian Jones. O concerto e o LP foram verdadeiras provas de fogo, pois os fãs já sabiam que Barret estava fora da jogada. Todavia, o conjunto segurou a barra. No disco, foi uma surpresa a faixa-título, de longa duração, ocupando mais da metade do segundo lado. Músicas longas e suítes não eram comuns para grupos de rock da época, e o Pink Floyd contribuiu para inaugurar esse hábito, que se tornou uma espécie de patrimônio do rock progressista, englobando também o Procol Harum, The Nice, King Crimson, The Moddy Blues e tantos outros.

Em julho de 1969, o Pink Floyd se inicia numa atividade que acabaria também comum para conjuntos de rock, em particular os progressistas: as trilhas sonoras para filmes. Essa trilha pioneira floydiana nasceu para o filme *More*, dirigido por Barbet Schroeder com Malcolm McDowell. Em março do ano seguinte, a ▶

BARRETT — UMA HISTÓRIA À PARTE

Em fevereiro de 1968, Syd Barrett ainda permanecia no Pink Floyd, mesmo depois de David Gilmour haver entrado. Mas a situação dele piorava dia após dia. No dia 2 de março, depois de uma reunião cheia de demonstrações de pudor espúrio e compaixão hipócrita, os músicos e seus agentes decidiram (sem a presença de Barrett) que Syd estava fora, sem mais aquela. Continuaram a gravação do segundo LP, enquanto Barrett aparecia no estúdio, todos os dias, e levava a guitarra com a infrutífera esperança de que iriam chamá-lo para tocar também. Terminada a gravação, Waters e Gilmour resolveram ajudá-lo a gravar um LP solo. Durante quase dois anos, nas horas vagas dos compromissos do Pink Floyd, os dois iam pajear Barrett com seu LP interminável. Em dezembro de 1969, um compacto foi lançado, contendo as faixas "Octopus" e "Golden Hair". Em janeiro de 1970, saiu finalmente o LP *Madcap Laughs*, um verdadeiro barato (sem ironia). O resultado final ficou tão estranho que saiu até bom. Em 6 de junho, Barret arriscou uma aparição ao vivo, com David Gilmour no baixo e um amigo na bateria. Estava tão desnorteado que encerrava as músicas abruptamente, agradecendo ao público pelas palmas que ninguém ainda tivera tempo de bater.

Durante o restante do ano, os amigos ainda tentam ajudá-lo e voltam aos estúdios com a expectativa de produzir mais um LP. Só que dessa vez vão David Gilmour e Rick Wright, mais alguns músicos convidados. Em novembro de 1970, veio à luz *Barrett*, o epitáfio de um gênio. O LP era muito fraco, e o que restou para Syd foi apenas a idolatria por um passado, curto e glorioso. Por vários anos, ele foi lembrado somente pelo inigualável LP com o Pink Floyd.

Só se voltou a falar mais concretamente em Syd em 1983, quando a revista alemã *Musik Express* enviou dois repórteres a Cambridge para tentar entrevistá-lo. Os repórteres encontraram Syd morando com a mãe, num estado de isolamento, e fazendo não mais do que assistir à televisão durante o dia todo. Além disso, estava gordo e careca, praticamente irreconhecível. *The lunatic still remains on the grass...*

Rick Wright, Roger Waters, Syd Barrett (com a pitoresca guitarra Danelectro) e Nick Mason: há 20 anos, a angelical face da revolta que minava a cultura institucional

Odeon

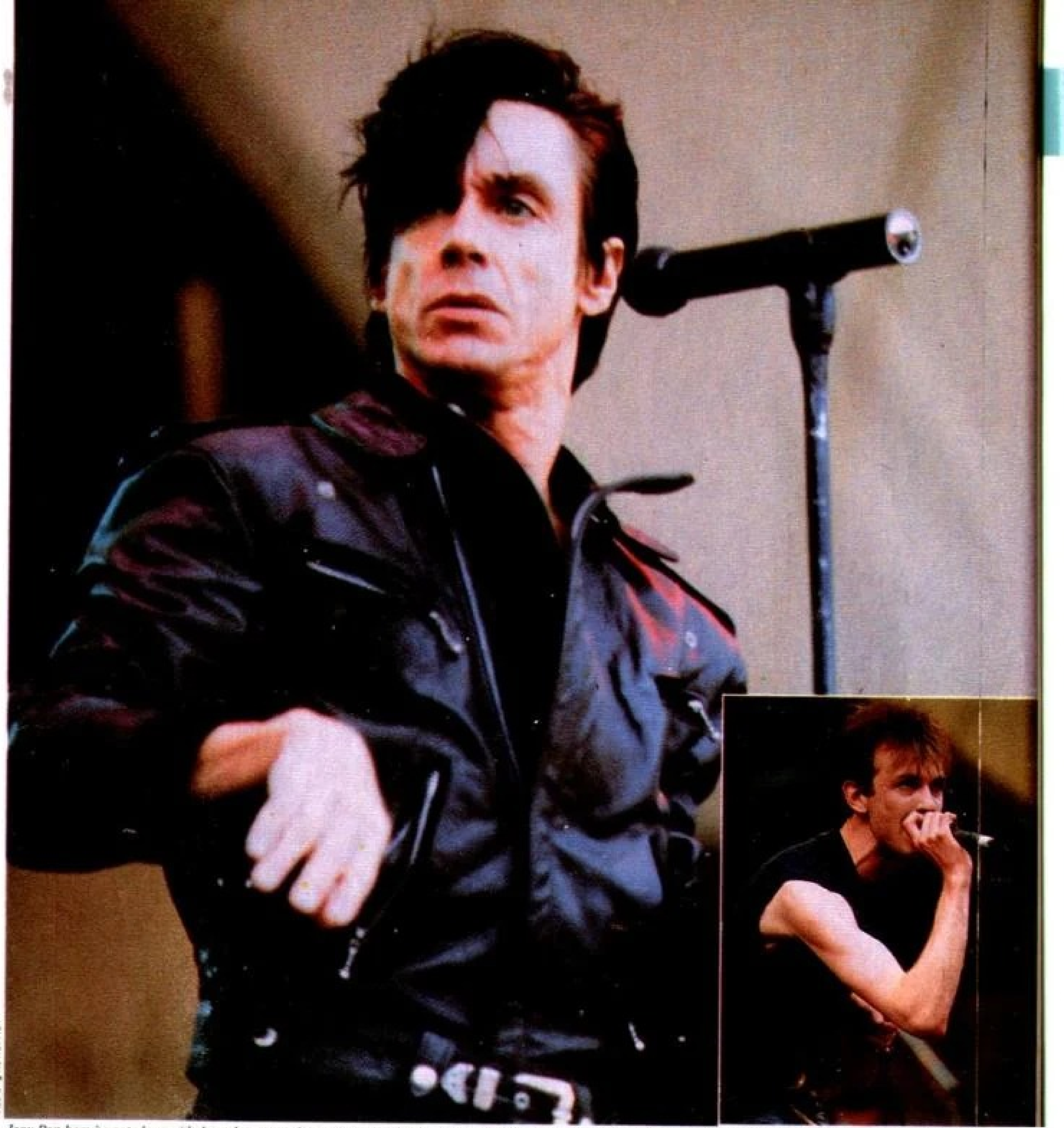
dose repetir-se-ia para *Zabriskie Point*, de Michelangelo Antonioni. Só que dessa vez o conjunto não seria tão feliz quanto na primeira. Depois de o Pink Floyd passar duas semanas em Roma, trabalhando intensivamente na trilha, Antonioni escolheu somente três das músicas compostas, completando o filme com músicas do Grateful Dead, Jerry Garcia, Youngbloods e outros. Isso representou um certo desgosto para Waters e companhia (e vale dizer que as faixas não aproveitadas apareceram depois em discos piratas, como um que tem o nome *Omayad*). Curiosamente, uma faixa de *Zabriskie Point* ("Come In Number 51, Your Time Is Up") tem uma irmã gêmea em *Ummagumma* (o álbum duplo entre as duas trilhas), mas com nome diferente ("Careful With Axe, Eugene"). Por falar em *Ummagumma*, foi ali que muitos fãs tiveram a primeira oportunidade de ouvir o grupo tocando ao vivo, pois um dos discos documenta shows realizados em Birmingham e Manchester em abril e maio de 1969.

Durante o segundo semestre de 1969 o Pink Floyd, com David Gilmour parte para uma nova excursão aos EUA. Dessa vez, são bem-sucedidos e a turnê iniciada em Chicago dura dois meses. O retorno à Inglaterra praticamente coincide com o lançamento do álbum duplo já citado. No início do ano seguinte, o grupo trabalha noutro projeto ambicioso: uma suíte para grupo e orquestra. Na virada da década de sessenta para a de setenta, os conjuntos de rock começaram a procurar as orquestras para realizar trabalhos mais bem elaborados (Procol Harum, The Nice e Deep Purple, por exemplo). O Pink Floyd não podia ficar longe dessa transação, pois afinal era um dos grandes nomes da vanguarda da época. Com o auxílio do músico Ron Geesin (que mais tarde viria a realizar uma trilha sonora com Roger Waters), os quatro compuseram "Atom Heart Mother", baseada na história de uma mulher que implantou no coração um aparelho movido a uma pilha de material radiativo (era a "Mamãe de Coração Atômico"). Até hoje, há controvérsias a respeito dessa história, pelo fato de haver uma vaca na capa do disco. Há quem jure que é ela a "mamãe" que recebeu o aparelho...

O disco foi lançado em Londres em 10 de outubro de 1970, enquanto o Pink Floyd estava novamente numa turnê gigantesca pelos EUA. As lojas inglesas ficaram infestadas por grandes posters da capa do disco, que chegavam a cobrir paredes. Para todos os efeitos, o LP *Atom Heart Mother* é considerado o grande best-seller que projetou o Pink Floyd para a posteridade. Milhões de cópias foram vendidos em todo o mundo, e ele só perde para *Dark Side of the Moon* em matéria de vendagens.

Com o sucesso alcançado com *Atom Heart Mother*, não poderia ser melhor o desfecho do ano de 1970. Para completar, em dezembro, Roger Waters lançou seu disco com o músico experimental Ron Geesin, com a trilha sonora para um documentário sobre o corpo humano. *Music From the Body* não tem instrumentos convencionais, e os sons gravados são provenientes dos diversos órgãos do corpo humano. Para muitos, esses sons pareceram desagradáveis quando amplificados, estabelecendo um paradoxo, pois convivemos com eles durante a vida toda. Nem é preciso muito esforço para concluir que o LP não foi sucesso de vendas.

No próximo número a segunda parte da história do Pink Floyd.



Fotos Brigitte Heinrich

Iggy Pop bem à vontade na cidade onde morou alguns anos, mandando ver na adrenalina. Na foto menor, o mesmo acontece com Julian Cope, ex-Teardrop Explodes

BIZARRE FESTIVAL

Feliz aniversário

Waldbhune (Berlim) 10/07/87

Berlim está comemorando 750 anos de vida. É bom que se diga que será praticamente impossível encontrar cidade mais delirante ao redor do mundo do que a Berlim de 1987. E como Berlim, faz muito tempo, tem fama de ser boa de briga — quem tem dúvida, que releia o noticiário sobre a pauleira ininterrupta entre jovens e polícia, mesmo na época do aniversário —, a própria organização das comemorações foi sensível o suficiente ao programar um evento que, melhor do que qualquer outro, caiu como uma luva no temperamento rebelde da cidade: um festival de rock. Eficientes, os alemães convidaram Element of Crime, Julian Cope, Mission, Iggy Pop e Siouxsie & the Banshees para a maratona de mais de seis horas de espetáculo — à exceção do primeiro grupo, relativamente desconhecido na Europa, cada uma das outras bandas tinha fama suficiente para encher, sozinha, a lotação de um Ibirapuera! Aproveitando o clima de verão, o festival foi realizado num dos espaços a céu aberto mais bonitos da cidade: Waldbhune, uma maravilhosa arena romana aberta em plena floresta berlinense — e sinistramente próxima ao Olympia Stadion, aquele mesmo no qual Hitler inaugurou a Olimpíada de 1936.

As mais de dez mil criaturas ali reunidas, de idades variadas, mas religiosamente vestidas de preto e com verdadeiros arcos-íris de cores nos cabelos, comportaram-se com a educação de quem freqüenta a filarmônica de Herbert von Karajan durante a apresentação do Element of Crime — uma nova banda berlinense que começa a chamar a atenção da crítica. Enquanto Sven Regener (cantor, guitarra e trompete), Jakob Illja (guitarra), Veto (baixo) e Richard Pappik (bateria) apresentavam músicas do seu segundo LP, *Try to Be Mensch* — gravado em Londres e produzido pelas mãos hábeis de John Cale —, metade do público presente no Waldbhune tirava uma soneca. Na verdade, Element of Crime é uma banda cool que interpreta baladas carregadas de melancolia. Mas ao vivo foi incapaz de passar algum sentimento de desespero...

Para espantar o clima de intensa tranqüilidade, subiu ao palco a figura ambígua de Julian Cope. Magro, todo de preto, já nos primeiros acordes de sua música ele começa a fazer acrobacias num microfone azul, como se fosse uma espécie de escada desenhada para o exercício de sua sensualidade. A sua presença em palco é tão sugestiva que continua sendo uma grande ironia o fato de o seu último LP ter por nome *The Saint Julian*. Como se fosse possível realmente acreditar que Julian deixou de ser Lúcifer para virar "santo", domesticando definitivamente o antigo intérprete de canções psicodélicas e lisérgicas de tempos atrás... Tanto que a moçada começou mesmo a acordar quando Julian Cope interpretou antigos sucessos como "World Shut Your Mouth".

Em seguida, botando lenha na fogueira do Bizarre Festival, foi a vez do Mission entrar em cena. Uma banda que, com apenas um ano de vida e um LP, *God's Own Medicine*, já disparou na parada inglesa. Formada pelos ex-integrantes do Sisters of Mercy, Wayne Hussey (voz e guitarra) e Craig Adams (baixo), mais Simon Hinkler (guitarra e teclados) e Mike Brown (bateria), o Mission tem uma batida bem heavy e não foi por acaso que parte da platéia começou imediatamente a acenar para o grupo com o gesto característico do segundo e quinto dedos em riste. Naquele 10 de julho cheio de sol, a grande atração do Mission não foi o seu som vigoroso ou as suas letras de apelo místico, mas sim a magnífica performance do guitarrista Hinkler, um sujeito enorme, cabelos compridos e a barriga de quem gosta de uma cerveja, fazendo solos endiabrados que, finalmente, agitaram a massa humana no Waldbhune.

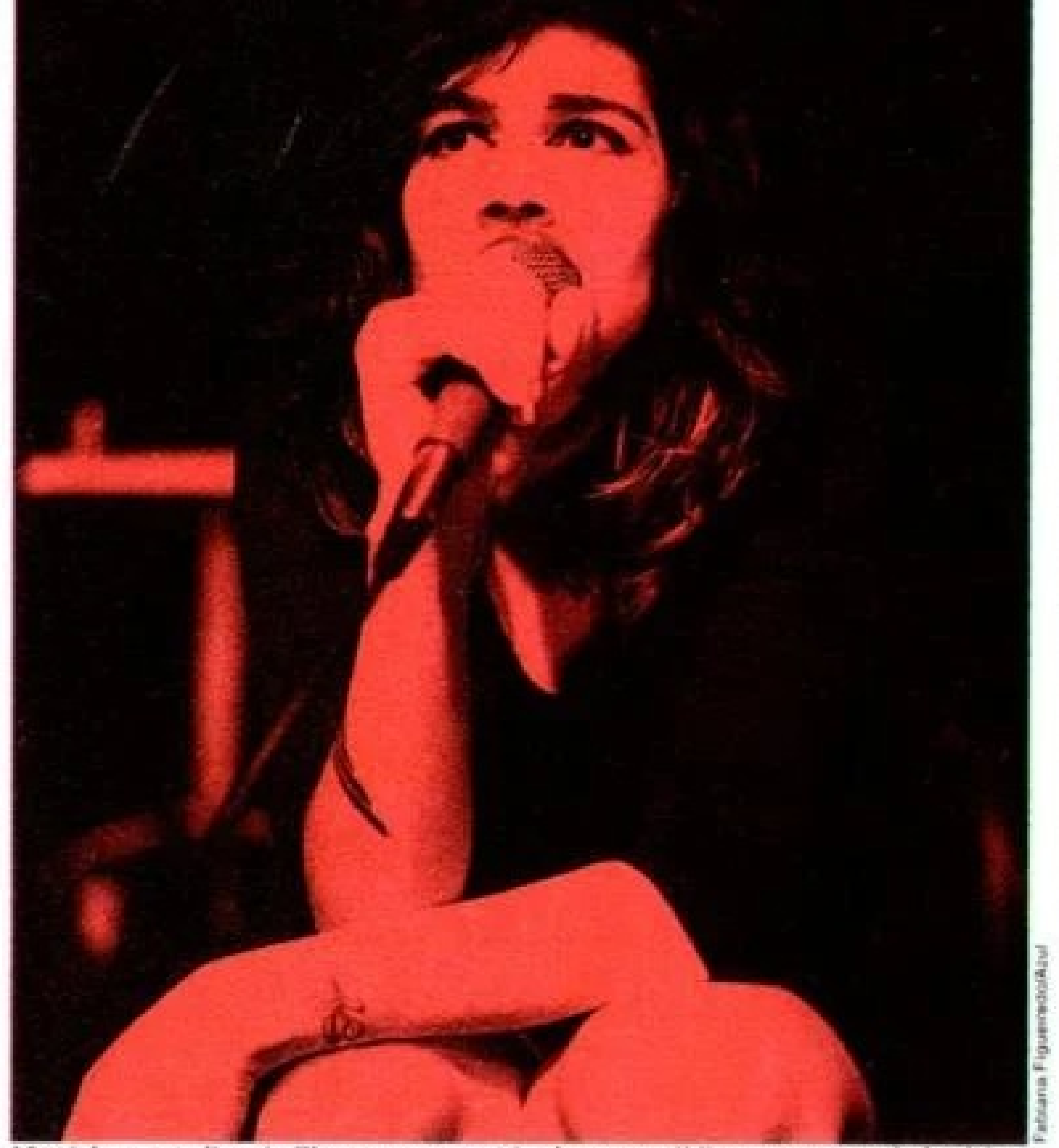
Até aquele momento, poderia convir o leitor de BIZZ, o Bizarre Festival de Berlim não passava de um outro festival como tantos por aí... A conclusão seria verdadeira caso não tivesse entrado em cena, a partir das 18h30 daquele dia de julho, o sr. James Newell Osterberg — ou Iggy Pop, seu nome de guerra no mundo do rock. Ele entrou no palco sem esperar a chamada do apresentador, como se tivesse acabado de levar uma violentíssima descarga elétrica. E dando vazão ao capeta que vive dentro de si — e que nenhum tratamento de desintoxicação, como os inúmeros que já fez, será capaz de amordaçar —, Iggy começou a transmitir aquela energia diabólica, capaz de tirar do marasmo até o espectador mais reticente. Talvez por que conhece (e gosta de) Berlim como poucos neste mundo — ao lado do amigo e protetor, David Bowie, Iggy viveu alguns anos por aqui, a partir de 76 —, ele fez questão de dar tudo de si em sua apresentação no festival.

Cantou obras-primas como "Funtime", música de *The Idiot*, do seu LP de 77. Fez o público dançar loucamente o seu último sucesso, "Real Wild Child", do *Blah Blah Blah*, um disco que vem vendendo mais cópias do que todo o seu trabalho anterior. Voltou a fazer gestos obscenos em palco, a se despir, a jogar-se no chão e mesmo a pular no meio da platéia e com ela dançar, freneticamente... Só faltou, como acontecia em performances antigas, Iggy cortar com cacos de vidro, pedaços do seu corpo. Mas, para se ter uma idéia de como a sua comunicação com o público continua inalterável, ele foi obrigado a voltar três vezes ao palco do Waldbhune, num bis que nunca terminaria, a depender do apetite do público. O próprio apresentador do festival, Alan Bangs, sem conter a excitação pelo que acabara de assistir, admitia aos jornalistas ali reunidos: "Esta foi a terceira vez que assisti a um show de Iggy Pop. Jamais ele esteve tão bem quanto hoje". E, um pouco assustado, anunciava: "Dentro de cinco minutos, Siouxsie & the Banshees farão sua apresentação. Vai ser difícil segurar o mesmo pique!"

Ele tinha razão. Mesmo anunciada como a estrela máxima daquele dia, a deusa do som gótico (vestida com uma malha branco-e-preta, quadriculada, e um boá de plumas brancas), não conseguiu chegar nem à metade da eletricidade descarregada por Iggy. Extremamente cool, ela foi, mesmo sem querer, uma ducha de água fria na moçada, que suava literalmente após o show inesquecível de Pop. Mas nem ela nem a banda devem ter ficado chateados com a receptividade fria à sua apresentação. Como alguém que já declarou que *The Idiot* é um dos discos mais perfeitos da história do rock, Siouxsie sabe que Iggy — e nenhum outro — é a lenda viva.

Marion Frank

MÚSICA DE INVENÇÃO I



Marcinha, a vocalista do Chance, em uma noite de pouco público e momentos de fascínio

Novidades

Teatro do DCE — UFMG (BH) 02 e 03/07/87

Gerar invenção — esta foi a proposta que aglutinou quatro nomes de nossa nova música por duas noites consecutivas no DCE da Federal.

Na primeira rodada, casa cheia e muita expectativa no ar, com May East e o Último Número lançando oficialmente seus LPs, respectivamente, *Tabapora* e *O Strip-Tease da Alma*. Coube à ex-absurdete abrir o evento, e já aos primeiros acordes solenes de "Mar Egeu" a platéia estava entregue à pa(n)jelança. E foi rodopiando na eletrociranda "Idéias de Brincar" até cair no samba modernista "Bamboo Dance" que a uiara consumou sua rapsódia: um delírio audioetnográfico que seria irretocável, não fosse o "tilt" da *syncussion* e os cacoetes à la Eddie Van Halen que impregnaram a guitarra de Tuco Fernandes em "Deus". Ainda assim, May concedeu ao privilegiado público tudo que ele precisava — beleza, brilho e luz. Oh, Pirineus! Oh, caiçaras! O passado e o futuro pulsam num coração de cristal.

Já o Último Número não teve tanta sorte — não que estivesse sem inspiração, ao contrário — mas a má equalização teimou em embaçar a festa, brindando os presentes com a notória impressão "radinho de pilha no topo". E foi na raça que o grupo superou o entrave; afinal o show marcava a despedida do guitarrista João Daniel e algo *teria* que acontecer. No meio do *set*, a promessa se concretizou: só no palco com o vocalista Gato Jair, João arma um ritmo no pedal e solta os cachorros na inédita "Mãe". Em estado de graça, ele revirou o instrumento pelo avesso, forjando acordes desgrenhados que ricocheteavam assanhados pelas paredes do teatro. Ao final, a indagação de como o grupo irá sanar essa lacuna permaneceu no ar.

Na segunda noite, poucos deram as caras, cortesia da pelada Brasil x Chile na TV. É hora e vez do trio Chance, que, apesar de ativo há quase três anos, pisa num palco pela primeira vez. O desmame foi de certa forma traumático, pois logo de início o *sampler*, numa insubordinação "maximum overdrive", pregou-lhes uma peça, deixando-os em assincronia e com as calças na mão. O jeito foi relaxar e recomeçar. Valeu o esforço e a paciência de ambos os lados: num momento intimista, o piano elétrico de Nena e a voz de Marcinha se entrelaçaram, ratificando os vacilos com fascínio e sutileza. De quebra, despojamento e *fair play*, artigos raros na vitrine pop atual.

Fechando a mostra, o Divergência Socialista, do anfitrião Marcelo Dolabela. O grupo fez uma de suas exibições mais equilibradas e, ainda em lua-de-mel com sua nova drum machine, deu uma encorpada nos velhos/novos temas, em especial no transe de "Vudú de Auschwitz".

No apagar das luzes, ficou a vibração do novo, a possibilidade do ato de criar e todo o atrevimento da invenção. *Arthur G.C. Duarte*

BANGLES

Suando a camisa

Greek Theatre (Los Angeles) 06/07/87

Um anfiteatro ao ar livre, plantado no meio do Griffith Park, à sombra do legendário observatório tornado célebre por James Dean no cinema, o Greek Theatre, dois dias depois da comemoração da independência norte-americana, foi o palco de mais uma celebração: o término da turnê *Different Light*, das Bangles. Para a banda, o encerramento da excursão em Los Angeles foi uma espécie de "thank you" definitivo a sua cidade natal e ao público que primeiro impulsionou as Bangles na arremetida em direção ao atual superestrelato. Para o público — adolescente, entusiástico e "família" —, receber de volta as Bangles foi como recepcionar um parente querido que andara perambulando pelo mundo durante muito tempo.

Os ingleses do Cutting Crew abriram a noite com 45 minutos de tortura sônica — um pastiche sensaborão de Police, Asia e Mr. Mister — que somente acrescentou alguns novos pontos de vista nos capítulos "Badalação" e "Marketing" da história do rock nos anos 80. Uma droga em grandes proporções. Quando as Bangles entraram — precedidas por uma fita gravada com pérolas dos grupos vocais femininos dos anos 60 — e despejaram sobre o Greek Theatre os primeiros acordes de "Let It Go", pontualmente às 21 h, o verão angeleno pôde começar.

A notoriedade adquirida por Susannah Hoffs — a diminuta cantora/guitarrista das Bangles por quem Prince, certa vez, se apaixonou — dá a impressão de que *ela* comanda as Bangles, de que *ela* é o foco central da ação. Ledo engano: se ali existe liderança, esta é da fundadora Vicki Peterson, uma guitarrista poderosa e uma vocalista de rock sem frescuras. É Vicki que conversa com o público entre uma canção e outra, é ela quem dá os sinais para as intervenções de cada integrante da banda. Mas as Bangles, de qualquer forma, são um corpo musical democrático — através do show, cada uma tem seu *lead vocal*, seu momento de estrelato individual. Michael, a baixista, lembra um John Entwistle heavy; Debbi, a baterista, é a melhor mulher a já ter posto as mãos num par de baquetas; Susannah, a mais "feminina", desdobra-se numa série de passos de balé.

No Greek Theatre o repertório dos dois álbuns das Bangles foi acrescido de quatro novas canções — "Set You Free", "Happy Man Again", "Be Whit You" e "Crash and Burn" (esta última, de longe, a melhor do lote) —, mas, curiosamente, não foram os mega-hits, como "Manic Monday" e "Walk Like An Egyptian", que arrancaram as melhores reações do público. Pelo contrário, foi logo o primeiro sucesso da banda, "Going Down to Liverpool", que simplesmente pôs o teatro abaixo e levou toda a platéia a cantar e dançar.

Quem achava que o superestrelato havia transformado as Bangles num grupelho bobinho e insosso teve todos os desmentidos possíveis no Greek Theatre: as Bangles são hoje, sem dúvida, uma das melhores bandas de rock do cenário norte-americano. E, não, elas não têm porra alguma a ver com as malfadadas Go-Gos (que a terra as tenha). E ver aquelas quatro mulheres suarem a camisa, quando não tinham mais nada a provar a ninguém, demonstrou que o melhor ainda está por vir.

José Emílio Rondeau

Vicki Peterson: enfrentando o superestrelato com muita competência

LOBÃO

A hora do lobo

Canecão (RJ) 02/07/87

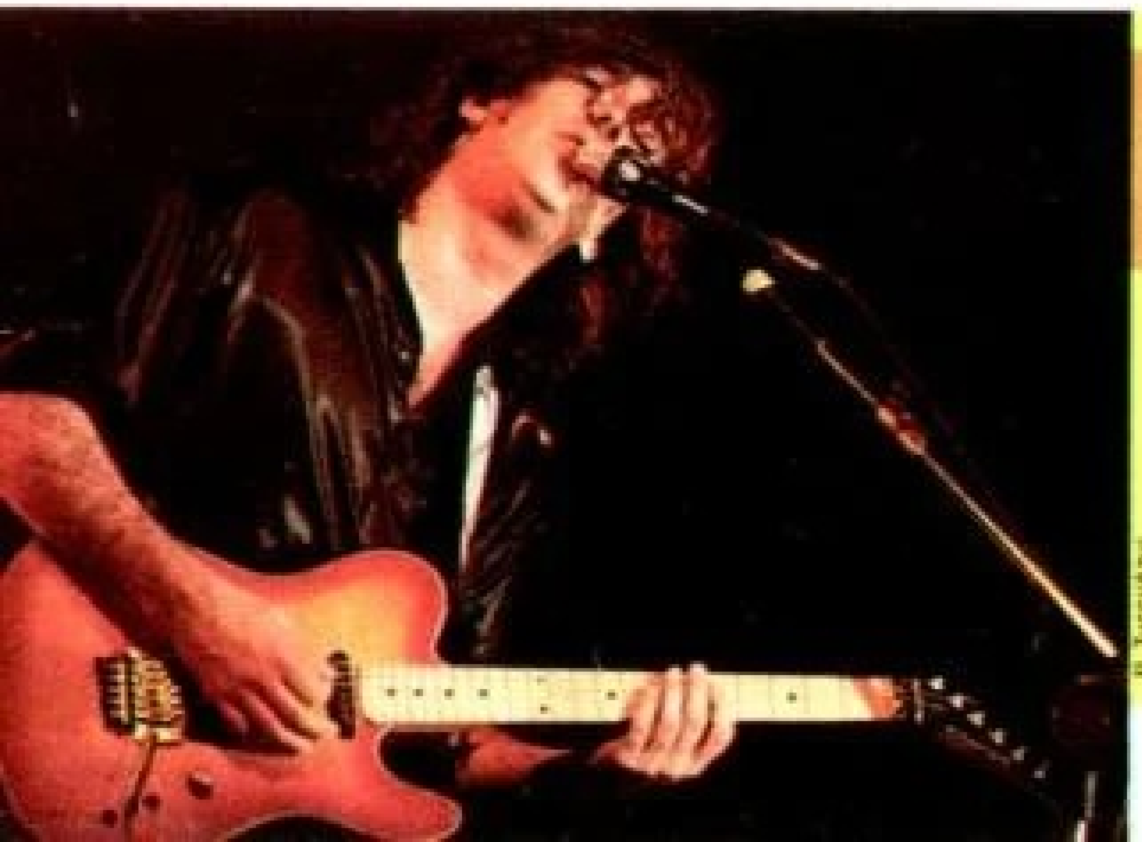
A cidade fervia com um insólito sol de verão em pleno inverno. A cidade fervia com os ônibus incendiados em pleno centro. O Canecão ferveu com Lobão e sua nova banda, os Marajás, que detonaram um dos melhores shows de rock do ano.

Lobão, um cara que sempre esteve na dele e sempre foi o que é, de repente, foi vendido como mártir e herói ao mesmo tempo e, por isso, conheceu um público como poucas vezes havia visto em sua carreira. Todas as nove apresentações estiveram lotadas e a moçada participou dos shows envolta em frenesi, adrenalina e totalmente entregue ao rock'n'roll de Big Wolf.

A tônica dos shows foi o hard-rock. Desde a abertura, com uma fileira de luzes se elevando do chão para o teto do palco, até o fim, quando a platéia, em uníssono e saltitando, gritava o refrão de "Rádio Blá", rolou muita pauleira. Emocionou a todos quando atacou de "Hino Nacional" em sua desatinada guitarra, fazendo os presentes cantarem de um modo como jamais fizeram nem mesmo na escola primária. E tudo sem pieguices.

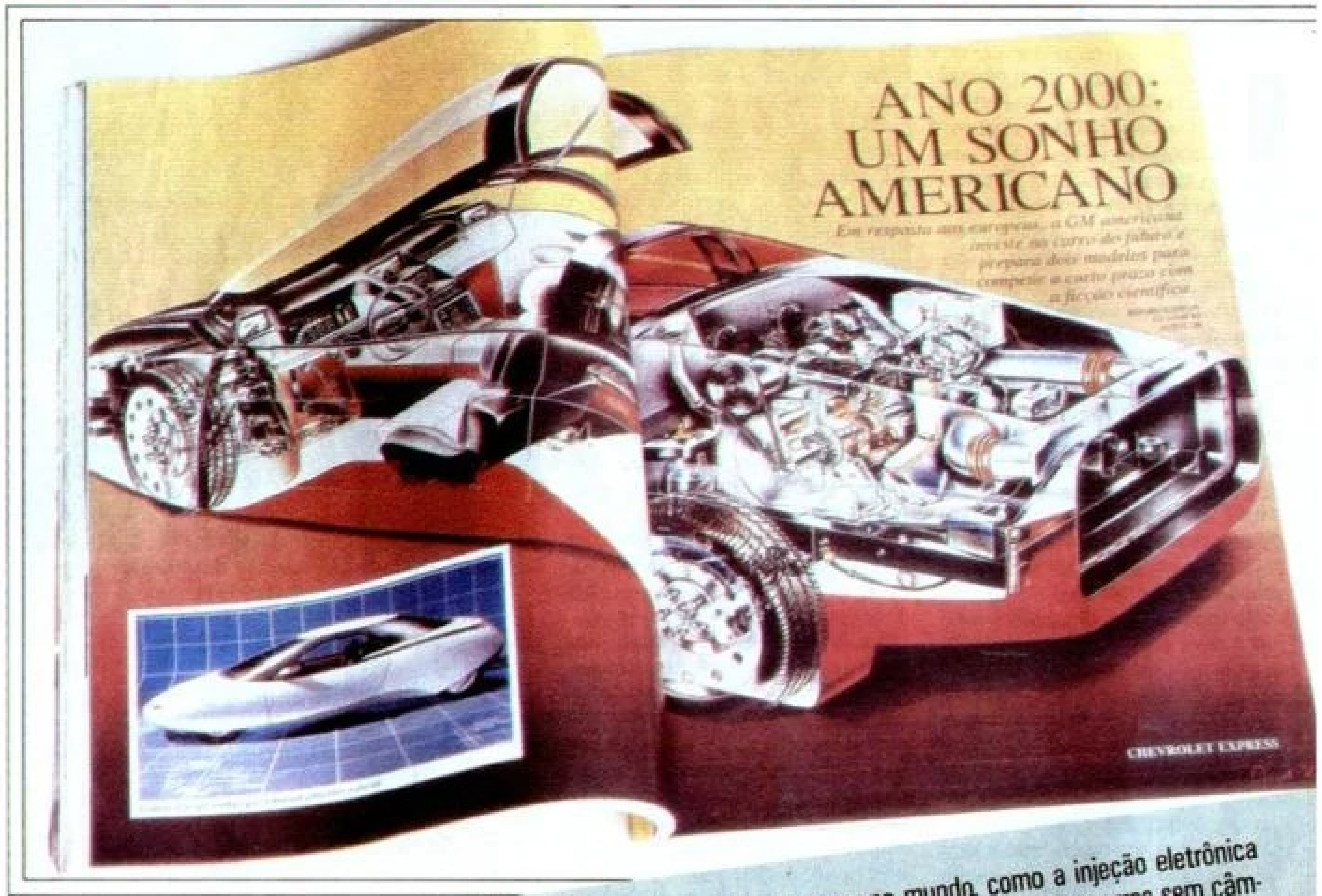
Momentos menos agitados, mas igualmente emocionantes, foram os em que Lobão cantou algumas de suas belas canções românticas ou quando pegou nas baquetas e mostrou estar ainda na melhor forma. E a banda que o acompanhou, os Marajás, formada por um time afinadíssimo em que fica difícil destacar algum músico, mostrou que vale o quanto pesa. Como tocam!

Mas o mais impressionante de tudo é que Lobão, que nunca se envolveu com política e nada tem a ver com punk, passou para a platéia classe média todo o espírito de revolta que as bandas punks sempre quiseram transmitir e criou um clima tão forte quanto um comício na Cinelândia. *Tom Leão*



Lobão: ensaiando o Hino, mas sem pieguice

Quatro Rodas mostra o futuro



A sua revista QUATRO RODAS existe há 27 anos. Poucas publicações especializadas têm tanta experiência acumulada. QUATRO RODAS, desde o seu nº 1, mantém uma equipe de olho na evolução da tecnologia. Para que você esteja sempre atualizado com os avanços tecnológicos do Brasil e do mundo. Quer um exemplo? Em maio e abril de 87 publicou matérias que contavam como viveremos a realidade do ano 2000 em relação aos novos carros, combustíveis, trânsito e vias de transporte. Com fotos dos protótipos e projetos de complexos viários. Você viu em testes e nas pranchetas o ano 2000 europeu e americano. E em toda edição você lê e vê os avanços do carro no mundo, como a injeção eletrônica que está substituindo o carburador, os carros sem câmbio e até a explicação de como funciona a suspensão eletrônica da Lotus de Ayrton Senna.

Que outra publicação se preocupa assim com seu futuro? Só QUATRO RODAS! Uma revista a serviço do seu leitor.

QUATRO RODAS

EDITORA ABRIL

Contra os preconceitos, a receita infalível de Madonna para o palco: humor, inteligência e charme em doses maciças. Os cínicos não resistiram

MADONNA

Lixo x luxo

Anaheim Stadium (Los Angeles) 18/07/87

O cínico, *cool*, chegou ao estádio de beisebol armado de papel, caneta e bile a tempo de ouvir, ainda no estacionamento, o rugido de 60 mil vozes saudando a entrada em cena do Level 42. O cínico sentou a uns bons duzentos metros do palco, bebericando Coca-Cola, irritado com a falta de cerveja. O cínico esperou, impacientemente, que o sol rumasse em direção ao Japão e a atração principal da noite pudesse se beneficiar ao máximo da magia criada pela luz artificial. Quando aquela figura esguia e platinada — amplificada por quatro telões que reproduziam as imagens de três câmeras estratégicas — levantou a perna esquerda sobre o encosto da cadeira onde estava sentada e, sinuosamente, iniciou a descida de uma longa escadaria cenográfica, exibindo músculos recentemente desenvolvidos que um leotard de couro realçava mais ainda, o cínico trincou os dentes. Quando a loura cantora engendrou uma série de passos coreografados, rugindo com veemência: "Abra seu coração para mim", o cínico começou a se esbofetear, numa inútil tentativa de arrancar do rosto o sorriso infantil que lá se plantara.

A rendição à Madonna 87 — esta que está cruzando o globo na turnê *Who's That Girl* — é questão de poucos segundos e é inevitável. Qualquer pré-conceito — "é brega", "é só uma piranha que se deu bem", "é caça-níquel" — se torna reles e sórdido preconceito diante de um show que é, de longe, o melhor espetáculo pop sobre a face da terra nos últimos anos: sete músicos, três vocalistas de apoio, três dançarinos (coreografados, como Madonna, pelo mesmo Jeffrey Hornaday que instruiu Jennifer Beals em *Flashdance*), um palco imaculadamente branco, no qual são projetadas as "cenografias", uma esteira rolante no alto da escadaria e... mais nada.

Ou melhor, mais tudo: duas horas maciças de hits, *timing* perfeito, inteligência, bom humor (Madonna faz uma autoparódia durante "Dress You Up", "Material Girl" e "Like a Virgin", vestida num *bric-a-brac* escalafobético que parece uma cruza de Cyndi Lauper e Dercy Gonçalves, cantando num irritante timbre esganiçado e mostrando a calcinha, onde está escrito "kiss") e tesão, lógico, embora o aspecto sexual, tão alardeado, jamais, em tempo algum, esbarre no mau gosto.

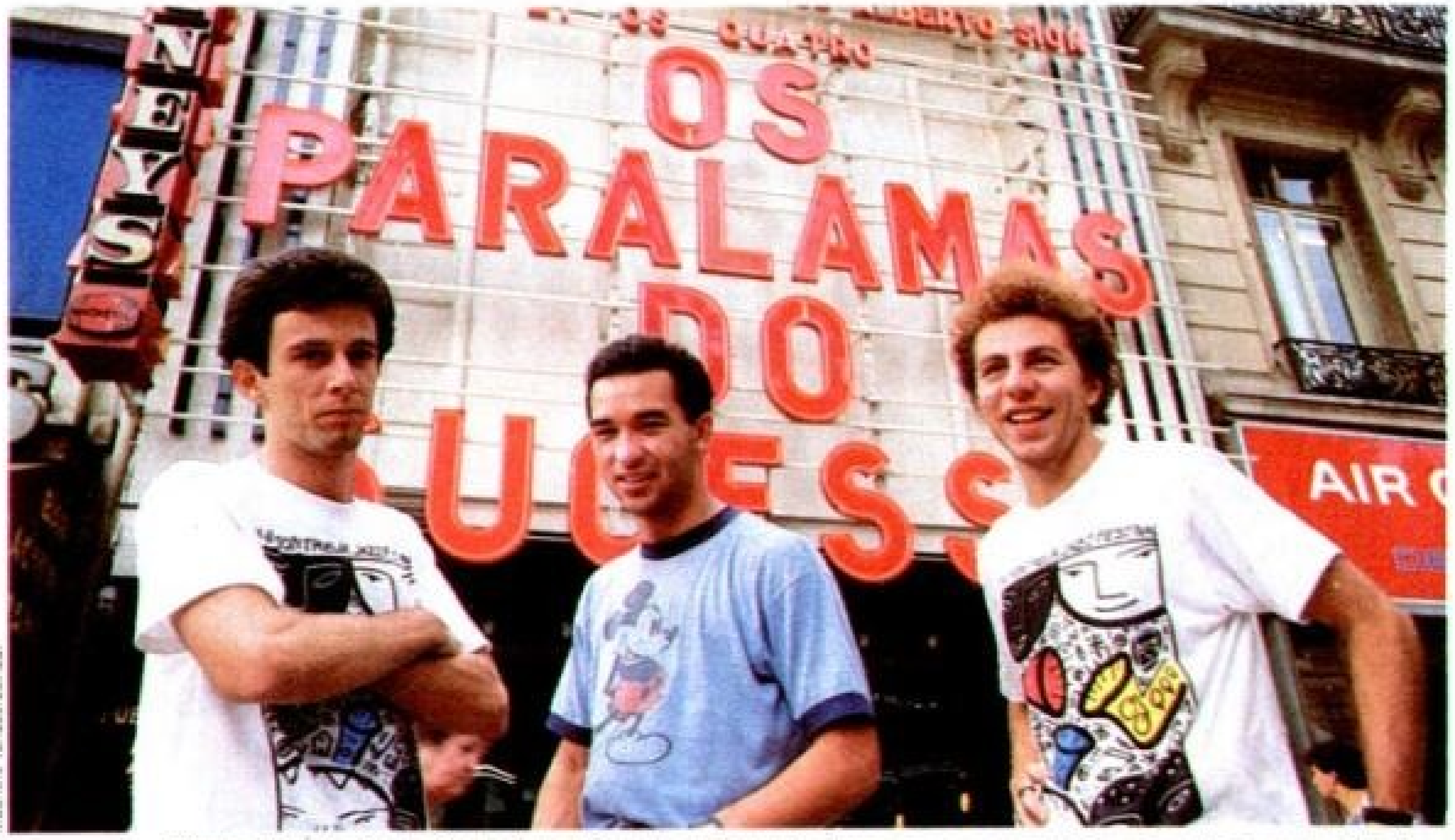
A Madonna, que rendeu o cínico, ama, claramente, o palco. E o palco ama Madonna. Ela lida com um estádio como se aquilo fosse a sala da casa dela, seduzindo, excitando, ninando a platéia (como em "Live To Tell": ela, sozinha no palco, parada, provando que, sim, sabe cantar muito bem). Ela controla aquela massa humana com o dedo mindinho.

É brega? É chique. É vulgar? É classudo. É lixo? É luxo. É cabaré? Sim, mas também é Broadway — mudanças constantes de guarda-roupa (vestido anos 50 para "True Blue", jaqueta de couro surrado para "Papa Don't Preach", bolero de rumbeira para "La Isla Bonita"), movimentação cênica ininterrupta, marcações de palco precisas e, ainda assim, naturais.

No último número da noite — "Holiday" — o palco se transforma numa jukebox gigante e é ocupado por todos os artistas do show — e pulsa, pulsa, pulsa. Madonna, triunfante, declara: "I'm the fucking *greatest!*". Sessenta mil vozes concordam. O cínico aplaude. De pé.

J.E.R.

PARALAMAS DO SUCESSO



Mauricio Valladares/Azul

Barone, Herbert e Bi: Les Garde-Boue du Succès, *enfrentando a França com um repertório enriquecido à base de Gil & Jorge*

Rock brésilien

Olympia (Paris)
06/06/87

A chamada no *Libération* daquela segunda-feira foi clara — "Les Garde-Boue du Succès" desembarcam sem carnaval. Isso para avisar aos franceses que sua dificuldade de associar as palavras Brasil e rock — a aceitação da fusion de Gilberto Gil, por exemplo, já é controvertida — está por fora.

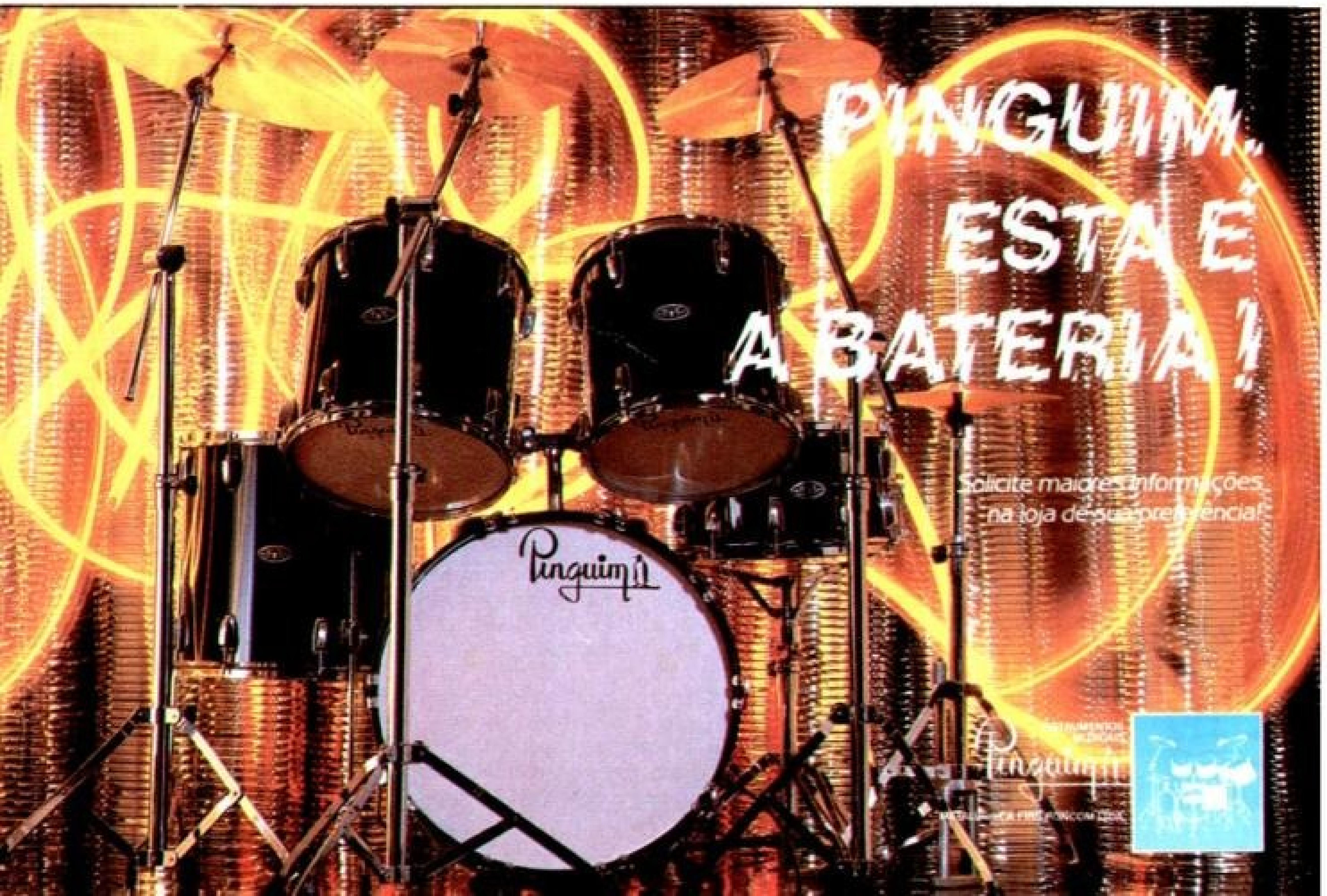
Este era o desafio maior para o Paralamas, do qual se saíram muito bem. As mudanças de repertório e arranjos tramados inteligentemente pelos rapazes acabaram por melhorar o seu som.

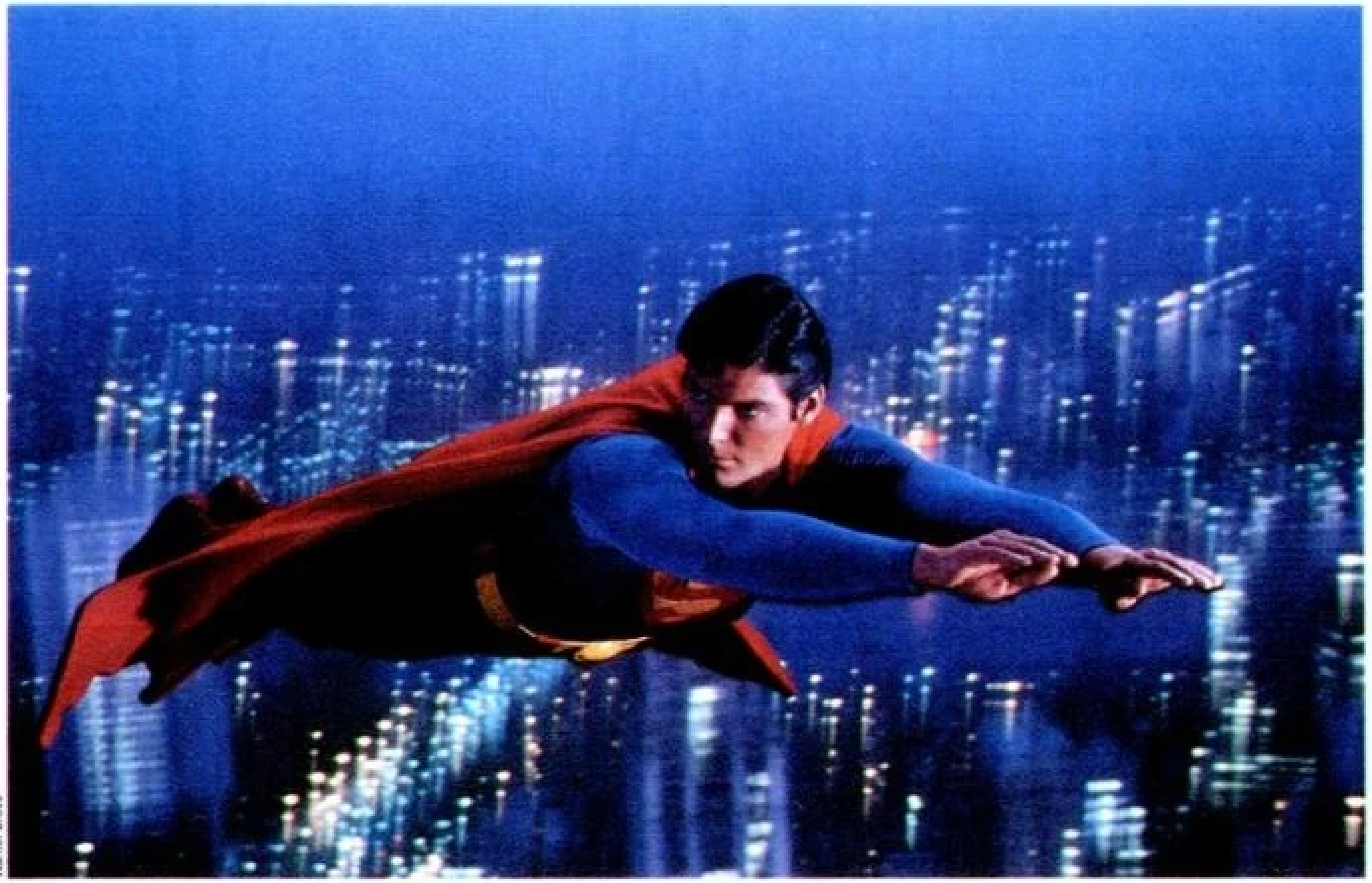
A única zebra foi o escandaloso temporal que caiu meia hora antes do show e afastou muita gente. Mas o entusiasmo do público, que encheu pela metade o Olympia, segurou a peteca. Eles vieram ainda quentes da apresentação que haviam feito dois dias antes em Montreaux e já começaram com uma versão de "Odile Odilá", de João Bosco. Na sequência, "Será que Vai Chover", "Alagados" e "Ska" em arranjos musculosos e no timing certo. O coro que acompanhou "Óculos" confirmou a presença significativa de brasileiros, que também engrossaram a gostosa versão de "Você", do mestre Tim Maia.

A participação de João Terra nos teclados foi sutil e precisa, a de George Israel no sax, embora curta, dispensável, e a canja de Liminha na guitarra foi uma homenagem merecida ao produtor que já pisara naquele palco com os Mutantes. Ainda, uma última excelente versão de "Charles Anjo 45", de Jorge Ben, e "Vamos Fugir" de Gil, completaram a noite.

Essa apresentação, combinada com o lançamento na França de uma coletânea do Paralamas do Sucesso e o lançamento do LP do Obina, em vinil e compact disc, são passos importantes e promissores para a entrada no mercado europeu de uma nova geração de músicos brasileiros.

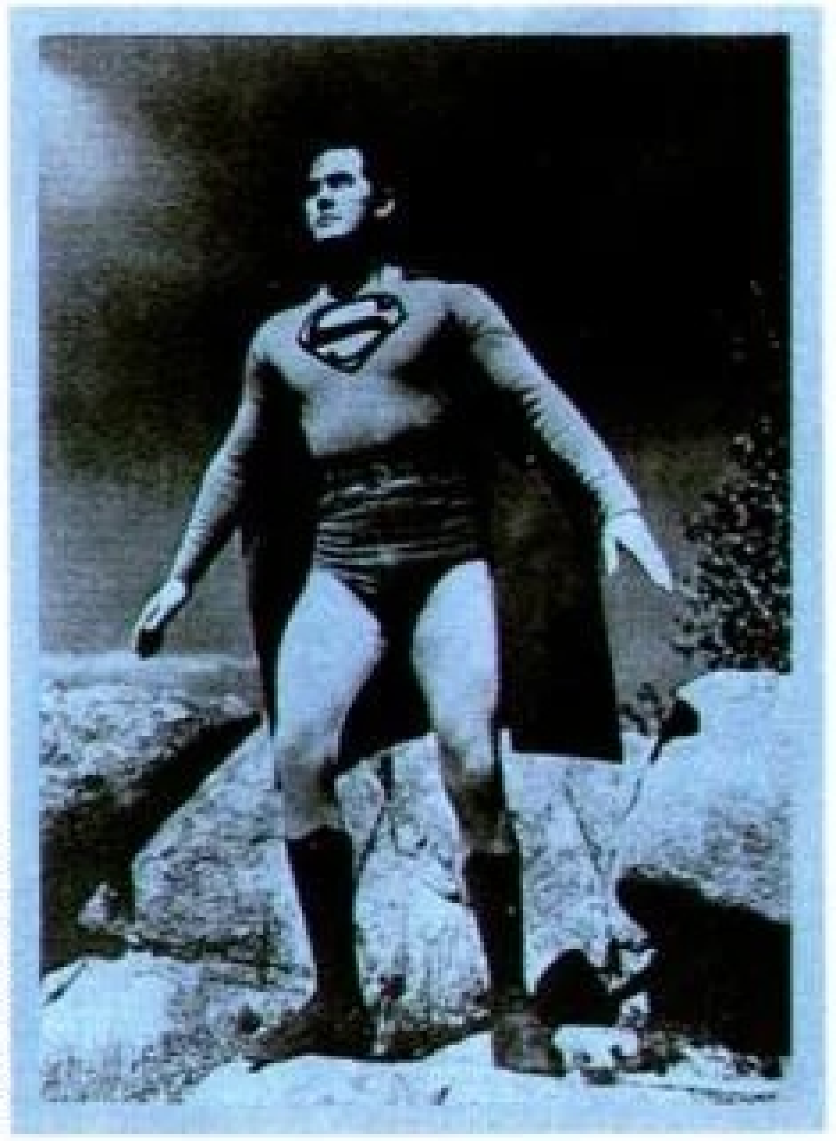
Silvano Michelino




Warner Bros

OS HERÓIS DOS QUADRINHOS NAS TELAS

S*uper-Homem existe. Pergunte a Christopher Reeve (acima), Kirk Alyn (ao lado) ou a qualquer fã das adaptações dos quadrinhos na tela. Marcel Plasse largou seus gibis pra contar esta história*


"The Great Television Series"

O homem mais poderoso do Universo desce dos céus de Metrópolis, prestes a reassumir sua identidade secreta. Ele não pára na primeira cabine telefônica ou no fim do beco escuro, conforme a lenda. O famoso uniforme vermelho, azul e amarelo sai de seu corpo num camarim iluminado, revelando o segredo que Lois — Miriam, no Brasil — Lane persegue há anos: Super-Homem, na verdade é... Christopher Reeve!

Difícil imaginar o Homem de Aço em outra pele e osso. Porém, o sorridente Christopher Reeve não foi o primeiro e talvez nem seja o último ator a encarnar o herói. Sua recente aventura no espaço — a quarta em que veste a conhecida capa — também anuncia ao mundo uma festa especial: o cinqüentenário do personagem criado por Jerome Siegel e Joel Shuster em junho de 1938, no primeiro número de revista Action Comics — editada pela National Comics, hoje DC Comics. Nestes 50 anos de superatividades, o homem do planeta Krypton já experimentou voar nas ondas do rádio, da TV, dos desenhos animados e está totalizando sua sétima decolagem cinematográfica.

O primeiro homem a se tornar Super-Homem foi um dançarino chamado Kirk Alyn, em dois lendários seriados de 15 episódios cada. Da mesma forma que a primeira aventura de Reeve, quarenta anos depois, a estréia de *Superman*, em 1938, começava contando sua origem e incluía os eternos personagens da série: Lois Lane (vivida por Noel Neill), Jimmy Olsen (Tommy Bond) e Perry White (Pierre Watkin). Lex Luthor (Lyle Talbot), seu arquiinimigo, atualmente interpretado por Gene Hackman, materializou-se apenas no seriado seguinte, *Atom Man versus Superman*, em 1950.

George Reeves estrelou o piloto *Superman and the Mole Men*, de 51, e a bem-sucedida série de TV dos anos 50, tornando-se o segundo Homem de Aço. No vídeo, chegou a manifestar poderes tão estranhos como atravessar paredes feito fantasma e se repartir em dois.

O pioneiro na luta contra as ameaças das salas escuras, entretanto, não foi Super-Homem, e sim a pequena órfã Annie (Coleen Moore), em 1918.

O primeiro herói só iria voar dez anos depois, auxiliado por uma espaçonave, para evitar que a Terra fosse destruída num choque orbital contra o planeta Mongo.

Flash Gordon era a última palavra em quadrinhos. Sua adaptação em capítulos, pela Universal, confirmou-se como a última palavra em aventuras seriadas. Não só foi a primeira série de ficção interplanetária do cinema, como também o seriado mais caro já filmado — mesmo aproveitando partes do cenário e trilha de *A Noiva de Frankenstein* (1933). *Flash Gordon* ainda possui o mérito de se constituir na única transposição cinematográfica que não desrespeitou as concepções estéticas originais dos quadrinhos.

O personagem do mestre Alex Raymond ganhou movimentos através de Buster Crabbe, um ex-campeão olímpico que a seu favor tinha apenas cabelos loiros. Em pouco tempo, o ator se revelou um imbatível herói americano. Além de estrelar *Flash Gordon* e suas duas seqüências (*Flash Gordon's Trip to Mars*, de 1938, e *Flash Gordon Conquers the Universe*, de 1940), ainda viveu seu maior concorrente nas tiras: Buck Rogers, criado por Philip F. Nowlan em 1929 — sem esquecer suas versões de Tarzan, Billy the Kid e Thunda, o Rei da Selva.

Flash Gordon foi uma resposta à Buck Rogers, o primeiro herói espacial, surgido quatro anos antes em páginas de jornais. Nas telas, aconteceu o oposto. O seriado *Buck Rogers* estreou três anos depois, em 1939. Em lugar do encanto mitológico do seu predecessor, *Buck Rogers* baseou seu apelo em cenas de ação ininterrupta.

Porém, os heróis espaciais não tiveram exclusividade sobre os seriados. Em 1937, Dick Tracy, o famoso detetive criado por Chester Gould iniciava a primeira de suas quatro aventuras em capítulos, estreladas por Ralph Byrd — a última, em 41. O personagem ainda voltaria ao cinema quatro vezes (com Morgan Conway, em 45 e 46, e novamente com Byrd, duas vezes em 47).

O recordista absoluto, entretanto, foi um personagem que se originou em outro meio: Tarzan. O Homem-Macaco começou sua carreira não nas selvas desenhadas, mas no texto das novelas de Edgar Rice Burroughs, em 1914. Quatro anos depois, ganhava o corpo de Elmo Lincoln, no cinema. E só não foi a primeira criatura dos quadrinhos a debutar nas telas porque seu primeiro desenho foi traçado apenas em 1929, por Harold Foster (o criador do Príncipe Valente). Adotado por Foster, Tarzan ganhou novo fôlego. Contudo, nenhuma imagem, até hoje, conseguiu superar o efeito dos músculos — e gritos — de Johnny Weissmuller.

Universal

No próximo capítulo, Buster Crabbe salva o universo como Flash Gordon

No total, foram 36 filmes, de Elmo Lincoln (1918) a Christopher Lambert (1983), incluindo uma versão com ênfase em Jane, despida na pele de Bo Derek. Weissmuller foi o campeão absoluto dos saltos em cipós, encenando 12 vezes o personagem, de 1932 a 1948.

As selvas eram um campo rico para os quadrinhos — e seriados. Era inevitável o terror dos vilões africanos entrar na lista de filmagens. O lendário Fantasma (com Tim Tyler), contudo, não foi a única criação de Lee Falk a caminhar nas telas. Mandrake (com Warren Hull) também fez a mágica de suspender a ação de um capítulo para outro.

Apenas o criador de Flash Gordon e Jim das Selvas (interpretado por Weissmuller depois de pendurar a tanga de Tarzan) superou a marca de dois títulos filmados. Além dos citados, Alex Raymond emplacou o genial Agente Secreto X-9 (Scott Kolk). X-9 era um produto típico dos anos 30, marcado pelo estilo

Abril

Acima, o recordista de aparições nos quadrinhos das telas: Johnny Weissmuller (como Jim das Selvas). Abaixo, o primeiro super-herói do cinema. Tom Tyler como Capitão Marvel

Universal

policial realista de seu roteirista, ninguém menos do que o pai do *roman noir* Dashiel Hammet — Raymond era responsável somente pelos desenhos claro-escuros. A dupla tornou as tiras do personagem insuperáveis. O seriado, claro, ficou devendo.

Os super-heróis propriamente ditos entraram em cartaz só na década de 40. As *Aventuras do Capitão Marvel* foram as desbravadoras, em 1941. Tom Tyler, o mesmo ator que estrelou *Fantasma*, foi o encarregado de gritar Shazam! e se transformar no primeiro homem voador da tela — a combinação de ator, dublê e modelo, para criar a ilusão do vôo na montagem, continua insuperável no seu charme kitsch.

Os anos 40 ainda acompanharam os seriados do Capitão América, com Dick Purcell vestindo o famoso uniforme azul, vermelho e branco — símbolo do patriotismo americano no período da Segunda Guerra. Mas o único que mostraria pique para concorrer com o Homem de Aço nas filas de domingo seria o seu irmão de sangue: Batman. Em 1943, estreava o primeiro seriado com Lewis Wilson encarnando o vingador noturno criado por Bob Kane, em 39, na revista Detetive Comics. A seu lado, o inseparável Robin, interpretado por Douglas Croft. No último ano da década, a Dupla Dinâmica voltaria a provar sua popularidade. Desta vez, escondendo Robert Lowery e Johnny Duncan sob as máscaras do Homem-Morcego e do Menino-Prodígio, respectivamente.

O primeiro grande nome a estrelar um *cartoon* foi o comediante Buster Keaton, em *Ferdinando* (1940), o atrapalhado caipira das tiras de Al Capp. Mas quem melhor se adaptou a este tipo de quadrinhos — menos realista e mais caricato — foi o estreante Robin Williams, como o *Popeye* de Robert Altman, já em 1980.

Quadrinhos nem tão populares ou de êxito acumularam-se nos cartazes de cinema até o impetuoso viking criado em 1937 por Harold Foster se tornar a primeira superprodução adaptada dos quadrinhos. Estrelando *Príncipe Valente:* Robert Wagner, no auge de seus 24 anos.

O elenco ainda incluía Janet Leigh, James Mason, Sterling Hayden e Debra Paget. Uma festa só superada pela escalação de Marlon Brando, Gene Hackman e Glenn Ford, em 1978, para o filme *Super-Homem*.

As heroínas dos quadrinhos ganharam formas de pin-ups apenas nos anos 60. A primeira atriz a viver uma desejável criação de papel foi Monica Vitti, como a trepidante agente secreta Modesty Blaise, em 1966 — baseada nas tiras de Peter O'Neill; dirigida por Joseph Losey. Em seguida veio a ninfomaníaca cósmica Barbarella, saída das tiras de Jean-Claud Forest, em 1967. O filme, dirigido por Roger Vadim, já começava com um strip-tease em gravidade zero de Jane Fonda, no papel principal. E seguia cheio de insinuações levemente sadomasoquistas, no tom pop-charmoso da década.

A terceira presença sexy dos *sixties* veio da TV, em eventuais participações ao lado dos heróis favoritos da época: o Batman, de Adam West, e o Robin, de Burt Ward. A moça que surgia inesperadamente, vestindo um uniforme colante de couro negro e pilotando uma motocicleta em disparada, era Ivonne Graig, disfarçada de Batgirl.

A telessérie *Batman* ainda fez derivar um longa-metragem, com os heróis envolvidos numa "terrível" trama de seus maiores inimigos: os inesquecíveis vilões que Cesar Romero, Frank Gorshin, Burgess Meredith e Lee Meriwether transformaram em ameaça vesperal imprescindível — na ordem: Coringa, Charada, Pingüim e Mulher-Gato.

Os super-heróis invadiram a TV, definitivamente, nos anos 70. *Mulher Maravilha* (com Linda Carter), *Homem-Aranha* (com Nicholas

Hammond) e *Hulk* (com a dupla Bill Bixby/Lou Ferrigno: Hulk antes e depois da transformação) passaram a lutar pela audiência toda a semana. Suas características, no entanto, foram muito alteradas. A telessérie *Hulk* chegou mesmo ao cúmulo de trocar o nome do alter-ego do monstro esverdeado. Bruce Banner, na TV, passou a se chamar David Banner. E, de cientista nuclear vítima da explosão de uma bomba gama, ele acabou se tornando vítima da exposição excessiva de raios gama numa experiência biológica...

Os filmes com os velhos heróis dos seriados voltaram à moda depois do sucesso do *Super-Homem* de Reeve, aliados à parafernália de efeitos especiais exibida em profusão a partir de *Guerra nas Estrelas* (1977).

O primeiro nome a acordar da longa hibernação foi Buck Rogers. O herói dos anos 30 voltou à vida nos trajes espaciais de Gil Gerard. Ao longa inicial, seguiu-se a telessérie. E a *Buck Rogers* seguiu-se o filme *Flash Gordon* (1980), uma farsa musical (trilha sonora: Queen) estrelada por Sam J. Jones. Um desastre.

A década é pródiga em péssimas adaptações. No meio dos saldos, o musical da pequena órfã *Annie* (1981), com a miniatriz Aileen Quinn fracassando ao assumir o lugar de Shirley Temple nos sonhos do diretor John Huston. Sem esquecer a fraca, embora musculosa, *Sheena, A Rainha das Selvas* (1984) — Tanya Roberts, mais pantera do que Tarzan de saias no filme de John Guillermin. Nem a prima do herói melhor pago do cinema conseguiu realizar um bom vôo — apesar dos esforços dos mesmos produtores que colocaram o superprimo no ar. Helen Slater mostrou-se uma *Super-Moça* (1984) bonita de se ver. Mas suas inimigas, interpretadas por Faye Dunaway e Brenda Vaccaro, se revelaram bem mais interessantes. O destino estava realmente contra a supergatinha: pouco depois de sua estréia no cinema, a personagem foi "assassinada" nos quadrinhos.

Até o próprio Super-Homem andou vacilando — vítima de algum plano maligno dos roteiristas — na terceira de suas novas tentativas de salvar o mundo. *Super-Homem III* (1983) quase acabou com a carreira de Christopher Reeve nos céus de

Abril

Santa audiência! É a dupla favorita da televisão: Adam West e Burt Ward, aliás, Batman e Robin, na mais famosa transformação dos quadrinhos em seriado

Metrópolis. Ainda assim, um único personagem de cores impressas ameaçou concorrer com sua popularidade nas telas. Uma criação bastarda, proveniente das novelas B de Robert E. Howard. Da mesma forma que Tarzan, sua fama estourou graças à transposição de sua saga para os quadrinhos. No cinema, ganhou a carranca halterofílica de Arnold Schwarzenegger, em dois longas: *Conan, o Bárbaro* (1982) e *Conan, o Destruidor* (1984).

Schwarzenegger ainda participaria de outra adaptação baseada em Howard: *Guerreiros de Fogo* (1985). Seu personagem — um Conan de segunda —, porém, nunca existiu nos quadrinhos ou nas novelas. A verdadeira estrela desse filme era a mercenária ruiva interpretada por Brigitte Nielsen: Red Sonja. Ela suava tanto para erguer sua espada que a mão do bárbaro foi mais que bem-vinda na defesa da bilheteria.

Por falar em bilheteria, dos responsáveis por *Guerra nas Estrelas* e *Indiana Jones* veio o maior fracasso de ficção de todos os tempos: a transformação do corrosivo pato-paródia do outro mundo, criado por Steve Gerber, em clichê de *E.T.* bonzinho, no filme *Howard, o Super-Herói* (1986).

Entretanto, se a maior parte das adaptações de quadrinhos para o cinema acabou gerando resultados grosseiros, a leitura cotidiana de suas páginas serviu de inspiração para fãs que revolucionaram a arte cinematográfica. É o caso de Alain Resnais, que filmou o labiríntico *O Ano Passado em Marienbad* tendo em mente Mandrake; e Fellini, que, além de ter desenhado Flash Gordon na Itália, sempre manifestou a disposição de filmar Mandrake com Marcello Mastroianni — coisa que, de certa forma, acaba de fazer em *Entrevista*. Neste filme (Prêmio Especial em Cannes, este ano), Marcello aparece vestido como o famoso ilusionista, para, num passe de mágica, reencontrar sua ex-partner de *Doce Vida*, Anita Ekberg.

O assunto torna-se inegavelmente sério quando o mitológico defensor do universo desce das nuvens para se envolver num tema tão polêmico como o desarmamento nuclear. Não é outra a missão de *Super-Homem IV — À Procura da Paz*. Ao lado de Margot Kidder (a namoradinha do herói, Lois Lane), a deliciosa participação de Mariel Hemingway tem tudo para deixar os fãs com insônia até o dia da estréia — no Brasil, 10 de dezembro. Conseguirá nosso herói manter a audiência até o próximo episódio? Não percam mais este superdesafio. *Marcel Plasse*

O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA

Enright (Dennis Hopper) e Leatherface, num duelo de serras elétricas

O primeiro *Massacre da Serra Elétrica (The Texas Chainsaw Massacre*, 1974), inédito no Brasil, inspirava-se numa história real. Um grupo de adolescentes texanos é chacinado por um maníaco que faz uso de uma serra elétrica. Acabou se tornando um clássico e inspirando uma série de outros filmes com matadores de adolescentes. Foi também o primeiro grande sucesso de Tobe Hooper, o diretor de *Poltergeist*, que resolveu temperar esta continuação com brutais colheradas de humor negro. De tal forma que para muitos o prato vai parecer indigesto, com suas tiras de carne e sangue em profusão.

The Texas Chainsaw Massacre II (EUA, 1986) é uma espécie de descida aos infernos patrocinada pela família Sawyer, um clã antropofágico de texanos típicos, desses que adoram churrasco, mantêm seu pequeno negócio, participam de domésticos concursos gastronômicos e têm reclamações quanto a impostos e concorrência desleal nos negócios. O velho Cook (Jim Siedow) vence um concurso de chilli, uma espécie de picadinhho com feijão, com uma receita secreta e infalível: carne humana. Os outros membros da família cuidam do abate das presas. Leatherface (Bill Johnson), o maníaco do primeiro episódio, tem pedaços de couro humano costurados à face e é quem maneja o instrumento de trabalho, a serra. Chop-top (Bill Moseley), veterano do Vietnam, tem uma placa de metal incrustada na cabeça e usa indumentária hippie. O vovô (Ken Evert) mal consegue segurar o martelo para abater sua última presa, a disc-jóquei Stretch (Caroline Williams). O anjo vingador da história, Enright (Dennis Hopper), cowboy e ex-policial, está atrás dos assassinos do sobrinho, vitimado no episódio anterior.

Se o toque pesado de humor e sangue de Tobe Hooper chega às raias da loucura em passagens como a do duelo final, onde se esgrimem serras elétricas, nada indica que esta continuação vá decepcionar os velhos fãs de diversão sanguinolenta.

Carlos Volpato

ARIZONA NUNCA MAIS

Uma história insólita contada em um ritmo vertiginoso. Um filme com ação contínua, enquadramentos inusitados e câmeras em velocidade estonteante. Basta acrescentar a dose exata de humor e violência. Estes são os ingredientes de *Arizona Nunca Mais*, dirigido por Joel Coen e produzido por seu irmão Ethan, com roteiro de ambos.

A dupla já havia acertado a mão em seu primeiro filme, o aclamado *Blood Simple* (deve passar no Brasil como *Gosto de Sangue*), e torna a impressionar em *Arizona*, novamente com a primorosa fotografia de Barry Sonnenfeld e com a maioria do elenco e pessoal de apoio de *Blood Simple*.

Arizona conta a história de Hi McDonnough (Nicolas Cage), um assaltante condenado que se apaixona pela policial Edwina (Holly Hunter) na prisão. Solto, ele se casa com Ed, mas logo descobrem que não podem ter filhos. Hi e Ed ficam sabendo que o Sr. Nathan Arizona (Trey Wilson), próspero comerciante de móveis rústicos, e sua mulher tiveram gêmeos quíntuplos. Obcecados pela idéia de terem um filho, eles raptam um dos rebentos dos Arizona.

A partir daí Hi, Ed e o pequeno Jr. irão tentar levar uma vida em família "normal". Este ideal de tranquilidade será constantemente ameaçado por tormentos reais como o patrão de Hi e Evelle (William Forsythe) e Cale (John Goodman), dois de seus antigos "colegas" foragidos — e os pesadelos de Hi, de onde surge a figura mística de Leonard Smalls (Randal "Tex" Cobb), um motoqueiro troglodita que vai destruindo animais e plantas em seu caminho, e que pouco a pouco vai se inserindo na realidade.

Despedido e com a origem de "seu filho" descoberta, só resta a Hi fugir com a família. Ele assalta um supermercado — para roubar fraldas — e é perseguido pela polícia (em uma sequência hilariante). Além disso agora Hi e Ed já não são os únicos a cobiçarem a criança. Trava-se uma luta fezoz entre os McDonnough, os amigos fugitivos de Hi e o motoqueiro Smalls pela posse do bebê raptado. E os pesadelos que se tornaram reais, no fim se transformam apenas num sonho. *C.P.*

Hi (Nicolas Cage), o paternal raptor, arrastado pelo pesadelo americano em um turbilhão de emoções

Harry Angel (Rourke), o detetive que descobriu o que não queria

CORAÇÃO SATÂNICO

O detetive particular aceita a missão, mesmo sem conhecer todos os detalhes do caso. O que aparentemente era uma investigação simples se revela um mergulho no abismo dos mais insondáveis interesses... O detetive dá cabeçadas por aí, atrás de pistas desamarradas. O detetive bate às portas erradas. O detetive apanha, sem saber de quem e porquê... Os personagens das histórias policiais de Raymond Chandler (o escritor que, ao lado de Dashiel Hammett, lançou a base literária que desencadeou, na década de 40, o ciclo do filme policial *noir*) sempre foram assim. Por que as investigações cegas, afinal de contas, sempre foram um excelente pretexto para esses dúbios heróis descobrirem tudo sobre si mesmos, sobre as mulheres e sobre a vida...

Coração Satânico, de Alan Parker, retoma o esquema *noir* a partir de um romance recente (*Falling Angel*, de William Hjortsberg, o roteirista de *A Lenda*). Melhor, ele leva esse tema ao paradoxo, via magia negra: o que Harry Angel (Mickey Rourke), um detetive meio bundão, quer descobrir para Louis Cyphre (Robert De Niro), um demônio em carne e osso, é o próprio segredo da existência... Parker, com uma dupla afiada de atores (a própria fragilidade dramática de Rourke casa bem com seu personagem, inconseqüente de início e progressivamente assustado com o buraco em que se meteu) e um dos argumentos mais brilhantes do cinema de ação nos últimos anos (um mix do mito de Fausto, aquele que vendeu a alma ao diabo em troca do sucesso; policial *hard boiled* — muita pressão e muita porrada — e macumba, com charuto, galinha preta e o escambau), sem falar na sensacional fotografia de Michael Seresin, conseguiu renovar um gênero aparentemente esvaziado. Graças ao demo, de tantos em tantos anos algum gênio (Polanski e *Chinatown*; Ridley Scott e *Blade Runner*) vem provar o contrário. *A.A.*

A PARTIR DE SETEMBRO OS 180.000
QUE OUSARAM ALGUNS **PASSOS NO ESCURO**
JÁ PODEM SE EXPOR AOS VÍCIOS E
MISTÉRIOS DA CARNE HUMANA.
EMI
ZERØ
CARNE HUMANA É O NOVO LP DO
ZERØ EM DISCOS E FITAS EMI.
CARNE HUMANA
PROJETO GRÁFICO POLLICAN • FOTOS WALMOR DE OLIVEIRA

LANÇAMENTOS

The Doors — Live at the Hollywood Bowl — estéreo, hi-fi, MCA Home Video — Este show tem pouco menos de 20 anos, mas continua atual e precioso para se entender a evolução da história do rock, mais ainda nos tempos de hoje, quando os Doors, em geral, e Jim Morrison, em especial, estão sendo mais uma vez tomados como exemplo de relevância e inteligência neste metiê tão árido. Um clássico instantâneo e uma aula digna de figurar em qualquer currículo de História Contemporânea.

David Bowie — Day-In Day-Out — estéreo, hi-fi, 18 minutos, Sony Video — Mais ou menos, o reverso da moeda. Ou seja, de como um artista revolucionário abandonou sua instância subversiva para cair de boca no *mainstream*. O clip de "Day-In Day-Out", assinado por Julien Temple, é o item mais recente deste pacote, e aparece em duas versões diferentes. Mas o melhor daqui são as perturbadoras imagens que o diretor David Mallet criou para "Loving the Alien", faixa do álbum *Tonight* — logo o disco que o próprio Bowie mais odeia.

Run DMC — The Video — estéreo, hi-fi, 30 minutos, Profile Video — Todo mundo já deve estar careca de ouvir a pesadérrima e hilária versão que os três negões fizeram de "Walk This Way", mas as outras faixas desta seleção de hits não deve desagradar aos que não vivem sem sua dose diária de rap e hip-hop. Os clips são criativos e inteligentes, sempre com a devida pitada de bom humor — como em "It's Tricky",em que nossos heróis se vêem às voltas com um par de ilusionistas.

The Beastie Boys — The Videos — estéreo, hi-fi, CBS/Fox Video Music — E, já que o papo é rap e hip-hop, cá estão os três branquelas encardidos que sucederam o Run DMC no trono pop da chamada "preferência nacional". Para o meu gosto, os BB são chatos e pretensiosos pacas! Se querem dar uma de bandidões, que tal um passeio pela Cruzada de São Sebastião, ali no Leblon, lá pelas quatro da manhã? De qualquer maneira, este trio de falastrões tem aqui alguns de seus melhores momentos, mais três clips inéditos.

PARADA

1. BON JOVI — BREAKOUT — Bon Jovi
2. R.E.M. — SUCCUMBS — R.E.M.
3. EXPOSED — Kiss
4. UNCENSORED — Mötley Crüe
5. LIVE — Judas Priest
6. LIVE AT RED ROCKS — U2
7. THE # VIDEO HITS — Whitney Houston
8. CONTROL — THE VIDEOS — Janet Jackson
9. LIVE WITHOUT A NET — Van Halen
10. BEASTIE BOYS — Beastie Boys

SUZANNE VEGA

"LUKA"

Dirigido por Michael Petterson e Candice Recklinger

Torna-se cada vez mais comum a formação de duplas de diretores de clips. São célebres os casos de Godley & Creme e Paula Greif & Ken Kagan (estes últimos já trabalharam com Steve Winwood e Duran Duran). A dupla que assina "Luka" repartiu funções de modo bastante distinto: a parte masculina (Michael Petterson) se incumbiu dos trechos de animação, a parte feminina (Candice Recklinger) trabalhou com Vega na filmagem real — o casamento da temporada. "Luka" é ao mesmo tempo sombrio e hipnótico, tal como a música que o inspirou e que fala do tormento por que passa um garoto cronicamente maltratado pelos pais. E um dos pontos positivos deste clip é que ele não leva ao pé da letra a transcrição em imagens da história da qual fala a música. Na verdade, o menino Luka só aparece em seqüências econômicas, sempre com o olhar apreensivo. Suzanne, por sua vez, utiliza-se dos conhecimentos dramáticos que adquiriu durante os dez anos em que estudou balé e representa com o tesão de uma veterana.

NOTAS

Gamma-Sigla

■ Uma das mais recentes coqueluches (êta palavrinha retrô!) dos franceses, a dupla **Les Rita Mitsouko,** está arrombando a porteira do mercadão norte-americano com o clip "C'est Comme Ça", dirigido pelo conterrâneo (deles, lá) **Jean Baptiste Mondino.** O primeiro álbum da dupla nos EUA chama-se *The No Comprendo*.

■ Daqui a muito pouco estará pronto o primeiro grande documentário em vídeo sobre a principal figura feminina da música folk norte-americana nos anos 60, **Joan Baez.** O lançamento deste longa coincidirá com o do novo álbum da cantora, *Recently*.

■ Cada hora um "geniozinho" de marketing inventa um novo detalhezinho para atrair a massa de compradores de fitas *home video*. Agora, a Media Home Entertainment resolveu incluir um clip na versão em vídeo do filme *A Nightmare On Elm Street 3: Dream Warriors* — o filme acaba, rolam os créditos, e, logo em seguida, começa um clip do **Dokken,** tocando a faixa-tema do filme. Criativo, não?

■ Quando ninguém mais se lembrava dele, **Roger Waters,** um dos fundadores (e a única defecção recente) do **Pink Floyd,** está de volta. O primeiro clip de sua carreira solo é "Radio Days", do álbum *Radio K.A.O.S.* A história do clip gira em torno de um disc-jóquei chamado Jim que se rebela contra "o crescente domínio que as forças do mercado exercem sobre o dia-a-dia". Profundo, não?

■ **Elton John** gravou na Austrália um especial de TV que será exibido pelo canal de cabo Showtime. Nele, John se apresenta com uma banda de treze integrantes, mais a **Orquestra Sinfônica de Melbourne** (pode acrescentar aí mais 88 músicos).

THE YOUNG GODS ...ou como um "índio amazonense" tornou-se deus do rock industrial

Christian Glaser

Os Gods: o italiano Pizzi, comandando o aparato computadorizado, o suíço Hiesttand, descendo o braço na bateria "humana", e o "índio amazonense" Treichler...

"Nós usamos a merda dos outros para fazer uma merda melhor", explica Franz Treichler, vocalista dos Young Gods, com a determinação de quem está olhando apenas para a frente e *não* quer soar como bandas dos anos 60 e 70. Não é à toa que são saudados em toda a Europa como a *banda do futuro*. De fato, quem ainda acha que uma banda de rock é uma associação de *músicos* e que a base de tudo é a *melodia* só vai se acostumar com os Young Gods quando eles estiverem na novela das sete.

Como Treichler disse, eles *roubam* sons de outros para usá-los em sua música. Sua arma — legalizada e acessível há alguns anos — é o sampler, um teclado que grava digitalmente *qualquer* som e o reproduz na tonalidade e velocidade desejadas. Gravaram seqüências de dois ou três segundos de discos de Power Station, Billy Idol, Schönberg, Mozart, Prince, juntaram isso com ruídos de motores, barulhos, "sonoridades urbanas" e *voilà*, eis a matéria-prima *harmônica*. Os elementos humanos são a voz gutural de Treichler (suíço, neto de índia amazonense que já esteve em Piracicaba, São Paulo visitando parentes) e a bateria (impressionante) de Use Hiestand, porque, segundo declaração deles à *Melody Maker*, gostam do fato de o "ritmo ser humano, dá uma certa fragilidade para a música".

Quem opera os *samplers* é o italiano Cesare Pizzi, técnico em computação convencido por Treichler a desistir do emprego na Boeing para formar um grupo. A estréia deles ao vivo foi em 1985, em Genebra, pouco depois de escolherem o nome da banda, tirado de uma música do grupo americano industrial Swans.

Foi justamente o ex-baterista dos Swans (atual integrante do Wiseblood, com Clint Ruin, e produtor de faixas do That Petrol Emotion e The The), o suíço residente em Londres, Roli Mosimann, que acabou produzindo o primeiro single dos Young Gods, "Envoy!", lançado em 86. Logo de cara entraram nas paradas independentes e foram chamados para shows em toda a Europa, onde deixaram até os críticos mais pessimistas babando de entusiasmo.

No início deste ano lançaram uma versão de "Did You Miss Me? Hello, Hello, I'm Back Again" de Gary Glitter, com sons tirados de Tchaikovsky e Liszt (!). É uma das poucas músicas em que cantam em inglês: o resto é em francês (e as letras, assim como as músicas, são de Franz Treichler).

Acabaram de lançar seu primeiro LP, *The Young Gods*, uma cacetada amnéstica que está deixando todos eufóricos quanto ao futuro da música pop. É como eles dizem no release: "Velocidade, movimento, equilíbrio são reajustados para construir uma nova arquitetura sonora". *T.P.*

A PRESSÃO DO TURISMO MUSICAL

Salvador é um mercado persa com localização geográfica errada. Vive-se a diluição da cultura negra, que só recentemente — através de núcleos de estudo e preservação, como o Olodum, do Pelourinho — despertou para a sua importância como sujeito e objeto dessa tradição, ocupando cada vez mais seu merecido espaço na *mass media*.

Há mais de duas décadas, enquanto os baianos Caetano, Gilberto Gil, Gal Costa e Bethânia se apresentavam no teatro Vila Velha, lançando os toques para o tropicalismo, Raul Seixas imitava Elvis, requebrando os quadris e incendiando o cinema Roma, à frente do Raulzito e seus Panteras.

Mas a centelha inicial só pegaria fogo em 82/83, com o surgimento de inúmeras bandas contaminadas, com o devido atraso, pelo punk de Londres e Nova York. Destas, o Camisa de Vênus foi o único sobrevivente e dispensa maiores comentários. As outras dançariam pela própria fragilidade na produção, aliada à falta de um maior público roqueiro na cidade e ao início da industrialização cultural dos trios elétricos e ritmos afro-baianos, cujo apogeu vivemos agora.

Nada contra. Principalmente se tal fato gerasse uma música pop com predominância negra. Mas o que se viu foi o nascimento de um filho bastardo do turismo cultural, que fecha espaços para o que não reflete sua imagem. O Talking Head David Byrne adorou as FMs locais, simplesmente por não morar aqui e ter de suportá-las dia após dia.

Fotos Roberto de Souza

FLORES DO MAL

Hoje o rock local volta a viver melhores momentos. As bandas se unem, há vários shows... Criou-se até um núcleo cultural *underground*, — a loja Not Dead, que está tentando armar uma espécie de cooperativa para que os grupos que dela participem possam alugar ou construir um local para ensaios e apresentações. Através do movimento independente, o rock baiano espera furar o bloqueio e chamar a atenção dos produtores locais. Dentre esses grupos, três merecem destaque pela consistência do trabalho e o apoio do público que comparece a seus shows.

O **Ramal 12** foi gerado há pouco mais de dois anos por Claudio Lacerda (guitarra), Marcos Botelho (baixo), Macedo Marques (bateria) e Marcelo (vocal). Música sincera e autêntica, que vai fundo no funk, sem esquecer elementos do *mod*, povoada de letras mais melancólicas do que políticas ou amorosas, mas sem cair no terreno depressivo. À frente, o vocal poderoso de Marcelo — um dos melhores do rock nacional. Incerto mesmo continua sendo o futuro, caso a indústria cultural continue centralizada no eixo Rio—São Paulo, como se o resto do país fosse apenas o quintal para sua ressonância.

RAMAL 12

No **Flores do Mal**, Paquito (guitarra rítmica e vocal), Fred (baixo), Toni (bateria) e Heyder (guitarra base) vêm, desde 1983, traçando um caminho singular que fica no limite tênue entre a MPB e a música pop. Pode até encontrar paralelo em certos momentos do paulistano Premê. Bastante conhecido por um público eclético — que vai de shows em bares a festivais colegiais e peças teatrais —, a banda acaba de lançar o primeiro LP independente (selo Avatar), que, mesmo gravado em precárias condições técnicas, mostra uma alternativa para as outras bandas da cidade.

DEVER DE CLASSE

Dever de Classe é o representante mais significativo do hardcore local e conta com Ray Pereira (guitarra), Neio Mustafah (baixo), Bell Contreiras (bateria) e Lili Martins (vocal). Eles dão o tom exato e agressivo às curtas e frenéticas rajadas que disparam nos shows, com letras denunciando o signo deste tempo: uma sociedade opressiva e repressora, onde vale mais quem pensa igual. As influências mais marcantes vão para os petardos do Terveed Kadet, Ratts, Conflict, Dead Kennedys, Olho Seco e mesmo ao toque minimalista de John Lydon e sua Public Image Limited, unindo a fúria urbana à música negra. *Hagamenon Brito*

THE THE

INFECTED

Infect [illegible] with your love
I've go[illegible]oo much energy to switch [illegible] my mind
but [illegible] ough to get myself organ[illegible]
[illegible] heart [illegible] eavy, my head is [illegible]
and my achin[illegible] little soul has started burn[illegible] blue

(refrão)
I can't give you up [illegible] ve go more than enough
so infect me with your [illegible]
nurse me into sick[illegible] nurse me back to health
endow me with the gifts of the man made world

When desire becomes an illness instead of a joy
and guilt a necessity that's got to be destroyed

([illegible] refrão)

Take me [illegible] the hands and [illegible] the end of [illegible]
run your [illegible] through my
hair and tell me [illegible]
will [illegible]
from my scrotum [illegible] your womb [illegible]

([illegible])

[illegible]

INFECTADO

[illegible]

[illegible]

Quando o desejo se torna uma doença ao invés de uma alegria
e a culpa uma necessidade que tem de ser destruída

(repete refrão)

Me pegue pelas mãos e me leve até o fim do [illegible]
[illegible]
[illegible] me diga o que eu quero ouvir
[illegible] de mentiras se tornarão verdades [illegible] rosto cuja juventude
[illegible]
do meu escroto [illegible] útero [illegible] minha cova

(repete refrão)

[illegible] cuide de mim até ficar [illegible] cuide de mim até eu recuperar a saúde
e me diga o que [illegible]

[illegible] Music Ltd.

Camisetas, jaquetas, toalhas de mesa, cartazes e todo tipo de papel ou pano, podem agora ter estampada qualquer foto ou ilustração de revistas, capas de disco ou posters que você quiser. Você já imaginou o sucesso que você fará com uma camiseta estampada com aquela ilustração tão linda que você viu na revista, ou na capa do disco com seu ídolo ou grupo musical?
Isso você mesmo pode fazer, EM APENAS 1 MINUTO, SEM O USO DE TINTAS E NEM DE PINCEL. A perfeição é inacreditável e a estampa permanece para sempre. Não mancha, nem descora.
CONHEÇA O INÉDITO COLOR-FIX!

VEJA COMO É FÁCIL

Você ficará surpreso com a facilidade que encontrará, e a perfeição atingida, logo na 1ª vez que executar o trabalho. Não se trata de curso. Você começa a estampar camisetas a partir do momento em que estiver de posse do COLOR-FIX.

1º) Você passa COLOR-FIX no lado da camiseta em que você quer que apareça a estampa.
2º) Coloca a camiseta sobre a foto da revista, poster ou capa de disco.
3º) Passa o ferro de passar roupas por alguns segundos, como se estivesse passando a camiseta.

Pronto! Não sai nunca mais a estampa, do jeito que está na fotografia.

GANHE MUITO DINHEIRO

Aproveite o segredo do COLOR-FIX para ganhar muito dinheiro. Absolutamente sem nenhum capital, você terá seu próprio negócio, ou então poderá multiplicar sua renda mensal, apenas nas horas de folga. É um trabalho para ambos os sexos, bastando ter apenas a vontade de vencer, característica indispensável para quem quer alcançar o êxito, o sucesso e o bem estar.

EXCLUSIVIDADE

Você vai aprender também, a fazer aparecer em uma camiseta ou jaqueta, a sua própria foto, no tamanho que você quiser que fique. Tudo isto em apenas 1 MINUTO. É FANTÁSTICO!

ATENÇÃO: Poucas pessoas terão o privilégio de possuir o segredo do COLOR-FIX, pois o fornecimento é limitado. DECIDA JÁ! Não deixe para depois e garanta já esta grande oportunidade. Com o segredo do COLOR-FIX você fará centenas, milhares de estampas em camisetas, jaquetas, etc. Pense no quanto você poderá lucrar com isto, e aproveite já esta grande oportunidade que a **EXPORT FASHION** está lhe oferecendo.

Envie hoje mesmo o seu pedido e comece a ganhar dinheiro amanhã. Você receberá todas as explicações detalhadas, necessárias para aproveitar ao máximo o incrível COLOR-FIX.

PROMOÇÃO ESPECIAL
Adquirindo o segredo do COLOR-FIX através de cheque nominal ou vale postal, você terá direito a um desconto especial de 50%, e recebe sua encomenda em 10 dias.

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA

COLOQUE O CEP CORRETAMENTE PARA AGILIZAR A REMESSA E PREENCHA À MÁQUINA OU EM LETRA DE FORMA LEGÍVEL.

OBS.: NÃO SE ESQUEÇA DE COLOCAR O VALE POSTAL OU CHEQUE NOMINAL NO ENVELOPE JUNTAMENTE COM O CUPOM.

Envie hoje mesmo o seu cupom (ou xerox) para:
***EXPORT FASHION** - Caixa Postal 7758 - CEP 01051 - Ag. Central - São Paulo - SP.*

*Solicito à **EXPORT FASHION**, o envio do segredo do COLOR-FIX, ao qual pagarei da seguinte forma: (Assinale com um "X")*

☐ **CHEQUE NOMINAL:** Estou enviando juntamente com este cupom, um cheque nominal à **EXPORT FASHION**, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$ 198,00 sem mais despesas.

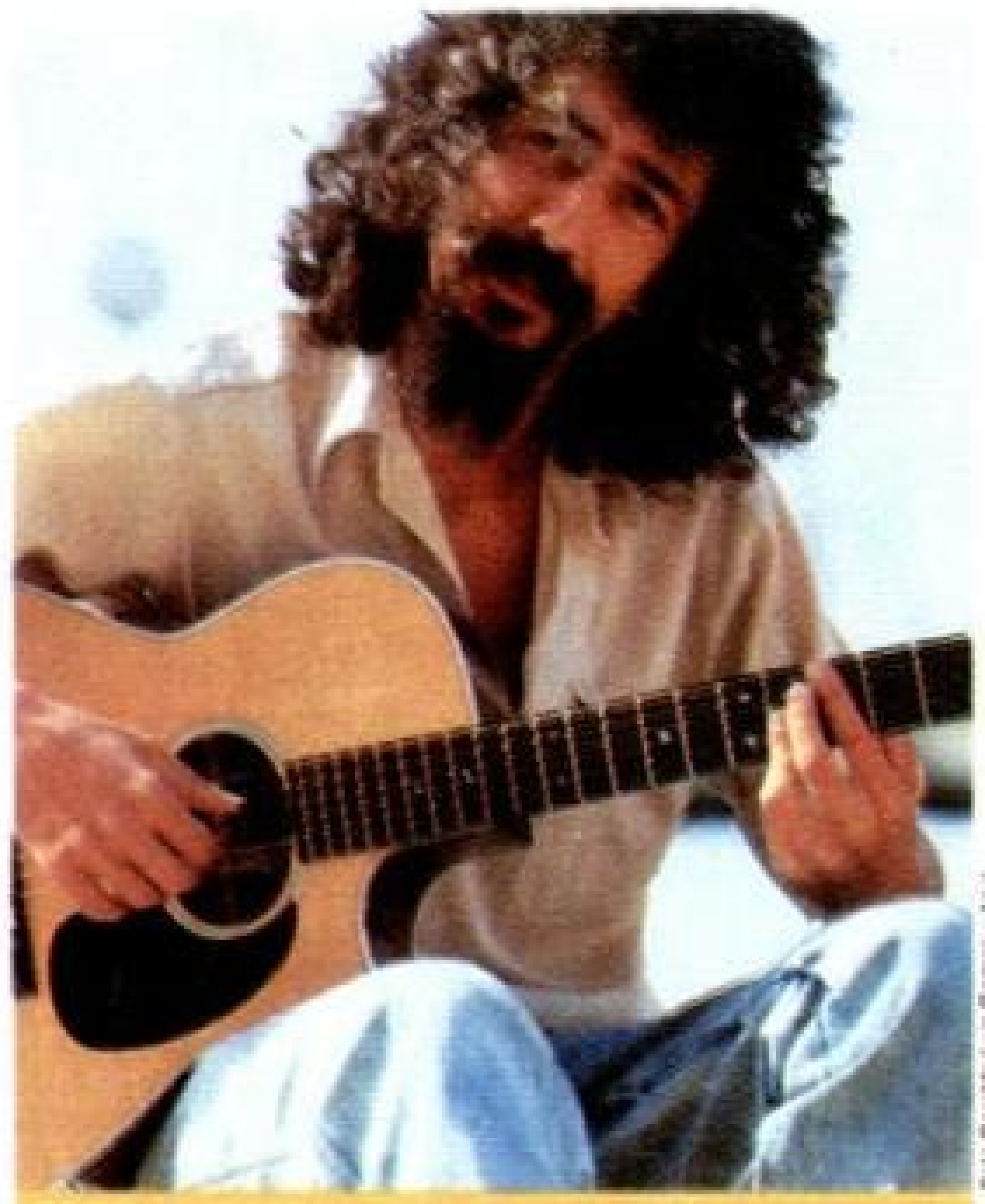
☐ **VALE POSTAL:** Estou enviando juntamente com este cupom, um vale postal, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$198,00 sem mais despesas.*
INSTRUÇÕES PARA O ENVIO DO VALE POSTAL:
Peça no Correio e preencha da seguinte forma:
Ag. Pagadora: Agência Central - Cód. 400009 - CEP 01051 - São Paulo - SP.
A favor de: **EXPORT FASHION - CAIXA POSTAL 7758 - SÃO PAULO - SP.**

☐ **REEMBOLSO POSTAL:** Pagarei somente ao retirar o segredo COLOR-FIX no Correio, no valor de Cz$ 396,00, mais as despesas postais.

BIZZ 26

Nome ____________________
End. ____________________ Nº ______
Bairro ____________ Cidade ____________ Est. ______
CEP ______ Data ___/___/___ Assinatura ____________

ANDRÉ GERAISSATI



Geraissati e seu Martin: acesso às notas mais agudas

Foto Geraldo Luis Gomes / Abril

O violonista que está encontrando sons inéditos. É o resultado da pesquisa com novas afinações

Foi um longo caminho o percorrido pelo violonista paulista André Geraissati até chegar ao LP *Solo* (recentemente lançado pela WEA), que vem rendendo críticas entusiasmadas. Afinal, não é todo dia que sai um disco de violão solo com texturas harmônicas e acordes inéditos.

Ele é autodidata. Começou com 15 anos, quando ganhou um violão. Passava as tardes tirando as guitarras de Nokie Edwards (dos Ventures), em rotação mais lenta ("Senão, não dava!"). Levava o violão às inúmeras sessões de "Os Reis do Iê-iê-iê" e "Help!" a que assistiu para tirar as músicas dos Beatles.

Depois ganhou uma guitarra e, no final da década de 60, já tocava em grupos que animavam bailes e domingueiras. Acompanhou cantores como Roberto Carlos, Antônio Marcos e Ronnie Von. A partir de 75, começou a compor jingles e a se aprimorar em técnicas de gravação em estúdio.

Em 77, a convite de Luís Chaves, passou a dar aulas de violão no CLAM (escola de música do Zimbo Trio), onde também pôde aprofundar seus conhecimentos teóricos.

Em 78, teve a idéia de formar um trio de violões. "Foi no I Festival Internacional de Jazz de São Paulo. Fiz um som com o Larry Coryell e o Philip Catherine — pra quem eu tinha emprestado meu Ovation. Achei demais a sonoridade de três violões." Foi assim que pintou o Grupo D'Alma, completado por Cândido Penteado e Ruy Saleme. Depois de um ano de ensaios, lançaram seu primeiro LP, *A Quem Interessar Possa*.

A partir daí, a trajetória de Geraissati se confunde com a do D'Alma, apesar dos seus esporádicos acompanhamentos de Egberto Gismonti, Marlui Miranda e Zimbo Trio e do lançamento de seu primeiro disco solo, *Entre Duas Palavras*, com Egberto e o percussionista Marco Bosco.

O D'Alma seguiu excursionando e lançando discos. Tocou na França ("Lá o Catherine me retribuiu o favor e me deu um violão Washburn de presente"), no II Festival Internacional de Jazz de São Paulo e em turnês pelos EUA e Canadá. Em 82 saía o segundo LP do D'Alma (sem Cândido, com Ulysses Rocha) e no ano seguinte o terceiro (sem Ruy, com Mozart Mello).

Por essa época, ele começou a produzir discos (Olívia Byington, Paulinho Nogueira, Marco Antônio Araújo). "Produzi o *Lucas* (último LP do instrumentista mineiro) e o Marco Antônio ia produzir o meu", relembra o violonista, "mas aí ele morreu. Fiquei chateado. Acabei não trabalhando o meu disco."

O segundo LP de Geraissati, *Insight*, saiu em 86 (com distribuição nos EUA e Canadá). É nesse mesmo ano que ele começa a pensar no seu próximo projeto. "Sempre gostei muito do som e das possibilidades harmônicas do piano, e isso, creio, me motivou para pesquisar novas afinações... Procurei afinações que me possibilitassem inversões de acordes impossíveis e que privilegiassem as cordas soltas, para realçar os harmônicos." Assim, Geraissati desenvolveu dez afinações diferentes do padrão mi/si/sol/ré/lá/mi (exemplo: ré/lá/ré/dó#/fá#/si), para *depois* compor as músicas adequadas. O projeto culminou com o LP duplo *Solo*, fruto de sua longa experiência com o violão e com as técnicas de gravação (ver *ficha técnica*) e, também, de suas influências musicais (a lista é longa e eclética, tem Hendrix, Dilermando do Reis, Nokie Edwards, Canhoto, Baden, Pat Metheny, Mahler, Stravinsky, Debussy, Sibelius etc.). Não esconde sua admiração por Egberto Gismonti e avisa: "Ouvi uma demo do próximo LP que o Egberto vai gravar em Oslo, pela ECM. Não tenho dúvida! Este trabalho vai mudar a história da música feita para violão".

Thomas Pappon

FICHA TÉCNICA

AÇÃO ALTA

Geraissati tem um violão: o Martin. É um conceituado instrumento americano, com um design que possibilita um maior acesso às notas mais agudas. Suas cordas são de bronze (012 a 057), e ele as distancia bem do braço (daí o "ação alta"). Ao vivo ele usa um Ovation emprestado, por causa das facilidades da captação embutida. Em estúdio, posiciona dois microfones AKG 460 com cápsula CK61 encostados um no outro, num ângulo de 90 graus, a seis dedos da boca do violão. Isso tudo é para garantir a captação da "pressão sonora" do Martin, que, segundo Geraissati, "é muito forte".

Europa– *Por Pepe Escobar*

Verão na Europa com um sol de rachar. Mas a moçada continua firme no look Def Jam — mix privilegiado *black & white*. Levi's rasgada onde der, Levi's preta (a feita na Inglaterra), camisetinha do Trouble Funk ou da extinta Streetsounds, jaquetinhas blue jeans, saquinho de náilon nas costas, boinas, distintivos, pinturas (de Trouble Funk a Pato Donald, passando pelas popularíssimas foice e martelo), e o item *down by law*: a jaqueta preta MA-1, de náilon, originalmente confeccionada para a gloriosa United States Air Force nos anos 60, lá do bourbonesco Tennessee. *Life is Def! man*, mas só de MA-1.

Não adianta chorar: tudo que é de vital no som dos 80 é preto, seja afro ou heavy hip hopeiro ou go-go-zento. Mais uma para entortar psiques: o selo Rhythm King (só pauladas dançantes) organizou uma *tour* do verdadeiro e único Homem Mau do hip hop: o volatilíssimo Schoolly D. Falou, falou e entortou mesmo. De abertura, o extra-duro rap inglês dos Three Wise Men. Schoolly D., em matéria de mitomania, dá banho entre os rappers: corre pelas bocas que o homem dorme com uma metralhadora Uzi automática embaixo do travesseiro. Isso é que é terrorismo cultural...

Pânico na indústria do CD: já circulam pela Europa tapes em CD, piratinhas da silva, de umas certas figuras da história do rock conhecidas pelas alcunhas de Robert Zimmerman e Jimi Hendrix. Sai da frente quando entrar no mercado o Digital Audio Tape...

A melhor trilha sonora dos últimos meses continua sendo a de Something Wild, o delicioso love story-horror movie-thriller-comédia-road movie do extra-talentoso Jonathan Demme, apaixonado pelo Rio de Janeiro, onde já esteve duas vezes. No final dos créditos, em letrinhas amarelas: "A luta continua". O filme arrebentou em Nova York e agora arrebenta no verão de Paris. A trilha tem Sonny Okossun, Yellowman, New Order, The Feelies, Oingo Boingo, X, Timbuk 3, Motels, Troggs com a "Wild Thing" cult classic, e as duas extra-hors-concours: "Wild Thing" em reggae-rap com Sister Carol, e David Byrne e Celia Cruz together na cataclísmica "Loco de Amor". A indústria do disco, como sempre, sonega informação: no LP e na fita, só tem dez músicas. No filme, são 36.

Peter "Sledgehammer" Gabriel excursionando pela Europa com convidado extra-cult: nada mais nada menos do que o deus negro Yossou N'Dour. Os afros abrem o show com uma batucada dos infernos, Yossou solta os mais arrepiantes recados afro desde que Bokassa comia crianças no café da manhã e logo depois entra em cena o Arcanjo Gabriel para sua competentíssima fusão etno-tecno. Yossou volta depois para duetar com Gabriel em "In Your Eyes" e toma — de novo — o show de assalto. *The show* — o outro — *must go on:* preto expõe a alma, branco vai lá e se apropria.

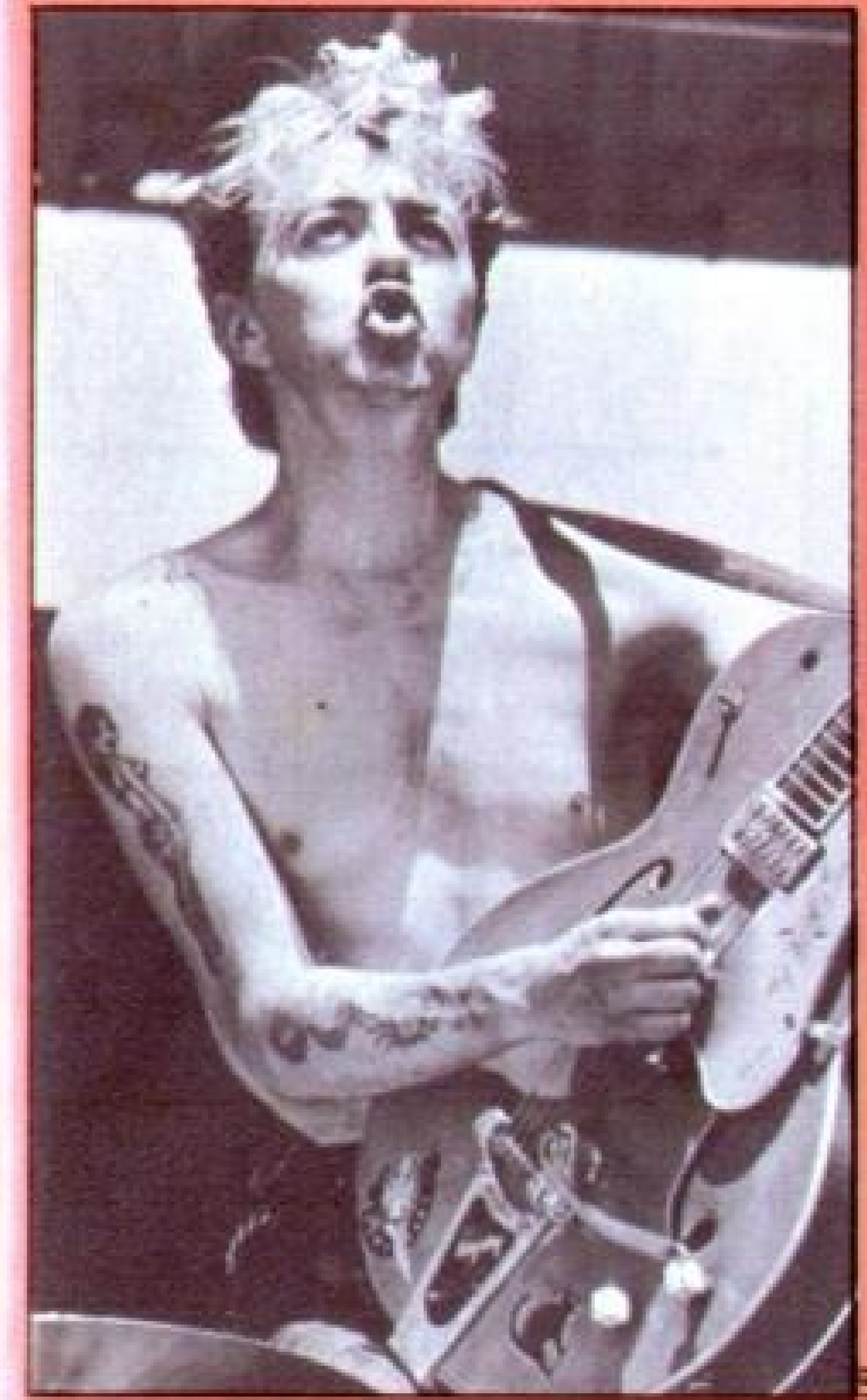
Quer treinar o inglês antes de encarar uma viagem sonora por Europa ou EUA? Treine com o livro do ano: *James Brown, The Godfather of Soul* (Sidgwick and Jackson, Londres, 12 libras e 95). É a autobiografia do Godfather, escrita por ele e por Bruce Tucker. Maná dos céus para acompanhar a audição das obras completas do *haaaaaaaaaaaaaaardest working man show business*...

Suíço não brinca: pega o **cash**, vai lá e traz todo mundo para tocar na Suíça. Lá fui eu em um fim de semana ver uma coleção de arte em uma **villa** de Lugano, e o que me aparece nas praças centrais da (lindíssima) cidade à beira do lago? "New Orleans in Lugano", ou seja, um maremoto de tradicional jazz, gospel e blues diretamente importado da Louisiana, cortesia do Crédito Suíço, um dos superbancos nacionais. É mole? Entre outras preciosidades, revezando-se minipalcos desde o meio-dia até a meia-noite, materializou-se a New Orleans All Stars, os spirituals e gospels de beleza astral de Liz McComb, o Mr. Boogie Woogie — o impagável e legendário Errol Dixon e — orgasmo definitivo — nada mais nada menos do que o sr. Memphis Slim. **Lord have mercy** mangalô três vezes...

Altas fusões rolando em Paris — a única coisa insuportável é ver francês falando que Paris é "la capitale mundiale de la musique" e outras cretinices do gênero. À parte os nacionalismos passíveis de punição pela guilhotina do desprezo, o funk de rua anda acasalando-se com a música árabe, através das experiências de um cidadão líbio que atende pelo nome de Ahmed Fakhroun. Chaba Fadela anda mixando funk com rai. O soul africano também já começa a se infiltrar nos meios de campo — vide o guitarrista Zani Diabaté (Mali também arrepia no cinema, através do belíssimo A Luz, de Souleymane Cissé). Para não falar das bandinhas soul de Dakar... E aí, essas coisas chegam ou não chegam?

Caidíssima a noite de Milão. O *point* mais *trendy* assemelha-se a um notório boteco aí de São Paulo que entrou "na moda" há uns três anos como "alternativo", ou qualquer bobagem do gênero. Os DJs são primitivos. Brasileiros, candidatem-se. Já em Paris, rolam com competência as noites do Locomotive, em Pigalle, com o Def Jam, go-go, house e canibalismo mastermix a rigor. Em Amsterdam, para quem for, checar o Roxy, que já abriu disposto a pulverizar toda a concorrência.

EUA — Por *José Emílio Rondeau* e *Ana Maria Bahiana*



Ainda no departamento revival: estreou aqui o filme **La Bamba**, que reproduz a história do meio-mexicano, meio-americano Ritchie Valens, justamente o autor da música que dá o título ao filme. O papel principal foi entregue a um desconhecido estreante, o ator Lou Diamond Phillips, mas outros dois caíram feito luva num par de músicos de verdade: Brian Setzer (ex-Stray Cats) faz Eddie Cochran (na verdade, uma das maiores inspirações em toda a carreira de Setzer) e Marshall Creenshaw (pouco conhecido no Brasil mas cult por estas bandas) é ninguém menos que Buddy Holly.

The bitch is back in L A! *É este o grito de guerra que anda rolando pelas colinas de Hollywood e pelas planícies do lado oeste de Los Angeles, saudando a volta à cidade de um de seus mais celebrados moradores intermitentes: Elton John. O pianista das mil perucas está alugando uma mansão em Beverly Hills pela singela bagatela mensal de 25 mil dólares! O chatô é descrito como sendo conservador, com um pé-direito gigantesco, quadra de tênis, piscina e guest* **house** *para visitas.*

Com um certo atraso em relação ao Brasil, a curemania aportou por aqui. Os dois shows que o Cure fez no espaçoso fórum de Los Angeles — antiga parada obrigatória dos Stones, em outros tempos — nos dias 13 e 14 de julho, foram recebidos com todo o fervor pelos angelenos. A K-Roq — rádio que promovia oficialmente os shows — chegou ao exagero de tocar nada menos que 96 faixas diárias dos álbuns do Cure — com a devida ênfase a Kiss Me, Kiss Me. A crítica se desdobrou em elogios aos shows e a Fat Bob. Richard Cromelin, do L. A. Times, enxergou em Bob "um arlequim gorducho que está perto de se tornar um deus Rock". É mole?

Ninguém pediu, mas ela voltou: Angela Bowie (o sobrenome não lhe é familiar) estará se apresentando a qualquer momento na Grand Central Station, o complexo ferro-rodoviário que concentra o fluxo de commuters nova-iorquinos. Ela estará sendo acompanhada pelo grupo The Characters, cujo maior crédito é ter sido produzido pelo mesmo produtor dos Monkees, Chip Douglas. Haja saco!

O roteiro de turnês listado nos jornais de Los Angeles dá uma estranha sensação de *déjà vu*: vêm aí excursões de Pink Floyd (sem Roger Waters), Roger Waters (sem Pink Floyd), e, *last, but not least*, Bob Dylan junto com Grateful Dead. Aliás, os Estados Unidos estão vivendo uma espécie de febre Dead, mais de 20 anos depois da formação da banda e do acontecimento do Summer of Love. Os integrantes do Dead estão entrados em seus 40 anos e menos do que em forma física para suportar os rigores da estrada, mas as rádios não param de tocar "Touch of Grey", o novo hit single da banda. Os shows atuais são tão longos e "iluminadores" (garantem os "convertidos") quanto no passado — quatro horas de improvisos, *light show*, incenso e bagulhinho. Aí eu pergunto: será que ainda tem aquelas garotas com longas saias de chita barata ondulando os braços? Será que ainda tem gente que dá trela a isso? A julgar pelos números — as lotações dos shows do Dead têm sido, invariavelmente, recordistas — parece que sim. Ai, minha Santa Periquita!

* Por falar em turnê, Mick "Lábios de Borracha" Jagger está com uma excursão engrenada para setembro/outubro. Sem os Stones, mas, possivelmente, com Jeff Beck na guitarra. Keith Richards, recém-contratado como artista solo pela Virgin, já declarou aos jornais daqui: "Só não vou atrás de Jagger porque estou muito ocupado com meu disco. Se não estivesse, iria buscá-lo para dar umas porradas tão fortes nele que ele ia ficar uma semana sem conseguir sentar".

No dia 13 de julho as limusines engoliram seus 50 ocupantes e rumaram em direção a Encino, um abastado e verdejante subúrbio da Grande Los Angeles. Entre os ocupantes estavam 25 dos maiores chefões da área de vendas da Epic Records, mais um tanto de lojistas. O destino final da viagem: a casa de Michael Jackson, onde todos conheceriam, em primeira mão, o novo álbum do cantor desde *Thriller*. O disco chamava-se, até então, *Bad*. O primeiro compacto, "I Just Can't Stop Loving You", e o vídeo de 18 minutos que o diretor Martin Scorsese criou para a faixa-título eram os petiscos mais apetitosos do evento. Ou seja, terminou o suspense em torno do sucessor de *Thriller*. Já podemos voltar a dormir tranqüilos, portanto. A não ser que alguém ainda queira ver a turnê de Michael, que começa dia 12 de setembro em Tóquio, no Japão. Hai!

Um Megadeth já era o suficiente. Mas *outro* grupo, chamado Megadeath, é exagero! Pois ocorre que este último está processando o outro por "uso indevido" de uma marca cujo copyright reclamam para si. O Megadeth, liderado pelo guitarrista Dave Mustaine, precisaria pagar aos pretensos "originais" 20 mil dólares, por perdas e danos. Diante deste trelelê, a banda de Mustaine constituiu advogado e na segunda semana de julho deu uma entrevista coletiva em Los Angeles para explicar quais serão seus próximos passos: 1) o advogado de Mustaine, Leonard Korobkin, inverterá as posições com uma ação legal que impedirá o Megadeath de atuar. 2) Dave Mustaine torcerá para que um fã do Megadeth "detone" a banda fajuta que vem se apresentando, segundo ele, usando perucas e máscaras contra gases. Até que a situação se resolva, o Megadeth estará impedido legalmente de trabalhar.

CAETANO VELOSO
TRANSA (1972)

No fim da década de 60 a música brasileira passava por um impasse. A força inovadora da bossa nova — a possibilidade de se fazer uma leitura sofisticada e universal do samba — já havia passado do auge. Os continuadores da bossa nova descambavam para a chamada "música de protesto". Na vertente oposta, a versão local do "iê-iê-iê", a jovem guarda não primava pela criatividade. A tropicália implodiu a questão quando fez a ponte entre essas duas atitudes aparentemente inconciliáveis. A liberdade formal do tropicalismo foi um sopro de novidade. Se estendia desde a escolha dos ingredientes de sua geléia geral — de Vicente Celestino aos Beatles, passando (claro) por João Gilberto, — até roupas e capas de disco, fortemente influenciadas pelo psicodelismo.

Transa é o segundo LP do Caetano Veloso pós-tropicalista e o primeiro depois de seu exílio em Londres. Se o tropicalismo foi uma resposta pop aos tradicionalistas da MPB, *Transa* é uma espécie de reflexão em tons cinzentos sobre esse período. Na edição original era um disco-objeto: a capa se dobrava de maneira a formar um poliedro triangular. Foi produzido por Ralph Mace, o inglês que já havia produzido em Londres o seu disco anterior (*Caetano Veloso*, de 1971).

Transa é um disco bilingüe. Não só pelo fato de ser cantado em inglês e português, mas por transitar em duas linguagens musicais: o rock e a MPB. Mesmo recheado de referências e citações dos Beatles ("Woke up this morning/ singing an old beatle song", em "It's a Long Way") e da bossa nova (trecho de "Chega de Saudades" que Gal canta em "You Don't Know Me"), ele declara sua indepedência de compromissos com qualquer forma de fazer música. Afinal, é como diz uma das mais belas canções do disco, "Nine Out of Ten" (onde pela primeira vez ouvimos falar em reggae): "the age of music is past".

Assim, canções com uma estrutura mais convencional convivem neste disco com faixas como "Triste Bahia", um longo diálogo entre baixo e berimbau com trechos de um poema do poeta baiano oitocentista Gregório de Mattos ("Triste Bahia/ oh, quão dessemelhante/ estais e estou no mesmo antigo estado/ a ti tocou-te a máquina mercante/ que em tua larga barra tem entrado") e de cantos de capoeira e afoxé — mais de seis minutos de uma longa litania que acaba num crescendo angustioso.

Ou então uma linda versão de "Mora na Filosofia", de Monsueto, com um brilhante arranjo que alterna momentos de economia — apenas baixo, violão e voz — com climaxes ("Pra que rimar amor com dor") com a percussão. Aqui, Caetano repete uma idéia utilizada no tropicalismo: a de recuperar pérolas esquecidas da MPB, rearranjadas de forma moderna — e às vezes bastante inusitada —, coisa que irá repetir ao longo de sua carreira.

As letras falam o tempo todo de desterro — não o que ele viveu realmente, mas uma espécie de desterro tanto em relação à cultura brasileira quanto em relação à cultura pop. Começa com "You Don't Know Me" (em que Caetano faz um trocadilho com *at all* e Apple, a gravadora dos Beatles). Daí vem "I'm alive/ vivo/ muito vivo" — com o duplo sentido de "I'm alive/ I'm a lie" — para concluir depois: "That's what rock and roll is all about", sempre invadidos por trechos de canções folclóricas e tradicionais.

Transa é um exemplo de como podem ser inteligentemente trabalhadas as referências folclóricas e as cosmopolitas, o simples e o sofisticado. O resultado é o melhor disco de Caetano Veloso — que, apesar dos Meninos do Rio e outras babas afins posteriores, já teve momentos realmente brilhantes como compositor e letrista. E uma dica para quem tem má vontade com a música brasileira.

Bia Abramo

EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor Chefe: Alex Antunes
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Bia Abramo, Jean-Yves Neufville, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Diagramadores: Deise Bitinas, Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Pepe Escobar (Milão), Cesar G.Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (assessor especial), Aldo Meola, Alexandre Dines, Arthur G. Couto Duarte, Carlos Albuquerque, Celso Salles Pucci, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Leopoldo Rey, Livio Tragtenberg, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Tom Leão, Valdir Montanari.
Arte: Murilo Rodriguez de Maria (diagramação)
Fotos: André Castanheira Gaffaz, Claudia Thompson (New York), Eva Joory (Londres), Fabiana Figueiredo, Geraldo Luis Gomes, Hamilton Penna Filho, Mila Maluhy, Paulo Roberto Álvares de Souza Filho, Rui Mendes, Tucci

Diretora Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Lídia Camarate (Rio), Márcia Andrade (São Paulo)
Produção Gráfica/Publicidade-Gerente: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente); **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-58331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; **Nova York:** Odillo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 8.° - 75008, Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

COMERCIAL
Diretora-Circulação: Vera Helena Mirandez Gomes
Promoção: Fernando Mendonça (Rio)
Assistente de Circulação: Maria Luzia Alves
Assistente de Propaganda: Rosana Aparecida G. Almeida

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel. (011) 826-6777. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.° ao 11.° andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Caça-Fantasma

Não se assuste. Qualquer problema ou dúvida sexual sempre parece maior do que é. E assim aparecem os fantasmas que assombram a vida de muita gente. Para acabar com isso a Editora Abril está lançando um guia inédito: SEXO PARA UMA VIDA MELHOR, escrito por uma das maiores sexólogas dos EUA, Ruth Westheimer. O guia trata de sexo para todas as idades. E fala de impotência, frigidez, ejaculação precoce, masturbação, orgasmo e ainda aborda temas que as outras publicações deixam de lado. De maneira clara e direta. Sem medo e sem censura. A Dra. Ruth vem, com sucesso, esclarecendo dúvidas e problemas de milhares de americanos através dos seus programas de rádio e televisão. Sempre falando de sexo com muito respeito e honestidade. Com o guia você vai conhecer experiências reais e vai descobrir que sexo não deve ser encarado como um bicho-de-sete-cabeças.

O best-seller da sexóloga mais conhecida dos EUA

Teste: como avaliar o QI sexual

SEXO PARA UMA VIDA MELHOR. UM GUIA SEM CENSURA, NAS BANCAS.

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

TOLICES

Uma constatação que me deixa chateado: por que essa bobagem de se condenar o ''passado'', negar coisas ótimas que foram feitas, toda vez que se vai falar de algo ''novo'' que aparece por aí? Na BIZZ 18, por exemplo, há uma nota ridícula, onde se entende (entende?!?) que ''jovem anos 80'' não é aquele que escuta Led Zeppelin, Dire Straits, Genesis. E quando se fala que ''todos resolveram olhar para o passado'' acrescenta-se um ''argh'' completamente inútil! Cria-se até, a meu ver, uma incoerência dentro da própria revista, pois basta dar uma sacada na *Discoteca Básica* e constatar que, afinal, muita coisa boa se fez e não pode ser ignorada/classificada simplesmente de ''passado''. O Pepe Escobar que, por sinal, enche a sacola de qualquer um, na maioria das vezes, com aquela ''pretensão de superioridade'' presente nos seus artigos. O que acontece é o seguinte: vem o Pepe (ou outro cara qualquer) e tasca na revista as ''novas'' bandas inglesas. Mas eu não posso deixar de lembrar de um *Porão* com o Sigue Sigue Sputnik, que me deixou superinteressado e, no fim das contas, eu vi a nulidade que era tal banda. Ser moderno, então, é sair à procura daquela bandinha que mal saiu do quarto e esquecer tudo o que você já viu, até o dia em que a bandinha se torna um bandão. Aí, sem mais aquela, você, como moderno convicto, dá-lhe um basta e corre atrás de outra bandinha que ainda está aprendendo a empunhar a guitarra. Sinceramente, fico chateado quando essas coisas tolas acontecem nas páginas de BIZZ. **Plautino da Silva Gomes, Nova Iguaçu — RJ**

FURO N'ÁGUA

Escrevo para colocar meu ponto de vista a respeito de Paul Simon e seu polêmico *Graceland*. Pois é, os anti-racistas têm provado que são tão autoritários quanto seus rivais, com essa história de ''boicote cultural'', diretamente ligada a Simon. Tudo bem, sou totalmente contra o apartheid, mas sou também contra a limitação da liberdade de expressão. É absolutamente intolerável a criação de fronteiras para a música. Se Simon furou o boicote, fez bem, pois *Graceland* é um dos melhores álbuns de 87. Não importa se os músicos são de Johannesburgo ou Katmandu. O que importa é que eles têm talento. Se o disco é sucesso nos EUA, Grã-Bretanha etc., por que não na África do Sul também? Afinal, todos lá são racistas? O bloqueio comercial tem que ser pensado. O cultural, não. É ridículo. Afinal de contas, o Comitê Anti-Apartheid pede ou ordena o rompimento cultural com a África do Sul? **Nísio Ferreira, Belo Horizonte — MG**

O Comitê Anti-Apartheid das Nações Unidas recomenda que sejam evitados quaisquer negócios com o governo sul-africano, seja lá de que espécie forem. Paul Simon alugou um estúdio em Johannesburgo e contratou músicos locais, ou seja, fez negócios e, portanto, não seguiu a orientação do Comitê. A fronteira a qual você se refere, Nísio, não significa uma limitação da liberdade de expressão, mas sim uma atitude ética e política: o cumprimento do boicote é um sinal de repúdio ao estado policial que vigora na África do Sul. Simon disse ''não saber do boicote'', e daí, das duas, uma: ou ele não sabia de fato — o que parece improvável —, ou ele sabia, e então se trata de um desrespeito intolerável. O que não impediu que Graceland *seja um belo disco e que tenha ajudado a discussão e a denúncia do regime racista, pois fez com que, da maneira mais simpática possível, a atenção se voltasse para a África. Mas ele furou, consciente ou inconscientemente, o boicote, e quanto a isso merece a desaprovação daqueles que condenam o regime arqui-racista de Pieter Botha.*

CLIP? ARGH!!!

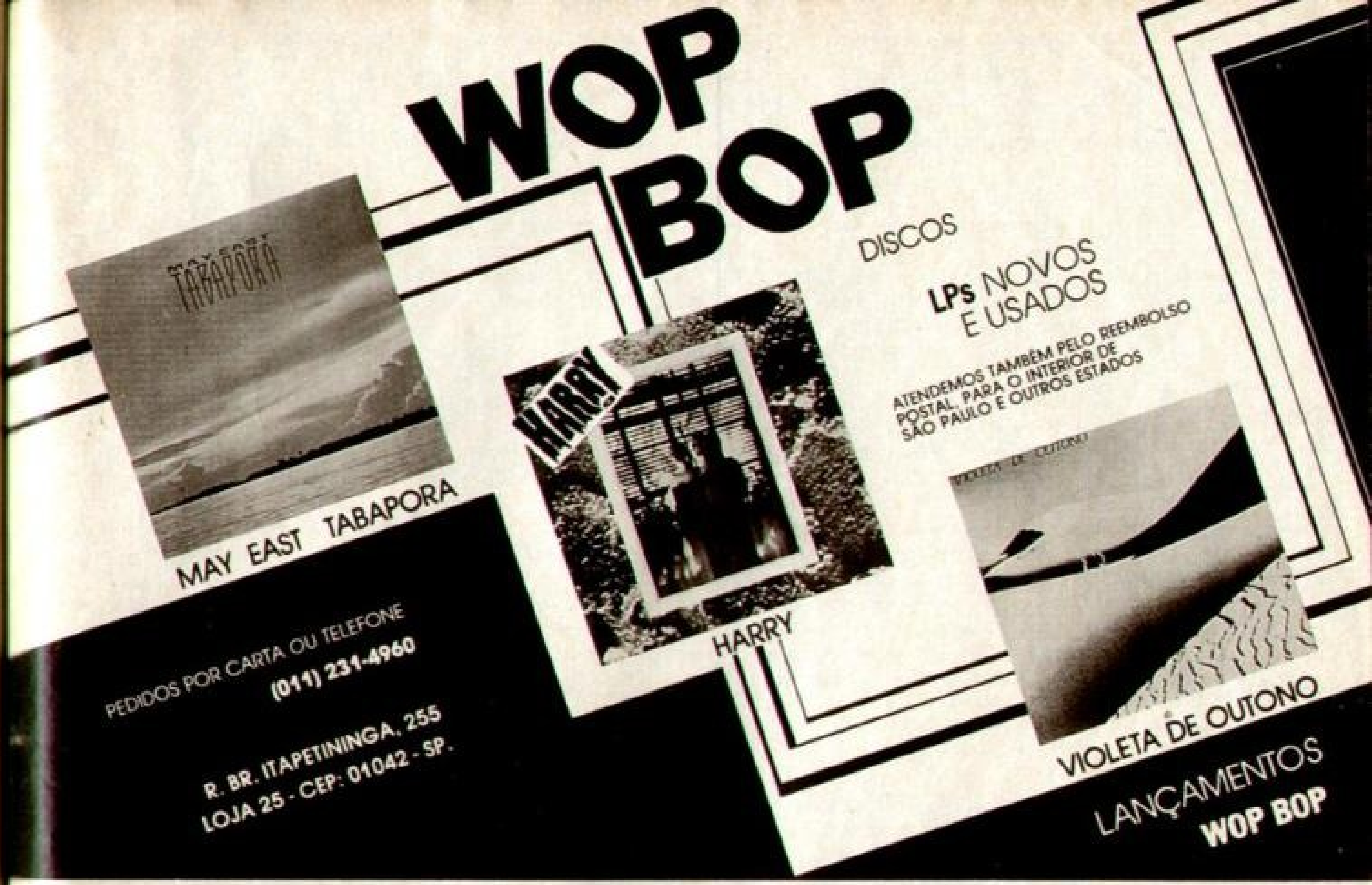
Os programas de videoclips decentes simplesmente desapareceram da tela. Só há lixo e mesmice, nada de ousado ou inovador. Entre os piores, o da TVE, que apresenta pré-clips da era disco, e o FMTV, da Rede Manchete. Este faz jus ao nome, pois noventa por cento dos clips são sucessinhos pasteurizados arrancados das FMs. Além disso, os vídeos são cortados ao meio e intercalados com centenas de comerciais. Um show de sadismo, amadorismo e falta de respeito com o telespectador. A exceção fica por conta do programa ''Vibração'', da TV Corcovado, um resquício de vida inteligente na tela. Os melhores programas, como o Clip Clip e o Skretch, foram despachados da TV. O programa global era uma delícia de clips quentinhos e inéditos, embora se rendesse ao Chacrinha em menos de uma hora. Já era alguma coisa, mas ficou fora do padrão global. Conclusão: para o videófilo só resta desligar a televisão e sair à procura de salas especializadas, abandonando o aconchego do lar e gastando seus já parcos cruzados. **Jorge Fernandes, Nova Iguaçu — RJ**

PARA INGLÊS VER

Comprei a BIZZ de aniversário e estou boba com o que acabo de ler. Esse tal de Robert Smith pensa que é o quê? A gente vai ao show desses babacas, vocês dão prêmios, convidam para jantar e esta cambada volta para a terrinha deles falando bobagens sobre São Paulo e Brasil. Digam a ele que a nossa música pop é muito boa. Digam também que o Menudo não é brasileiro. E, da próxima vez, podem ficar por lá... **Teca Hewson, São Paulo — SP**

MILTON 87

Ao se colocar de maneira tão forte contra a Igreja (sem fazer exceções), Milton Nascimento não justifica discos como *Sentinela* e *Missa dos Quilombos*, que contam com a presença de bispos e religiosos — membros da Igreja. Mas isso é bem o Milton ''versão 87'': milionário, de mãos dadas com o império americano e o RPM. A verdade é que a dignidade faz falta a muita gente neste país. **Antônio Pedro Nascimento, Natal — RN**



CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

Conexão Internacional

Help! Eu quero tudo sobre o Cure e Robert Smith: recortes, fotos etc. Tenho material para troca. Eu fiquei sabendo que os concertos do Cure no Brasil foram bem. Espero notícias dos meus novos *Brazilian pen pals! Please, write in English!* **Grace Tayama, 6796 Greenbrier Court, San Diego, CA 92120 — USA**

Procuro desesperadamente tudo sobre Madonna. Tenho material para troca sobre cantores e grupos internacionais. Ficarei à espera das vossas cartas. **Paula César, Rua D. Carlos I, Bloco H3, Apartamento 205, 2.º Andar, 8500 Portimão, Algarve — Portugal**

Músicos

Sou guitarrista, vocalista, letrista e compositor. Quero formar uma banda inspirada no som de Beatles, Led Zeppelin, Stones e Pink Floyd. Preciso de um baixista/vocalista, um baterista e outro guitarrista. **João Valter Garcia, Rua Muritinga, 365, CEP 09000, Santo André — SP**

Compro, Vendo, Troco

Tenho material sobre Madonna, Van Halen, Falco, Sigue Sigue Sputnik, Kiss, Modern Talking e Iron Maiden. Troco por qualquer material referente ao A-ha ou Duran Duran. **Márcia Kamimoto, Rua Danúbio Azul, 293, CEP 02152, São Paulo — SP**

Gostaria de adquirir material do Duran Duran e do Arcadia. Tenho material importado de: Sylvester Stallone, Rob Lowe, Ralph Macchio, Cure, Smiths e vários outros. **Cristina Ximenes, Alameda II Sargento Geraldo Berti, 263, CEP 02144, São Paulo — SP**

Sou fã da Nina Hagen e procuro discos raros, fotos e reportagens sobre a cantora. Tenho muito material para troca, inclusive importado. **Monic Hagen, Rua Ministro Godoy, 171, Apartamento 121, CEP 05015, São Paulo — SP**

Compro discos importados, posters revistas e qualquer material sobre o Police. Também faço trocas. **Luciana Gonçalves, Alameda Pádua, 407, CEP 40000, Salvador — BA**

Troco LPs e posters de Heavy Metal por discos das seguintes bandas: Replicantes, Ratos de Porão, Inocentes, Camisa de Vênus, DeFalla, TNT e bandas punk. **Valdir Pereira, Rua Padre Cícero, 38, CEP 57480, Delmiro Gouveia — AL**

Pedindo BIZZ

Compro as revistas BIZZ 1, 2, 4 e 5. **Márcia Yamacita, Rua Castro Menezes, 123, CEP 04821, São Paulo — SP**

Sou colecionador de BIZZ, e procuro os números 1, 2, 4 e 9, além da Top-Hits 1, Letras Traduzidas 9-C e 12-A. **William Wada, Rua José Urbano Sanches, 917, CEP 08790, Mogi das Cruzes — SP**

Compro as seguintes edições de BIZZ: 1, 2, 3, 4, 6, 9 e 10. Procuro também a Ídolos do Rock 9-A. **Zaneli Silveira, Caixa Postal 103, CEP 92001, Canoas — RS**

Compro as edições de BIZZ do número 1 ao 10. **Edson Diago da Maia, Rua Duque de Caxias, 539, CEP 79940, Caarabó — MS**

Compro as edições de BIZZ do número 1 ao 15. Procuro também posters da Tina Turner. **Pedro dos Santos, Rua Basilio P. Ferreira, 123, CEP 14870, Jaboticabal — SP**

Fã-Clubes

Camisa de Vênus *Fã-Clube Camisa de Vênus*, A/C Marcelo, Rua Joaquim Machado, 221, CEP 05050, São Paulo — SP

Cure *The Blood of The Cure Fan Club*, A/C Everson Corazza, Travessa Jubert Marcondes, 570, Casa B, CEP 19100, Presidente Prudente — SP

Cure e Cyndi Lauper *Cure & Cyndi*, Rua Doutor Armando Pinto, 196, CEP 07780, Franco da Rocha — SP

Inocentes *Fã-Clube Inocentes*, Avenida Marechal Rondon, 1420, CEP 13065, Campinas — SP

Kid Abelha *Kid & CIA*, Caixa postal 23, CEP 37720, Botelhos — MG

Léo Jaime *Fã-Clube Phodas C*, A/C Aníbal Júnior, Avenida Cruz das Almas, 1940, CEP 58000, João Pessoa — PB

Punk *Abrigo Punk Porcos Nazistas*, Rua Paula Souza, 84, CEP 12500, Guaratinguetá — SP

Tokyo *Fã-Clube Oficial do Tokyo*, A/C Patricia Fang, CEP 04302, São Paulo — SP

U2 *The Unforgetable Fan Club*, Rua Fiação da Saúde, 260, Apartamento 33, CEP 04144, São Paulo — SP

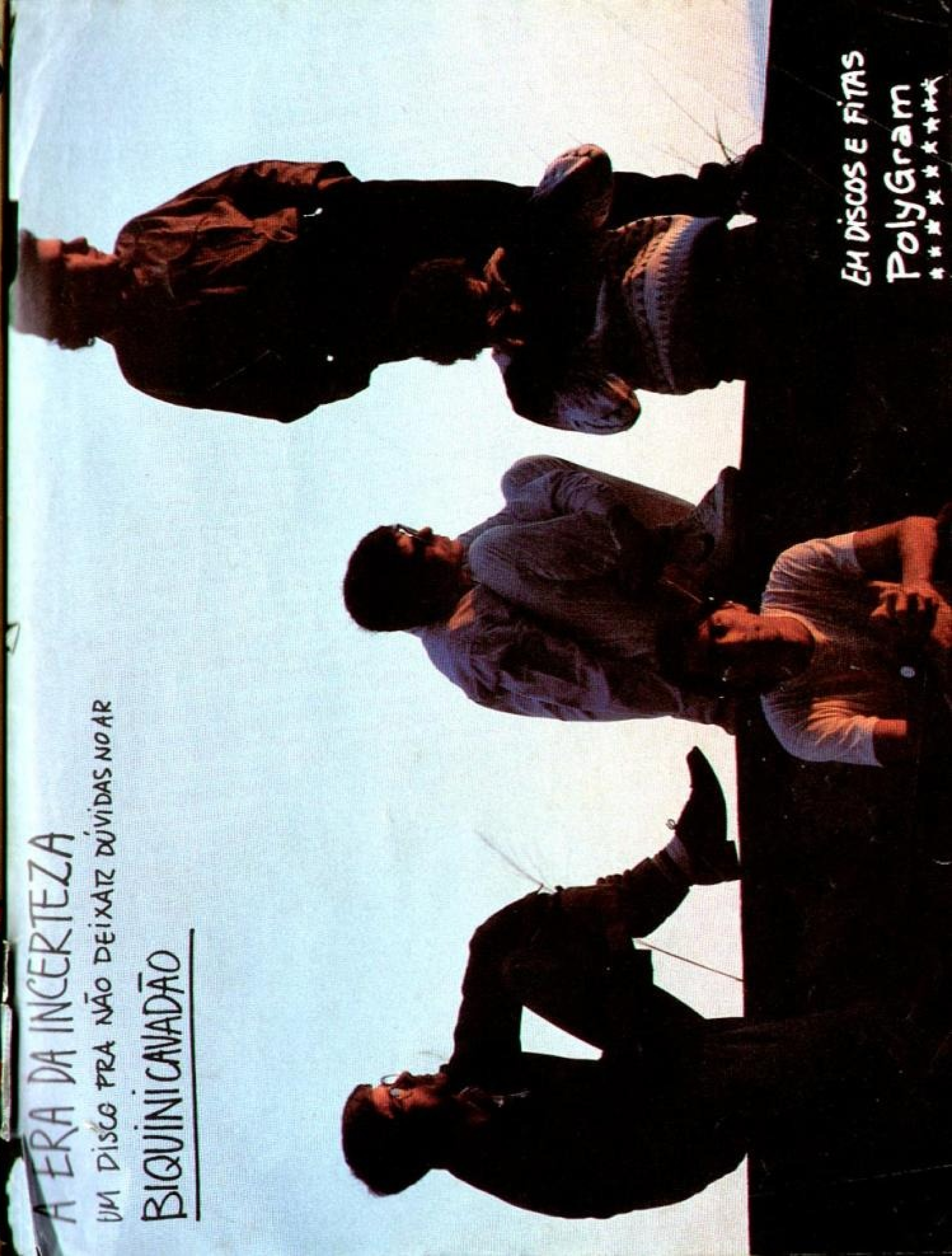
MÊS QUE VEM BIZZ

TEM: EXCLUSIVAS COM PETER MURPHY E TITÃS

HEAVY METAL — A NOVA ONDA NOS EUA

JAZZ — A NOVA ONDA NA EUROPA

ROCK'N'CINE: *LA BAMBA* E MADONNA



LEVEL 42

Running in the family

Você sabe por que o Lp *Running In The Family* explodiu na Europa, Estados Unidos e Japão?

( ) *Porque é o melhor trabalho do Level 42.*
( ) *Porque desde o início da carreira, quando abria os shows do Police, o Level 42 sonhava em gravar um disco como este.*
( ) *Porque Running In The Family reúne o melhor da tecnologia de gravação com o que há de mais puro de ritmo e pulso.*
( ) *Porque o Level 42 aprimorou-se sem abandonar a simplicidade.*
(X) *Todas as respostas acima.*

Em discos e fitas
PolyGram